



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO

**FELIPE GOUVÊA PENA**

**UM TERRITÓRIO (RE)APROPRIADO?**  
**A dinâmica territorial da cozinha em meio a relações sociais de gênero e raça**

Belo Horizonte

2017

**Felipe Gouvêa Pena**

**UM TERRITÓRIO (RE)APROPRIADO?**

**A dinâmica territorial da cozinha em meio a relações sociais de gênero e raça**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Administração pelo Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Linha de Pesquisa: Estudos Organizacionais e Sociedade.

Orientador: Prof. Luiz Alex Silva Saraiva, Dr.

Belo Horizonte

2017

Ficha catalográfica

P397t  
2017

Pena, Felipe Gouvêa.  
Um território (re)apropriado? [manuscrito]: a dinâmica territorial da cozinha em meio a relações sociais de gênero e raça/  
Felipe Gouvêa Pena, 2017.  
206 f.: il., gráfs. e tabs.

Orientador: Luiz Alex Silva Saraiva.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração.  
Inclui bibliografia (f. 188-196) e apêndices.

1. Rede de relações sociais – Teses. 2. Relações de gênero – Teses. 3. Culinária – Teses. I. Saraiva, Luiz Alex Silva. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. III. Título.

CDD: 658.314



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Faculdade de Ciências Econômicas**  
**Departamento de Ciências Administrativas**  
**Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração**

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO do Senhor **FELIPE GOUVÊA PENA**, REGISTRO N° 604/2017. No dia 07 de março de 2017, às 14:00 horas, reuniu-se na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração do CEPEAD, em 23 de fevereiro de 2017, para julgar o trabalho final intitulado "**Um território (re)apropriado? A dinâmica territorial da cozinha em meio a relações sociais de gênero e raça**", requisito para a obtenção do **Grau de Mestre em Administração**, linha de pesquisa: **Estudos Organizacionais e Sociedade**. Abrindo a sessão, o Senhor Presidente da Comissão, Prof. Luiz Alex Silva Saraiva, após dar conhecimento aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

APROVAÇÃO;

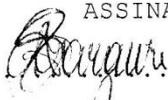
APROVAÇÃO CONDICIONADA A SATISFAÇÃO DAS EXIGÊNCIAS CONSTANTES NO VERSO DESTA FOLHA, NO PRAZO FIXADO PELA BANCA EXAMINADORA (NÃO SUPERIOR A 90 NOVENTA DIAS);

REPROVAÇÃO.

O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo Senhor Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 07 de março de 2017.

NOMES

ASSINATURAS

Prof. Dr. Luiz Alex Silva Saraiva..........  
ORIENTADOR (CEPEAD/UFMG)

Prof. Dr. Alexandre de Pádua Carrieri ..........  
(CEPEAD/UFMG)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Magda Maria Bello de Almeida Neves........  
(PPGCS/PUC MINAS)

## AGRADECIMENTOS

Considerando que esta dissertação é o resultado final do meu curso de mestrado, deixo aqui alguns agradecimentos e traço algumas considerações sobre a experiência de ser pesquisador, com suas dores e delícias, e a oportunidade de iniciar uma trajetória como professor universitário, minha grande paixão.

Antes de mais nada é preciso fazer um desabafo, afinal, quem está lendo esta mensagem é porque tem algum tipo de interesse em meu trabalho e por isso merece conhecer um pouco dos caminhos percorridos até esse momento. A vida de mestrando não é algo fácil, pelo menos para quem leva o curso a sério. Os obstáculos são diários e eu enfrentei, dia após dia, todos eles. Alguns são objetivos, outros são silenciados, mas todos são sentidos por quem entra em um curso para conquistar mais que um diploma, como eu entrei. Algumas dificuldades são compartilhadas, outras são sentidas individualmente. Em várias oportunidades tive que provar que merecia estar ali. Deixei de ser uma “aposta” e passei a ser um dos mestrandos que mais contribuía com o programa. As várias publicações, juntamente com as notas, os trabalhos, os relatórios de pontuação e o dia a dia nos corredores da FACE, não me deixam mentir. Demonstrei com muito trabalho e esforço porque merecia estar ali, por isso finalizo o curso com o sentimento de dever cumprido.

Os primeiros resultados do mestrado vieram logo nos primeiros meses, com os artigos aprovados para congressos importantes da área, como EnANPAD e o CBEO, além dos artigos que começaram a ser aprovados em periódicos. Dentre tantas participações em eventos acadêmicos, dois foram importantes para a consolidação do estudo apresentado nesta dissertação. Em 2015, no Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, na charmosa Vitória, apresentei um ensaio teórico com as minhas primeiras propostas para esta pesquisa. Recebi inúmeras contribuições e então, comecei a fazer os recortes que eram necessários. Em um segundo momento, em 2016, já passada a defesa do projeto de pesquisa, tive a oportunidade de apresentar os primeiros resultados da dissertação na Conferência Internacional Sul-Americana: Territorialidades e Humanidades, um importante evento internacional sediado pela UFMG. Nessa oportunidade e diante dos elogios ao trabalho, pude confirmar que a problematização que estava desenvolvendo era atual e pertinente. Desde então, me empenhei para finalizar o trabalho e propor um debate à sociedade.

Cabe notar que essa trajetória vitoriosa só foi possível, pois estiveram ao meu lado pessoas muito especiais, seja no dia a dia ou a distância, vários queridos e queridas que me ajudaram nessa caminhada tão sonhada que foi o mestrado.

Primeiramente, agradeço a minha mãe, minha fortaleza, minha grande companheira e minha eterna torcedora. Essa mulher forte e com o coração gigantesco foi quem me ensinou a ser uma boa pessoa, a respeitar o próximo e a entender que nada é mais importante na vida do que estar junto com as pessoas que amamos. Agradeço ao meu pai, pelo incentivo constante e irrestrito, sempre confiante de que a educação seria a solução de tudo, mesmo quando ela não se mostrava como o caminho mais fácil. Agradeço à Babá, minha segunda mãe, pelo carinho, cuidado e dedicação de uma vida toda, sem ela tudo seria diferente. Agradeço ao Leleo por todos os momentos que passamos juntos e por sempre ser um irmão querido. E, claro, agradeço à Letícia por ser essa sobrinha/afilhada linda que Deus me concedeu. Ela sempre me questionava: “titio, você trabalha muito, não vamos brincar?”, mas sempre estava ao meu lado, me animando com um sorriso, um beijo e um abraço. Amo vocês!

Agradeço à Talita, uma parceira nesse período. Uma grande incentivadora para que eu entrasse no mestrado. Sempre ao meu lado escutando os desabafos e as dores do curso. Ela me mostrou, direta e indiretamente, porque eu não deveria desistir do meu sonho profissional. Foi uma peça importante e soube compreender as renúncias que tive que fazer para concluir essa caminhada. Agradeço à Zezé, minha terceira mãe, uma tia/madrinha muito especial, alguém que me acompanha a vida toda e nunca mediu esforços para me ajudar, sempre carinhosa e querida. Agradeço a minha vó, meus tios, tias, primos e primas. Todos muito queridos me ajudaram de diferentes formas ao longo dessa trajetória seja presencialmente ou a distância, em minha querida São João del-Rei, seja com um abraço ou com uma mensagem de apoio. Amo vocês!

Agradeço ao meu orientador e amigo, Prof. Luiz Alex Silva Saraiva, por ter me escolhido como mestrando, pelo acompanhamento e disponibilidade, e pela confiança em meu trabalho, não só na construção da dissertação e ao longo do curso, mas, principalmente, pela liberdade que me deu para exercer os meus dois estágios docentes com total autonomia. Agradeço ao Prof. Alexandre de Pádua Carrieri, por ter me aberto as portas da UFMG, pelos primeiros conselhos e por todas as considerações feitas sobre minha pesquisa. Agradeço à Prof<sup>a</sup> Magda

Maria Bello de Almeida Neves, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos e contribuir para a minha dissertação. E agradeço à Prof<sup>a</sup> Juliana Cristina Teixeira, pelas observações feitas ao projeto de pesquisa e por ajudar a fortalecer o trabalho que aqui apresento.

Agradeço aos amigos do mestrado/doutorado e os que fiz no NEOS, pelas parcerias e conversas, principalmente na loucura do primeiro semestre e na correria para entrega dos mil trabalhos, resenhas e artigos. Aos professores do CEPEAD, que compartilharam seus conhecimentos, em especial: Prof. Rafael Diogo, Prof<sup>a</sup> Kely Paiva, Prof. Roberto Gonzalez e Prof. Ivan Beck, sempre muito gentis. Além disso, faço um agradecimento especial à Marcela de Castro, Helena Pereira, e Isabella Doro, que não mediram esforços para me ajudar a conseguir boas entrevistas para a dissertação. Assim como agradeço a todos os demais colegas que contribuíram e a todos os entrevistados que aceitaram participar da pesquisa.

Agradeço aos queridos amigos da PUC, por terem tornado minhas noites de terça e quinta-feira mais alegres e divertidas, pelas palavras de apoio e pelos conhecimentos compartilhados. E, claro, aos amigos da vida, que para não cometer injustiças e deixar de citar alguém, cito o meu grande amigo Gabriel Aquino, simbolizando todas as queridas e queridos companheiros que fiz ao longo de todos esses anos. Alguns estiveram longe e outros próximos, mas as distâncias sempre caíram por terra diante de uma mensagem, de uma ligação ou de um abraço.

Agradeço aos meus queridos alunos das turmas de graduação dos cursos de Engenharia Aeroespacial e Sistemas de Informação da UFMG, sem dúvida alguma, a melhor parte do mestrado foi ter estado com vocês em sala de aula, iniciando a minha trajetória de professor universitário. Obrigado por mostrarem que estou no caminho correto!

E, claro, não poderia deixar de agradecer aos meus queridos professores, que cultivaram em mim lindos valores e me mostraram a grandeza do que é ser professor. Agradeço à minha eterna e querida orientadora, Prof<sup>a</sup> Juliana Braga, por todo o incentivo, orientação, carinho e por ser esse exemplo de profissional. E aos meus professores: Prof<sup>a</sup> Míriam Braga, Prof<sup>a</sup> Tatiane Barleto, Prof. Luiz Godinho, Prof<sup>a</sup> Maria Eugênia Castanheira, Prof<sup>a</sup> Maria das Graças Oliveira, Prof<sup>a</sup> Sheyla Almeida, Prof<sup>a</sup> Denise Castro, Prof<sup>a</sup> Ana Paula, e todos que participaram da minha formação profissional e sempre se disponibilizaram a me ajudar.

Por fim, agradeço a Deus, meu pai, meu mestre, meu guia. Aprendi que nada é impossível quando se luta e tem fé. Seria impossível passar por tudo que passei se não fosse a força e a paz que encontro ao pensar que minha vida está em suas mãos. Tudo vem a seu tempo e eu sou muito grato por isso. Obrigado por me abençoar e me conceder tudo que conquistei.

Diante de tudo, agora posso dizer: enfim, Mestre em Administração!

Construir um objeto científico é, antes de mais e sobretudo,  
romper com o senso comum.  
*Pierre Bourdieu*

## RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo compreender como a cozinha doméstica é territorializada em meio a relações sociais de gênero e raça. Em uma abordagem qualitativa, o estudo se valeu de uma combinação de três técnicas de coleta de dados: a entrevista semiestruturada, o teste de evocação de palavras e a técnica de fotoelicitação. O material coletado foi organizado e categorizado de acordo com a análise de discurso na vertente francesa, com uma série de procedimentos que consideram os aspectos explícitos, implícitos e silenciados nos discursos (FARIA, 2009). Foram considerados como sujeitos de pesquisa: donas de casa, empregadas domésticas, patroas e patrões, partindo-se do pressuposto de que de diferentes formas esses indivíduos contribuem para a problematização estabelecida. A cozinha doméstica, enquanto um território, talvez seja o exemplo mais claro da divisão por gênero na casa, pelo fato de ter sido sempre considerada um “lugar” feminino. Historicamente localizada no fundo das casas, a cozinha era o lugar de trabalho da cozinheira, normalmente negra, e da dona de casa, e, por isso, sem valor. A organização desse espaço não se refere apenas a um reduto em que ocorre a materialização das interações sociais, como também ela própria tende a estruturar tais interações (LEFEBVRE, 1991). Logo, não é possível falar em neutralidade, nos níveis material e simbólico, nesse ou em qualquer outro espaço, uma vez que ele é demarcado política e ideologicamente, palco de coerções de um grupo de dominante em relação a um grupo dominado em diferentes instâncias. O atual movimento de “gastronomização” do cotidiano alimentar valoriza a cozinha doméstica na mídia, em um processo de endogenia da estética da vida cotidiana (BARBOSA, 2012). Defendeu-se o argumento de que tal valorização da cozinha e, por consequência, do ato de cozinhar, a ressignifica territorialmente, mas oculta questões de gênero e raça. Os homens, historicamente associados ao espaço público, vêm se apropriando da cozinha doméstica em meio a discursos midiáticos do movimento *gourmet*, que o valorizam, exaltam e lhe concedem o título de “dono” da cozinha. Os resultados da pesquisa fortalecem a ideia de que a dinâmica territorial desse espaço doméstico é permeada pelas relações sociais de gênero e raça e que, de fato, há um processo de (re)apropriação desse território, principalmente sob a ótica simbólica.

**Palavras-chave:** Relações Sociais; Gênero; Raça; Territorialidade; Cozinha Doméstica.

## ABSTRACT

This dissertation aimed to understand how the domestic kitchen is territorialized in the middle of social relations of gender and race. In a qualitative approach, the study was based on a combination of three data gathering techniques: the semi-structured interview, the word evocation test and the photoelicitation technique. The collected material was organized and categorized according to French discourse analysis, with a series of procedures that consider the explicit, implicit and silenced aspects in the discourses (FARIA, 2009). There was considered as a research subjects: housewives, maids and employers, starting from the assumption that in different ways these individuals contribute to the established problematization. Domestic cooking, as a territory, perhaps is the clearest example of gender division in the household, because it has always been considered a feminine "place." Historically located in the back of the houses, the kitchen was the work place of the cooks, usually black, and the housewife, and therefore, without value. The organization of this space does not only refer to a stronghold in which the materialization of social interactions occurs, but also it own tends to structure such interactions (LEFEBVRE, 1991). Therefore, it is not possible to speak in neutrality, at the material and symbolic levels, in this or any other space, since it is demarcated politically and ideologically, stage of coercions of a group of dominant in relation to a group dominated in different instances. The current "gastronomization" movement of daily food values domestic cuisine in the media, in a process of endogenous of the aesthetics of daily life (BARBOSA, 2012). The argument was defended that such valorization of the kitchen and, consequently, of the act of cooking, it reaffirms territorially, but hide issues of gender and race. Men, historically associated with public space, has appropriated the domestic cooking in the midst of media discourses of the *gourmet* movement, which value, exalt and give it the title of "owner" of the kitchen. The results of the research strengthen the idea that the territorial dynamics of this domestic space is permeated by the social relations of gender and race and that, in fact, there is a process of (re)appropriation of this territory, mainly from the symbolic point of view.

**Key words:** Social Relationships; Gendre; Race; Territoriality; Domestic Kitchen.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Lista de Figuras

FIGURA 1 – Participação da população ocupada, por grupamentos de atividade	17
FIGURA 2 – Círculo das matrizes epistêmicas	84

### Lista de Quadros

QUADRO 1 – Diferenças entre preconceito de marca e de origem	45
QUADRO 2 – Alguns sentidos do que é ser empregada doméstica na sociedade brasileira	56
QUADRO 3 – Perfil dos sujeitos de pesquisa	90
QUADRO 4 – Por que o livro de receitas é da Dona Benta, se quem cozinha é a Tia Nastácia? Discurso das empregadas domésticas e das donas de casa	155
QUADRO 5 – Por que o livro de receitas é da Dona Benta, se quem cozinha é a Tia Nastácia? Discurso das patroas	156
QUADRO 6 – Por que o livro de receitas é da Dona Benta, se quem cozinha é a Tia Nastácia? Discurso dos patrões	158

### Lista de Tabelas

TABELA 1 – “A mulher na cozinha”	96
TABELA 2 – “O homem na cozinha”	99

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Objetivos</b>	<b>24</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>26</b>
<b>2.1 Relações Sociais de Gênero</b>	<b>26</b>
2.1.1 <i>Apontamentos iniciais</i>	<b>26</b>
2.1.2 <i>A divisão sexual do trabalho</i>	<b>32</b>
<b>2.2 Relações Sociais de Raça</b>	<b>41</b>
2.2.1 <i>Relações raciais: um breve panorama</i>	<b>41</b>
2.2.2 <i>A raça inscrita à cozinha</i>	<b>50</b>
<b>2.3 Territorialidade</b>	<b>59</b>
2.3.1 <i>Alguns conceitos</i>	<b>59</b>
2.3.2 <i>Território e a territorialidade</i>	<b>64</b>
<b>3 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA</b>	<b>74</b>
<b>3.1 Uma cozinha (re)apropriada?</b>	<b>74</b>
<b>3.2 Posição epistemológica</b>	<b>82</b>
<b>3.3 Escolhas metodológicas</b>	<b>86</b>
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	<b>95</b>
<b>4.1 Evocando palavras e significados: a materialização de preconceitos</b>	<b>95</b>
4.1.1 <i>Um território (re)apropriado?</i>	<b>95</b>
4.1.2 <i>Gênero, raça e territorialidade: olhares distintos</i>	<b>101</b>
4.1.2.1 <i>Donas de casa</i>	<b>102</b>
4.1.2.2 <i>Empregadas domésticas</i>	<b>106</b>
4.1.2.3 <i>Patroas e Patrões</i>	<b>112</b>
<b>4.2 Entre vivências: o ato de cozinhar como tradição e (des)prazer</b>	<b>120</b>
<b>4.3 A dinâmica das relações sociais: demarcações por gênero e raça</b>	<b>134</b>
<b>4.4 O “selo” capitalista de consumo: a produção de um (novo) território</b>	<b>161</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>179</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>188</b>

<b>APÊNDICES</b>	<b>197</b>
<b>Apêndice A</b>	<b>197</b>
<b>Apêndice B</b>	<b>198</b>
<b>Apêndice C</b>	<b>199</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>200</b>
<b>Anexo A</b>	<b>200</b>
<b>Anexo B</b>	<b>201</b>
<b>Anexo C</b>	<b>202</b>
<b>Anexo D</b>	<b>203</b>
<b>Anexo E</b>	<b>204</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A concentração mundial de riquezas assumiu um nível tão alto atualmente, que é preciso temer os perigos da acumulação de bens nas mãos de poucos (SAFFIOTI, 2004). Segundo a autora, além dessa centralização das riquezas, o que se percebe é uma farta distribuição da miséria para a maior parte da população. Nestas abissais zonas de desigualdade, tudo fica mais problemático quando outras dimensões integram esse quadro. Sem centrar apenas na discussão da lógica de dominação-exploração presente em uma sociedade de classes, é importante sublinhar que existem outros meios que favorecem a concentração de renda. Assim, as relações sociais de gênero e raça devem ser consideradas para uma compreensão mais ampla das distinções de uma sociedade.

Souza e Ratts (2008) pontuam que é a partir da cultura de uma sociedade que ocorre o estabelecimento de leis e costumes e, por consequência, cria-se uma gama de relações de poder entre opressores e oprimidos. Essas podem se manifestar de forma clara ou estarem inscritas em um núcleo de silenciamento. Em uma cultura patriarcal, sexista e racista como a brasileira, há uma propagação constante de uma “inferioridade”, sustentada por uma interpretação de questões biológicas, além de uma inferiorização da dimensão racial segundo o gênero (SOUZA; RATTTS, 2008), agravando a situação de um grupo social específico.

Tendo isso em vista, Barros (2009) comenta que a discussão sobre relações raciais no Brasil passa por um enraizamento do que ele denominou de “construção social da cor”. A “cor” deixou de representar uma caracterização fenotípica e foi ressignificada por dimensões que ultrapassam o genótipo. Entender essa construção exige uma compreensão do modo como se configuraram as relações sociais de acordo com a cor da pele. Teixeira (2015) salienta que a análise dessas relações deve ser feita considerando-se a modificação discursiva de “desigualdade” para “diferença”, conferindo as “desigualdades sociais a uma diferença de cor”. Assim como os autores, atribui-se esse sistema de “classificação” a um discurso próprio de uma classe dominante, que possui uma clara intenção de ordenamento do mundo e determina, desse modo, uma definição de espaços e acessos aos grupos sociais.

Regimes como o patriarcado e o escravocrata, teoricamente já findados, foram apenas reescritos em nossa sociedade, de modo que fosse possível ocultar um processo de

hierarquização da população. Assim como na ideia de marginalização, as pessoas foram expurgadas para os lugares que lhes eram destinados nessa ordem. O machismo e o racismo, materializados em práticas cotidianas, fazem com que os sujeitos sejam enquadrados em seu “devido lugar”. Nesse contexto normatizado são atribuídos espaços e papéis a cada um dentro desse ordenamento de mundo.

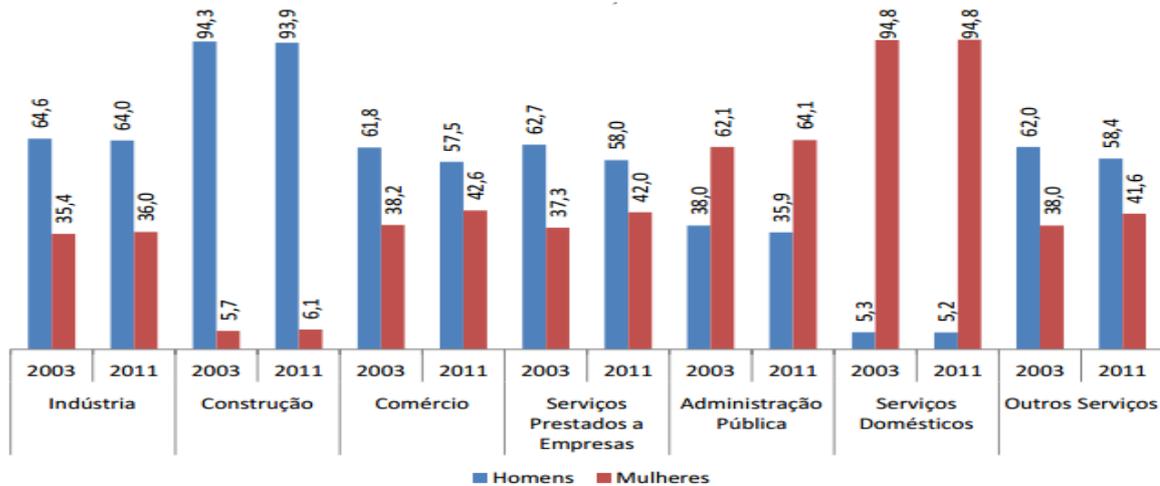
A discussão do público e do privado, historicamente destinou à mulher a responsabilidade pela esfera do ambiente doméstico, como referenciado por Guiraldelli (2012). O cuidado da casa, principalmente em famílias menos abastadas, sempre foi instituído como encargo da mulher. Também em residências de maior poder aquisitivo, o “zelo” pela moradia era atribuição das mulheres, mesmo que, nesse caso, fossem as empregadas domésticas as responsáveis. Como dito por Pateman (1993), a acepção da separação entre “família e política”, ou mesmo “público e privado”, somente pode ser observada criticamente após se tomar conhecimento do contrato sexual. Conforme a autora, enquanto o contrato social sugere uma história de liberdade, o sexual indica um contexto de sujeição da mulher diante do homem. Por isso ele não contrapõe o patriarcado, mas serve de meio para a manutenção de práticas patriarcais em mundo moderno. O contrato sexual que é estabelecido em uma sociedade machista normalmente será silenciado e jogado no campo da naturalização. Segundo Ribeiro e Hanashiro (2016, p. 103) essa relação de subordinação é como se o homem representasse o burguês e a mulher o proletário. As autoras acrescentam que “a necessidade de manter a igualdade social efetiva entre homens e mulheres somente se manifestará quando, por lei, ambos tiverem direito absolutamente iguais”. No entanto, é basilar compreender que não será bastante o alcance de uma igualdade jurídica se for mantida a noção de que a consciência do dominante é o pensamento que deve preponderar. Essa premissa não permitirá a constituição de espaços de mudanças, mesmo em uma sociedade dita contemporânea.

Ao abordar o trabalho doméstico, Freitas (2012) afirma que ele ainda vai continuar por muito tempo sob a responsabilidade das mulheres. Para a autora, enquanto os homens não perceberem que os filhos e os pais velhos também são deles, e que a vida profissional dos dois não diz respeito apenas a um equilíbrio financeiro, mas a um equilíbrio da relação, as tarefas de casa continuarão sendo atribuídas às mulheres, sejam elas donas de casa ou empregadas domésticas. A autora retoma o debate sobre a definição de papéis conforme o gênero e, nesse sentido, pontua-se aqui de modo complementar, que a problematização desse trabalho

doméstico, além de estar relacionada ao feminino, também diz respeito à raça. Desse modo, quem seriam então essas mulheres trabalhadoras?

De acordo com a *International Labour Organization* – ILO, o Brasil é um dos países que possui alto índice de empregados domésticos entre a população. Esse contexto fica demarcado por uma nítida divisão sexual do trabalho, “feminizando” o trabalho doméstico como atribuição das mulheres. O que já se mostra evidente no âmbito nacional, como representado na Figura 1, também está claro mundialmente, considerando que mais de 80% de todos os trabalhadores domésticos pertencem ao sexo feminino, enquanto os homens ficariam responsáveis pelos trabalhos mais “socialmente” valorizados (ILO, 2013). Em complemento, o Portal do Brasil (2016) noticiou que em residências de classe média alta, as mulheres representam 92% dos empregados domésticos e essa é a ocupação de cerca de 5,9 milhões de brasileiras, o que corresponde a 14% do total de trabalhadoras ocupadas. A apresentação dos resultados da pesquisa ainda apontou a precariedade do trabalho e a dificuldade de mobilidade profissional. Algumas entrevistadas chegaram a dizer que o ofício de doméstica não foi uma opção, mas a única escolha para quem era analfabeta, não possuía registros e não tinha estudo. Os dados ainda revelaram que a precariedade é ainda maior para a mulher negra. Essas são a absoluta maioria das empregadas domésticas, possuem menor acesso à educação e recebem os menores salários.

O estudo relatou o discurso de uma entrevistada que fez a seguinte conclusão, o “trabalho doméstico é feminino porque é muito desvalorizado. Se fosse mais valorizado, haveria mais homens, como aconteceu com a profissão de *chef* de cozinha. Antes as pessoas tinham vergonha. Agora é moda, está cheio de homens lá.” (PORTAL DO BRASIL, 2016)



**Figura 1 – Participação da população ocupada, por grupamentos de atividades, segundo sexo (%) - (2003 e 2011)**

\*Média das estimativas mensais.

**Fonte:** IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimentos, Pesquisa Mensal de Emprego \*2003-2011 (2012).

A Figura 1 permite reflexões sobre a divisão de papéis na sociedade brasileira. Sem extrapolar muito a discussão, se for feita uma comparação simples entre dois desses grupamentos, já é possível perceber uma demarcação. O setor da construção apresenta maioria esmagadora de homens nos postos de trabalho, o que, em uma lógica sexista, é um tipo de trabalho que exige a virilidade do estereótipo masculino, ao passo que o trabalho doméstico foi destinado à “delicadeza”, ao “cuidado” e à “benevolência” feminina para realizar tais tarefas. Situações como essas, tidas como “normais”, precisam ser problematizadas. Conforme a ILO (2013), uma em cada seis mulheres no Brasil trabalha como doméstica. Além, é claro, daquelas que são donas de casa, que não entram na conta, mas também integram esse quadro.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2011) pontuou que o perfil do trabalho doméstico remonta não apenas a um passado escravagista da sociedade brasileira, como também traz à tona um debate sobre o gênero quando é evidenciado que as atividades domésticas fazem parte do escopo de “obrigações” das mulheres. Crítica reforçada por Teixeira (2015), no sentido de que em uma sociedade centrada na perspectiva do masculino, muitas mulheres encontraram no trabalho doméstico a única porta de entrada para o mercado de trabalho, principalmente as negras, mulheres de menor poder aquisitivo, por vezes sem a possibilidade de escolaridade e de buscar qualificação. Logo, ao trazer esses conceitos e dados quantitativos, não houve necessariamente o intuito de limitar a discussão às empregadas

domésticas. Essas, assim como as donas de casa, são as sujeitas de pesquisa que sustentam o debate aqui proposto: afinal, ambas, mesmo que de diferentes modos, viram-se encobertas pelo estereótipo de que o espaço da casa é de sua responsabilidade, como, por consequência, o é o da cozinha.

Barbosa (2012) traz à baila algumas reflexões pertinentes a essa discussão. Expressões ditas de forma jocosa como “lugar de mulher é na cozinha” e “mulher esquenta a barriga no fogão e esfria no tanque”, ilustram o imaginário discriminatório de grande parte da sociedade. Hoje, tais questões levantadas tendem a gerar, no mínimo, um incômodo em boa parte da população, principalmente nas agredidas por tais declarações misóginas, as mulheres. Nesse contexto, dois questionamentos se apresentam: “serão essas afirmações ainda válidas fora do âmbito da brincadeira? Ou serão reminiscências de um tempo que já deixamos para trás?” (BARBOSA, 2012, p. 171). Conforme a autora, ambas as respostas seriam afirmativas; no entanto, precisam ser problematizadas diante da complexidade que envolve a discussão do papel histórico de cada gênero no espaço da cozinha. Homens e mulheres sempre estiveram presentes na cozinha; porém, há uma clara distinção, pois as cozinhas de homens e mulheres nunca foram não eram as mesmas. Enquanto as mulheres eram destinadas às cozinhas das “casas”, os homens se apropriavam das cozinhas da “rua”. Isto é, sempre existiu uma distinção entre a esfera privada e a pública. As mulheres cozinhavam para as famílias e os homens em restaurantes, palácios de governo e outras esferas públicas (BARBOSA, 2012).

A cozinha talvez seja o exemplo mais claro da divisão por gênero dentro da casa. Conforme já ressaltava Heredia (1979), embora a residência seja tomada como um espaço da mulher, existem dentro dela espaços mais femininos e mais masculinos. Nessa ótica segregacionista, a autora chama a atenção para o fato de que a sala foi associada à esfera do masculino, ao passo que a cozinha foi vinculada a um reduto feminino por excelência. Entende-se que, historicamente, esse ambiente esteve localizado no fundo das moradias, como se fizesse parte de algo que fosse dispensável dar valor, seja por ser o local da cozinheira, normalmente negra, seja por ser o local do cotidiano da dona de casa. A ideia de que a cozinha sempre foi o lugar da mulher deixou encoberta uma série de relações de preconceito, exclusão, marginalização e sofrimento. Nesse sentido, pode-se questionar: de que espaço se fala aqui?

Santos (1982), ao discorrer sobre o que entende por espaço humano como fato histórico, afirma que a história não está escrita fora do espaço, como também não há nenhuma

sociedade “a-espacial”. O “lugar” conferiria um significado próprio ao emaranhado de relações que o demarcam. Portanto, pode-se dizer que, no âmbito do trabalho, a divisão que se estabelece é também uma divisão espacial. Existiriam, assim, especificidades em cada momento histórico envolvendo condições de troca e localizações de instrumentos e dos agentes envolvidos (SANTOS, 1982).

Dessa forma, toda organização de um determinado espaço pressupõe um olhar para a sua dimensão social. Existe, então, uma relação direta entre a divisão do espaço e a social, compreendendo que toda fronteira “geográfica” remete a uma divisão social do trabalho. (SANTOS, 1982). A organização desse espaço não se refere apenas a um reduto em que ocorre a materialização das interações sociais, como também é importante perceber que ela própria tende a estruturar tais interações. Logo, não é possível falar em neutralidade desse espaço. Ele é, sim, demarcado política e ideologicamente, sendo palco, em diferentes instâncias, das coerções do grupo de dominantes, frente ao dos dominados socialmente (LEFEBVRE, 1991), sendo construído não apenas no nível material, como também no escopo simbólico.

Falar em simbolismo, para Boudon e Bourricaud (1993), passa por entendê-lo como um fenômeno social. Para esses autores, haveria uma ordem de fenômenos, como crenças e práticas, que se poderia alinhar de *objetivos*, uma vez que se instituem em meio aos sujeitos de uma comunidade. Desse modo, a sociedade, enquanto coletivo, definiria uma ordem de fenômenos compreensíveis ou simplesmente com significado para esse grupo. Essa objetividade, que pode soar estranha a princípio, estaria relacionada a aspectos ditos racionais ou reais, que se constroem mediante os significados compartilhados por uma determinada coletividade diante das experiências acumuladas. Tal gama de significados, fruto de uma dimensão simbólica, não estaria limitada a uma “versão do real”, ainda que seja possível presenciar a construção de uma realidade. Como ressaltado por Saraiva (2009), para apreender o simbolismo de um grupo social, *a priori* deve-se adentrar nas redes de significações que se constroem e que se recriam por meio das práticas, o que, no presente estudo, pretende-se investigar no âmbito da cozinha doméstica.

Poderia se questionar, então: historicamente, como a cozinha doméstica foi territorializada? Essa é uma pergunta que talvez exija compreender primeiro como ela é vista atualmente, e nesse sentido, Barbosa (2012) apresenta uma visão interessante. A autora chama a atenção

para o movimento de “gastronomização” do cotidiano alimentar, que para ela representa um processo de endogenização da estética da vida cotidiana de grande parcela da população. Esse movimento assinala a passagem do ato cotidiano de alimentação – rotineiro, quase automático, e hoje com uma dimensão política – para uma ação ritualizada, envolvendo aspectos de prazer sensorial, comensalidade e sociabilidade nunca antes vistos (BARBOSA, 2012). É preciso ter consciência de que o alcance de tais conceitos é distinto conforme as classes sociais, e por isso não há a intenção de universalizar tal perspectiva. Todavia, é inegável que a cozinha doméstica e o ato de cozinhar vêm passando por ressignificações e valorizações, obviamente, proporcionais a cada classe social. Existe uma demanda por esse “movimento *gourmet*” e essa é uma questão que merece ser analisada.

Não é difícil perceber que o espaço da cozinha e o ato de cozinhar sofreram mudanças nos últimos tempos. Esse espaço da casa vem assumindo uma posição de destaque, principalmente nas residências de classe alta, sendo colocado agora em uma posição central, de destaque, não mais nos fundos da casa. Essa demanda por tais espaços *gourmet* cresceu vertiginosamente nas últimas décadas, como se pode exemplificar com o resultado de buscas na versão on-line do jornal Estadão (2015). Ao entrar na coluna *acervo* e digitar a expressão *cozinha gourmet*, pode-se observar o aumento do número de reportagens sobre esses espaços, assim como o crescente índice de anúncios de moradias que indicavam possuir “cozinhas ou varandas *gourmet*”. Em um comparativo de décadas, esse movimento fica ainda mais claro. Nos anos 70 foram 13 citações, sendo que não havia ainda uma menção clara a isso. Na década seguinte, foram registradas 184 citações, um aumento considerável, mas nem de perto comparável às 1184 referências dos anos 90, que cresceram muito ainda nos anos 2000, chegando a 8580 citações, trajetória ascendente que teve seu ápice a partir de 2010, onde, mesmo sem ter completado a década, já possuía 13622 referências identificadas. Nesse contexto, não há como dizer que nada ocorreu. Houve mudanças importantes no valor que se dá a cozinha e ao que ali se pratica. Mas por quais motivos?

Ela passou a ser mais valorizada pela mídia de modo geral, com programas de TV, revistas, sites e eventos de gastronomia. A arquitetura, por sua vez, passou a focar os esforços na construção desses espaços *gourmet*, assim como as empresas fabricantes de utensílios para uma cozinha “refinada”. E a população, de um modo geral, passou a valorizar as práticas realizadas na cozinha, como se houvesse algo de diferente além de um “selo” capitalista de

consumo. Por isso, refletir sobre as razões dessas mudanças e os seus impactos, é algo que mesmo ainda não tendo sido feito integralmente, precisa acontecer.

Defende-se aqui a tese de que essa valorização da cozinha doméstica e, por consequência, do ato de cozinhar, o que não deixa de atestar uma ressignificação desse espaço, tem ocultado duas questões históricas da sociedade brasileira. Considerando uma dimensão concreta, mas, principalmente a prática simbólica, entende-se que às mulheres (donas de casa e empregadas domésticas) foi concedida a “posse” da cozinha, sem uma prévia consulta a elas. Já os homens, historicamente vinculados ao espaço público, vêm se apropriando da cozinha doméstica em meio aos discursos midiáticos do movimento *gourmet*, que o valorizam, o exaltam e lhe concedem o título de “dono da cozinha”. Assim, há então uma inevitável discussão de relações sociais de gênero e raça nesse território.

Em um rápido exercício de reflexão, não é difícil recordar discursos que hoje exaltam a ida do homem para a cozinha doméstica – como, “ele me ajuda a fazer comida” – ou dos próprios homens em “brincar” de ser o *chef* de cozinha em momentos específicos, como em festas, onde o “aplausos” é garantido. Entende-se que o ingresso do homem nesse ambiente deixou silenciado que esse espaço da casa sempre foi destinado à mulher e/ou a empregada doméstica, e que em uma sociedade sexista e racista como a brasileira, quando a figura masculina passou a interagir mais com a cozinha, a valorização ocorreu de forma natural. Desse modo, além de compreender que as mudanças, concretas e simbólicas, pelas quais a cozinha passou ao longo dos anos decorreram de diferentes dimensões, levanta-se a discussão da apropriação desse espaço pelo sexo masculino. Relações essas que suscitam uma investigação em profundidade, como a realizada nesta dissertação.

Sabe-se que existem homens que desempenham as funções na cozinha cotidianamente e não apenas em momentos específicos. Mas o que se busca problematizar não são as exceções, mas a regra, considerando que a maioria das mulheres ainda é a responsável exclusiva pelas atividades desempenhadas na cozinha e aos homens é dado o “direito” de não cozinhar cotidianamente. Nesses termos, o trabalho teve como pergunta norteadora: **como a cozinha doméstica é territorializada em meio a relações sociais de gênero e raça?**

Defende-se aqui que a cozinha doméstica está sendo ressignificada, no sentido de que passou a ser dado um valor a esse espaço da casa, e às práticas ali desenvolvidas, que antes não era

dados. Entende-se que o trabalho doméstico e, em especial, as práticas realizadas na cozinha ainda são atribuídas às mulheres, pois as relações sociais, econômicas, políticas e culturais ainda vivenciam as premissas do patriarcado e, em alguns casos, do regime escravocrata. Porém, essa delimitação de papéis não deve ser atribuída apenas a um sistema, como se ele tivesse vida própria. Afinal, “mesmo que exista delegação, um de seus limites está na própria estrutura do trabalho doméstico e familiar: a gestão do conjunto do trabalho delegado é sempre da competência daquelas que delegam” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 607).

Portanto, problematizar as relações estabelecidas (e silenciadas) nesse território privado precisa ser um exercício contínuo de novas e instigantes pesquisas. Tendo em vista que esta pesquisa está inscrita na área dos estudos organizacionais e busca um contínuo diálogo com as questões da sociedade contemporânea, tornou-se oportuno investigar um espaço de lutas cotidianas. Spink (2001) lembra que eles podem ser: a portaria da fábrica, como o local onde se inicia a vida na organização: “o discurso desqualificante da qualificação e da empregabilidade; a tentativa de quebrar a localização; os conflitos para o acesso ao exercício dos direitos; as cadeias de atividades de acesso e de marginalização e as múltiplas formas de operacionalizar a sobrevivência com dignidade” (SPINK, 2001, p. 29). Todavia, volta-se aqui o olhar para um território privado, a casa.

A casa tem “voz” e “alma”. Expressa um tempo, uma cultura. Reflete a dinâmica econômica, as desigualdades sociais. Diz muito da política, em sua acepção mais ampla. É território e lugar, espaço de afagos ou de dissensos. Nesse sentido, não é possível qualquer análise sobre a casa, sem que consideremos a estreita relação entre a materialidade e a imaterialidade, entre objetividade / subjetividade / intersubjetividade (MAIA, 2012, p. 340).

Como já existem muitos estudos sobre o espaço público, ficou decidido que nesta dissertação a investigação estaria voltada ao âmbito privado, enfatizando os limites da cozinha enquanto um micro território dentro das limitações da casa. Por se tratar de uma dimensão tão subjetiva, voltou-se a atenção, principalmente, à dimensão simbólica. Pereira e Carrieri (2005) elencaram uma série de trabalhos no campo dos estudos organizacionais (ALCADIPANI; ALMEIDA, 2001; CLEGG; KORNBERG; DOBERS, 2003; MAC-ALLISTER, 2003) que evidenciaram um caráter mais objetivo do espaço. Eles constataram que pesquisas sobre a temática do espaço simbólico eram quase inexistentes, havendo uma ênfase a um espaço meramente “físico” e tratado como neutro quase sempre. Destacaram também uma limitação dos estudos a uma compreensão de demarcações apenas geográficas, ignorando uma série de dimensões que contribuem para a construção e apropriação desse espaço, sendo as pesquisas

inclinadas a um aspecto meramente econômico. Logo, esta pesquisa ganha maior relevância ao trazer um debate sobre um espaço que é construído não apenas por um domínio físico, mas principalmente engendrado por uma teia simbólica. Ademais, ao trazer a discussão da “apropriação”, com o debate sobre territorialidade, corrobora-se com Corrêa (1996), de que há um conjunto de expressões e práticas, materiais e simbólicas, que permitiram que diferentes grupos sociais se apropriassem e permanecessem nesse espaço.

Nesses termos, percebe-se que em uma sociedade de classes como a brasileira, historicamente hierarquizada, é urgente a necessidade de questionar o estado de desigualdade e discriminação que se estabelece nos espaços públicos e privados. Como já apresentado por qual âmbito esta pesquisa se enveredou, assumiu-se aqui o compromisso de investigar tal contexto tendo como objeto de estudo a cozinha, palco de um jogo de relações que contribuíram e ainda evidenciam grandes questões de uma sociedade segmentada. A contextualização deste estudo estabeleceu a pertinência do diálogo entre os referenciais de gênero, raça e territorialidade. E essa visão transdisciplinar também serve de justificativa para a realização do estudo. Em conformidade com Matos (2008, p. 340) é “razoável supor que, enquanto instrumento de construção teórico analítica, gênero já se encontra, nos dias atuais, em situação bastante privilegiada”, e se localiza como um campo reconhecido e destacado. Daí surge a necessidade de construir pesquisas que permitam um olhar sistêmico, relacionando temas e criando novas formas de abordagens, como aqui será apresentado. Não houve a pretensão de se esgotar as temáticas, tendo em vista que elas já são complexas isoladamente, mas sim alinhar uma nova e integrada perspectiva de discussão.

Espera-se que a problematização proposta aqui, sirva para que todos, não apenas acadêmicos, mas também a sociedade de um modo geral, reflitam sobre o cotidiano da vida privada. A intenção é dialogar e construir um campo de pesquisa cada vez mais forte e revigorado nos Estudos Organizacionais. E que a comunidade e todos os interessados possam ver, na versão final deste trabalho, um caminho para lutar por uma igualdade que não se materialize apenas nos discursos, mas também nas práticas cotidianas.

## 1.1 Objetivos

Com o intuito de avançar as discussões, o objetivo deste estudo foi **compreender como a cozinha doméstica é territorializada em meio a relações sociais de gênero e raça**.

A partir desse objetivo geral, consideram-se, então, os seguintes objetivos específicos:

- a) **delinear quais fatores contribuem para a naturalização de que a cozinha doméstica é o lugar da mulher**. Para tanto, metodologicamente, traçou-se um paralelo entre os fatores atribuídos pelos sujeitos de pesquisa, por meio das entrevistas e do teste de evocação de palavras.
- b) tendo como referência as relações estabelecidas com as empregadas domésticas no espaço da cozinha, objetivou-se **investigar o processo de exclusão imposto a esses sujeitos e os mecanismos utilizados para tal**. Para isso, novamente, foram utilizadas a análise dos discursos coletados nas entrevistas, assim como os referenciados após a apresentação das fotografias, com a ferramenta da fotoelicitação.
- c) tomando-se a ideia de “movimento *gourmet*”, buscou-se **evidenciar, a partir das noções sobre o ato de cozinhar, a ressignificação pela qual a cozinha doméstica vem passando, não apenas sob a ótica espacial como também sob a simbólica**. Para tanto, metodologicamente, além das entrevistas, foram utilizadas as fotografias com o intuito de evocar novos comentários, assim como, o teste de evocação de palavras.
- d) por fim, considerando os pressupostos de construção da territorialidade, a proposta foi **delinear os mecanismos utilizados para a apropriação, mesmo que sazonal, da cozinha doméstica pelos homens**. Para isso, novamente, foram utilizados durante as entrevistas a técnica de fotoelicitação e o teste de evocação de palavras.

Esta dissertação, além dessa breve contextualização e apresentação, está organizada em outras quatro grandes seções, cada uma com seus respectivos tópicos. Primeiro, são apresentados os três grandes constructos que sustentam a discussão levantada para a dissertação. São retratados, portanto, os referenciais de: relações sociais de gênero, relações sociais de raça e territorialidade. Cada eixo teórico foi dividido em duas partes com o intuito de fortalecer as

discussões. A seção seguinte foi dividida em três subseções. Na primeira, o objetivo é alinhar os três grandes referenciais e levantar algumas possíveis interseções entre eles e o tema proposto. No segundo item, é apresentado o posicionamento epistemológico adotado. No último, detalham-se as escolhas metodológicas. Por fim, é apresentada a análise dos dados, de forma detalhada, em quatro tópicos. A dissertação se encerra com as considerações finais do estudo, além das referências, apêndices e anexos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A presente seção encontra-se dividida em três partes, cada qual com suas subdivisões. Na primeira parte foram tecidas considerações sobre um dos eixos desta pesquisa: as relações sociais de gênero<sup>1</sup>. Já na segunda parte, é apresentada a segunda dimensão do estudo: as relações sociais de raça. Por fim, no terceiro e último tópico, discorre-se sobre as noções de territorialidade e abre-se o campo para a grande questão desse trabalho.

### 2.1 Relações Sociais de Gênero

É preciso questionar, sobretudo, os âmbitos psicológicos da  
dominação e a dimensão da afetividade.

*Helena Hirata e Danièle Kergoat*

Esta seção foi construída a partir de dois pontos. Inicialmente contextualiza-se a argumentação, delimitando e apresentando algumas perspectivas e conceitos importantes. Na segunda parte, tem-se uma atenção especial ao debate sobre divisão sexual do trabalho e, diante dele, adentra-se na reflexão aqui proposta. Nesse sentido, as escolhas que aqui foram feitas representam um ponto de vista, mas é importante ressaltar que ele não é definitivo, está em contínua construção, mesmo com o término dessa dissertação. Afinal, não há uma delimitação universal do que seja correto, mas caminhos abertos para o desenvolvimento de novos debates que contribuam com a sociedade.

#### 2.1.1 Apontamentos iniciais

Nas Ciências Sociais, com destaque para a Sociologia contemporânea, autores de matizes específicas, como Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Norbert Elias e Bruno Latour, contribuíram com rupturas significativas para o campo da ciência, como na desconstrução da visão tradicional, e dicotômica, indivíduo x sociedade. Ao contribuírem para tal separação e ao investigarem, por meio de suas teorias, soluções para constituir uma Sociologia que

---

<sup>1</sup>Sabe-se que algumas das autoras feministas citadas nesta dissertação trabalham com a definição de “relações sociais de sexo”. No entanto, opta-se neste trabalho pela expressão “relações sociais de gênero”, por ser um termo mais consagrado.

percebesse a realidade social no duplo e clássico movimento sartreano, possibilitaram a abertura de um espaço para os estudos sobre diferenciação social. Isso é concomitante ao processo de desconstrução de tantas outras dicotomias clássicas, como sujeito x objeto; natureza x cultura; mente x corpo; emoção x razão, e particular x universal. Dessa forma, percebem-se, no campo das Ciências Sociais, abordagens de caráter “não totalizantes” e o início de um longo contexto de transição paradigmática (SCAVONE, 2008a).

De acordo com Scavone (2008a), essas rupturas aconteceram simultaneamente com a construção de novas teorias, pois havia um contexto que lhes foi vantajoso e contíguo em meio a “novos movimentos sociais”. A consolidação dos denominados estudos “sobre mulheres”, que posteriormente foram ampliados para “estudos de gênero”, emerge em paralelo ao surgimento da fase contemporânea de correntes do feminismo, com destaque para os Estados Unidos e a Europa pós-68. Para a autora, este momento significou a ampliação das investigações científicas, trazendo, nesse ponto, uma relação entre os estudos feministas e os movimentos sociais que estão aflorando e ganhando força.

No entanto, após tal argumentação, a autora faz uma ressalva. Anterior a essa época de “clímax” das discussões, já havia obras clássicas que, sem dúvida, serviram à consolidação do campo de estudos. Destacam-se, na área da Sociologia, pesquisas como a de Madeleine Guilbert sobre o trabalho executado pelas mulheres. Na Antropologia, Margareth Mead também já discutia essa temática. Mas foi nos campos da Literatura e Filosofia que houve uma marca importante para a mudança dos rumos das discussões com o livro *O segundo sexo* de 1949, de Simone de Beauvoir. Esse trabalho demarcou a abertura de um espaço de debates de ordem política, sendo lançado e configurado como um radical passo de novas matrizes teóricas e, por consequência, de uma nova e forte etapa de uma corrente do feminismo (SCAVONE, 2008a).

Matos (2008) afirma que se a verdade nada mais é do que um jogo de lutas no campo, os estudos de gênero e de perspectiva feminista, ao desconstruírem significativamente a tradicional epistemologia ocidental, “descentrando a razão” - antes assumida como universal e que notadamente foi um produto de dominação do gênero masculino - já alcançaram um terreno “legítimo” na arena do conhecimento. Afinal, uma dimensão multicultural, que possua realmente um caráter emancipatório de ciência, é o que se busca construir constantemente. Destaca-se então que a assimilação de uma “consciência crítica” feminista, prioritariamente,

decorre de “uma forma peculiar de existência reflexiva do ser (não apenas, mas, também, da mulher), que veio a produzir um entre outros rearranjos, reinterpretações, ressignificações do campo de gênero de forma a alocá-lo na dimensão paradoxal de repor igualdade e diferença” em sua simultaneidade e, claro, sua complexidade (MATOS, 2008, p. 342).

De acordo com Souza e Ratts (2008), usualmente em contextos culturais, temporais e espaciais, há uma histórica relação de subordinação do gênero feminino em relação ao masculino. Isto incita, ou pelo menos deveria, a ciência a construir reflexões sólidas a respeito desse olhar de mundo sexista. No entanto, não há um esforço amplo de grande parte dos pesquisadores, que se apoiam no discurso de neutralidade. Corrobora-se com os autores quando eles dizem que a suposta neutralidade sexual que se atribui à ciência vem, ao longo dos tempos, negligenciando explicitamente as questões de gênero, o que acaba por resultar em uma convivência com as regras misóginas de se “fazer ciência” (SOUZA; RATTTS, 2008).

Nesse contexto, existiria um gênero específico para cada tipo de pesquisa? Não poderia haver um diálogo que estivesse além de meras defesas de um grupo? Limitar discussões a um gênero específico não terminaria por enviesar os resultados? Scott<sup>2</sup> (2005) levanta algumas possíveis respostas para estas questões. Em seu trabalho, chamou atenção para o fato de que em determinados lugares haveria uma pressão para contratar trabalhadores de “minorias”, cumprindo as exigências legais de “inclusão”, para ministrar aulas ao seu grupo de “minorias”. Nesse sentido, Scott (2005, p. 12), além de problematizar a forma como tal processo era desenvolvido, alertou para um fato relevante: “É necessário ser mulher para lecionar história das mulheres? Negro para ensinar literatura afro-americana? Judeu para dirigir um programa de Estudos Judaicos?” Não! Defende-se aqui que a discussão sobre diversidade não é uma atribuição de grupos específicos, mas de todos. Por esse motivo, assume-se que a discussão de relações sociais gênero feita neste trabalho é construída sob a ótica de um homem, que mesmo estando ciente de onde fala, não se prende às amarras que foram instituídas a homens e mulheres dentro das sociedades. Logo, este texto não é neutro, porém, é construído procurando se afastar de premissas sexistas.

---

<sup>2</sup> É importante frisar que mesmo que esta dissertação flerte diretamente com a base estruturalista, o uso do artigo de Scott (2005), que é de base pós-estruturalista, foi fundamental para o posicionamento adotado. Não se toma como base a discussão que a autora faz sobre gênero, mas a oportunidade que ela fornece de defender a temática da diversidade e a possibilidade de discutir um determinado tema, mesmo que o pesquisador não pertença a um grupo específico. Portanto, reitero, o uso do artigo “O enigma da igualdade” nesta dissertação, ultrapassa qualquer base epistemológica, e serve de exemplo para a defesa de um posicionamento.

Conceituar e discutir gênero definitivamente não é uma das missões mais fáceis, como afirma Saffioti (2004). Ao contrário do que muitos pensam, o conceito não está resumido a uma unidade de análise e não apresenta uma única utilidade: as abordagens são inúmeras e precisam ser compreendidas dentro de sua complexidade. Considerando o debate clássico, Neves (2006) afirma que diversos estudiosos vêm investigando como as relações entre homens e mulheres foram delineadas ao longo do tempo e como estão diretamente articuladas ao conjunto de relações sociais, também modificadas historicamente. É importante dizer que “o conceito de gênero expõe as assimetrias e as hierarquias dentro das relações entre homens e mulheres ao incorporar a dimensão do poder” (SCOTT, 1995).

Historicamente, em muitas sociedades, a “disparidade no acesso ao poder entre homens e mulheres nas várias esferas da vida social” resulta em um contexto de subordinação das mulheres, seja no contexto público ou no privado (JAYME; NEVES; CHACHAM, 2010, p. 7). Segundo as autoras, tais relações não são apenas diferenças, são verdadeiras assimetrias. Essas expressam por meio de hierarquias, teias de relações de poder que estão inicialmente dispersas, mas que se engendram em redes nas diferentes esferas sociais.

Considerando o diálogo sobre relações de poder, mas considerando a dimensão simbólica, Ribeiro e Hanashiro (2016) pontuaram que as mulheres são oprimidas e dominadas em diferentes contextos e não apenas por pertencerem a uma classe social, como o operariado, mas por estarem inclusas em uma categoria de sexo. Essa situação pode ser constatada a partir de diferentes vivências e muitos autores já as constataram. Não é somente por meio das práticas materiais que os homens alcançam a manutenção de sua base de dominação, mas, principalmente, pelas representações, o âmbito simbólico. “Aquilo que a sociedade tem em mente também contribui para a manutenção desse *status quo*, seja na própria família ou no trabalho” (RIBEIRO; HANASHIRO, 2016, p. 96).

Pateman (2010) afirmou que, ao falar sobre essa dimensão de poder, seria importante contextualizar as relações de privilégio, dominação e subordinação. Para a autora, quem detém poder jamais desejará “ceder” a sua colocação, especialmente quando se reflete sobre o poder masculino, pois ele se estende da vida cotidiana e familiar até às áreas mais singulares da individualidade, favorecendo que cada homem, mesmo que em diferentes parcelas, usufrua dos privilégios da masculinidade. Logo, é possível dizer que gênero está relacionado a uma categoria histórica. Portanto, deve ser analisada de modo contextualizado. Sem ter a ambição

de esgotar os aportes teóricos, Saffioti (2004, p. 45) aponta um percurso de trabalhos que se debruçaram sobre os estudos de gênero em várias instâncias, sejam elas

[...] como aparelho semiótico (LAURETIS, 1987); como símbolos culturais evocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretações de significados, organizações e instituições sociais, identidade subjetiva (SCOTT, 1988); como divisões e atribuições assimétricas de características e potencialidades (FLAX, 1987); como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem-mulher, mas também relações homem-homem e relações mulher-mulher (SAFFIOTI, 1992, 1997b; SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995) etc.

A autora finaliza a breve descrição desse panorama pontuando que existe uma tendência para que cada feminista clássica enfatize um determinado aspecto em detrimento de outro<sup>3</sup>. O que não objetivaria, além desta e tantas outras perspectivas<sup>4</sup>, um único conceito e uma única abordagem sobre gênero. Porém, Saffioti (2004) chama atenção para uma convergência, mesmo que breve: a ideia de uma construção social do feminino e do masculino. Isso não necessariamente recairia sobre o debate de desigualdades entre homens e mulheres, mas seria reforçado pela definição de patriarcado.

“O patriarcado é o sistema de subordinação das mulheres aos homens nas sociedades industriais contemporâneas, e tem por base econômica o modo de produção doméstica (que trata das obrigações familiares)”. Portanto, o controle do exercício das obrigações no âmbito familiar pode ser entendido como o meio e a causa da exploração material a que as mulheres estão sujeitas (RIBEIRO; HANASHIRO, 2016, p. 106). Nesses termos, pode-se dizer que o patriarcado parece “anteceder o capitalismo, existindo atualmente, num certo sentido, interior ou paralelamente, ou ainda como um complemento, às relações capitalistas” (PATEMAN, 1993, p. 62).

De acordo com Pateman (1993), algumas das explicações feministas mais influentes sobre a relação entre as duas configurações sociais, alicerçam sua fala no argumento da estrutura dual do patriarcado e do capitalismo, que poderiam até serem vistos como sistemas autônomos.

---

<sup>3</sup>É importante pontuar que o termo gênero pode ser considerado como apenas uma dimensão feminina. Como já pontuava Scott (1995), diversos estudos feministas utilizaram o termo como associação restrita às mulheres. Porém, seria uma negligência desconsiderar o homem nesse conjunto.

<sup>4</sup>Como os estudos de Judith Butler, que discute gênero como algo performático, passível de mudanças e não como algo definido biologicamente. Nesse sentido, o verbo “ser” poderia ser trocado pelo verbo “estar”. A ausência dessa autora neste estudo não significa que ela não tenha contribuído para os estudos da área. Reconhecem-se as contribuições dela, assim como da teoria *queer*; porém, tomando a discussão estabelecida no presente trabalho, e considerando que a base deste estudo vem da Sociologia do Trabalho, optou-se por autores que dialogassem melhor com as questões que foram aqui levantadas.

Em algumas oportunidades, o patriarcado poderia ser observado como uma espécie de estrutura ideológica e psicológica; já em outras, como um conjunto de relações sociais de cunho material, um pouco distintas das relações sociais capitalistas. Porém, o fato é que mesmo considerando-os sistemas autônomos, os dois sistemas, o capitalismo e o patriarcado, estão totalmente entrelaçados.

Chies (2010) pontua que, ao protagonizarem o mais antigo regime de dominação, os homens terminam por ocupar os espaços de maior poder em uma sociedade. Para a autora, esse sistema expressa diversas ramificações nos processos sociais, a partir das relações de dominação e subordinação. Paralelamente, esse sistema é reforçado pelo capitalismo na medida em que vigora um sistema de dominação, manifesto em campos ideológicos e políticos e, por consequência, a exploração do campo econômico. Dessa forma, homens e mulheres assumem e são posicionados em lugares específicos dentro de um sistema que é muito visível na sociedade brasileira.

Na acepção de Saffioti (2004), mesmo diante dos discursos de igualdade entre todos, e dos avanços femininos na área profissional, na representação no parlamento e em vários outros postos políticos, a “base material” do patriarcado nunca foi destruída por completo. A *dominação-exploração* deve ser percebida como um único fenômeno, mas que possui duas faces. Portanto, a base econômica não está refletida apenas no balizamento das discriminações salariais, ocupacional e marginalização de posições político deliberativas, mas também no controle da sexualidade e da capacidade reprodutiva da mulher. Convém ainda lembrar que o patriarcado, como um sistema de dominação, serve especificamente ao interesse de um grupo social que goza de diversos privilégios e se autodenomina superior. Assim, no sistema patriarcal, o sexismo não é apenas um tipo de preconceito; é também um mecanismo de poder operar conforme ele.

No que tange ao sexismo, o portador de preconceito está, pois, investido de poder, ou seja, habilitado pela sociedade a tratar legitimamente as pessoas sobre quem recai o preconceito da maneira como este as retrata. Em outras palavras, os preconceituosos – e este fenômeno não é individual, mas social – estão autorizados a discriminar categorias sociais, marginalizando-as do convívio social comum, só lhes permitindo uma integração subordinada, seja em certos grupos, seja na sociedade como um todo (SAFFIOTI, 2004, p. 123).

Conforme Scott (2005), nesse sistema de hierarquias e na relação entre dominantes e dominados, as profissões acabam por seguir os “requisitos” da seleção, operando um processo

de incluir e excluir os membros a partir de critérios discriminatórios. Assim, a premissa do domínio e de uma pressuposta excelência conforme o gênero pode “explicitar julgamentos de capacidade e desculpas implícitas para tendências viciosas; na verdade, os julgamentos de capacidade estão com frequência entrelaçados com avaliações de uma identidade social do indivíduo que são irrelevantes à competência profissional” (SCOTT, 2005, p. 71). A autora afirma que essa é uma das causas para que as feministas reforcem que há a presença da discriminação no campo do trabalho. Dessa forma, levantou-se como pauta e reivindicou-se a “neutralidade da profissão”. Como já dito, para as feministas<sup>5</sup>, a própria ciência carece de um caráter neutro que vincule as escolhas às competências individuais e não ao sexo, raça ou classe social. Porém, percebe-se que existe uma clara divisão.

### 2.1.2 A divisão sexual do trabalho

No final do século XX, diante da conjuntura socioeconômica, as mulheres eram consideradas de duas formas: em um primeiro momento como operárias, niveladas às crianças em um trabalho muito próximo de condições escravas; e como uma mão de obra não remunerada nos núcleos familiares (RIBEIRO; HANASHIRO, 2016). Nesses termos, fica evidente uma divisão do trabalho. Barbosa (2012) sintetiza com propriedade a essência dessa discussão.

A divisão sexual do trabalho em qualquer sociedade não era uma determinação genética, mas uma construção cultural fruto de uma ideologia patriarcal de superioridade masculina que havia aprisionado as mulheres nas funções ligadas à reprodução física e social do grupo familiar, impedindo-as de desenvolverem e descobrirem as suas verdadeiras potencialidades e competências tanto na esfera pública como na sociedade civil (BARBOSA, 2012, p. 179).

Para Hirata e Kergoat (2007), a gênese do conceito de divisão sexual do trabalho está atrelada ao momento em que se tomou consciência de uma opressão às mulheres na esfera do trabalho. Torna-se então manifesto que as mulheres desenvolviam uma grande massa de tarefas de forma não remunerada, que esse trabalho era “invisível” e que a sua realização não estava diretamente relacionada a um benefício próprio, mas a terceiros. As autoras ilustram esse período com trechos de um dos primeiros jornais franceses de cunho feminista, o *Le Torchon*

---

<sup>5</sup>Faz-se aqui uma consideração específica sobre o termo “feministas”. Saffioti (2004, p. 46) considera que devido à falta de uma reflexão crítica, a maioria das mulheres brasileiras é categorizada em um perfil conservador, além de haver um esforço para separar mulheres “femininas” de mulheres “feministas”, como se tais definições fossem excludentes. O que a autora chama a atenção é o fato de que a palavra “feminista” receber inúmeras definições errôneas, potencializando a criação de estereótipos. Na verdade a tese feminista poderia ser resumida a uma frase “igualdade social para as ambas as categorias de sexo”. A base de tudo é a luta pela igualdade, seja ela em que campo estiver.

*Brûle*<sup>6</sup>, em que a denúncia era estampada em duas frentes: a expressão “estamos cheias” era recorrente para pontuar que não era mais possível destinar uma série de atividades de trabalho às mulheres, compreendendo aquilo tudo como natural e apenas atribuição delas; como também não era mais aceitável atribuir uma invisibilidade e desvalorização ao trabalho doméstico.

Ribeiro e Hanashiro (2016) chegaram a dizer que a divisão do trabalho se desenvolve a partir de uma “consciência relacional” que é proporcionada pelo crescimento da necessidade e da própria necessidade, mesmo que inconsciente, de aumentar a produtividade e operar uma divisão material e intelectual do trabalho. O anseio por tal divisão e sua efetivação, afeta diretamente o conjunto de relações estabelecidas no âmbito privado (doméstico) e no público (profissional). Tal dinâmica evidencia duas faces de uma única moeda (produção e reprodução), por isso deve ser analisada com maior profundidade.

Corroborando com essa visão, Graff e Coutinho (2012) reafirmam que a divisão sexual do trabalho, perpetrada nas relações de desigualdade entre homens e mulheres, permitiu a criação de estereótipos sobre os gêneros como o entendimento de “virilidades” e feminilidades que terminam por evidenciar um processo de controle da força produtiva. Nos espaços sociais de trabalho, o procedimento de destinar determinadas tarefas aos “homens” e às “mulheres” não considera as especificidades dos trabalhos, apenas remonta um modelo de segregação e perpetuação de padrões normativos conforme o gênero (GRAF; COUTINHO, 2012).

Pateman (1993) já alertava que a tentativa medíocre de determinar quais seriam as “aptidões naturais puras” dos sujeitos estará sempre fadada a ser um ato falho, pois o que resta, se o ensaio for suficientemente coerente, é a constituição de um ser pensante, no âmbito biológico e psicológico, e não um ser humano. De acordo Hirata e Kergoat (2007), essa divisão social do trabalho pode ser compreendida a partir de dois princípios organizadores: o da separação e o hierárquico. No primeiro é definido que, *a priori*, existem trabalhos para homens e outros para mulheres, ao passo que, no segundo, a atividade do homem tem mais valor do que a da mulher. Portanto, há de se entender que as relações sociais são similares e tendem a se espelhar nas tensões que estão impregnadas no mundo social.

---

<sup>6</sup>Expressão francesa que pode ser entendida como “a coisa está feia” ou “o tempo fechou” (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Quando se admite a existência das relações específicas entre homens e mulheres, admite-se também que há o estabelecimento de práticas sociais diferentes de acordo com cada sexo. Essas práticas sociais ecoam o modo de “apreensão do concreto”, isto é, elucidam a capacidade que cada ator social possui de agir e transformar uma dada realidade. Tal definição de prática é primordial, pois possibilita ir do abstrato ao concreto, não fixa os indivíduos como meros produtos das relações sociais, e suscita pensar de modo simultâneo o material e o simbólico, afinal, assim é possível restaurar aos sujeitos o real sentido de suas práticas cotidianas (RIBEIRO; HANASHIRO, 2016).

De acordo com Saffioti (2013), em todas as épocas e períodos, as mulheres contribuíram diretamente para a subsistência de suas famílias e ao mesmo tempo na criação de riqueza social. Nas economias do período pré-capitalista, imediatamente anteriores ao advento da Revolução Industrial e agrícola, as mulheres trabalhavam ativamente: nas manufaturas e nos campos; em lojas e nas minas; nos mercados e nas famosas oficinas “teciam e fiavam”; além de realizar tantas outras tarefas no ambiente doméstico. Nesse contexto, enquanto a família era tomada como uma verdadeira unidade de produção, mulheres e crianças exerceram um papel importante na esfera econômica.

No capitalismo, o primeiro contingente feminino a ser marginalizado foi o das esposas dos membros da classe burguesa ascendente. Entretanto, para Saffioti (2013), a sociedade definitivamente não prescinde do trabalho<sup>7</sup> das mulheres ditas de camadas inferiores. Muito pelo contrário, a marginalização e inferiorização social que as mulheres sofreram desde muito tempo veio a favorecer o aproveitamento dessa faixa populacional feminina no âmbito do trabalho industrial. O núcleo de desvantagens sociais a que as mulheres estavam sujeitas permitia ao sistema capitalista que estava se constituindo extrair o máximo possível de “mais-valia” absoluta por meio da “intensificação do trabalho, da extensão da jornada de trabalho e de salários mais baixos do que os masculinos, uma vez que, para o processo de acumulação rápida de capital, era insuficiente a mais-valia relativa obtida através do emprego da tecnologia de então”. Assim, a máquina do capital já havia elevado em muito a produtividade

---

<sup>7</sup>Segundo Neves (2013), a socióloga Cristina Bruschini, como seu trabalho de 1994 sobre a trajetória do trabalho feminino, pontuou que esse tema sempre foi recorrente nos estudos de gênero e foi o primeiro a ganhar a legitimidade nas rodas de discussões. Isto ocorreu talvez por dois motivos, conforme a autora: o primeiro é que o objeto trabalho sempre foi predominante no campo da teoria sociológica; e o segundo tratou-se da possibilidade de investigar um tema tão caro para o feminismo, que percebia nesse movimento um grande potencial de transformação social e eliminação de muitas barreiras.

do trabalho, mas não a ponto de saciar a sede da classe burguesa pelo seu enriquecimento a qualquer custo (SAFFIOTI, 2013, p. 67).

Os princípios de separação e hierarquização, que contribuíram para a divisão sexual do trabalho, puderam ser vistos em várias sociedades ao longo da história, sendo tomados como legítimos no tempo e no espaço. “Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a ‘papéis sociais’ sexuados que remetem ao destino natural da espécie”. Nesse contexto, a dimensão do trabalho doméstico talvez possa ser compreendida como a base dessa segmentação. No entanto, essa problematização pode ser feita de uma forma mais efetiva, afinal, ao invés de tomar o conceito do trabalho doméstico para questionar a estrutura de uma sociedade salarial, recorre-se a termos como “dupla jornada”, “conciliação de tarefas” ou “acúmulo”, como se fossem apêndices por excelência de um trabalho assalariado. Realidade essa que silencia a desigualdade nas relações e potencializa a naturalização dos papéis sociais conforme o gênero (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

De modo complementar, Bruschini e Ricoldi (2012) adentraram ao debate sobre o termo “conciliação” de tarefas domésticas. Inicialmente, as autoras já pontuam que preferem trabalhar com o termo “articulação” de tarefas, levando em conta que existe uma relação indissociável entre a dimensão do trabalho remunerado (institucionalizado como uma atribuição dos homens e há pouco tempo, se considerarmos um contexto histórico de exclusão, também das mulheres) e o trabalho denominado como “reprodutivo” desses sujeitos trabalhadores (que inclui além do cuidado dos filhos, a obrigação dos afazeres domésticos, que tradicionalmente ficaram sob a incumbência das mulheres). Perceber que ambos os trabalhos não pertencem a este ou àquela é condição fundamental para um ideal de igualdade.

No trabalho intitulado de “Revedo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico”, Bruschini e Ricoldi (2012) fazem apontamentos interessantes sobre o tema. Segundo elas, mesmo que tenham sido constatadas mudanças significativas no campo e também por muitas mulheres, a temática da pesquisa foi algo espantoso para alguns homens que participaram do estudo como sujeitos de pesquisa. O debate começou de forma um pouco tortuosa e estranha para alguns e isso foi percebido em expressões faciais de espanto, já que o assunto muitas vezes parece algo solucionado e tomado como desnecessário. Com o passar das perguntas, os participantes foram se soltando e acrescentando suas falas. Porém, os discursos eram evasivos

em muitos pontos e repletos de lacunas. Alguns abreviaram a situação e disseram que essa divisão é “algo do passado” e que “hoje em dia não tem mais diferença”, mas foi possível perceber que a história não é bem assim.

Em uma análise mais global, Pateman (2010, p. 34) já pontuava que o “estranhamento” e o “distanciamento” dos homens com as atividades domésticas ainda é algo existente. Segundo a autora, embora a ampla maioria das mulheres nos países “brancos” já represente uma parcela significativa do mercado de trabalho, elas ainda são as principais responsáveis pelas atividades domésticas e de cuidados. Nesse contexto, os homens aproveitam a situação e acabam se recusando a compartilhar as funções no âmbito privado. A autora cita que um “estudo recente envolvendo 28 países revelou que os homens fazem em média 9, 4 horas semanais de trabalho doméstico, ao passo que as mulheres fazem 21, 13 horas (DOBSON; WAITE, 2007). Uma das consequências desse “alijar do trabalho de prestação de cuidados” por parte dos maridos, em conjunto ao desejo de esgueirar-se dos conflitos conjugais, é o fortalecimento em algumas regiões da figura da empregada doméstica (PATEMAN, 2010). Assim, é possível depreender que a “fuga” dos compromissos domésticos em muitas oportunidades se dá pela delegação da atividade à empregada doméstica, o que apenas se configura em nova hierarquização das relações, quase sempre colocando em evidência o patrão e a empregada.

Já Welzer-Lang (2004) investigou o que ele chamou de “a concepção dos afazeres domésticos”. Neste estudo, o autor constatou diferentes concepções conforme o gênero, sobre o que se entende sobre as atividades domésticas no ambiente privado e chegou à seguinte classificação: os homens possuem um comportamento *curativo* e as mulheres possuem o que ele chamou de *preventivo*. Para o autor, em função da pressão do meio social e das normas estabelecidas culturalmente, as mulheres costumam estar sempre preocupadas com a limpeza e com o zelo da casa, afinal, elas buscam o reconhecimento como “boas donas de casa”. Já os homens estariam “dispostos” às tarefas, apenas quando percebessem que a casa estava suja (BRUSCHINI; RICOLDI, 2012). Não é preciso dizer que essas noções demonstram um olhar sexista de ver o mundo e, por mais que sejam condenáveis, ainda fazem parte da rotina de muitas famílias.

Neves (2006) afirma que, nos últimos anos, alguns fatores favoreceram maior visibilidade do trabalho realizado por uma grande massa de mulheres. Um desses fatores diz respeito à

mudança metodológica realizada pelo IBGE em seus levantamentos, como incluir atividades para “autoconsumo” e aquelas no âmbito da produção familiar. No entanto, o trabalho doméstico realizado por muitas mulheres, e que contribui para a reprodução da sociedade, ainda é classificado como inatividade econômica. Como ressaltado por Hirata (1997, p. 19), “As mulheres são as primeiras vítimas do paradoxo crescimento do emprego feminino num contexto de crise: menores salários, maior instabilidade, condições de trabalho acumulando atividades domésticas e profissionais, maior desemprego, impactos possíveis sobre a saúde”, além de um tempo social reduzido.

Corroborando com essa questão, Neves (2013) indica que mesmo que as mulheres tenham auferido maior participação no mercado de trabalho formal, o que favoreceu positivamente a luta por igualdade e cidadania, ainda existe uma barreira importante que termina por limitá-las, a falta de autonomia. As noções de tempo e espaço acabam se tornando diferentes e uma das causas é a tensão entre a esfera profissional e a doméstica. Existem fronteiras que delineiam o que é tomado como tempo de trabalho e tempo social, e os mais sujeitos a essa relação conflituosa são as mulheres.

Em meio a essas relações, Neves (2006) chama atenção para o trabalho de Leite (2004), no qual a autora discorre que de um lado está o empregador, buscando a redução de custos, a diluição dos riscos, maior flexibilidade e um próspero cenário de competitividade. Do outro lado estão as mulheres, que acumulam cotidianamente uma dupla função, a dos afazeres domésticos e a do sustento da casa. Portanto, transpondo esse trabalho, é importante ter a consciência de que o papel que foi culturalmente construído e ainda hoje é reforçado sobre as atribuições do que é ser mulher contribui, mesmo em um novo contexto de reestruturação produtiva, para a volta (permanência) de velhas formas de exploração do trabalho.

Pateman (1993) relembra que os antigos contratos domésticos que eram firmados entre o “senhor” e “seu escravo (civil)” e entre um dado “senhor” e seu respectivo “servo” eram considerados contratos de trabalho, como também o é o contrato de casamento. Para a autora, tornar-se esposa é o mesmo que se tornar dona de casa. Portanto, indica que a mulher fornece sua mão de obra para seu marido no âmbito conjugal. “Mas que tipo de trabalhador é uma dona de casa? Em que contrato de trabalho conjugal se parece ou difere de outros contratos domésticos de trabalho, ou do contrato de trabalho dos dias atuais?”. Além disso, quais as relações de subordinação podem ser vistas neste contrato? Ao longo dos últimos séculos

muitas autoras feministas têm comparado a condição das esposas às condições dos escravos e servos. No entanto, pode haver um refinamento tão grande nos mecanismos de dominação, que a submissão a partir do patriarcado representa uma forma única de relação (PATEMAN, 1993, p. 176).

Como já percebido, ao considerar a existência de “instituições livres” demanda-se que as partes envolvidas possuam uma condição similar de igualdade. De forma ampla, as relações de âmbito doméstico, entre senhores e servos, são relações dispare e fomentaram o que há hoje entre o patrão, materialização do capitalista, e o empregado assalariado. “O empregado assalariado encontra-se na mesma condição civil de seu patrão no domínio público do mercado capitalista”, já que as donas de casa, ao permanecer no espaço doméstico em condições de desigualdade, acabam sendo vistas como “menos importantes” no mundo público (PATEMAN, 1993, p. 177). Portanto, a autora afirma que há de se tomar consciência e problematizar o fato de que o contrato de casamento, em essência, tende a refletir uma organização patriarcal, corporificada por meio de um contrato primitivo.

Conforme Davis (2016) mesmo que as condições sociais da classe média e da burguesia fossem as raízes para a instituição das “dona de casa”, a ideologia presente no Século XIX estabeleceu essa personagem e a figura da mãe como modelos universais do “ser mulher”. As inúmeras veiculações midiáticas indicavam a vocação de todas as mulheres para os papéis a serem exercidos no lar, sendo que ao mesmo tempo as mulheres que declinavam um pouco desse estereótipo e trabalham mediante a um salário, eram vistas como seres estranhos em um mundo de masculinidades da economia pública. Portanto, fora do seu “habitat” natural, as mulheres não seriam tratadas como trabalhadoras por completo, favorecendo para que o sexismo viesse à tona como uma mina de sobre-lucro aos capitalistas (DAVIS, 2016). Logo, a autora pontua que a insuficiência, para não dizer a ausência, de um debate público acerca da factibilidade de transformar os afazeres domésticos em algo “socialmente possível” é nada mais nada menos que a observância do poderio da ideologia burguesa em ofuscar a questão.

O caso não é que o papel doméstico das mulheres não tem recebido nenhuma atenção. Pelo contrário, o movimento de mulheres contemporâneo tem representado as tarefas domésticas como elementos essenciais da opressão feminina. Há, inclusive, um movimento em vários países capitalistas cuja principal preocupação é a situação de opressão das donas de casa. Após chegar à conclusão de que as tarefas domésticas são degradantes e opressivas principalmente porque constituem trabalho *não remunerado*, esse movimento lançou a reivindicação por salários (DAVIS, 2016, p. 234).

A solicitação de que a dona de casa seja remunerada por suas atividades está amparada na suposição, mais do que real, de que ela produz uma mercadoria tão valiosa quanto a que seu marido produz no âmbito público (DAVIS, 2016). Nesse sentido, Ribeiro e Hanashiro (2016) indicaram que não há como isolar o trabalho assumido pelas mulheres, no contexto do privado, “como se ela não existisse e não contribuísse de forma decisiva para a manutenção do sistema econômico capitalista; também não há como circunscrever o homem somente no domínio da produção e isentá-lo de sua função na esfera doméstica”. Portanto, ao se dispor a pesquisar sobre mulheres, além dos estudos com homens, é fundamental considerar as demarcações do trabalho produtivo e do doméstico, em contínuo exercício de desconstruir a ideologia de cunho patriarcalista (RIBEIRO; HANASHIRO, 2016, p, 122).

De forma complementar, Ávila (2002) afirma que o tempo dedicado ao zelo de outras pessoas que não possuem condições de autonomia, não é tomado como parte integrante do tempo social e é retirado da vida da maioria das mulheres. Abre-se aqui um breve parêntese para comentar o termo “retirado”. Inferem-se dois sentidos: o primeiro é que se esse tempo fosse considerado seria o mesmo que dizer que as mulheres trabalham mais do que os homens (o que não deixa de ser verdade); o segundo é que a ideia de retirar indica, claramente, uma desvantagem competitiva e vivencial, afinal, quem “perde” está sujeito a ter que ser mais efetivo no tempo que lhe sobra, e isso não é algo simples.

Em 2009, a Organização Internacional do Trabalho e a Secretaria Especial de Política para as Mulheres fizeram uma publicação conjunta com um provocante tema: “O desafio do equilíbrio entre trabalho, família e vida pessoal no Brasil: avanços e desafios no início do Século XXI”. O estudo, infelizmente, revelou o que era esperado, a ideia de que o trabalho “reprodutivo” historicamente vinculado à figura da mulher, por se entender uma “habilidade natural”, ainda está hegemonicamente no imaginário da sociedade brasileira e contribui para tensões cotidianas (NEVES, 2013).

Como muito bem sintetizado por Pagès *et al.* (1987, p. 70), a organização do trabalho constitui-se não apenas diante dos pilares da racionalidade, mas também em meio às construções simbólicas “autorizadas” por essa racionalidade. Para os autores, o mais fortuito desse processo decorre da capacidade que esse sistema possui de lançar mão de referências ideológicas tradicionais para amparar “a instauração de estruturas abstratas da vanguarda do

capitalismo. Estas construções simbólicas conferem ao sistema de regras o estatuto de sistemas de produção. O respeito às regras aparece necessário à sobrevivência tanto do indivíduo como da estrutura que o sustenta”. Entre elas, a imagem da ideologia sexista.

Admite-se, tal como Saffioti (2004), que a ideologia sexista, de um polo ao outro da relação dominação-subordinação, corporifica-se nos agentes sociais que fazem parte desse sistema. Para a autora, o sentido figurado que se adota ao falar em “corporificação de ideologias” de um modo geral e em específico no caso da ideologia sexista, pode ser percebido no vínculo que arbitrariamente é estabelecido entre o que ela denomina de fenômenos. Para ela, a voz grave atesta um nível de poder. De forma muito singular, Saffioti (2004, p. 124) faz essa associação ao tom de voz do homem em relação ao da mulher, traçando um paralelo com a ideia de categoria social e o sistema capitalista. “A voz grave do assalariado não o empodera diante de seu patrão, pois o código na estrutura de classes é outro”.

Nesse cenário, Pinto, Nunes e Fazenda (2014) indicam que é por meio da observação das diferenças sexuais que a sociedade acaba por enquadrar as tarefas sob responsabilidade de homens e de mulheres como representações de gênero. Porém, essa visão simplista e discriminatória termina por não considerar as individualidades dos sujeitos. Desse modo, se constroem as relações de gênero, considerando o feminino e o masculino como opostos e, ao mesmo tempo, complementares. Ao adicionar outras dimensões como a raça, a discussão se torna ainda mais densa, pois a hierarquização no trabalho, por exemplo, parece seguir uma lógica de primeiro os homens, desde que sejam brancos, e depois as mulheres, desde que não sejam negras. Neste contexto, como deveria ocorrer a problematização dessas questões?

A crítica social não deve celebrar o oprimido ou romantizar seu passado e seu presente, mas vê-lo em sua miséria (e na grandeza possível dentro dela) de modo a que se possa o que é apenas possível neste contexto, tematizar as condições para sua redenção social e política (SOUZA, 2005, p. 64).

Souza (2005) indica alguns pressupostos para que a crítica não ecoe sobre ressentimentos e fantasias compensatórias e deixe de reivindicar mudanças efetivas. Para isto seria necessário discutir a premissa da igualdade. Conforme Scott (2005), esse seria um princípio “absoluto” e também uma prática contingente, não representando a ausência ou o esquecimento da diferença, mas a compreensão dessa diferença e, por consequência, a decisão de considerá-la ou não. Portanto, é importante ter o entendimento de que “quando a exclusão das mulheres da

cidadania foi legitimada pela referência às diferentes biológicas das mulheres e dos homens, a ‘diferença sexual’ foi estabelecida não somente como um fato natural, mas também como uma base ontológica para diferenciação política e social” (SCOTT, 2005, p. 20-21).

## 2.2 Relações Sociais de Raça

Acho que será uma luta infinita e as vitórias que conquistamos nos permitem  
imaginar novas liberdades. Acredito que cada geração  
vai criar novos significados sobre o que é ser livre.

*Angela Davis*

Esta seção encontra-se organizada em duas partes. Na primeira, contextualiza-se a discussão ao traçar um breve panorama sobre as relações raciais no Brasil e alguns de seus desdobramentos. Em seguida, se discute a ideia que foi “normatizada”, porém silenciada, de que existe uma raça específica inscrita à cozinha, além de um breve debate sobre as empregadas domésticas. Não há pretensão aqui de se esgotar o debate e muito menos de simplificá-lo: a expectativa é de que as considerações feitas nesta seção abram uma arena de discussões e contribuam para novas reflexões.

### 2.2.1 Relações raciais: um breve panorama

Ao colonizar o Brasil com o intuito de render bons lucros ao capitalismo comercial, a estrutura social vigente durante o período escravocrata e, sobretudo, no contexto colonial, estaria apresentada em uma configuração excêntrica. Poderiam ser observados traços das estruturas feudais europeias, que já era um sistema praticamente decomposto, conjuntamente a uma primeira brisa de uma estrutura patrimonialista, que era favorecida pelo comércio externo e a exploração em massa do trabalho escravo. Neste cenário, na própria estratificação em castas que já estava estabelecida, foi possível identificar novas “inconsistências culturais” (SAFFIOTI, 2013).

Para Saffioti (2013, p. 234), o que se denominou como sistema de castas no Brasil não corresponde apenas a uma dimensão do âmbito econômico, mas também “pecuniário”, favorecendo a ideia de que a liberdade poderia ser negociada. Logo, mesmo diante de um ponto de vista meramente formal, ao contrário das típicas construções de uma sociedade de

castas, no Brasil era vinculado à ideia de uma possível ascensão social. Conquanto a tensa “assimetria que caracterizava as relações senhor-escravo, o fundamento pecuniário da escravidão e a miscigenação constituíam-se em fatores de perturbação daquelas relações. A maneira meramente formal por meio da qual a camada dominante resguardava seu domínio”, impossibilitando a realização de uniões inter-raciais, mas não barrando a miscigenação, permitia levantar a hipótese de que o econômico, e não o racial, era o verdadeiro mote da segregação em castas (SAFFIOTI, 2013).

Na acepção de Saffioti (2013), a “inexistência” de uma aversão mútua entre as camadas sociais durante o período escravocrata, conformaria o que veio a ser descrito como estratificação por castas, em que a dimensão da raça seria uma função simbólica frente à condição econômica dos sujeitos. Diante da consideração da autora, faz-se aqui uma ressalva. Mesmo considerando que o aspecto econômico é um fator importante para a análise, defende-se aqui que ao minimizar o contexto de segregação racial em função dessa dimensão, comete-se um equívoco. É possível dizer que ter melhores condições financeiras favorece a “inclusão” ou “aceitação” dos indivíduos em espaços que não costumam transitar, mas a problematização está muito além, como já pôde ser visto pelo debate das relações contratuais.

Os estudiosos clássicos do contrato presumiam que “as aptidões individuais e as condições sociais sempre possibilitariam ao indivíduo aceitar o estabelecimento de uma relação de subordinação criada por contrato” (PATEMAN, 1993, p. 68). Em um estado originário, o que se entende por liberdade é tão instável que a condição de subordinação dos sujeitos perante a lei civil do Estado, coletivamente, como uma engrenagem política colaborativa, tenderia a ser vista como uma alternativa sensata. Há de se entender que o contrato pressupõe uma troca simultânea, pelo menos em um “mundo contratualista”. A essência da teoria do contrato supõe que ele deve ser o meio pelo qual seja possível endossar e promover a liberdade de cada sujeito. No entanto, a escravidão nada mais é do que a antítese da liberdade, um exemplo explícito de subordinação do sujeito ao anseio arbitrário de outro. Nesses termos, as “trocas de promessas”, presentes nos contratos, começam a apresentar contradições e desequilíbrios (PATEMAN, 1993).

Dessa forma, as relações raciais encontram-se diante de um conjunto de sistemas que fomentam diferentes formas de hierarquização. É importante notar que muitos desses artifícios estão presentes em diferentes momentos da vida cotidiana. Um primeiro exemplo é

apresentado por Rosa (2014)<sup>8</sup>. Ao recuperar o argumento de Quijano (2000), o autor admite que diante daquilo que se reconhece como “diferenças” raciais, é possível produzir o que ele chama de identidades sociais. Essas, por sua vez, permitem rotular aqueles que são tomados como dominantes e, ao mesmo tempo, os que foram inseridos no grupo dos dominados. Conforme o autor é a partir de tipologias como “negro”, “mestiço” e “índio” que são criados os contrastes, como a figura do “britânico”, “francês” e “português”, que em um segundo quadro passam a dar espaço para novas figuras como a dos “asiáticos”, “africanos”, “ameríndios” e “europeus”, o que anteriormente pressupunha apenas uma localização geográfica. Os inúmeros desdobramentos que se viu ao longo da história contribuíram para que tais “diferenças” ganhassem uma conotação racial, o que favoreceu o estabelecimento de papéis sociais e hierarquias conforme cada uma (ROSA, 2014).

Nascimento *et al.* (2015) ponderam que os estudos que vem se debruçando sobre a questão das relações raciais nos espaços organizacionais cada vez mais tem indicado que o fator racial sempre é um “importante arbitrário”, pois tende a determinar a posição social dos indivíduos na sociedade. Nesse sentido, os autores perceberam que o debate sobre relações raciais, ao poder se distanciar dos aspectos biológicos, ocupa também um campo semântico e de significação das discussões. Assim, as percepções de diferenças ficam propícias a atestar que o conteúdo das investigações sobre relações sociais indica um contexto étnico-semântico, como também político-ideológico.

Portanto, ao beberem dos pressupostos de Munanga (2005), os autores supracitados inferem que a discussão sobre relações raciais perpassa por um olhar sobre as relações de poder constituídas no seio da sociedade. Logo, as questões principais levantadas passam pelo processo de hierarquização, desumanização e de justificação ao contexto de marginalização a que diversas populações, com destaque para os negros, historicamente marcados por assimetrias em diferentes esferas. Do âmbito econômico, passando pela apropriação dos espaços sociais, o que têm se observado é uma segregação em massa desse grupo populacional (NASCIMENTO *et al.*, 2015).

---

<sup>8</sup> Este é trabalho nacional, com certo nível de representatividade, foi encontrado na seção de referências de vários artigos que aqui foram citados. Sabe-se que epistemologicamente esse uso faz uso do pós-modernismo, no entanto, esse artigo em específico traz uma visão ampla dos aportes teóricos. O uso que se faz deste texto nesta dissertação fica restrito à exposição de alguns exemplos pertinentes, como o uso de Quijano (2000) e Nogueira (2007). Não há a intenção de misturar os recortes teóricos, mas entende-se que existem pontos de convergência.

O negro<sup>9</sup> vive no Brasil em meio a um contexto de desigualdade social, política e econômica, reeditado ao longo dos anos e materializado de diferentes formas em seu cotidiano. Esse ambiente de segregação resultou em uma sociedade nivelada muitas vezes, antes mesmo da condição financeira, pela cor da pele. Conforme censo do IBGE, realizado no ano de 2010, mais da metade da população brasileira, 50,7%, se declarou parda ou preta, enquanto os autodeclarados brancos somavam um total de 47,7% do total. Chama-se a atenção para o fato de que do total de “não-brancos”, 43,1% se declarou como de cor parda e 7,6% auto declarou-se de cor preta, o que possibilita algumas indagações. Considerando que os brancos representam uma menor parcela, por que eles figuram com ampla maioria nas altas posições hierárquicas da sociedade? Além disso, é importante questionar: só existem mesmo 7,6% de negros no Brasil? É possível que declarar-se pardo tenha sido feito porque isso deixa os entrevistados “mais brancos”? De acordo com Carneiro (2003, p. 122)

[...] há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a auto-estima. Esses são os efeitos da hegemonia da “branquitude” no imaginário social e nas relações sociais concretas.

Essa violência invisível resulta em saldos negativos para a subjetividade da população negra, especialmente para as mulheres (CARNEIRO, 2003). Para Sales (2006), a miscigenação que ocorreu no Brasil não foi capaz de encerrar a discriminação, apenas a “pluralizou, matizou e modalizou”, mediante a ausência ou presença gradual de atributos negros, mas principalmente em função da cor da pele. A estigmatização racial é o empreendimento de uma “vigilância difusa e ciosa da hierarquia e da dominação raciais, provocando intensidades de dor nem sempre corpóreas, mas que repercutem no corpo, mutilando-o, esfolando-o, fragmentando-o, codificando-o, semiotizando-o, não apenas simbolicamente” (SALES, 2006, p. 233). Portanto, o estigma pode ser entendido como demarcações corporais que são fruto de relações sociais de contrastes, como sequelas de reificação dos sistemas de hierarquização e dominação.

Convém aqui abrir um parêntese sobre o que se entende como preconceito racial. Para Oracy Nogueira (2007, p. 292) trata-se de uma “disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente

---

<sup>9</sup>É importante mencionar que ao longo dessa primeira parte da seção está sendo construída uma discussão sobre relações raciais enfatizando a população negra. Embora tenham sido fornecidos indícios e algumas informações em um caráter mais amplo, devido à problemática que está se propondo levantar com a presente pesquisa, enfocam-se os negros com maior profundidade.

condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece”. Nogueira faz ainda duas distinções em função do preconceito de raça. Quando ele é exercido a partir da aparência, isto é, quando se lança mão de uma discriminação por traços físicos, gestos, fisionomia e sotaque, se trata de um *preconceito de marca*. Já o que o autor denomina por *preconceito de origem*, refere-se à suposição de que um determinado sujeito é descendente de um grupo étnico específico e assim ocorre a discriminação (NOGUEIRA, 2007).

Rosa (2014) se apropriou do trabalho de Nogueira (2007) e fez uma síntese interessante sobre os pontos de cada tipo de preconceito. É importante ressaltar que o sociólogo Oracy Nogueira objetivou compreender as diferenças que se podia constatar entre o racismo brasileiro e o estadunidense. Para tanto, criticou os modelos teóricos desenvolvidos e que classificaram os racismos como diferentes apenas em função da intensidade, e sem efetuar uma qualificação adequada. Assim, denominou de *preconceito de marca* aquele realizado no Brasil, e *preconceito de origem* o que é perpetrado nos Estados Unidos. Com o intuito de sistematizar essas diferenciações, Rosa (2014) desenvolveu o Quadro 1:

<b>Proposições</b>	<b>Preconceito de marca (Brasil)</b>	<b>Preconceito de origem (EUA)</b>
1. Quanto ao modo de atuar	Determina uma preterição de acordo com a posição social e a relação com o grupo discriminador.	Determina uma exclusão incondicional dos membros do grupo discriminado.
2. Quanto à definição de membro do grupo discriminador e do grupo discriminado	Classifica de acordo com o fenótipo ou aparência racial, podendo variar bastante no caso dos mestiços.	Classifica de acordo com o genótipo, seja qual for sua aparência e qualquer que seja o grau de mestiçagem.
3. Quanto à carga afetiva	Tende a ser mais intelectual e estético, pois a atribuição de inferioridade depende dos traços negroides e não se traduz em ódio racial, mas em tratamento diferenciado.	Tende a ser mais emocional e mais integral, pois a atribuição de inferioridade é irrefletida e traz consigo o ódio racial que justifica a segregação entre os grupos.
4. Quanto ao efeito sobre as relações interpessoais	As relações pessoais, de amizade e admiração cruzam facilmente as fronteiras de cor.	As relações entre indivíduos do grupo discriminador e do grupo discriminado são severamente restringidas por tabus e sanções.
5. Quanto à ideologia	A ideologia é, ao mesmo tempo, assimilacionista e miscigenacionista.	A ideologia é segregacionista e racista.
6. Quanto à distinção entre diferentes minorias	A cultura prevalece sobre a raça, ou seja, as minorias menos endogâmicas e menos etnocêntricas são favorecidas.	Prevalece o oposto, ou seja, há maior tolerância para com as minorias mais endogâmicas e mais etnocêntricas.
7. Quanto à etiqueta	A ênfase está no controle do comportamento de indivíduos do grupo discriminador, de modo a evitar a susceptibilização ou humilhação de indivíduos do grupo discriminado.	A ênfase está no controle do comportamento de membros do grupo discriminado, de modo a conter a agressividade contra os elementos do grupo discriminador.

8. Quanto ao efeito sobre o grupo discriminado	A consciência da discriminação tende a ser intermitente.	A consciência da discriminação tende a ser contínua, obsedante.
9. Quanto à reação do grupo discriminado	A reação tende a ser individual, procurando o indivíduo “compensar” suas marcas pela ostentação de aptidões e características que impliquem aprovação social.	A reação tende a ser coletiva, pelo reforço da solidariedade grupal, pela redefinição estética etc.
10. Quanto ao efeito da variação proporcional do contingente minoritário	A tendência é se atenuar nos pontos em que há maior proporção de indivíduos do grupo discriminado.	A tendência é se apresentar sob forma agravada, nos pontos em que o grupo discriminado se torna mais numeroso.
11. Quanto à estrutura social	A probabilidade de ascensão social está na razão inversa da intensidade das marcas de que o indivíduo é portador, ficando o preconceito de raça disfarçado sob o de classe, com o qual tende a coincidir.	O grupo discriminador e o discriminado permanecem rigidamente separados um do outro, em <i>status</i> , como se fossem duas sociedades paralelas, em simbiose, porém irreduzíveis uma à outra.
12. Quanto ao tipo de movimento político a que inspira	A luta do grupo discriminado tende a se confundir com a luta de classes.	O grupo discriminado atua como uma “minoridade nacional” coesa e, portanto, capaz e propensa à ação conjugada.

**Quadro 1 - Diferenças entre preconceito de marca e de origem**

Fonte: Rosa (2014, p. 250-251).

Nogueira (2007) obteve êxito ao traçar tais especificidades, pois não são poucas as abordagens que insistem em não perceber a profundidade do “sistema racial” que foi estabelecido no Brasil e o que se constitui nos Estados Unidos, por exemplo. Neste país, há um sentimento arraigado historicamente entre os grupos que impossibilita, ou torna difícil, o estabelecimento de concessões nas relações sociais. Situação que resulta na produção de espaços estanques entre os grupos. Em solo brasileiro, o termo é extremamente ambíguo e contextual sendo, portanto, mais difícil de ser determinado em meio à fluidez do campo em diferentes momentos (NOGUEIRA, 2007).

Como alertado por Souza (2005, p. 50) para ir além das “aparências” e “ilusões objetivas” formuladas na vida cotidiana, é preciso suspeitar dos discursos legitimadores que as inúmeras instituições fazem sobre elas próprias, afinal, julgam-se como estruturas objetivas e de neutralidade absoluta, capazes de expressar pilares meritocráticos e uma suposta igualdade entre todos. O autor questiona se “será a noção de disciplina e controle do corpo e de suas emoções e necessidades, que passará a diferenciar imperceptivelmente, classes sociais, gênero e etnias”? Torna-se conveniente questionar as estruturas e a delimitação de preconceitos, aqui destacada a questão racial.

Ao tratar do preconceito racial existente na sociedade brasileira, Rosa (2014) retoma uma discussão feita por Sansone (1996), que demonstra o processo de exclusão a que os negros estão sujeitos. Para o autor, os lugares vão influenciar o nível de discriminação a que os indivíduos estão subordinados, havendo, portanto níveis de aceitação ou não de acordo com as demarcações próprias e das relações que se estabelece em determinados lugares. Esse processo de “acolhimento” ou não, circunscrito em um emaranhado de comportamentos, tende a ocultar a existência de um preconceito diante da cor da pele. Em seu trabalho, Rosa (2014), ao evidenciar a inexistência de um debate das relações raciais no campo dos Estudos Organizacionais, recupera o argumento de Sansone (1996), em que o antropólogo denomina os diferentes espaços a que os negros estão sujeitos no Brasil.

*Áreas duras:* correspondem ao mercado de trabalho, o mercado do matrimônio e da paquera e a relação com a polícia. Nestes espaços o negro sofre maior discriminação, porque são espaços hegemonicamente brancos e onde a competição, a estética e o *status* deixam os negros em desvantagem.

*Áreas moles:* aqui a situação se atenua porque há mais negros, e isso tende a não ser um fator de surpresa, tampouco envolve a competição por *status* e poder. Trata-se dos espaços no domínio do lazer, como o botequim, o dominó, a torcida, a seresta, o forró, o papo com os vizinhos na esquina etc. São espaços onde ser negro não é um obstáculo.

*Espaços negros:* este lugar inverte a lógica das áreas duras. Aqui ser negro é uma vantagem. São o blocoafro, a batucada, os terreiros de umbanda e candomblé, as rodas de pagode e de samba, os grupos carnavalescos, a capoeira e etc. Lugares onde a cultura negra é a base das atividades que são desenvolvidas (ROSA, 2014, p. 253).

Rosa (2014) atesta que a atmosfera do lugar tende a alterar a percepção que as pessoas têm sobre as relações raciais e, por isso, ao refletir sobre as áreas duras, entendeu que é o espaço onde o “recorte” racial opera como maior força. Sansone (1996) descreveu muito bem essas áreas duras e os resultados de inúmeras pesquisas confirmam seus achados. O paradigma da desigualdade racial entre negros e brancos é reforçado por mecanismos e práticas racistas cotidianamente. Dessa forma, as “estratégias” de mobilização de inúmeros movimentos negros, tendem a generalizar as áreas duras como algo efetivo na vida no negro do Brasil, quando, na verdade, é possível indicar outros lugares que asseguram maior “flexibilidade” a essa população. Portanto, ao discorrer sobre relações raciais, é preciso entender o caráter contingencial, temporal e local, percebendo as diferentes influências que resultam no processo de segregação, sejam elas econômicas, culturais, sociais ou identitárias (ROSA, 2014).

É importante considerar ainda que algumas constatações podem, em um primeiro momento, suavizar a discussão, no sentido de que haveria certa “flexibilidade” e, portanto, o preconceito

não seria algo tão grave. Porém, em momento algum este debate pode ser atenuado, afinal as consideradas “áreas duras” são justamente os espaços preenchidos por uma maioria branca, com maior possibilidade de mobilidade social e com posições socialmente legitimadas. Mesmo o país sendo farto em riquezas, vive-se em meio a grandes desigualdades: “daí o ‘país de contrastes’ em ‘dois brasis’ cujas ‘raízes’ nos remetem à ‘casa grande e senzala’, aos ‘sobrados e mocambos’, a um país tensionado entre ‘a palavra e o sangue’” (CURY, 2005, p. 7). Não é possível rejeitar as discussões relativas à cor, como se não houvesse nada a que ser debatido. Opor-se ao que se denominaria raça e a uma ótica de segregação inscrita nessa conceituação exige, *a priori*, que se percebam os significados que lhe são atribuídos e não mais seja ocultada essa discussão. Afinal, é imperioso problematizar a forma como se lida com as diferenças no Brasil, principalmente no que tange à raça, não sendo mais admissível reduzir a experiência humana em uma única essência, como se os contextos históricos e sociais a que determinados grupos foram submetidos não impactassem suas relações com o mundo (APPLE, 2001).

Uma obra clássica que possibilitou uma reflexão sobre as relações raciais estabelecidas no Brasil é “Casa-Grande & Senzala” de Freyre (2003). O livro recupera vários pontos do que se pode compreender como a formação da sociedade brasileira e as condições históricas de relação entre negros e brancos. Porém, existem inúmeras críticas à obra. Além ter sugerido o discurso da democracia racial, que depois viria a ser taxado como mito<sup>10</sup>, percebe-se em diversos momentos da obra que o autor acaba “romantizando” o período escravocrata, deixando transparecer certo ar saudosista desses tempos, como evidenciado por Teixeira (2015):

Da escrava ou sinhama que nos embalou, nos deu de mamar, nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem (FREYRE, 2003, p. 367).

---

<sup>10</sup>Reforça-se, conforme Bernardino (2002, p. 256), que a construção do Brasil enquanto nação foi baseada no mito da democracia racial, considerando que grande parte da sociedade acredita piamente de que vivemos em um “país de todos”, onde a discriminação racial não aconteceu como nos EUA ou na África. Porém, o processo de marginalização do negro no Brasil não esconde suas marcas, mesmo que o preconceito se manifeste entre linhas: “a recusa de reconhecer a realidade da categoria raça, tanto num sentido analítico quanto de intervenção pública, fez do regime de relações raciais brasileiro um dos mais nefastos e estáveis do mundo ocidental”.

Independente do número de vezes que raça é associada a um conceito vazio, ela funciona como um marcador de desigualdade tão forte, que por vezes parece ser inerradicável a diferença social que foi imposta aos negros (BRAH, 2006). Portanto, ao ser lançado o debate sobre as questões de raça, é primordial que se compreenda que não se trata de um conceito estável, sendo importante observar seus significados e a mobilização do discurso público. Como destaca Apple (2001, p. 62), “seria enganoso falar de raça como uma coisa, algo que é reificado, um objeto que pode ser medido como se fosse uma simples entidade biológica. Raça é uma construção, um conjunto inteiro de relações sociais”.

Souza (2005) problematiza o quadro de hierarquização da sociedade mediante a cor da pele ao afirmar que a “raça branca” é comumente relacionada a uma europeidade, a uma cultura de domínio dos desejos e das necessidades em favor de uma ordem e de um caráter disciplinador. Ao passo que a “raça negra” é inferiorizada diante de uma noção de “primitivismo” africano, engendrado em meio a valores ambíguos como a sensualidade e a força. Porém, criticando o texto de Florestan Fernandes, o autor deixa claro que não é possível afirmar que o racismo se dê unicamente por consequência de tal hierarquia, como se o transferisse como “resíduo” de uma ordem social de competição, pois

[...] a ordem competitiva também não é, como vimos antes, “neutra”, nesta dimensão do ponto de partida meritocrático, como parece estar implícito no argumento de Florestan. A ordem competitiva também tem a “sua hierarquia”, ainda que implícita, opaca e transparente aos atores, e é com base nela, e não em qualquer “resíduo” de épocas passadas, que tanto negro quanto brancos sem qualificação adequada são desclassificados e marginalizados de forma permanente (SOUZA, 2005, p. 60).

Mesmo diante das considerações pertinentes, o autor supracitado não nega a virulência do racismo, apenas busca reforçar o princípio formativo da discriminação. Como já dito, Hall (1999) contribui com a discussão ao afirmar que a raça é uma categoria construída ideologicamente como dimensão biológica, mas, como já revelado, é uma categoria discursiva. Diante do recorte epistemológico, enfatiza-se aqui a ideia de que o termo “raça” é geralmente aplicado a sujeitos “não brancos”. Esses usualmente não costumam ser nomeados, pois estão colocados em uma posição central, representando uma espécie de normatização humana. O adensamento do binário “branco/não-branco” instituído e reiterado busca silenciar práticas de inferiorização e estigmatização impostas aos negros nos mais diversos campos sociais.

Como já dito por Bourdieu (2012, p. 55), a censura mais radical que pode existir é a ausência. Portanto, torna-se necessário “considerar as taxas de representação (no sentido estatístico e no sentido social) das diferentes categorias (sexo, idade, estudos etc.), logo, as probabilidades de acesso ao local da palavra e, depois, as probabilidades de acesso à palavra, mensurável em tempo de expressão”. Nesse contexto é necessário um policiamento para que o “foco da branquidade” não seja tomado como uma desculpa que legitima o lugar central das vozes dominantes em detrimento dos testemunhos e das vozes daqueles sujeitos que tiveram ceifadas as suas vidas de alguma forma. Pois estes com seus corpos já calejados pelas marcas da exclusão, ainda sofrem com as relações de exploração e dominação (APPLE, 2001; BRAH, 2006). Destarte, o campo a divisão do trabalho começa a ser desenhado, demarcando assim os espaços de cada grupo. Questiona-se então, qual segmento ficou responsável com o trabalho doméstico? Preponderantemente, as mulheres negras.

### 2.2.2 *A raça inscrita à cozinha*

Para Ribeiro e Hanashiro (2016), a classe trabalho nunca pode ser vista como um “grupo social homogêneo”: há distinções quanto à idade, ao gênero, a raças e a etnias. Ao considerar especificamente a condição das mulheres, conforme as autoras, a teoria marxista pode servir de esteio para propalar e delatar níveis de opressão no nível material de homens perante as mulheres. Assim, a perspectiva marxista ampara o percurso de transformação e superação da sociedade tipicamente burguesa como a única alternativa viável para extinguir o tão discutido “antagonismo” das classes sociais (RIBEIRO; HANASHIRO, 2016).

Como Davis (2016, p. 226) argumenta, “um dos segredos mais bem guardados das sociedades capitalistas avançadas envolve a possibilidade – a real possibilidade – de transformar radicalmente a natureza das tarefas domésticas”. Ao voltar o olhar para as atividades de trabalho que são desenvolvidas dentro das residências, a autora questiona os motivos que contribuem para que parte considerável das incumbências das donas de casa não seja incorporada à economia industrial. Afinal, como já discutido, a permanência dessas atividades contribui para a manutenção do sistema capitalista e resgata o debate entre o público e o privado. Para a autora, a estrutura econômica que se apresenta é “estruturalmente hostil” ao que ela chamou de industrialização do trabalho doméstico. No entanto, diante de várias mudanças nos contextos sociais, econômicos, culturais e políticos, cada vez mais a figura tradicional das donas de casas começa a direcionar suas “funções” para alguém que

desempenha as tarefas de modo remunerado: as empregadas domésticas. Todavia, essa “troca”, além de não ser universal e totalizante, não mais atesta do que uma reconfiguração simbólica, pois o debate sobre relações sociais de gênero e raça se mantém.

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com que esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso (CARNEIRO, 2003, p. 119).

Carneiro (2003) afirma que existe a necessidade de articular questões de gênero e raça, pois a história indica que a “variável” racial foi capaz de produzir gêneros subalternizados, seja em relação à estigmatização da “identidade feminina” (das mulheres negras), ou como “masculinidades inferiorizadas” (dos homens negros), ao possuírem menor “prestígio” do que o gênero feminino do grupo racial oposto (as mulheres brancas). Percebe-se então uma hierarquização: homens brancos, mulheres brancas, homens negros e mulheres negras. Ao observar tal condição, corrobora-se irrestritamente com a autora de que o racismo “rebaixa” a condição de gênero. Desse modo, “ao fazê-lo, institui como primeiro degrau de equalização social a igualdade intragênero, tendo como parâmetro os padrões de realização social alcançados pelos gêneros racialmente dominantes” (CARNEIRO, 2003, p. 119).

Analisando um contexto estadunidense, mas transpondo a discussão para o cenário brasileiro, é possível dizer que durante o período pós-escravidão, grande parcela das mulheres negras, ao não ir trabalhar no campo, eram obrigadas a cumprir os serviços domésticos. Sua situação, bem como a de suas irmãs, que eram operárias encarceradas ou meeiras, remetia a um selo clássico do período da escravidão (DAVIS, 2016). Como eufemismo, a própria autora relembra que a escravidão por vezes foi chamada de “instituição doméstica”, em que as escravas eram designadas como “serviçais domésticas”. Aos olhos dos “ex-senhores”, os serviços domésticos deveriam representar uma expressão polida para uma atividade desumana, que ainda muito se assemelhava à escravidão. Enquanto as mulheres brancas rejeitam de forma unânime serviços dessa natureza, as mulheres negras viram-se diante de ocupações como cozinheira, camareiras, babás e domésticas de todos os tipos. Por muito tempo, um número significativo de “ex-escravas” não conseguiu encontrar outro caminho se não o dos trabalhos domésticos (DAVIS, 2016).

Segundo Davis (2016), a associação que foi estabelecida entre as mulheres negras e os serviços domésticos não é um mero vestígio do período da escravidão designado a desaparecer com os anos. Há algo muito problemático e enraizado que precisa ser discutido. Citando a história de uma trabalhadora doméstica do estado da Geórgia (EUA), a autora relembra um documentário<sup>11</sup> produzido por um jornalista americano em 1912, em que foi possível averiguar a péssima situação econômica das mulheres negras ao longo do tempo. Constatou-se que mais de dois terços das mulheres negras foram “convidadas” a encontrar empregos como cozinheiras, lavadeiras, camareiras, babás e zeladoras e acabavam observando que estavam em condições “tão ruins, se não piores”, do que nos anos da escravidão (DAVIS, 2016). O que se viu no Brasil nada mais foi do que uma reedição dessa segmentação. Levando em consideração as devidas peculiaridades, como já argumentado aqui a partir do texto de Munanga (2007), a predominância das mulheres negras em ocupações como a de empregada doméstica atesta o estabelecimento histórico de uma divisão do trabalho a partir da dimensão racial. Nesses termos, voltar os olhares e problematizar tais constatações é algo capital.

Teixeira, Carrieri e Naves (2014, p. 86) fomentam esse debate ao buscar evidenciar novos sujeitos de pesquisa, como as empregadas domésticas negras as “gestoras cotidianas do mundo privado, gestoras de sua própria arte de sobreviver”. As “pretas” de hoje, como eles chamam, são mulheres que sucederam as escravas domésticas, servas da família dos senhores de engenho no período escravocrata. As trabalhadoras – escravas – inscritas em típico modelo de família burguesa tinham que cuidar da casa e dos “desejos” dos senhores. A partir desse momento, será construída, por dois motivos, uma argumentação sobre a condição de ser empregada doméstica no Brasil. O primeiro ponto, o mais claro, é que se assume que existe uma raça (negra) inscrita à cozinha que precisa ser problematizada diante do objetivo do presente trabalho. O segundo item, corroborando com Teixeira, Carrieri e Naves (2014), é trazer aqui alguns indícios para a desconstrução das invisibilidades que foram e são socialmente construídas. Para tanto, continua-se a explorar os referenciais de relações sociais de gênero e raça, mas inicia-se aqui uma reflexão sobre outra dimensão importante, a classe social.

---

<sup>11</sup>APTHERKER, H.A *documentary history of the negro people in the United States*. New York: The Citadel Press, 1973.

Considerando que a estrutura de classes é algo altamente limitante para as potencialidades humanas, Saffioti (2013) pontua que constantemente são renovadas as crenças nas limitações impostas a um contingente populacional, o que pode variar, e de fato varia, em função das condições socioculturais de cada condensação própria da sociedade de classes<sup>12</sup>, como se houvesse uma ordem social competitiva que, por si só, já se expandisse o suficiente. Assim, seria o mesmo que dizer que a “liberdade” formal, não se tornaria palpável e concreta em relação às desvantagens, grandes ou pequenas, com que cada sujeito se dispõe no campo de jogo, lutando por sua existência.

De acordo com Saffioti (2013, p. 59), do ponto de vista da aparência “portanto, não é a estrutura de classes que limita a atualização das potencialidades humanas, mas, ao contrário, a ausência de potencialidades de determinadas categorias sociais que dificulta e mesmo impede a realização plena da ordem social competitiva”. Assim, é importante dizer que, na verdade, quer quando são mencionados como dimensões naturais que abonam a discriminação de “fato”, quer quando se lança mão de uma justificativa para a discriminação social de “*jure*”, não é possível refletir sobre elas como mecanismos autônomos que agem em oposição a uma ordem social que é capitalista.

Ao contrário, uma visão globalizadora da sociedade de classes não poderá deixar de percebê-las como mecanismos coadjuvantes da realização histórica do sistema capitalista de produção. Do mesmo modo como é necessário desvendar, sob a aparência de trabalho inteiramente não remunerado e trabalho inteiramente remunerado, um *quantum* de trabalho necessário e um *quantum* de trabalho excedente, há que se desnudarem: os *status* adquiridos que, nas sociedades pré-capitalistas, se ocultam sob a aparência de *status* atribuídos. Os *status* atribuídos que, nas sociedades de classes, assumem a forma aparente de *status* adquiridos através do processo da competição (SAFFIOTI, 2013, p. 59).

Portanto, ao considerar o trabalho como momento “privilegiado” da práxis, uma vez que sintetiza as relações estabelecidas entre a natureza e os homens e destes entre si, cria-se a via por excelência em que se processa o descobrimento da posição real que as ordens históricas capturam na completude dialética da sociedade capitalista e das interações mantidas com o todo social. Por conseguinte, torna-se necessário questionar se as mulheres negras, enquanto

---

<sup>12</sup>Pagès *et al.* (1987, p. 75) indicaram que uma classe, ainda que dominante, só pode impor uma ideologia, conforme seus interesses, quando consegue integrar de algum modo aqueles considerados como dominados. Para eles, “a função essencial da ideologia é também reforçar a dominação e aumentar a exploração dos trabalhadores e não apenas mascarar as relações sociais de produção, pois trata-se de uma componente essencial das forças produtivas”.

membros de um grupo muitas vezes visto como submisso e dependente, estariam sujeitas a quais condições em busca de sua integração social (SAFFIOTI, 2013).

Como já demonstrado, a origem do que se entende hoje por “trabalho doméstico” está diretamente ligada ao período escravocrata. É neste contexto que se institui o discurso discriminatório e aos negros é atribuído um trabalho tido como submisso, adequado àqueles “racialmente inferiores” e de baixa “aptidão intelectual”. Assim, surge a figura dos empregados domésticos. Esse posicionamento dos indivíduos em seu “devido lugar”, acabar por justificar discursivamente as demandas do grupo escravocrata e colonialista (CONCEIÇÃO, 2009; TEIXEIRA, 2015). Pateman (1993) alerta para o fato de que o significado de “trabalho” nem sempre é o mesmo, já que depende da “conexão (suprimida)” entre os contextos do público e do privado. Nesse sentido, de modo geral, uma grande porção da proteção trabalhista ainda encontra-se corporificada no salário. Mesmo que com eventuais ressalvas, tal consideração deve ser observada, nem que seja para observar o prestígio que se concede a cada tipo de trabalho. A remuneração pode servir de critério para a qualificação de uma atividade, logo, a ausência de uma contrapartida financeira atesta a alguns mecanismos de subordinação (PATEMAN, 1993). Isso posto, é fundamental entender que o trabalho livre é diferente de um trabalho forçado, pois:

Primeiro, o trabalhador está numa posição de igualdade em relação ao empregador, como um cidadão livre e igual; segundo, porque o contrato de trabalho – a não ser que seja um contrato de escravidão civil – é limitado temporalmente; terceiro, porque os trabalhadores recebem proteção, e os operários recebem um salário, o símbolo da troca voluntária; e quarto, porque um trabalhador não contrata ele próprio o seu trabalho, mas a sua capacidade de trabalho ou seus serviços, parte da propriedade que ele tem em sua pessoa. O operário e o trabalhador forçado parecem estar em pólos opostos (PATEMAN, 1993, p. 216).

Conceição (2009) pondera que a abolição da escravatura representou uma transição da condição de trabalho para a população negra. No entanto, o que terminou por se constatar foi a condição de informalidade e precariedade dos trabalhos. Os negros foram jogados à própria sorte uma vez que ainda dependiam de seus antigos senhores. As oportunidades eram mínimas e o trabalho doméstico acabava sendo a “solução”. Mesmo diante de um discurso de

igualdade<sup>13</sup>, não é possível se ter a ilusão de que, de um dia para o outro, aqueles que foram escravizados por tanto tempo teriam condições de competir por melhores trabalhos. A “liberdade” acabou favorecendo um contexto de desqualificação a um grupo que nunca teve a chance (real) de buscar sua redenção.

Davis (2016) afirma que, proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de suas casas do que as mulheres brancas. Esse gigantesco espaço que a dimensão do trabalho ocupa hoje no cotidiano das mulheres negras é uma continuidade de um padrão que foi traçado já nos primeiros anos da escravidão. Como servas, essas mulheres viam-se ofuscadas pelo trabalho compulsório a que estavam sujeitas e todos os demais aspectos de sua vida eram pomenorizados. Dessa forma, o ponto de partida para a condição de exploração das mulheres negras durante a escravidão, está relacionado ao conjunto de significados que foram sendo atribuídos ao seu papel enquanto trabalhadora. O sistema escravista decretava que os negros nada mais eram do que propriedade. Assim, já que as mulheres negras eram vistas como unidades de trabalho, assim como os homens, não seria falacioso dizer que para os senhores de escravo elas eram “desprovidas de gênero”, trabalhadoras em tempo integral e apenas ocasionalmente mãe, esposas e donas de casa (DAVIS, 2016).

Algumas questões foram sendo “institucionalizadas” na sociedade e um contexto de desigualdades foi se acentuando, começando na mais tenra idade. Alguns estudos apontam que as jovens mulheres negras, muitas ainda crianças, eram treinadas para exercer trabalhos domésticos e isso ocorre, mesmo que com certa diferença, ainda nos dias de hoje. É notório que em populações de baixa renda as meninas sejam socializadas para desempenharem os papéis da maternidade e do trabalho doméstico como algo normal, como caminhos já previamente traçados. Essa questão acaba por gerar atitudes e percepções que influenciam a definição (ou aceitação) de projetos de vida. Neves (2013, p. 409) afirma que a responsabilidade pelo trabalho doméstico foi reforçada como algo “natural” para as mulheres. Segundo a ela, a aprendizagem ocorre muitas vezes dentro da própria família, somando-se a isso a “naturalização e a desvalorização dos processos de aquisição de competências que ocorrem fora das instituições formais”.

---

<sup>13</sup>Novamente fazendo um paralelo sobre relações raciais e a falsa noção de igualdade, torna-se importante refletir sobre um ponto de análise trazido por Bernardino (2002). O autor recupera a fala do presidente americano Lyndon Johnson, responsável pela adoção das ações afirmativas nos EUA. Na ocasião, ele pontua que “você não pega uma pessoa que por anos esteve preso por correntes e a liberta, trazendo-a ao ponto de partida de uma corrida e, então, diz: ‘você está livre para competir com todos os outros’, e continua acreditando que foi completamente justo” (BERNARDINO, 2002, p. 270).

Existe um debate acerca dos termos “trabalhadoras domésticas” ou “empregadas domésticas”, como se o primeiro trouxesse uma dimensão profissionalizante e uma caracterização politicamente correta. Todavia, a tentativa de mudar o termo não equivale a uma mudança real de como tais trabalhadoras são vistas. Trata-se de “uma construção social do que é trabalhar em domicílios e que envolve várias outras dimensões relativas a identidades e alteridades. Há (res)-significações que são necessárias e que não perpassam unicamente pela mudança na nomenclatura a elas conferidas”(TEIXEIRA, 2015, p. 50).

Teixeira (2015), em “As artes e práticas cotidianas de viver, cuidar, resistir e fazer das empregadas domésticas<sup>14</sup>”, busca abordar os jogos de verdade a respeito dos sentidos do que é ser empregada doméstica no Brasil. Referenciando o trabalho de Revel (2005, p. 87), a autora indica que não busca descobrir uma verdade única, o correto seria dizer que seu trabalho trata da descoberta de “[...] regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de um certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso” (REVEL, 2005, p. 87). Para tanto, diante de uma série de referenciais, elencou<sup>15</sup> alguns estudos que se debruçaram sobre o tema do que é ser empregada doméstica. Tais conceituações foram sistematizadas no Quadro 2.

<b>Alguns sentidos do que é ser empregada doméstica na sociedade brasileira</b>
(1) ser empregada doméstica é principalmente ser mulher e negra (não só no sentido estatístico do termo, mas como significado social);
(2) seguir as naturalizações de responsabilidades domésticas atribuídas ao que socialmente se constrói como sendo a mulher (CORONEL, 2010; SAFFIOTI, 2004; PATEMAN, 1993; MAZIERO, 2010) e como sendo a negra;
(3) ter históricas vinculações de sentido com o trabalho das escravas domésticas. Essa vinculação gera um sentido social negativo para o ser empregada;
(4) assumir uma ocupação que esteve à margem da formação do mercado de trabalho brasileiro, o qual ocorreu com base em dimensões de gênero, raciais, étnicas e econômicas;
(5) assumir uma continuidade típica de uma atribuição das responsabilidades domésticas às meninas das periferias e das favelas. As atividades domésticas nesses grupos sociais assumem o sentido de “[...] obrigação das crianças e ajuda para os adultos” (BERNARDES, 1992, p. 28);
(6) representar um elo entre duas ou mais realidades socioeconômicas e culturais distintas: dos grupos sociais aos quais pertencem seus patrões e dos grupos sociais aos quais elas mesmas pertencem. É levar essas distinções para o interior das casas das famílias empregadoras e também para o interior de suas próprias casas, quebrando as barreiras pelo menos geográficas que separam esses distintos grupos;
(7) conviver com a ambiguidade entre o afeto e a desigualdade, assumindo o sentido simbólico de ser quase parte da família para a qual trabalha e, ao mesmo tempo, ser cobrada pela postura de servidão e subalternidade. É “[...] estar sempre à disposição do outro ou da outra; implica fazer uma atividade qualquer do jeito que o outro ou a outra gosta; ser considerada naturalmente uma espécie de adivinhadora dos desejos dos (as) outros (as); a total disponibilidade de tempo” (ÁVILA, 2008, p. 68);

<sup>14</sup> Esse foi considerado um trabalho de referência na área de Estudos Organizacionais para discutir questões relacionadas às empregadas domésticas. Sabe-se do recorte pós-estruturalista do texto mas, novamente é preciso dizer que foi possível encontrar eixos de diálogo entre os recortes epistemológicos. Além disso, o uso que se faz das observações a cerca “do que é ser empregada doméstica”, contribui muito para a construção desta pesquisa.

<sup>15</sup> A autora destaca que são afirmações positivas, mas não devem ser vistas como estantes e universais, pois estão sujeitos a uma gama de significados e interpretações.

(8) embora haja mudanças importantes nas relações do trabalho doméstico e, em muitos casos, ocorra uma relação mútua de respeito entre patrões e empregados, ser empregada doméstica ainda é ser negada como sujeito e ser também negada como mulher (“[...] naquele espaço, só existe uma mulher, a dona da casa, e a outra é sistematicamente negada como mulher e como sujeito”, conforme Ávila (2008, p. 69);
(9) romper com a intimidade e a privacidade da vida familiar, sendo intimidade e privacidade dois discursos da modernidade que foram se incorporando à sociedade (RONCADOR, 2007);
(10) ser uma ameaça à integridade física e moral das famílias;
(11) necessitar de vigilância;
(12) ser considerada intelectualmente inferior;
(13) trazer consigo as heranças do período escravocrata no que se refere à sexualidade. Como as escravas podiam servir como objetos de prazer de seus senhores (SILVA, 2007), as empregadas podem assumir socialmente o significado de ameaças a casamentos e de potenciais iniciações sexuais de adolescentes;
(14) assumir uma atividade naturalizada que não recebe socialmente o <i>status</i> de profissão. É ser considerada uma profissional de segunda classe (CORONEL, 2010). Em geral, as próprias empregadas não se contrapõem a esse <i>substatus</i> , seja quando se mantêm nessa atividade ou quando buscam outras que seriam as verdadeiras profissões;
(15) figurar como a memória de outras domésticas. “No Brasil, a memória das babás faz parte da estética burguesa. [...] as pessoas de classe média e as pertencentes à burguesia têm memórias das suas babás e gostam de relembra-las [...] porque estas memórias são parte de seu <i>status</i> de classe” (ÁVILA, 2008, p. 69);
(16) assim, ser empregada doméstica vai além de ser uma personagem importante na manutenção das famílias (CORRÊA, 2007), como acontece quando as outras mulheres se inserem no mercado de trabalho formal; é ser parte mesmo do modelo socialmente construído de família burguesa no Brasil (ÁVILA, 2008).

**Quadro 2 – Alguns sentidos do que é ser empregada doméstica na sociedade brasileira**

**Fonte:** Teixeira (2015, p.99-101).

Todos estes sentidos abarcados na análise sem dúvida contribuem para investigações a respeito do cotidiano destas mulheres e eles precisam ser trazidos para discussão no campo dos Estudos Organizacionais, como já defendido anteriormente. No entanto, sem querer esgotar a análise dos dezesseis pontos, chama-se atenção para os que trouxeram a argumentação para as atividades realizadas na cozinha. Como esse é o grande objeto deste trabalho, considerando as interseções entre gênero e raça, é fundamental atentar para o sentido instituído de que ser empregada doméstica – destaca-se a cozinheira, principalmente – é ser negra, avançando muito além de uma caracterização estatística e considerando o sentido social e simbólico dessa construção. Neves (2013) indica a presença majoritária de mulheres negras no segmento das empregadas domésticas, o que sugere a caracterização de um trabalho marcado por uma dupla discriminação, a de gênero e a de raça.

Na esfera das práticas sociais cotidianas foi sendo avigorada a “cordialidade racial”, uma espécie de tolerância com reservas, vinculada ao patrimonialismo e ao clientelismo nas relações sociais. Tal “cordialidade” das relações sociais é fruto da estabilidade das hierarquias e desigualdades raciais brasileira, sendo tomada para enfraquecer eventuais tensões. No entanto, há de se considerar que tais vínculos cordiais são o produto de padrões de “sociabilidade que estabelecem uma reciprocidade assimétrica que, uma vez rompida,

justifica a “suspensão” do trato amistoso e a adoção de práticas violentas.” (SALES, 2006, p. 230).

Ao falar de “complexo de Tia Nastácia”, Sales (2006) faz uma discussão interessante sobre o contexto de uma famosa personagem da literatura infantil, e que poderia também ser uma personagem desta pesquisa. Fazendo alusão à personagem de Monteiro Lobato, dos contos do *Sítio do Picapau Amarelo*, o autor indica que o termo é um reflexo exato das dimensões da cordialidade, do clientelismo e do patrimonialismo, pois tais questões recriam o discurso de que as empregadas domésticas são “quase da família”. O que o autor problematiza é que o “quase” nunca muda de configuração e abre espaço para tirar eventuais vantagens sobre a trabalhadora, mantendo-a com a sensação de que está “próxima da família”, mas não deixando de distanciá-la, concreta e simbolicamente.

Barbosa (2012, p. 188) sustenta que, no Brasil, tradicionalmente a cozinha sempre foi o reduto destinado aos “inferiores estruturais”, sejam eles escravos, empregadas e mulheres: “um espaço rigidamente separado das áreas públicas e sociais da casa e interdito aos olhares de estranhos. Quem frequentava um cômodo não frequentava o outro”. A cozinha como um espaço recluso da residência, era o lugar da negra. Os tempos avançaram, algumas coisas mudaram, outras chegaram ao fim, mas muitas apenas foram encobertas por um falso discurso de igualdade. Em grande medida, estas personagens sempre foram distanciadas do contato com a família. A cozinha e o quarto nos fundos da casa favoreciam essa posição. E em alguns casos, a “proximidade” representava, na verdade, uma forma de controle e obediência. A frase “quase parte da família” típica de um discurso da família burguesa, indica que “uma dinâmica discursiva que contribui para a informalidade de seu trabalho e para o próprio não reconhecimento de sua atividade como trabalho” (TEIXEIRA; CARRIERI; NAVES, 2014, p. 84).

Ao considerar o Brasil como uma espécie de “sociedade de *status*”, depreende-se que há uma contínua relação entre raça e posição social. Nesse contexto, seriam atribuídos aos grupos sociais, também incluindo as classes, os “direitos” a um escopo de privilégios em relação ao Estado e aos demais grupos (GUIMARÃES, 1997). No âmbito das relações entre os indivíduos, tais prerrogativas de posição estariam resguardadas, por meio de “distâncias e etiquetas”, que diante da cor e da aparência encontram suas referências fundamentais e as demarcações no espaço social.

## 2.3 Territorialidade

O espaço não é nem uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações de coisas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho

*Milton Santos*

Esta seção encontra-se dividida em duas partes. Na primeira, são apresentados alguns conceitos importantes para a construção do debate que aqui se apresenta. O objetivo não é esgotar as definições e suas diferentes abordagens, mas mapear o campo. Em seguida, com maior ênfase, é feito um primeiro aprofundamento sobre a teoria que rege esta pesquisa, apresentando as noções de território e delineando os eixos que possibilitam dialogar sobre territorialidade.

### 2.3.1 Alguns conceitos

O espaço pode ser compreendido como o produto das ações dos homens sobre si mesmo, considerando a intermediação dos objetos que o circundam, sejam eles naturais ou artificiais. Portanto, é o conjunto indissociável de sistemas de ações e objetos, em que de um lado os sistemas de ações determinam a manutenção de novos ou preexistentes objetos e, de outro, percebe-se que os sistemas de objetos definem a forma como se estabelecem as ações. Todo esse processo deve ser visto como algo contínuo e dinâmico em que o espaço se transforma, já que está em constante movimento (SANTOS, 2006; 2008). Conforme Santos (2008, p. 28) “o conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração de conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento”. Tais formas possuem um papel fundamental no entendimento da realização social.

Ao observar as questões relativas ao espaço, Bourdieu (2012) chama atenção para o fato de que costumeiramente se dá demasiada importância aos fenômenos físicos, esquecendo das intervenções do Estado e como se os desdobramentos dos capitais ou das decisões coletivas não produzissem efeitos diretos na construção do espaço. Para o autor, os geógrafos se prendem muito à dimensão física ou ao que se pode ver. Assim, acabam se limitando a uma

análise de conteúdo do espaço, deixando de direcionar o olhar para as fronteiras administrativas e políticas de um dado objeto de análise. Nesse sentido há uma necessidade de considerar a dimensão simbólica na produção do espaço, pois ela possibilita um olhar para além das questões físicas.

Lefebvre (1992) pontua que a concepção do espaço ocorre diante das relações sociais e, portanto, não pode ser abreviada a dimensão física e as condições naturais, pois o espaço de antemão implica a noção de vida social, o que o credita como um produto desse meio social. Pode-se dizer que a criação dos elementos (naturais) se modifica com a interferência no espaço, metamorfoseando-o de diferentes formas. Logo, é plausível corroborar com o pressuposto de Santos (2006) de que o espaço é um conjunto interativo de elementos fixos e fluxos. Os fixos são visualizados em um determinado ponto do espaço, ao passo que os fluxos são produtos de intervenções dos fixos, diretas ou não, fazendo com que haja a modificação de sua significação e do seu valor em si mesmo. Os “fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos”, já que os fixos possibilitam ações que modificam a dinâmica espacial e os fluxos, por sua vez, recriam as condições para tais redefinições (SANTOS, 2006, p. 38).

Segundo Raffestin (1993), além dos elementos fixos e fluxos, existem outros atores que influenciam a construção e transformação desse espaço. Estes podem ser denominados de atores sintagmáticos, indo desde o Estado até um indivíduo comum, passando por grandes organizações e pequenos agrupamentos informais. Para o autor, tais atores estabelecem uma relação direta de interdependência, onde ações refletem ações, influenciando, direta ou indiretamente, a dinâmica espacial. Dessas relações é possível evidenciar relações de poder entre os sujeitos, criando um cenário de dominação e resistência (RAFFESTIN, 1993)<sup>16</sup>. A partir dessas definições, é importante começar a traçar as especificidades de termos como espaço, lugar e território.

Conforme Santos (2006), espaço e lugar são dois termos que por vezes são tomados erroneamente como semelhantes. Para esse autor, o lugar remete a um conjunto de objetos que possui autonomia de existência pelos elementos que o constituem, no entanto, sem a

---

<sup>16</sup>Sabe-se que o referencial teórico de Claude Raffestin pode ser associado a uma base pós-estruturalista, mas esta é uma leitura possível para a obra. Assim, após considerações recebidas durante a banca de qualificação desta dissertação, e diante de novas e profícuas leituras, opta-se aqui pelo uso do autor a partir do seu enfoque sobre poder, mas principalmente corroborando com a noção de espaço como produção de relações.

autonomia por sua significação pois, no transcorrer do tempo, os atores sociais concedem novas atribuições a esses lugares. Ao falar em “metamorfoses do espaço habitado”, é fundamental compreender que “quando todos os lugares foram atingidos, de maneira direta ou indireta, pelas necessidades do processo produtivo, criam-se, paralelamente, seletividades e hierarquias de utilização, com a concorrência ativa ou passiva entre os diversos agentes” (SANTOS, 2008, p. 29). Logo, para o autor, há uma reorganização das funções entre as diferentes frações do espaço, já que a relevância de cada demarcação provém de suas próprias “virtualidades”, sejam elas preexistentes ou adquiridas, sociais ou naturais, mas todas produtos de intervenções coletivas.

De forma complementar, Gieryn (2000) afirma que o espaço é constituído em meio a geometrias abstratas desprovidas de uma forma material, de valores e significados para os sujeitos. Logo, o lugar seria caracterizado como um “espaço preenchido” por indivíduos, suas experiências e práticas, por objetos e por suas representações. Dessa forma, esse lugar assume grande importância quando se objetiva investigar o cotidiano organizacional e social. Afinal, ao ser incorporado por identidades, normas culturais e memórias, é possível compreender as hierarquias, explícitas ou implícitas, físicas ou não, que circundam esse lugar em meio às ações dos sujeitos nesse contexto social. Portanto, torna-se basilar que sejam observadas criticamente as relações que são estabelecidas nesse palco.

Spink (2001) afirma que o termo lugar é muito propício para ser tomado como ponto de partida para refletir sobre o mundo das organizações, por meio de um olhar para o “enraizamento” processual das práticas cotidianas, assim como para além dos muros organizacionais. Teixeira, Saraiva e Carrieri (2015) indicam que o lugar é construído de forma simbólica e social pelos sujeitos, a partir de sentimentos de pertencimentos ou não. O lugar deve ser visto e investigado como uma dinâmica sustentada socialmente e não como uma representação estática de normalidade. Nesse sentido, Santos (1985) afirma que o lugar muda de significado a partir de sua localização.

O movimento dialético entre forma e conteúdo, a que o espaço, soma dos dois, preside, é, igualmente, o movimento dialético de todo social, apreendido na e através da realidade geográfica. Cada localização é, pois, um momento do imenso movimento do mundo, apreendido em um ponto geográfico, um lugar. [...] Não confundir localização e lugar. O lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. [...] a localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar (SANTOS, 1985, p. 2).

De acordo com Santos (1982), há uma relação clara nesse processo, pois a sociedade só é concreta por meio do espaço que ela produz, sendo que esse só se torna “inteligível” por meio dela. Portanto, não é viável tratar da sociedade sem mencionar o espaço e vice-versa. Desse modo, é primordial compreender que a categorização de constituição socioespacial possibilita uma “concepção paradigmática”, considerando que o espaço, além de ser um reflexo social, é um fator social. Contribuindo para uma ampliação da discussão, Lefebvre (1991) discorre que não há um espaço que esteja vazio, pronto e preexistente *a priori*, como se aguardasse ser ocupado. Na verdade, o espaço é como uma construção, como um produto (social).

Rodrigues (1997), mesmo tratando da ocupação do espaço no contexto das organizações e suas implicações a nível gerencial, faz importantes considerações que podem ser tomadas no que é proposto nesta dissertação. Para a autora, o espaço é simbólico, dúbio e relacional, e por isso depende de um consenso social quando se está debatendo as interseções entre os indivíduos. Assim, formas simbólicas de apropriação dos espaços poderiam estar relacionadas um tipo de negociação. No entanto, o pressuposto da disputa igualitária pelo espaço termina por deixar encoberta a competição desigual que se estabelece em muitas situações, metaforizadas continuamente.

Nesse sentido, considera-se que o espaço está diretamente relacionado à dimensão do tempo, observando que a espacialidade é associada à função ocupada de objetos e formas de um horizonte específico e marcado por tempo próprio. Logo, desconsiderar a dinâmica social, dando ênfase a uma materialidade, nada mais é do que ocultar os verdadeiros significados do espaço. Esse então nunca deve ser tomado como acabado, pois está inscrito em uma dinâmica simbólica muito maior do que a objetificação espacial. Por isso, como existe um diálogo entre as faces concreta e simbólica desses espaços, é oportuno dizer que ele é socialmente construído (SANTOS, 2006; CABRAL, 2007).

Partindo-se de tal dinâmica, toma-se como referência o trabalho de Augé (2004), que investiga um “lugar antropológico”. Segundo o autor, esse lugar é uma construção concreta e, ao mesmo tempo, está rodeada por símbolos representando sentidos para os sujeitos que ali habitam e uma inteligibilidade para aqueles que apenas observam o lugar, envolvendo as vicissitudes e as contradições do meio social. Para Augé (2004), esse lugar é identitário, relacional e histórico. Identitário, pois significa para seus ocupantes um conjunto de prescrições, proibições e possibilidades. É relacional, porque se trata de um espaço

“existencial” e experiencial de relações. Por fim, o “lugar antropológico” é histórico, na medida em que trata de memórias com forte teor simbólico, por meio das quais os sujeitos não estão restritos a fazer história, como também a vivem, instituindo um “social orgânico”.

Para Vilhena (2002), os sujeitos, de algum modo, se ligam aos lugares e o reconhecem ao longo de suas trajetórias. Existe o lugar de origem, aquele em se mora, o de onde se trabalha, o lugar de diversão, entre tantos outros. Logo, o espaço tende a ser simbolizado, ganhando representações no imaginário dos sujeitos. Conforme Leite (2007), o lugar pode ser interpretado como uma demarcação física e ou simbólica no espaço, para tanto, está sujeito a diferentes significações, isto é, é o espaço para representações.

Lugares são espaços de convergências simbólicas, que resultam de experiências compartilhadas mediante alguma possibilidade de entendimento sobre o que significa um certo espaço e sobre o que representam certos conteúdos culturais partilhados. Dizer que os lugares não resultam de consensos, mas de possibilidades de entendimento, significa dizer que eles não são produtos originados posteriormente de ações sociais que se tornaram consensuais, mas processos de interação e qualificação simbólica convergente que antecedem formas consensuais mais abrangentes (LEITE, 2007, p. 287).

Essas interações entre os indivíduos indicam que os espaços não podem ser compreendidos como neutros, uma vez que sugerem discursos, estratégias e políticas conforme o jogo de interesses. É oportuno dizer, então, que o espaço, como objeto científico, não está distanciado de aspectos ideológicos, evidenciando-se relações de poder<sup>17</sup>. Ao considerar o espaço como objeto da constituição de significados do sujeito e de uma coletividade, deve-se ponderar a eminência da criação de campo de disputas e conflitos por esse espaço (LEFEBVRE, 2008; GREGORY *et al.*, 2009). Ao falar em poder, Pagès *et al.* (1987, p. 224) indicam que ele “está em todo lugar, estende seu domínio muito além das relações de produção: na ordenação do espaço (Henri Lefebvre), na distribuição e na produção do saber e da norma (Michel Foucault), nas engrenagens e regras da organização e até no inconsciente”.

Para Raffestin (1993), o poder é a parte inseparável de todas as relações e apenas se manifesta em função dessas, fomentando um processo de troca em que os dois extremos “fazem face” um ao outro, ou destinam-se ao confronto. Sobre a concepção do espaço, Lefebvre (2008) pondera que há um elemento intercessor na análise que merece ser observado. Segundo o

---

<sup>17</sup>Compartilha-se dos pressupostos de Pagès *et al.* (1987) de que o poder, e por consequência as relações, devem ser compreendidas a partir de um sistema que está inscrito em “quádruplo eixo de coordenadas”, considerando as dimensões econômica, política, ideológica e psicológica.

autor, o espaço é notoriamente um instrumento político, manipulado conscientemente, mesmo se a princípio o propósito esteja “dissimulado” sob os aspectos coerentes do desenho espacial. Destarte, fala-se então de um poder simbólico como fonte de intervenção desse espaço, por isso é capital saber notá-lo

[...] onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 2012, p. 5-6).

Nesses termos, foi possível ter um entendimento mais profícuo sobre as noções teóricas iniciais que sustentam o estudo sobre espaço. Delinear tal discussão e traçar as primeiras definições permite uma melhor entrada no “campo”, mas sem a pretensão de esgotá-lo. Para tanto, finalizando este tópico, recorre-se a Guerra (2002) para, brevemente, sintetizar o entendimento dos dois principais temas aqui trabalhados. Segundo a autora, a noção de “espaço” estaria geralmente vinculada a uma categoria abstrata ou vazia, ao passo que o “lugar” estaria vinculado como representação de um local definido, específico e único, portador de uma gama de significados atribuídos por algum indivíduo ou grupo social. Saraiva, Carrieri e Soares (2014) afirmam que o espaço não adquire característica de lugar apenas por aspectos simbólicos, indo, além disso: os próprios lugares podem se constituírem como territórios quando são permeados por interesses políticos e por condições de disputa, pelo uso e por sua legitimação, havendo uma relação de apropriação, como será discutido no próximo item.

### *2.3.2 Território e a territorialidade*

Santos (1985) apresenta outra possibilidade de estudos sobre o espaço, a configuração territorial e do emaranhado de relações sociais desenvolvidas. Conforme o autor, essa dimensão territorial é oferecida pelo somatório entre as condições naturais existentes naquela área e pelos aditamentos impostos pelos indivíduos a estes sistemas naturais, enquanto que relações sociais de produção indicam justamente as interações sociais. Portanto, o que se entende por configuração territorial não é propriamente o espaço, uma vez que a realidade advém de sua materialidade, enquanto a noção de espaço equivaleria à interseção entre a materialidade e a imaterialidade que pode ser entendida como fruto de quem o sustenta. Desse modo, as relações estabelecidas atribuem à existência real ao espaço, sendo então primordial

considerar que objetos e ações criam e desenvolvem o espaço, já que ambos estão interligados a uma forma dinâmica e interdependente (SANTOS, 1985).

Adentra-se então na discussão sobre o território, que pode ser definido como um espaço apropriado seja por direito, contido, legitimado ou mesmo controlado por um grupo específico ou instituição. “O conceito de território se relaciona à visão de propriedade que uma pessoa ou grupo possui – uma base física sobre a qual a dimensão afetiva se desenvolve – vivenciada por práticas simbólicas que tipificam uma afetividade espacial singular” (SARAIVA, CARRIERI, SOARES, 2014, p. 108).

Para Haesbaert (2005), a definição de espaço pode ser feita em duas linhas a princípio distintas: a perspectiva material e a simbólica. Para o autor, ambas estão relacionadas à questão de poder, pois a noção de território se assemelha à de poder a partir da definição clássica de dominação, ao passo que também adquire o sentido simbólico de apropriação. Portanto, todo território é mutuamente simbólico e funcional, uma vez é exercido um domínio sobre esse espaço a fim de realizar “funções” e também atribuir “significados”. “O território é, antes de tudo, o espaço no qual se enraíza nossa identidade, o lugar de nossos prazeres, de nossos temores, de nossas relações importantes, a superfície de inscrição de nossa história pessoal, enfim o conjunto de nosso sistema de referência” (PÀGES *et al.*, 1987, p. 119).

Neste ponto do texto, é importante dizer que se assume a cozinha doméstica, o grande objeto de análise desta dissertação, como um território. Defende-se aqui essa posição, pois a ideia de posse e apropriação apresenta-se muito ligada à argumentação principal deste trabalho, de que a cozinha doméstica sempre foi definida como espaço da mulher. Com a perspectiva do movimento *gourmet* e com a midiaticização da cozinha, passou a ser “assumida” com maior ênfase pelos homens. Supunha-se que ao final pesquisa encontrar-se-iam vários territórios em um espaço, afinal, a subjetividade<sup>18</sup> dos sujeitos que se “apropriam” poderia indicar pontos específicos de classificação, como de fato ocorreu.

---

<sup>18</sup>A subjetividade pode ser entendida como a possibilidade de dar sentido às relações que os indivíduos estabelecem com o mundo a partir de seus espaços. Portanto, conforme Brah (2006), ela pode ser percebida como o meio pelo qual a “natureza precária” e controversa de um sujeito em contínuo processo, ganha sentido e constrói uma identidade própria. Estas se mostram caracterizadas pela pluralidade de situações que constituem um indivíduo, não sendo algo estagnado no tempo, mas envolvido em uma dinâmica simbólica. De acordo com Bernardino (2002) essas identidades devem ser tomadas como um produto da vida social, mesmo que os sujeitos a atribuam a uma constituição anterior. Estes mesmo indivíduos, permeados por subjetividades, acabam por criar identidades com os espaços em que se relacionam, seja com o sentido de pertencimento, seja com a ideia de aprisionamento.

De acordo com Paula (2011), mesmo diante de uma série de orientações epistemológicas, metodológicas e temáticas distintas, o estudo do território é uma das abordagens mais propaladas na geografia atual. Nessa acepção, a autora afirma que ao invés de discutir apenas os territórios que seriam dados como já constituídos, alguns teóricos expoentes passaram a se dedicar a “investigar a constituição de territorialidades distintas como forma de adensar a compreensão da dinâmica transescalar e multidimensional do mundo contemporâneo” (PAULA, 2011, p. 106). Segundo Bernardo (2015), o pressuposto de formação de um espaço geralmente se encontra associado à noção de território, pois percebe-se que essa formação ocorre assim que o espaço passa a ser considerado como posse, real ou simbólica, de um grupo de indivíduos ou de um sujeito específico. Portanto, não é o bastante que “o espaço geográfico” esteja em um contexto de interações sociais e que seus sentidos, funções e significados sejam modificados. É fundamental que ocorra uma relação de posse e de apropriação para que seja taxado como território (BERNARDO, 2015).

De acordo com Pereira e Carrieri (2005), a organização, quando vista como território, possibilita a construção de “significações culturais” e ao mesmo tempo de “identidades” que, ao serem atribuídas pelos grupos organizacionais, materializam um controle simbólico sobre esse espaço em que são instituídas as relações. Portanto,

[...] o uso cotidiano dos espaços simbólico e físico pertencentes a cada grupo organizacional seria um exemplo claro das transformações nas significações culturais, da transfiguração das relações de dominação e de submissão existentes em quaisquer organizações. Na verdade, cada grupo transformaria em seu o espaço organizacional pensado pela alta administração, por meio de bricolagens simbólicas para o seu uso (PEREIRA; CARRIERI, 2005, p. 4).

Estes autores, tomando como referência os trabalhos de Certeau, indicam que, em um cotidiano organizacional, cada grupo desenvolveria *a priori* uma produção de significados a partir da “colagem” de diferentes discursos, um aparelho metafórico que seria capaz de ilustrar os respectivos processos sociais que estivessem subjacentes aos inúmeros significados simbólicos. Porém, percebe-se que há vários estudos sobre o espaço que, além de atentarem apenas às empresas, enfatizam a dimensão econômica envolvida. Ao “esvaziar” os aspectos sociais, deixam componentes do âmbito simbólico para trás, fazendo com que o espaço torne-se uma mera “objetivação” da produção econômica (PEREIRA; CARRIERI, 2005).

Agnew (1994) contribui para o avanço da discussão ao descrever o território como algo ocupado ou apropriado por um indivíduo, por uma coletividade ou por uma organização, como o Estado. Para o autor, falar em território indica discorrer sobre demarcação, ocupação e uso do espaço por um determinado grupo social. Estas relações se tornam possíveis a partir de práticas de territorialidade. Mas o que seria territorialidade? Essa seria a organização espacial dos indivíduos e grupos sociais a partir de demarcações fronteiriças (AGNEW, 1994), sendo elas explícitas ou implícitas.

Raffestin (1993, p. 160) acrescenta que a territorialidade é uma espécie de somatório das “relações mantidas por um sujeito com o seu meio. Isso dito, não se trata de uma soma matemática, mas de uma totalidade de relações biossociais em interação”, podendo caracterizar-se como “mediatizadas”, “simétricas” ou “dissimétricas” em relação às suas exterioridades. Portanto, o que define ou não se tais interações irão se concretizar é justamente a dinâmica criada e reformulada pelos grupos que ocupam e politizam aquele espaço atribuindo-lhe uma identidade própria (RAFFESTIN, 1993).

Para Haesbaert (2005), que trabalha também outros termos<sup>19</sup>, territorialidade é uma forma de organização, de pessoas e coisas, em segmentos discretos por meio do uso de limites. Já Agnew (1994) alega que a territorialidade humana deveria ser tomada como algo estratégico, por meio da qual os coletivos ou mesmo seus indivíduos, exercem o controle sobre um determinado espaço que foi demarcado e, portanto, é um território. Seria então a territorialidade um caso próprio de espacialidade? Conforme o autor, sim, afinal, haveria uma conglomeração de diferentes formas, objetivas e subjetivas, de relacionar-se com o espaço em questão, ao passo que a territorialidade estaria focada no fenômeno frutos das relações, atentando para significados de poder mediando ao jogo de apropriação e exclusão.

Segundo Agnew (1994), ao longo dos tempos, nas diferentes sociedades, criaram-se formas próprias de caracterizar a territorialidade. No entanto, pode-se ter um primeiro consenso de que a territorialidade é exercida por meio

---

<sup>19</sup>Haesbaert (2005) discute ainda com dois termos: territorialização e desterritorialização. O primeiro seria o processo dinâmico que possibilita aos indivíduos, diante da manifestação de seus anseios, estabelecerem fixações territoriais ao longo do tempo. Já a desterritorialização, refere-se ao “desenraizamento” dos sujeitos dos respectivos territórios. Para o autor é importante problematizar o segundo, pois, ele acredita que em seu lugar haja na verdade uma “multiterritorialidade”, onde o território como um espaço apropriado/dominado, demonstra um “sentido multi-escalar e multidimensional” que só pode ser tomado diante de uma multiplicidade.

(1) da aceitação comum de classificação do espaço, como, por exemplo, ‘nosso’ vs. ‘seus’; (2) da comunicação de um sentido de lugar, o que ocorre quando marcos e limites adquirem um significado; e (3) do controle *forçado* sobre o espaço, o que significa submissão, controle e legitimação (AGNEW, 1994, p. 620).

Diante destes pressupostos, e tendo consciência da abordagem do autor, recorre-se novamente a Raffestin (1993, p. 158) para dizer que

[...] a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele.

Segundo Paula (2011) a territorialidade, usualmente, cita dinâmicas e características de um dado grupo que vive no território, como sentimentos de pertencimento, desenvolvimento de identidades diversas e apropriações. Dessa forma, a territorialidade está associada à “dimensão vivida” conforme denota fatores que são visualizados nas relações entre os sujeitos e os espaços. Chama-se atenção para a possibilidade de que a territorialidade seja vista como o “qualitativo de qualquer fenômeno” no âmbito territorial, seja em qual escala ele estiver inserido. Nesse sentido, seria possível presenciar a sobreposição de territorialidades formais (emanadas do poder público) frente às territorialidades subjetivas (de todo o tipo de coletivo mobilizado). A grande questão é que a territorialidade subjetiva está alicerçada na maneira como os grupos vivenciam e concebem cada espaço (PAULA, 2011).

Ao discorrer sobre o que seria especificamente “apropriação”, Harvey (1992) pondera que ela está traduzida na maneira pela qual objetos, ações, indivíduos e grupos “ocupam” o espaço. Nesse sentido, o domínio do território estaria refletido nas ações do grupo de dominantes que, simbólica e fisicamente, se apropriam da produção do espaço e estabelecem um maior nível de controle sobre o grupo de dominados. Nesse processo, Pimentel (2008) chama a atenção para dois eixos principais. O primeiro é a apropriação em si, seja ela simbólica ou física. Já o segundo estaria relacionado às consequências do primeiro, isto é, a dominação política e ideológica presentes. A apropriação do espaço, *a priori*, pressupõe que alguém o tomou, portanto há uma atribuição de significados que são subjetivos e que ganham representatividade com a marca identitária de quem se apropriou.

É essa apropriação denotativa da própria experiência individual de estar e fazer parte do mundo uma prática social que se traduz pela demarcação, apropriação e personalização do espaço ou, como correntemente denominado, pela territorialização do espaço. É importante salientar que toda territorialização (e seu movimento inverso, a desterritorialização) pressupõe uma espacialidade, mas nem toda espacialidade corresponde à territorialização do espaço. Isso porque a territorialização pressupõe práticas de apropriação e exclusão, tendo como lógica subjacente a competição (PIMENTEL, 2008, p. 84).

Para Bernardo (2015), sempre quando se fala em posse, controle e transformação, imediatamente se evidenciam dois elementos importantes na constituição do território, o campo de produção e o de poder. Segundo a autora:

dentro dos seus limites territoriais há a produção de um sistema de sentidos e significados que atuam sobre os elementos e norteiam as práticas realizadas, formando, juntamente, uma representação do que é considerado como o “espaço apropriado”, ou uma imagem do que se deseja para o espaço (BERNARDO, 2015, p. 54).

Ela ressalta que o campo de poder é instituído ao mesmo tempo da produção, seja de modo explícito ou silenciado. Portanto, é possível reconhecer esse poder mediante um controle apreendido por meio das ações praticadas, do ingresso ao território ou das demarcações dos limites. De acordo com Raffestin (1993) e Fischer (2010), além da exposição velada ou não de tais demarcações, elas podem estar subjugadas a um campo de sentidos ou conhecimentos daqueles que os compartilham e que assumem um posto de “donos” daquele território.

Fala-se, então, de uma “imagem territorial”. Considera-se, a princípio, que a “estrutura” internalizada pelos sujeitos que ocupam um determinado território seja semelhante para toda a coletividade. No entanto, tal concepção é perigosa, já que a compreensão e a assimilação não ocorrem de forma linear e única; portanto, a “imagem territorial” nunca é a mesma. Logo, por não existir um código único, quando ocorre a exteriorização de práticas, materializam-se as divergências sobre a imagem e constituição do território (RAFFESTIN, 1993). Segundo ele, a elaboração da estrutura territorial, física ou vinculado ao campo do conhecimento, tem como intuito basilar a demarcação dos limites e esclarecer o que se toma como território frente aos demais. Delinear a exposição de tais elementos relacionados à formulação das estruturas e do território em si requer um olhar específico para as práticas territoriais engendradas nesse espaço, a partir das demarcações dos limites e das diferentes possibilidades de entendimento dos sujeitos.

O autor completa que cada grupo detém um código, como um sistema territorial que pode estar silenciado mas, em uma análise apurada, é observável. Como ressaltado, pelo fato de o sistema poder se encontrar de forma implícita e internalizado pelos indivíduos do grupo, é notório o processo de tomada de decisão e, por consequência, a implementação de tais ações. Ao conduzir os processos “sociais” dentro dos contornos espaciais, reconhecem-se os aspectos pertencentes ao território, bem como sua estrutura e limites. Portanto, o tão falado “código”, só apresenta validade e influencia a consolidação do território, quando os comportamentos e as práticas territoriais desempenhadas são assumidas como itens processuais e contínuos de análise (RAFFESTIN, 1993).

Gregory *et al.* (2009) indicam que as práticas territoriais são ações tomadas após a posse, física ou simbólica, de um determinado espaço. Considera-se que elas são o produto da dinâmica de produção dos sistemas de significados. Como já inicialmente discutido neste trabalho, o espaço nunca é neutro e, por consequência, os territórios também não o são. Fala-se então em um jogo de interesses, anseios e vontades, permeados por um sistema que não deixa de estar relacionado ao poder. Nesse sentido, ao tomar a discussão sobre territorialidade, está se remetendo à premissa de que, por não haver neutralidade, deve-se ter consciência de um território que é politizado e contornado por posturas ideológicas que estão materializadas nas ações cotidianas (GREGORY *et al.*, 2009).

A classe operária, segundo Lefebvre (2008) foi submetida à manipulação no espaço, considerando que há uma política de organização cada vez mais deliberada e perspicaz. Logo o espaço tornou-se “instrumental”, sendo entendido como “lugar e meio” em que se engendram estratégias, onde elas se rivalizam, deixando de lado qualquer pretensão de neutralidade. Tais pressupostos sobre um território público, também podem ser considerados nos contextos privados. Considerando o território da cozinha doméstica como objeto de investigação desta dissertação, faz-se necessário o posicionamento do que entende pelo espaço privado que abriga a cozinha, a casa.

Através da casa, comunicamos aos outros nossa identidade; buscamos segurança e privacidade; gozamos de momentos íntimos; deixamos o “mundo” em suspenso; demarcamos nosso “pedaço”; exibimos nossas prioridades, gostos e desejos. Em seu interior exercemos o direito à liberdade ou, ao contrário, aprisionamo-nos no mundo que construímos. Nela estabelecemos vínculos familiares, recuperamos a energia

para mais um dia de trabalho ou enveredamos por uma labuta incansável. Casa – local de contradições (MAIA, 2012, p. 340).

Maia (2012) afirma que é necessário um olhar atento para os significados que são atribuídos a esse território vivo, relacional e singular a cada sujeito. O autor afirma que a casa carrega um valor simbólico e concreto, mas aos indivíduos dos segmentos populares ela pode representar muito mais, como ser um elemento apto de torná-los a serem reconhecidos como autores de suas próprias histórias. A casa também é fundamental para a sociedade, já que atesta a reprodução social e indica relações de consumo. Para Lefebvre (2008), considerando que o espaço envolve o tempo, é pulsante admitir que no mundo das mercadorias o que está em jogo não é apenas a aquisição de um espaço repleto de signos de hierarquia social e prestígio. Ao adquirir um espaço se estabelece uma distância entre os que o possuem e os que não. Os “espaços-tempos” referenciados por Henri Lefebvre estão diretamente relacionados à reprodução de um conjunto complexo de relações sociais.

Nesses termos, fala-se em construção de territorialidades e o estabelecimento de limites territoriais. Maia (2012) assegura que há uma fluidez entre as dimensões do público e do privado, mas ambas se relacionam e espelham as relações entre os sujeitos. A casa e a rua estão interligadas, sendo que a porta da residência funciona como primeira demarcação fronteiriça. No entanto, existem também fronteiras internas que dividem a casa e concedem a cada indivíduo a posse de um espaço, onde ele pode ou não assumi-lo como seu. A apropriação sugere que a territorialidade está incluída em uma dinâmica relacional. Assim, as “territorialidades expressam a consciência dos sujeitos, sua intencionalidade, forjando sua identidade e demarcando sua diferença/distinção em relação ao outro” (MAIA, 2012, p. 346).

Coimbra (2013) conclui em seu trabalho que o espaço social, especificamente o urbano, é socialmente produzido. Como produto do “trabalho humano” o território não existe sem o espaço, e a sociedade é, na verdade, a materialização das relações estabelecidas entre tais fatores que podem engendrar práticas territoriais de diferentes escalas. Apoiando-se em Raffestin (1993), essa percepção ganha maior sentido, uma vez que o autor indica que o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. Portanto, o espaço é algo anterior ao território, puramente por se entender que o território se constitui a partir dele, em meio a uma apropriação de elementos concretos e abstratos (RAFFESTIN, 1993).

De acordo com Coimbra (2013), por serem capazes de alterar a lógica dita formal de determinado espaço em detrimento dos anseios subjetivos dos indivíduos, os territórios devem ser entendidos como construções sociais. Tendo essa compreensão, a autora indica que, ao adotar termos como “espaço, lugar e território”, é fundamental compreender a pluralidade dos termos, pois a sua criação e uso decorrem da subjetividade dos atores sociais, das funções e dos significados atribuídos. Portanto, corroborando com a perspectiva da autora, entende-se que, ao falar em espaços, lugares, territórios e territorialidades, é preciso estar atento à variedade de situações que podem ser levantadas em uma prática que é coletiva, paralela e heterogênea.

Recuperando a discussão de Raffestin (1993), é importante ressaltar que a noção que se tem de territorialidade não pode estar presa à simples separação de territórios, pois é fundamental que ocorram concepções e práticas que diferenciem um território do outro. Define-se, desse modo, a singularidade como proposta para se qualificar diferentes territórios que podem ocupar o mesmo espaço (físico), mas que simbolicamente se diferenciam a partir de diferentes olhares. Essa definição, cautelosa, pode acabar definindo diversos mecanismos de diferenciação, resultando em processos de inclusão ou exclusão (SOJA, 1971). Aos indivíduos que compartilham de uma gama de sentidos e significados será mais fácil compreender e replicar as práticas, contribuindo para a aceitação ao grupo “detentor” do território. Aos inconformados ou previamente subjugados, o caminho traçado é o da exclusão e marginalização frente aos demais.

Segundo Bourdieu (2012) não existe “sujeito social” que possa ignorar por muito tempo as propriedades simbólicas, pois, mesmo que elas sejam negativas, podem ser assumidas estrategicamente em razão dos interesses de seu portador. Logo, admite-se a existência de um jogo de forças na busca pela apropriação de um território. As lutas simbólicas espelham as interações da vida cotidiana e podem provocar questionamentos quanto ao estado de subordinação, estigmatização e hierarquização. As estratégias de ocupação de um território encontram-se em meio a um emaranhado de interesses que ganham materialização nas práticas concretas e simbólicas (BOURDIEU, 2012). Portanto, não é possível compreender a dinâmica territorial e o protagonismo dos agentes locais a partir de um olhar excludente, voltado apenas às práticas objetivas e materiais (MAIA, 2012).

Tais dimensões não são, em si, capazes de “descortinar” as distintas apropriações simbólico-culturais evidenciadas; tampouco os indicadores socioeconômicos e políticos são suficientes para permitir uma análise acerca das territorialidades, hierarquias e das práticas estigmatizantes que marcam as relações estabelecidas pelos moradores, que não raro, desembocam em situações de discriminação, abalam a sociabilidade, as experiências associativas, a confiança e a mobilidade, trazendo implicações na construção da identidade de indivíduos e grupos sociais (MAIA, 2012, p. 350).

A cozinha, como território, por excelência sempre foi associada e colocada sob a responsabilidade, principalmente, das “donas de casa” e das “empregadas domésticas”. Esse distanciamento, mesmo que silenciado, persistiu por muito tempo e ainda se apresenta de formas variadas. Mesmo quando a dona de casa assume suas “responsabilidades”, não há uma valorização do espaço ocupado por ela na casa, como se tudo se resumisse ao pressuposto da obrigação. Isso fica ainda mais evidente no caso das empregadas domésticas, observando que mesmo diante do tratamento “como se fosse da família”, as relações de afetividade e pertencimento “acabam historicamente por mascarar o distanciamento simbólico que ainda existe entre essas empregadas e as famílias que as empregam, distanciamento esse marcado por dimensões como classe, sexo, raça e nível de escolaridade” (TEIXERA; SARAIVA; CARRIERI, 2015, p. 175). Em meio a esse cenário, problematizar o modo como o ato de cozinhar vem ganhando novos rótulos sugere reflexões sobre a interseção entre as relações sociais de gênero, raça e territorialidade.

### 3 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Esta seção encontra-se dividida em três partes. A proposta da primeira parte é relacionar os três grandes referenciais teóricos que sustentam este estudo. Para tanto, foi construída uma primeira argumentação sobre o objeto (cozinha) e suas relações com a proposta de investigação aqui discutida. No segundo item, foram tecidas considerações sobre a posição epistemológica adotada, que se baseia no círculo das matrizes epistêmicas. Por fim, são apresentadas as escolhas metodológicas que permitiram a operacionalização da pesquisa e os caminhos para a análise dos resultados.

#### 3.1 Uma cozinha (re)apropriada?

O que mudou na sociedade contemporânea, na alimentação e no cozinhar para que esta tarefa vista como socialmente inferior e, até bem pouco tempo atrás, como uma condenação quase biológica das mulheres pela sociedade, tenha se tornado uma atividade glamorosa e glamorizada, além de central tanto do ponto de vista político ambiental e moral no mundo de hoje?

*Livia Barbosa*

“Tornar transparente as implicações sociais e políticas de um progresso que esconde, em sua promessa de perfeição, uma sociedade sexista (além disso, racista e classista) seria um dos objetivos da sociologia feminista”. Desse modo, Scavone (2008a, p. 183) conclui que, ao realizar a busca pelo entendimento de relações como cultura e natureza, universal e particular, emoção e razão, entre o indivíduo e a sociedade, essa dimensão da Sociologia estaria cooperando não só com a construção de novos conhecimentos, como também para a sociedade de um modo geral ao abrir caminhos para as sonhadas práticas de liberdade.

Como descrito por Neves (2006) é importante salientar aspectos de permanência e de mudanças pelos quais passou o contingente feminino no mundo do trabalho, sendo necessária uma compreensão das relações de gênero em um contexto mais amplo na sociedade. Investigar o modo pelo qual as mulheres incorporam e são incorporadas pelo mercado de trabalho significa observar as construções culturais e históricas permeadas pela dinâmica das relações sociais entre homens e mulheres, as representações e seus significados entre o que se toma por masculino e feminino. Tais relações de gênero advêm de interações no campo

social, do trabalho, da família e de diferentes instituições, conformando subjetividades e identidades. Assim, as diferentes formas de discriminação que podem ser constatadas são estabelecidas em decorrência de valores culturais arraigados, que transformam diferenças em condições de desigualdade e preconceito (NEVES, 2006). Como exemplo, fala-se aqui de um espaço (assumindo-o como um território), onde são recriados os valores de uma sociedade sexista, racista e classista.

De acordo com Cavalcanti (2001), para falar da produção do espaço é primordial compreendê-lo como uma produção social. De uma forma dialética e contraditória, tal produção apresenta uma diferença de classe e, em consequência, um modo de segregação espacial. Para o autor, é papel da ciência geográfica em conjunto com outras ciências, como as sociais, investigar as relações entre gênero, raça e espaço por meio das trocas e das manifestações sociais. D'Adesky (2001) afirma que a compreensão deste espaço possibilita uma leitura dos significados daquilo que se pontua como representações coletivas, revelando dimensões de inclusão ou exclusão ou mesmo hierarquias e polaridades. Conforme Sawaia (2001, p. 9), a dialética estabelecida entre exclusão e inclusão cria subjetividades próprias, que podem ir desde o sentido de pertencimento até o de discriminação. Tais subjetividades não devem ser explicadas apenas “pela determinação econômica, elas determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência”.

No entanto, em um contexto de intolerância, as subjetividades ficam encobertas pelos discursos hegemônicos que buscam excluir das memórias históricas, questões de opressão e discriminação a grupos específicos que foram ou ainda são marginalizados (APPLE, 2001). Ao considerar que o vínculo dominante que um indivíduo possui na sociedade moderna ainda se baseia na “integração pelo trabalho”, Sawaia (2001) indica que a transformação dos meios de produção se torna preponderante no percurso de exclusão social. Esta, no entanto, pode ser vista como um acontecimento multidimensional, considerando que superpõe uma variedade de “trajetórias de desvinculação”. Logo, pode-se verificar que qualquer formação discursiva está inscrita em um espaço de poder, considerando que “não há nenhum lugar de poder onde a dominação, subordinação, solidariedade e filiação baseadas em princípios igualitários, ou as condições de afinidade, convivialidade e sociabilidade sejam produzidas e asseguradas de uma vez por todas” (BRAH, 2006, p. 373).

Para Brah (2006), a constituição do poder se apresenta de forma performática, diante ou além das práticas políticas, culturais e econômicas. Dessa forma, se analisadas as subjetividades de dominados e dominantes, elas são formuladas nos “interstícios” desses diversos lugares de poder. Seguindo essa linha de argumentação, evidencia-se, a partir desse ponto, a grande questão do trabalho. O espaço destinado à mulher em uma sociedade de classes, referenciando Saffioti (2013), há muito tempo está sujeito à ordem do patriarcado. Situação ainda mais evidente se for considerado um sistema racista, que deixou e ainda deixa muitas marcas.

No que concerne à investigação científica diante do ser mulher negra a partir dos estudos voltados à raça/etnia e gênero, verifica-se que há uma identidade que vem sendo reprimida ou camuflada ao longo dos tempos, como se fosse inútil firmar-se como mulher numa realidade social que garante o homem, sobretudo o homem branco, como detentor do poder, do conhecimento e ator hegemônico das mudanças vividas pela sociedade em geral, tanto em nível político, social, como também cultural (SOUZA; RATTS, 2008, p. 147).

Ratts (2003) salienta que existe uma interseção forte entre as categorias gênero, raça e espaço, criando uma dimensão “espacial” de tais relações de forma demarcada, possibilitando que determinados sujeitos, individual ou coletivamente, sintam-se habituados ou tenham a sensação de estranheza com os espaços em que habitam, como exemplo a casa, e seus ambientes, como a cozinha. Conforme Silva (2009, p. 2), a casa é um “micro-espaço do mundo”, delimitada por normas sociais e comportamentos de um grupo de pessoas. Esse lugar central é representante de um domínio cultural e é demarcado por representações ideológicas como um mapa simbólico, sugerindo que existem espaços delimitados para cada sujeito. A cozinha doméstica talvez seja o exemplo mais claro dessa segmentação. Mas de que cozinha se fala aqui?

A cozinha doméstica, o objeto principal deste estudo, ao ser permeada por relações sociais de gênero e raça, é um território dúbio. Opta-se por utilizar esse termo a partir de algumas inferências. Primeiro, considerando ela como um território sugere-se uma condição de apropriação, discussão essa que se intensifica ao considerarmos que se trata de uma possível reapropriação. Já no título desta dissertação se sugere a problematização que se quer com essa pesquisa. Considerando a dimensão concreta, mas, principalmente, as práticas simbólicas, entende-se que às mulheres foi “dada” a cozinha doméstica, sem uma prévia consulta. Em outras palavras, elas se apropriaram sem necessariamente aquilo desejar, mas em virtude de normas e valores sociais e culturais. Já uma parcela considerável dos homens, a partir da argumentação que se faz aqui sobre o movimento *gourmet*, tende a se inserir agora no espaço

da cozinha doméstica em meio a discursos midiáticos que os valorizam e lhes concedem o título de “donos da cozinha”, mesmo que por ali só passem eventualmente. Portanto, o caráter dúbio da cozinha doméstica atual está justamente em ser o palco de contrastes de significados e representações sobre o ato de cozinhar.

Aqui não se deseja incitar um teor de “guerra” entre posições masculinas e femininas a partir de um olhar particular. O diálogo investigativo que aqui se propõe é muito mais amplo e denso do que uma simples polarização entre os papéis sociais estabelecidos como comuns. Porém, no cotidiano de um pesquisador ocorrem *insights* e, ao pensar sobre a questão de pesquisa aqui levantada, foi inevitável não questionar a dinâmica da cozinha doméstica e suas relações sobre gênero, raça e territorialidade. A pesquisa de campo revelou que a problematização aqui desenvolvida possui um sentido e pode ser colocada como reflexão para muitas pessoas. A argumentação tecida ao longo do trabalho não pretende abarcar todo um contingente populacional, mas serve como aporte na investigação de um fenômeno que espelha a realidade de muitas pessoas.

Considerado um espaço (aqui tomado como um território) “por excelência” da mulher, seja ela dona de casa ou empregada, a cozinha doméstica sempre foi um reduto ao qual não se atribuía qualquer valor. Barbosa (2012) constrói uma argumentação interessante que sugere que a cozinha, historicamente, foi colocada no fundo da casa como se houvesse um desejo por uma separação desse cômodo das demais dependências. Para a autora, diversos aspectos sustentaram esse afastamento, como “a existência de empregados, o cheiro da comida, a utilização do processo de fritura na culinária brasileira, o contato íntimo dos empregados com os problemas dos patrões por meio de conversas de mesa, tudo isso era invocado para que a cozinha fosse mantida à distância” (BARBOSA, 2012, p. 189). No entanto, apreende-se que a cozinha doméstica, bem como o “ato de cozinhar<sup>20</sup>”, vem ganhando uma espécie de “novo rótulo”, passando a ter um destaque na vida cotidiana.

---

<sup>20</sup>É importante mencionar que se entende que o ato de cozinhar está muito além do “espetáculo” que alguns sugerem. Ao sublinhar esta expressão, faz-se referência ao que é atribuído como sentido pelo senso comum. Porém, é importante indicar que esse ato é mais amplo. Assim, poderia se dizer que “cozinhar é apenas uma das atividades envolvidas na preparação da comida e um dos componentes da tarefa de ‘alimentar’ a família”. A preparação dos alimentos inclui uma série de outras tarefas menores: planejar as refeições, fazer compras, “botar” a mesa, preparar e cozinhar a comida, servir a comida, “tirar” a mesa, jogar fora os restos da comida, lavar os pratos ou colocá-los na lavadora de louças, secá-los ou retirá-los da lavadora, guardar os pratos, limpar o fogão e os balões, limpar mesa e varrer o chão da cozinha (LUXTON, 1980). Alimentar a família também pressupõe um complexo de atividades cercadas de emoções e concepções ideológicas (SILVA, 1997, p. 32).

A decoração da cozinha, uma das mais caras de uma casa, é hoje objeto de demonstração dos donos, afirmação de *status* e da escolha de um estilo de vida (existe um velho hábito brasileiro, o de mostrar a casa para visitas). A cozinha ganhou uma decoração, processo diferente de ganhar uma mobília. Isto significa que ela tem um estilo. Além disso, virou o centro da sociabilidade e dos prazeres da mesa. Como se isso não bastasse, a cozinha avançou sobre as varandas como o famoso “espaço ou varanda *gourmet*” (BARBOSA, 2012, p. 189).

Segundo Ipiranga, Lopes e Souza (2016) é primordial considerar que o ato de cozinhar e se alimentar abriga um teor simbólico muito grande, já que a “leitura da cozinha” nada mais é do que uma “viagem na consciência” que todas as sociedades possuem de si mesmas. Assim, a forma como se interage com a cozinha diz muito sobre um estilo de vida de quem se apropria e a partir de quais condições e ocasiões isso ocorre. Há uma inevitável discussão sobre as interferências que essas relações podem causar no imaginário de um grupo, pois se entende que haverá mudanças e não apenas no estado, mas, principalmente, nos sentidos que se atribui aquele território e a aquelas práticas.

A prática culinária é o reflexo de um conjunto de sistemas específicos de uma determinada cultura e envolve sensações, emoções e uma série de lembranças a que cada indivíduo esteve sujeito em suas vivências. Portanto, esse processo de preparar e consumir um alimento tende a despertar diferentes significados e motivações, mas sempre é pertinente considerar que há um “juízo estético” por parte das pessoas e isso não pode ser negado, já que a valorização do ato de cozinhar está muito ligada a entender a prática como uma atividade artística que solicita um nível de reconhecimento (IPIRANGA; LOPES; SOUZA, 2016, p. 206).

Lívia Barbosa, em “Os donos e as donas da cozinha”, frisa que esse processo de estetização da cozinha é uma tendência não apenas para os segmentos mais altos da sociedade: esse “movimento *gourmet*” atinge também as camadas de renda mais baixas. Se as pessoas de menor poder aquisitivo não podem ter uma cozinha *gourmet*, elas utilizam diferentes mecanismos para viver esse processo midiático, seja fazendo uso dos espaços *gourmet* na área comum dos prédios, que cada vez mais contam com esses espaços, seja pela aquisição de produtos que possuem o rótulo de uma gastronomia refinada e com um valor (simbólico) agregado. A autora ressalta que as lojas especializadas na venda destes utensílios dispõem seus produtos e serviços com preço acessíveis, permitindo ao consumidor integrar-se ao movimento gastronômico. Mas como se formou esse campo?

Conforme Scavone (2008b), ao refletir sobre gênero e suas interações com o campo da gastronomia, é importante ter em mente que os espaços ocupados por homens e mulheres está inscrito em uma “ótica heteronormativa”, isto é, não são problematizados e passam despercebidos, pois estão inclusos em núcleo de normas e valores pré-estabelecidos. Assim, expelir tal heteronormatividade, recusar as certezas impostas e buscar fugir do discurso comum é não apenas um posicionamento intelectual, como também político. Naira Scavone traça uma breve retrospectiva sobre esse ponto da gastronomia no país:

No Brasil, a alta gastronomia fixa-se no eixo Rio-São Paulo, por mãos estrangeiras e para o acesso restrito de uma classe com poder aquisitivo para consumi-la. Entre as décadas de 80 e 90, a alta gastronomia na América toma outro rumo. Resumidamente, inicia-se uma febre sobre todos os aspectos que envolvem a gastronomia, incluindo a formação de profissionais em escolas nacionais, proliferação de restaurantes e programas de televisão com o tema da gastronomia, reinvenções e resgates das culturas locais através de adaptações de técnicas, produtos e pratos. Hoje, todos querem aprender mais sobre culinária, desfrutar dos prazeres dos grandes restaurantes, “devorar” os livros de *chefs*, abastecer-se nos supermercados com produtos que antes eram consumidos só por uma elite econômica (SCAVONE, 2008b, p. 2).

Com isso, o tema da gastronomia populariza-se e, ao deixar a esfera elitizada, termina por se creditar como uma “mania global”. Demozzi (2011) discute a profissionalização da cozinha e a visibilidade do mundo gastronômico, gerando um ponto de concordância e outro de questionamento. Para a autora, há uma visão midiaticizada sobre o ato de cozinhar e que não é coerente com o cotidiano. Segundo ela, a representação que se tem da “culinária oculta, ou ainda quando o faz transforma em espetáculo como o caso dos *realities shows* culinários *Hell’s Kitchen* e *MasterChef*, os bastidores da cozinha, as dificuldades físicas e emocionais, os erros, enfim, o penoso caminho que é se tornar um *chef* de cozinha” (DEMOZZI, 2011, p. 17). Corrobora-se com a autora que há uma excessiva associação a uma condição de espetáculo, porém, sem entrar no mérito sobre a profissão de *chef* de cozinha<sup>21</sup>, acredita-se que existem outros sujeitos que vivenciam um contexto de desigualdades na cozinha, o que sugere que o debate deveria começar pelas condições a que estão expostos.

Sobre o processo midiático no mundo contemporâneo, ele tem engendrado grandes transformações em diversos setores, sendo que “ao (re)direcionar o modo de ver os acontecimentos, ao mesmo tempo em que tem construído uma “univocidade lógica” ou uma ilusão de unidade em torno de muitos aspectos comportamentais dos indivíduos e dos valores

---

<sup>21</sup> Esse não faz parte do objeto de análise porque a discussão se limita à cozinha na esfera privada.

que subjazem às atitudes e pensamentos”. Como sublinhado por Ghilardi (2007, p. 4), os discursos que são propalados pelos diversos meios de comunicação tendem a produzir efeitos de sentido, sendo necessário um olhar clínico para desconstruí-los.

Os discursos midiáticos circulam na sociedade, sugerem transformações na vida cotidiana, na linguagem e também se transformam no tempo. Produzem efeitos de sentido que influenciam profundamente muitos aspectos do cotidiano. Analisá-los requer conhecimento do contexto sócio-histórico em que eles se inserem, assim como compreensão das relações entre diferentes formações discursivas que circulam nos veículos de comunicação. A mídia atua na construção do imaginário coletivo ao produzir imagens simbólicas e intermediar a relação entre os leitores e a realidade (GHILARDI, 2007, p. 5).

De acordo com autora, as revistas culinárias exercem um papel importante nesse cenário. Os homens posam ao lado de utensílios caros, diante de ingredientes exóticos e com a predisposição para realizarem receitas com o autêntico de “selo de qualidade *gourmet*”. A ideia é sempre distanciar o preparo da comida daquele exercido no cotidiano do domicílio, pelas donas de casa e empregadas. Cria-se o conceito da cozinha como um lugar mágico, cujas imagens do plano simbólico sustentam a concepção de profissionais qualificados que possuem a prerrogativa de entregarem uma refeição “requintada”. Diante dessas percepções, é essencial dizer que, ao valorizar as atividades exercidas na cozinha a partir desses itens, acaba-se por recorrer a uma noção sexista de qualificação das funções do homem e de desqualificação do trabalho das mulheres (NEVES, 2013)

Como exposto por Barbosa (2012), houve mudanças significativas no imaginário que muitos têm sobre a cozinha. E qual seria o motivo? A cozinha teria um novo “dono” ou a sociedade só estaria presenciando o valor atribuído por dimensões machistas e racistas? Afinal, houve um movimento do gênero masculino para as cozinhas domésticas, que mesmo tomado como algo eventual e de “esporte”, deixa oculto que antes não era atribuído àquele espaço nenhum valor. Defende-se aqui que quando o homem começou a figurar – e se apropriar – de determinados “guetos” ditos femininos, como a cozinha, houve um processo de ressignificação. “As habilidades históricas das mulheres, sua competência, seu saber e sua inteligência no processo de cozinhar nunca receberam um melhor reconhecimento” (SILVA, 1997, p. 50). O que dizer da cozinheira negra, então?

A literatura infantil, com a obra de Lobato, “O Sítio do Picapau Amarelo”, ilustra bem o que se levanta aqui. Quem, onde está, e o que faz Tia Nastácia na história? Para Lajolo (1998, p.

1), a personagem é vista nos livros de Lobato como a “negra de estimação”, desfrutando da afetividade interesseira da família branca que lhe contrata “e, ao mesmo tempo, apesar de suas breves, mas muito significativas incursões pela sala e varanda, encontra no espaço da cozinha emblema de seu confinamento e de sua desqualificação social”.

A representação do negro como ser inferiorizado, boçal e desprovido de capacidade filosófica nessa obra de Lobato é explícito, e Tia Nastácia é um dos personagens que personifica o povo brasileiro em seus diversos aspectos e dimensão específica. A descrição de Tia Nastácia, pela boneca, ressalta seu tipo físico como claramente feio e deslocado em um mundo cuja beleza é marcada pela estética branca. Por outro lado, o espaço designado à mulher negra, apesar de ser essa a detentora de uma vasta sabedoria popular, representante do povo simples, é o espaço da cozinha, emblema de seu confinamento e desqualificação social (CHAVES; RODRIGUES 2012, p. 9).

Almeida (2014) indica que a discriminação cultural do negro quase sempre vem a “reboque da física”, alegando que tudo que é fruto da mulher e da negra é inferior, em relação ao que é proveniente do homem e do branco, demonstrando assim nuances de preconceitos sobre o gênero e raça acumulados historicamente. Essas discussões sugerem, a princípio, que o estabelecimento de uma nova ordem de valor está interligada ao advento do conceito de cozinha *gourmet*<sup>22</sup> nas residências. Chama-se atenção para o fato de que o *glamour* da cozinha ocorreu a partir do momento em que ali pode ser desenvolvida uma “arte” no preparo dos alimentos, mesmo que essa atividade não fosse tomada como cotidiana, mas como sazonal.

Como ressaltado por Barbosa (2012, p. 194) “o receber masculino é público, barulhento e a expectativa é o aplauso [...] a comida é feita em um processo de interação e ensinamento, no qual o anfitrião/cozinheiro discorre sobre o que irá servir, fornecendo detalhes sobre a origem dos pratos e ingredientes”, afinal, agora a cozinha possui um “requinte” e não é mais uma tarefa simplória. Conclui-se esta seção, salientando que em meio a esse movimento de *gourmetização*, há um silenciamento de que a cozinha doméstica sempre foi o palco de regimes segregacionistas, e ao vender a ideia de que agora é necessário atribuir valor às práticas ali desenvolvidas, reforça-se um discurso sexista e racista. Portanto, percebe-se que o espaço é ao mesmo tempo um artifício constitutivo e um produto de encontros étnicos, raciais (RATTS, 2003) e de gênero. Logo, desconsiderar isso seria um erro.

---

<sup>22</sup>Fantinel, Sant’Anna e Ishisake (2015, p. 6) afirmam que o termo *gourmet*, hoje, “passa a adjetivar não apenas o sujeito que sabe e conhece a culinária requintada, mas também os alimentos que possuem determinadas características e até os locais de consumo desses alimentos”, como é o caso deste trabalho.

### 3.2 Posição epistemológica

O clima bélico suscitado pela “guerra paradigmática”  
tolhe a criatividade e oblitera o diálogo.

*Ana Paula Paes de Paula*

Entende-se esta seção como fundamental para a construção da pesquisa. Desde o momento em que se adentra ao curso de mestrado, fazendo aqui um relato específico, exige-se, de diferentes formas, um “posicionamento” quanto à abordagem adotada nas pesquisas e as perspectivas que dão base a uma argumentação. Além de parecer uma cobrança precoce ao jovem ingressante, a decisão fica ainda mais difícil quando a escolha está amparada em apenas quatro possibilidades, como descrito por Burrell e Morgan (1979). No entanto, durante as inúmeras leituras para a construção desta dissertação, encontrou-se uma nova possibilidade em Paes de Paula (2015), sendo que esta leitura permitiu a flexibilidade, a confiança e a coerência tão requeridas. Portanto, a apresentação do posicionamento epistemológico adotado nesta pesquisa ocorrerá da seguinte forma: primeiro, expõe-se uma breve discussão sobre o texto que foi abandonado, e em seguida, adentra-se ao debate que possibilitou o posicionamento, sereno e coerente, e a escrita deste trabalho.

Devido à tese da incomensurabilidade dos paradigmas, Burrell e Morgan (1979) criaram um modelo com quatro possibilidades de posicionamentos epistemológicos totalmente excludentes: o funcionalismo, interpretativismo, estruturalismo radical e o humanismo radical<sup>23</sup>. A tese em questão, segundo Paes de Paula (2015), foi tomada por empréstimos do livro de Thomas Kuhn, “A estrutura das revoluções científicas”(1962). As constatações feitas neste livro se dirigiam ao âmbito das Ciências Naturais, e não poderiam ter sido tomadas para o campo das Ciências Sociais. Criou-se então um cenário preocupante, uma vez que “a “ciência normal” procura enquadrar os fenômenos nos limites preestabelecidos e relativamente inflexíveis de um paradigma, modelando soluções de acordo com “problemas exemplares”. Tal ciência é conservadora e até mesmo dogmática”, mas assumida por Thomas Kuhn como vital para um dito “progresso científico” (PAES DE PAULA, 2015, p. 49-50).

---

<sup>23</sup> Funcionalismo: muito ligado à Sociologia da regulação, enfatizando a objetividade. Interpretativismo: enraizado na sociologia da regulação, porém sob a perspectiva subjetiva. Estruturalismo radical: vinculado à Sociologia da mudança radical e a dimensão objetivista. Humanismo radical: fundamentado no ponto de vista subjetivo e na Sociologia da mudança radical (BURRELL; MORGAN, 1979).

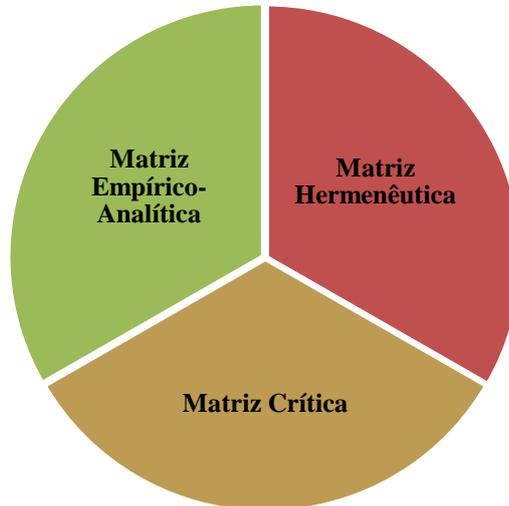
Burrell e Morgan (1979), em “*Sociological paradigms and organisational analysis*”, criaram o diagrama a partir de quatro pressupostos: o debate ontológico (realismo x nominalismo); o debate epistemológico (positivismo x antipositivismo); o debate da natureza humana (determinismo x voluntarismo); e o debate metodológico (teoria nomotética x ideográfica). Dos quatro itens surgiram as “possibilidades” epistemológicas, ainda muito utilizadas por diversos pesquisadores e não deixam de ter seu valor, pois foram durante muito tempo o grande cerne das discussões. No entanto, a incomensurabilidade exige uma escolha única e isso pode ser um grande problema.

Por mais que alguns indivíduos não tenham ressalvas em “se enquadrar” por completo, essa não é uma decisão fácil para todos. Afinal, percebe-se que o exercício da adoção de um único quadrante, além de gerar uma limitação das discussões, contribui para uma “guerra paradigmática” entre os pesquisadores e que nada auxilia no avanço das pesquisas. “Nas ciências sociais e nos estudos organizacionais o que explica a evolução do conhecimento não é a incomensurabilidade, mas a incompletude cognitiva, porque, para contemplar os interesses técnicos, práticos e emancipatórios, buscamos uma unidade do conhecimento” (PAES DE PAULA, 2015, p. 105).

A autora supracitada, em busca de uma opção ao esquema de Burrell e Morgan (1979), afirma que o primeiro passo é propor uma “alternativa imagética” que termine com o aprisionamento polarizado do quadrante, e permita espaço para o diálogo e um processo dinâmico. Assim, no lugar das noções de paradigmas sociológicos, Paes de Paula (2015) apresenta os sistemas de produção do conhecimento, chamados agora de “abordagens sociológicas”, pois buscam uma identidade epistêmica que congreguem metodologias e teorias. Em busca de tais identidades, as abordagens sociológicas passam a se orientar pelo que a autora denomina de matrizes epistêmicas.

Estas derivam do pressuposto de ciência trabalhados por Jürgen Habermas, fazendo alusão a um marco epistemológico, porém considerando que todas também envolvem aspectos ideológicos e axiológicos, movendo-se, portanto, em um domínio que é político e, ao mesmo tempo, um tipo específico de interesse cognitivo. Ao ler “Conhecimento e interesse”, de Jürgen Habermas, a autora constatou que o conhecimento é desenvolvido mediante aos interesses e que existem três deles: o técnico, o prático (compreensão/comunicação) e o

emancipatório. Assim, Paes de Paula (2015) propõe como alternativa ao esquema de Burrell e Morgan (1979), o círculo das matrizes epistêmicas (Figura 2).



**Figura 2 – Círculo das matrizes epistêmicas**

**Fonte:** Paes de Paula (2015).

As diferenças começam pela forma do esquema. O quadro do desenho anterior está associado a um pensamento cartesiano, mecanicista e analítico, fazendo menção a uma precisão matemática. Os ângulos sugerem uma descontinuidade no fluxo natural, uma rigidez e uma limitação. O círculo, de antemão, indica um pensamento orgânico, fluido, processual, flexível e livre de interrupções. Mesmo quando Paes de Paula (2015) faz a ressalva que o desenho na verdade deveria ser uma animação, já que é algo dinâmico, nota-se claramente a proposta e as distinções entre esse modelo e o proposto por Gibson Burrell e Gareth Morgan.

O círculo das matrizes epistêmicas é um locus a partir do qual as abordagens sociológicas se orientam e no qual as matrizes epistêmicas representam pontos de referência. Assim, as matrizes apresentadas não devem ser tomadas como instâncias que aprisionam as abordagens sociológicas, mas sim como partes constituintes de um todo integrado da produção de conhecimento: elas são guardadoras de lugar do conhecimento e também mediadoras entre filosofia e ciência (PAES DE PAULA, 2015, p. 132).

A matriz possibilita aos pesquisadores que não conseguiam se fixar a um quadrante transitar, com a devida coerência e ciente das limitações cognitivas, em toda a matriz e fazer uso de diferentes abordagens para encontrar respostas que os velhos pressupostos não possibilitavam alcançar. Cada matriz está inspirada em uma lógica de pensamento e Filosofia: Filosofia hermenêutica e lógica interpretativa (matriz hermenêutica); Filosofia negativa e lógica

dialética (matriz crítica); Filosofia positiva e lógica formal (matriz empírico-analítica<sup>24</sup>). Para a autora, em oposição ao debate da “tese da incomensurabilidade dos paradigmas, seria mais frutífero deixar de lado a ideia de uma incomunicabilidade entre eles e admitir nossa impossibilidade de ter toda a verdade a partir de um determinado “paradigma/abordagem sociológica”, conscientizando-se de que é “preciso dialogar com outras matrizes, pois elas não são rivais, mas maneiras distintas de captar e explicar a realidade, podendo conjugar interesses cognitivos” (PAES DE PAULA, 2015, p. 134).

Nesses termos, após defender a escolha do círculo das matrizes como ponto de partida epistemológico, assumiu-se inicialmente que a presente pesquisa foi construída perpassando pela matriz hermenêutica e pela matriz crítica. O objetivo inicial era transitar por essas duas matrizes com a devida consciência de suas limitações e possibilidades de diálogo. No entanto, no transcorrer do trabalho e após as considerações recebidas durante a banca de qualificação do ainda projeto de dissertação, foi possível evidenciar que o cerne das discussões que foram estabelecidas estava assentado em uma base dialética. Portanto, o recorte teórico, metodológico e epistemológico indicava que esta dissertação estaria diretamente vinculada à matriz crítica.

É importante ponderar que a matriz hermenêutica<sup>25</sup> derivou-se da empírico-analítica, pois é fruto dos questionamentos que surgiram sobre o positivismo<sup>26</sup>. A lógica da hermenêutica é transposta pela compreensão de sentidos, deixando de lado os antigos olhares para as relações

---

<sup>24</sup>Neste trabalho, optou-se por não fazer uso da matriz empírico-analítica, porém, ela não está subjugada às demais. Paes de Paula (2015, p. 122) cita três elementos que caracterizam a matriz empírico-analítica: filosofia positiva, lógica formal e ênfase ao caráter técnico. Por guardar a abordagem funcionalista, o sentido e as contribuições dessa matriz tendem a ser deturpados. Existem, sim, pontos de discordância sobre a extrema via técnica, porém a autora faz uma ressalva importante que merece ser citada. “É impossível separar o interesse técnico dos outros interesses envolvidos, o que me leva a reconhecer que há um viés conservador no positivismo, mas também a indagar se a defesa do interesse técnico em si é conservadora”, discussão essa que ainda parece insolúvel.

<sup>25</sup>A matriz hermenêutica, como já dito, está alinhada à Filosofia hermenêutica e à lógica interpretativa. Além disso, tem-se uma preferência pelo interesse prático, pois conforme Habermas, não está separado da *práxis*. Paes de Paula (2015) cita o texto “Hermenêutica contemporânea”, de Josef Bleicher, para fortalecer a discussão. Segunda ela, o autor assegura que a “filosofia hermenêutica” está baseada na investigação de fato humano ou um ato, devidamente contextualizado histórica e temporalmente. Ao passo que a ciência hermenêutica recorre a um prisma metodológico para realizar tal investigação, que, de antemão, rejeita a perspectiva objetiva, já que posiciona a compreensão em uma dinâmica intersubjetiva. Logo, a lógica interpretativa compreende que as expressões humanas são entendidas por meio de “sistemas de valores e significados” mediados pela dimensão subjetiva, tendo a ciência de que os alvos de análise não são os fatos, mas os símbolos.

<sup>26</sup> É importante mencionar que “o positivismo que tomou vida nas Ciências Sociais e que até hoje continua dominando o imaginário das pesquisas científicas nessa área ignorou tudo o que significa produção teórica, ideias modelos e reflexões. Nesse ponto apresentou a recusa de qualquer filosofia, mais do que uma apropriação dela” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 1).

causais e atentando para as simbólicas. Sua atribuição é elucidar a “comunicação perturbada” e tornar possível a compreensão do que soa de modo estranho, bem como as comunicações taxadas como indiretas. Todavia, mesmo considerando a capacidade que essa matriz possui de enfatizar as expressões vivenciais e ações, já que a *práxis* e a linguagem estão entrelaçadas por completo, seria errôneo classificar este trabalho dentro da hermenêutica, uma vez que há uma relação direta com o estruturalismo e há a presença de uma corrente marxista em todo o referencial teórico.

Nesse sentido, dentre os itens já listados, o trânsito pela matriz crítica se justifica ainda pelos seguintes pontos. Essa matriz pode ser sintetizada em três tópicos principais: o alinhamento aos pressupostos da filosofia negativa, o interesse pela premissa emancipatória e por lançar mão da lógica dialética. A Filosofia negativa possui um grande potencial ao não estar preocupada em atingir um rigor nas proposições a partir de uma lógica formal, afinal, recorrendo à dialética, é possível alcançar o conteúdo das proposições de forma efetiva. Entende-se que “ao invés de se ater o que é dado ao conhecimento e ao certo, a filosofia negativa se interessa pelo que não está evidente e insere a dúvida: o que é positivo para os positivistas é justamente aquilo que deve ser criticado na visão dos dialéticos” (PAES DE PAULA, 2015, p. 127). Portanto, já que não há como pensar a perspectiva crítica deslocada do ideal emancipatório, é basilar enxergar esses debates para além de sua “face utópica”, superando perspectivas teóricas e revigorando o campo. A escolha pela matriz crítica não joga por terra as considerações que foram feitas sobre o anseio por novos diálogos, mas entende-se que devido ao recorte que foi dado ao trabalho, a escolha por tal matriz representa a coerência demandada de um trabalho acadêmico.

### 3.3 Escolhas metodológicas

O conhecimento é um processo de construção que encontra sua legitimidade na capacidade de produzir, permanentemente, novas construções no curso da confrontação do pensamento do pesquisador com a multiplicidade de eventos empíricos coexistes no processo investigativo.

*Fernando González Rey*

Para iniciar esta seção, recorre-se a Pagès *et al.* (1987, p. 113) quando eles dizem que uma das peculiaridades da “administração moderna consiste em considerar a realidade apenas por meio

de métodos quantitativos, em acreditar que só se pode dominar um problema quando o formulamos em termos quantitativos, como se o que fosse enumerado fosse indiscutível, porque é científico”. Conforme os autores destacam, pensa-se muitas vezes que a solução para os problemas está na quantificação, pois ela permite a “objetividade” em detrimento da “subjetividade” do “poeta”. De forma muito oportuna, essa passagem abre espaço para o posicionamento adotado nesta pesquisa, a abordagem qualitativa.

González Rey (2005) ressalta que não tem sido tarefa muito fácil definir a pesquisa qualitativa. Para o autor, a dificuldade tem início a partir do momento em que se sustentam diferentes tendências sob essa abordagem, e, tudo fica mais complexo em um mundo transpassado por ideal matemático que, definitivamente, não pode ser considerado como absoluto em todos os campos. Fala-se aqui de uma ciência social, e não natural.

De acordo com Pagès *et al.* (1987), a pretensão por racionalidade tende a corromper o entendimento das individualidades, pois não é possível reconhecer o sujeito apenas em função de sua utilidade (organizacional, por exemplo). As ilusões com a perspectiva quantitativa em organizações são fomentadas diretamente pela capacidade de avaliar rendimentos, mecanismos e reivindicações de um sistema. Porém, mesmo percebendo eventuais contribuições, é importante ter ciência que limitar tudo a tal dimensão, nada mais contribui do que empobrecer o campo e as possibilidades de estudos. Logo:

É evidente que o principal problema da quantificação não está referido na operação como tal, operação que é totalmente legítima na produção do conhecimento; o principal problema está naquilo que quantificamos, dentro de que sistema teórico os aspectos quantificados vão adquirir significado. Esse tem sido um aspecto totalmente ignorado por causa da utilização, de forma inadequada da quantificação que guia importantes setores da pesquisa nas ciências sociais (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 2).

Infere-se que a metodologia terminou por conduzir a um “metodologismo”, em que as técnicas e os instrumentos acabaram por se emancipar das representações teóricas, transformando-se em pilares inquestionáveis de uma dita “legitimidade” para os conhecimentos produzidos por eles. Assim, com o intuito de buscar uma revitalização do sentido da pesquisa, é importante compreender que “falar de metodologia qualitativa implica um debate teórico-epistemológico, sem o qual é impossível superar o culto instrumental derivado da hipertrofia que considera os instrumentos vias de produção direta de resultados na pesquisa” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 3).

Portanto, diante da defesa da natureza da pesquisa, novamente, apresenta-se que o objetivo geral dessa pesquisa foi compreender **como a cozinha doméstica é territorializada em meio a relações sociais de gênero e raça**. Diante desse objetivo, e antes de prosseguir com a seção, corrobora-se com Godoy (1995) e Chizzotti (2005), que defendem que uma pesquisa desta natureza deve empreender um esforço contínuo em busca da compreensão das particularidades dos objetos ou fenômenos, assim como as relações que são estabelecidas, percebendo as regularidades, as inconstâncias e contradições, e, principalmente, as complexidades, de maneira a compreender uma dinâmica que está em um tempo, um lugar e possui condições específicas.

Flick (2004) também serve de apoio para esta pesquisa, uma vez que confirma que em um estudo desse caráter não se pretende criar fórmulas e encontrar soluções que possam ser reproduzidas, como em uma produção homogênea em escala. O estudo é único, singular, e não pretende ser tomado como em uma artificialidade de laboratório. Espera-se que ela sirva de ensejo para novas pesquisas, que contribua com novos olhares transdisciplinares para o campo dos Estudos Organizacionais e que sirva de reflexão para os que reservarem um tempo para a sua leitura.

Retomando-se a classificação da pesquisa, utiliza-se como referência Creswell (2010), para definir que a investigação proposta nesta dissertação caracteriza-se como uma abordagem qualitativa de caráter descritivo. Essa utiliza de procedimentos específicos para a análise dos dados coletados, considerando a disponibilidade de diferentes estratégias para a investigação do fenômeno. A pesquisa qualitativa é, portanto, um estudo não mensurável e de análise subjetiva. Nesse tipo de abordagem o pesquisador tem a liberdade de escolher, combinar e até criar as práticas e métodos que se concatenem de forma mais adequada ao objeto e ao contexto que se deseja estudar (DENZIN; LINCOLN, 2006). De acordo com Denzin e Lincoln (2006), no estudo qualitativo, o pesquisador assume o papel de um “*bricoleur*”, um indivíduo que reúne imagens transformando-as em uma colcha de retalhos e essa montagem leva o observador a formar interpretações que tendem a se fundamentar umas nas outras. Assim, torna-se possível ajustar o foco da pesquisa à medida que elementos novos surgem, permitindo o aprimoramento do estudo.

Segundo Creswell (2010), ao se tratar de uma pesquisa qualitativa, em um primeiro momento, o número de pessoas a serem investigadas não é relevante, pois essa abordagem pressupõe uma seleção proposital dos participantes, considerando aqueles que ajudem o pesquisador a compreender em profundidade a questão de pesquisa pontuada. Ressalta-se, então, que nessas pesquisas não há a obrigação de um grupo aleatório ou seleção de um alto número de participantes, havendo na verdade uma escolha pontual dos sujeitos de pesquisa (CRESWELL, 2010). Duarte (2002, p. 143-144) pontua que tudo está sujeito à qualidade dos depoimentos coletados, “assim como da profundidade e de grau de recorrência e divergência destas informações enquanto estiverem aparecendo ‘dados’ originais ou possam indicar novas perspectivas à investigação em curso as entrevistas precisam continuar sendo feitas”.

Dessa forma, diante da pergunta de pesquisa, foram realizadas 17 entrevistas. Participaram desta pesquisa: empregadas domésticas, donas de casa, patroas e patrões. Considerou-se que esses grupos de sujeitos presenciaram mudanças no âmbito da cozinha, mesmo que de formas distintas. Para tanto se seguiu um padrão “bola de neve”, pois nesse caso, “a escolha dos sujeitos se deve a pessoas indicando outras” (VERGARA, 2013, p. 47), considerando que a continuidade das entrevistas se deu até o momento em que os dados coletados mostraram-se repetitivos, sendo então indicado encerrar as abordagens.

O Quadro 3 sintetiza o perfil<sup>27</sup> dos sujeitos de pesquisa que foram abordados, sendo necessárias algumas ponderações. Primeiramente, os nomes que estão sendo apresentados não correspondem aos nomes verdadeiros dos entrevistados, respeitando o direito de anonimato firmado pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido usado. Já as categorias idade, escolaridade e classificação em um dos três grupos, foram conservadas. Buscou-se entrevistar sujeitos que fossem emblemáticos para a discussão que está sendo estabelecida nesta dissertação. Nesses termos cabe destacar que todas as empregadas domésticas trabalham, com carteira assinada, em casas de família de classe média alta. Todos os patrões podem ser considerados membros de tal classe econômica. E, as donas de casa se dividem entre

---

<sup>27</sup>Optou-se por trabalhar com empregadas domésticas com carteira assinada, pois estas profissionais apresentaram maior envolvimento com o cotidiano de seus patrões e por isso poderiam evidenciar, com maior clareza, um conjunto de relações sociais estabelecidas no contexto privado. Cabe dizer que independente do fato de trabalhar ou não fora de casa, as donas de casa entrevistadas foram alocadas nesse grupo a partir de duas questões básicas: cozinhar em suas residências e não contar com o apoio de uma empregada. Por fim, os patrões foram escolhidos em função de terem uma trabalhadora doméstica em sua residência que cozinhasse, além de apresentarem algum nível de envolvimento com a perspectiva da cozinha *gourmet*. Assim, evidenciou-se um grupo de entrevistados pertencente à classe média alta.

mulheres que já não trabalham fora e agora cuidam exclusivamente das tarefas domésticas, ou, que ainda trabalham e mantêm ativos os serviços domésticos.

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Grupo</b>
Bruna	41 anos	Ensino Médio incompleto	Empregada doméstica
Michelle	59 anos	Não estudou	Empregada doméstica
Fernanda	48 anos	Ensino Médio	Empregada doméstica
Jussara	51 anos	Ensino Fundamental incompleto	Empregada doméstica
Teresa	38 anos	Ensino Médio	Empregada doméstica
Joana	28 anos	Ensino Médio	Empregada doméstica
Henrique	48 anos	Ensino Superior	Patrões
Lucas	42 anos	Ensino Superior	Patrões
Fernando	61 anos	Ensino Superior	Patrões
Jorge	48 anos	Ensino Superior	Patrões
Flávia	29 anos	Ensino Superior	Patrões
Juliana	69 anos	Ensino Superior	Patrões
Luiza	36 anos	Ensino Superior	Patrões
Isadora	54 anos	Ensino Superior	Patrões
Judite	67 anos	Ensino Superior	Dona de casa
Alice	35 anos	Ensino Médio	Dona de casa
Mônica	69 anos	Ensino Médio	Dona de casa

**Quadro 3 – Perfil dos sujeitos de pesquisa**

Fonte: dados da pesquisa.

Nesta etapa, partindo-se de uma abordagem qualitativa, há “o estabelecimento dos limites para o estudo, a coleta de informações por meio de observações e entrevistas não estruturadas ou semiestruturadas, de documentos e materiais visuais, assim como do estabelecimento do protocolo para registro das informações” (CRESWELL, 2010, p. 212). Foram combinadas algumas técnicas de coleta de dados no transcorrer da investigação. A principal ferramenta utilizada foi a de entrevista semiestruturada. Thiollent (1987) afirma que esse tipo de entrevista é uma estratégia capaz de aproximar o pesquisador do universo cultural dos pesquisados. Dessa forma, o entrevistador, por meio de um roteiro, pode suscitar concepções e opiniões dos participantes (CRESWELL, 2010), sem limitar a entrevista apenas às questões estruturais. Assim, assume-se que o pesquisador deve ter a sensibilidade necessária para conduzir a entrevista, de tal forma que os sujeitos de pesquisa possam se sentir à vontade para responder e para que os resultados auferidos contribuam de diferentes modos com a investigação. Pondera-se ainda que diante das peculiaridades de cada grupo de entrevistados, foram construídos roteiros de entrevista específicos para cada grupo (Apêndices A, B e C).

Na busca por compreender como a cozinha foi construída – e por consequência, ressignificada e reapropriada – utilizou-se como instrumento complementar de coleta de dados a técnica denominada teste de evocação de palavras. Conforme Vergara (2008), nessa técnica o

pesquisador deve solicitar aos sujeitos de pesquisa que mencionem um determinado número de palavras correlacionadas a uma expressão “indutora” específica. Neste estudo a primeira expressão apresentada foi “a mulher na cozinha” e a segunda “o homem na cozinha”. Após a leitura de cada frase os entrevistados elencaram as quatro primeiras palavras que vieram à sua cabeça e, após a definição das palavras, explicaram os motivos que os levaram a evocá-las. A ordem das palavras ditas foi considerada como influenciadora dos significados atribuídos a cozinha, possibilitando melhor compreender a dinâmica simbólica desse território.

Como terceiro instrumento de coleta de dados foi utilizado a fotoelicitação. Nesta técnica os entrevistados são convidados a descrever as imagens apresentadas, atribuir significados e descrever quais sentimentos eles sentem ao analisarem uma fotografia. Creswell (2010) ressalta que o uso dessas fotografias favorece que os participantes se sintam instigados a compartilhar suas realidades, além de ser esse um instrumento criativo na busca de captar a atenção dos respondentes durante a abordagem. Ao mostrar as fotografias (Anexos A, B, C e D, nesta ordem) da cozinha em diferentes períodos do tempo e com diferentes sujeitos, os entrevistados puderam rememorar algumas situações, correlacionando-as com o presente de modo a evidenciar acontecimentos relevantes para a construção e ocupação daquele espaço, como também puderam pontuar modificações relevantes do ponto de vista estrutural e simbólico.

Banks (2009, p. 89) afirma que o uso de fotografias permite evocar memórias, comentários e discussões durante uma entrevista semiestruturada. Já que exemplos “específicos de relações sociais ou forma cultural retratadas nas fotografias podem se tornar a base para uma discussão de generalidades e abstrações mais abrangentes; reciprocamente, memórias vagas podem ganhar foco e acuidade, desencadeando um fluxo de detalhe”.

Para a análise dos dados, referencia-se Cornelsen (2009) para pontuar que a partir do momento em que se toma consciência de que a linguagem não se resume a um mero recurso instrumental de comunicação, mas, principalmente, trata-se de um elemento constitutivo do que se entende como realidade social, exige-se dos teóricos da área uma atenção a análises mais profundas das narrativas. Dessa forma, inicia-se a compreensão de que os vários usos dos discursos apresentam-se fortemente ligados às organizações (CORNELSEN, 2009). Nesse sentido, optou-se aqui pela utilização da análise francesa do discurso. Esta, segundo Fiorin (2003), é propícia aos estudos que consideram aspectos explícitos, implícitos e

silenciados nos discursos. Isso posto, corrobora-se com Faria (2015, p. 67), quando o autor afirma que:

Uma parte pertinente da crítica vinda dos adeptos dos métodos quantitativos decorre do fato de que tem sido comum encontrar textos acadêmicos recheados de transcrições de extratos de entrevistas e de textos impressos, muitas vezes sem explicações sobre quem é o sujeito da fala (qual sua história social), o que o sujeito fala (qual é sua perspectiva no tema), de onde o sujeito fala (em que local, em que espaço político ou organizacional), quando o sujeito fala (em que contexto micro e macro social) e com quem o sujeito fala ao falar, seja com o pesquisador ou outro interlocutor. Tais estratos pretendem ser a comprovação da realidade pesquisada, quando de fato são apenas ilustrações, ainda que significativas, da mesma, pois nestes casos a realidade não foi apropriada pela pesquisa a partir do conjunto das entrevistas, ou seja, de uma correta análise dos discursos contidos nos textos impressos ou nas falas, mas deduzidas de entrevistas subjetivamente selecionadas e trazidas para o interior do texto acadêmico. De fato, não se trata de análise de discurso, mas de transcrição selecionada de trechos discursivos. A rigor, não se trata sequer de análise de conteúdo.

Portanto, utilizou-se a análise do discurso na vertente francesa, conforme a sequência de procedimentos propostos pelo professor Antonio Augusto de Faria, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Esse roteiro<sup>28</sup> é constituído de onze itens de identificação e análise, considerando que juntos eles constituem uma forma consistente de se analisar os discursos em questão. É importante pontuar que o uso de cada um dos itens se deu mediante a pertinência de cada trecho, isto é, os itens foram usados conforme o discurso apresentado. Não houve intenção de exaurir cada trecho, mas evidenciar o que há de relevante em cada fala. Portanto, o roteiro serviu de base para a análise a partir dos onze itens, mas não houve um uso cartesiano de todos os itens em todos os trechos.

Faria (2009) referencia os três primeiros, considerando que em todos há uma relação de identificação e análise, são eles: a análise lexical, que trata dos vocabulários empregados em um enunciado discursivo; os temas e figuras, elementos abstratos e concretos, que estão implícitos ou explícitos nos discursos, como os personagens; e os percursos semânticos estruturados a partir do segundo item. Sendo importante considerar que “as personagens e os percursos semânticos nos quais elas se situam podem ser manifestados explícita ou implicitamente ao longo do discurso; ou podem nem se manifestar, ficando silenciados” (FARIA, 2009, p. 46).

O quarto item refere-se aos aspectos interdiscursivos, segundo Mainguenu (1998), pode-se entender esse interdiscurso como um grupo de discursos, como também se pode considerar a

---

<sup>28</sup>Sistematizado por Saraiva (2009).

relação estabelecida entre um discurso específico e seu conjunto de unidades discursivas. Fiorin (1999, p. 231) acrescenta que a identidade assumida por um discurso depende diretamente da “sua relação com os outros, isto é, que ele não se constitui independentemente a outros discursos, para, em seguida, pôr-se em relação com eles, mas se constrói, de maneira regrada no interior dessa oposição, definem-se nos limites dessa relação polêmica”.

Já o quinto item do roteiro de análise francesa do discurso se refere aos aspectos da sintaxe discursiva. Essa se refere à estrutura que origina a construção do discurso, sendo o modo pelo qual o enunciado é constituído estruturalmente, podendo incluir diversas figuras de linguagem, como metáforas, hipérbolos, prosopopéias e metonímias nesse processo. O sexto item de identificação e análise são os aspectos refletidos e refratados nos discursos. Para Bakhtin<sup>29</sup> (2006) a refração linguística pode ser vista como um tipo de estratégia que parte da ressignificação dos temas apresentados nos discursos. Segundo o autor, todo aspecto é refletido linguisticamente, permanecendo o sentido que lhe foi atribuído socialmente e ao mesmo tempo é refratado ou reinterpretado, conforme os referenciais dos seus enunciadores. De forma relacionada, o procedimento sete diz respeito às condições sociais de produção do discurso, assim identificam-se os elementos sociais que influenciam a produção desses. Já o item oito, corresponde aos discursos especificamente contidos na produção social dos textos, que devem ser identificados e analisados.

Os nono e décimo passos do roteiro de análise francesa do discurso referem-se à observação dos aspectos ideológicos contidos nos discursos, sendo eles os defendidos e os combatidos respectivamente. Como já dito, os discursos são constituídos socialmente. Desse modo, sempre há uma posição imanente a um dado enunciado discursivo; assim, como não se pode falar em neutralidade no discurso, sempre haverá um posicionamento ideológico em defesa ou em contrário. De forma relacional, o décimo primeiro e último passo do roteiro discute a posição do texto em relação ao discurso hegemônico na sociedade em que se está situada, sendo que dessa forma nesse item se coteja qual a posição em que o enunciador está enquadrado, ou alinhado ao a perspectiva dominante ou a um discurso marginal. Esse último item, aliado aos demais, permite um alinhamento pertinente a uma análise francesa do

---

<sup>29</sup>É importante mencionar que a “teoria da linguagem de Bakhtin, em sua concepção dialógica, proporciona a apreensão de um processo de compreensão de um referencial heurístico (enquanto procedimentos pelos quais o sujeito, através de processos, regras ou métodos, descobre o sentido das palavras) de grande valia para a compreensão da estratégia de análise do discurso” (FARIA, 2015, p. 62-63).

discurso, ao possibilitar ao pesquisador extrair de diferentes formas os significados contidos nos discursos que são constituídos socialmente.

É importante mencionar que a “mediação”, constatada na produção do conhecimento diante do exercício da análise do discurso, precisa considerar os vários sentidos que constituem as relações para que se alcance os significados, quer dizer, em busca do que se pode taxar como “equilíbrio analítico” na atividade de interpretação dos discursos e dos respectivos sentidos atribuídos. Havendo sempre um monitoramento para que não se ceda às articulações mais cômodas do empirismo, da descrição e da transcrição simplória, como também não se mantenha refém de esquemas previamente escolhidos (FARIA, 2015).

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A presente seção será apresentada em quatro blocos separados, porém, todos amplamente interligados à discussão estabelecida nesta dissertação. O primeiro versa sobre os resultados auferidos a partir do Teste de Evocação de Palavras e da Fotoelicitação, ambos os instrumentos foram valiosos para esta pesquisa, pois permitiram um refinamento dos dados e uma complementação interessante. O segundo traz algumas considerações sobre o cotidiano da cozinha doméstica a partir das vivências dos sujeitos de pesquisa, salientadas de prazer e desprazer. O objetivo da terceira etapa é estabelecer quais são as demarcações que foram e ainda são estabelecidas pelas relações sociais de gênero e raça no território da cozinha. Por fim, problematiza-se o que há por trás dessa “nova” cozinha que, conforme constatado empiricamente, vem recebendo um maior valor a partir do selo de “espaço *gourmet*”.

### 4.1 Evocando palavras e significados: a materialização de preconceitos

O primeiro item traz a análise do Teste de Evocação de Palavras. Já no segundo são apresentados, bloco a bloco, os resultados da Fotoelicitação. Os dados auferidos a partir de ambos os instrumentos funcionam como uma primeira reflexão para os tópicos 4.2, 4.3 e 4.4.

#### 4.1.1 *Um território (re)apropriado?*

Este tópico foi construído a partir das respostas coletadas da seguinte questão: “ao ler e/ou escutar a expressão “a mulher na cozinha” e “o homem na cozinha”, quais são as quatro primeiras palavras que vêm à sua cabeça?”. Para tanto, estruturou-se a Tabela 1 e 2, para facilitar a visualização dos dados e a relevância de cada informação dentro do contexto de análise. Chegou-se a um total de 11 categorias (Tabela 1) e 13 categorias (Tabela 2) distintas, porém, altamente relacionadas dentro do escopo de discussão. As colunas 2, 3 4 e 5 da tabela representam o número de vezes que a categoria foi citada, respeitando a ordem de evocação. Em seguida está o somatório das frequências de cada item, além da ordem média de evocação, que é uma média ponderada de cada categoria em relação ao momento em que a expressão foi dita.

A ideia básica é que quanto menor for a ordem média, maior será a importância da categoria, pois indicará que as palavras foram evocadas com maior ênfase nas primeiras posições. Porém, deve-se considerar que quando algumas palavras não são citadas em nenhuma das quatro posições, haverá uma interferência no resultado, pois a operação desse espaço vazio é zerada e isso pode ocasionar um saldo ilusório. Como já dito, o teste de evocação de palavras não é um instrumento que permite chegar a resultados definitivos, mas ele contribui e muito para uma primeira compreensão. A defesa por uso qualitativo do método<sup>30</sup> também está amparada no fato de que após elencar as 4 palavras em relação à sentença, o entrevistado foi convidado a escrever os motivos que o levaram a indicar aquelas palavras e a sua ordem específica. Assim, apresentam-se os primeiros resultados na Tabela 1.

<b>A MULHER NA COZINHA</b>						
<b>Principais Categorias</b>	Frequência: Evocação em 1º lugar	Frequência: Evocação em 2º lugar	Frequência: Evocação em 3º lugar	Frequência: Evocação em 4º lugar	Somatório das Frequências	Ordem Média de Evocação
<b>Utensílios de Cozinha</b>	3	3	3	0	9	2,00
<b>Alimentos cotidianos</b>	2	1	2	4	9	2,89
<b>Espaço feminino</b>	3	2	0	1	6	1,83
<b>Estar em família</b>	1	2	2	1	6	2,50
<b>Trabalho</b>	2	0	2	2	6	2,67
<b>Organização</b>	2	1	1	0	4	1,75
<b>Amor</b>	0	1	2	1	4	3,00
<b>Preconceito</b>	2	1	0	0	3	1,33
<b>Realização</b>	0	2	1	0	3	2,33
<b>Tradição</b>	1	0	1	1	3	2,67
<b>Culinária</b>	0	0	2	1	3	3,33
Total	16	13	16	11	56	26,31

**Tabela 1 – “A mulher na cozinha”**

Fonte: Dados da pesquisa.

Todas as palavras que englobam uma categoria foram importantes, pois agrupadas forneceram indícios para o estabelecimento de questões de debate. As categorias mais citadas para a expressão “a mulher na cozinha” foram “utensílios de cozinha” e “alimentos cotidianos”. Embora ambas tenham sido evocadas nove vezes cada, a primeira se destacou pela frequência com que foi citada nas primeiras posições. Por incrível que possa parecer, surgiram inúmeras palavras distintas, desde talheres até panelas e eletrodomésticos, como o fogão. Como poderá

<sup>30</sup>A apresentação dos resultados foi possível mediante a um grupo de operações simples, como somatório e média ponderada. Destaca-se que o uso de tais regras não configura o método como uma abordagem quantitativa, já que tais operações permitem apenas o estabelecimento de um ranking entre as categorias, o que já seria possível com uma simples análise de todo o material.

ser observado nos tópicos seguintes, vários sujeitos citaram o fogão de lenha como lembrança de suas vivências na cozinha doméstica e isso ficou espelhado no teste de evocação de palavras. No entanto, há de se considerar o cunho machista nessa categoria em especial, tanto nas palavras que foram citadas, quanto em algumas das explicações como a de Lucas que disse: “a mulher pilota o fogão”. A categoria dos alimentos esteve muito relacionada à dos “utensílios”, quase como um complemento imediato da maioria dos entrevistados. Essa relação diz muito do imaginário que se estabelece de que a cozinha “é o lugar da mulher”.

Logo, outra categoria que chamou atenção foi a do “espaço feminino”. Lucas inclusive chegou a listar quatro mulheres distintas na seção das palavras, sendo “mãe”, “empregada”, “esposa” e “bisavó”, nessa ordem. Muito dessa categoria foi descrito durante as entrevistas e apresentado nos tópicos seguintes. Cabe notar duas das explicações feitas por Henrique. Primeiro, ao evocar a expressão “dona da casa”, fez questão de sublinhar e enfatizar o uso do conectivo “da” ao invés do uso tradicional “de”. Segundo ele dizer “dona de casa” pode soar preconceituoso, já que a mulher para ele é o eixo da família. Ele ainda completa sua justificativa dizendo que “a sociedade brasileira é matriarcal, onde o ponto de equilíbrio de uma família se encontra em uma mulher, que deve ser forte, humana, líder e fiel. A cozinha é o local onde a mãe dá as diretrizes da casa”. Essa passagem deixa refletido o papel central que concede à mulher e valorização que ele diz ser fundamental. No entanto, fica refratado ao observar a descrição que ele faz de como a mulher deve ser, as vantagens que ele vê em possuir uma esposa com essas características e a manutenção do contrato sexual do casamento descrito por Pateman (1993). Portanto, o termo “matriarcal” ganha sentidos próprios em seu discurso, silenciando o seu discurso patriarcal.

A categoria “estar em família” também foi evocada um número considerável de vezes e trouxe a tona uma perspectiva que é muito próxima dos mineiros, notoriamente conhecido como um povo que gosta de se reunir em família. Depreende-se que essa categoria surja após a expressão “a mulher na cozinha”, pois indica a relação que muitas famílias possuem com uma figura feminina na cozinha. O exemplo mais claro é a figura da avó, citada pela maioria dos entrevistados, como alguém capaz de reunir toda uma família em um espaço de confraternização. Além disso, surgiram categorias como “amor”, “organização” e “realização”. Juntas essas três categorias podem ser apontadas como os principais requisitos que uma pessoa deve ter e sentir para cozinhar. As pessoas que evocaram as palavras que

formaram essas categorias, fundamentalmente, foram os sujeitos de pesquisa que manifestaram um maior prazer ao cozinhar.

Em contraponto à categoria da “realização”, surge a categoria “trabalho”, com a representação da cozinha enquanto espaço de obrigações. Como também será visto ao longo desse capítulo, foram inúmeras as falas, algumas quase como queixas, que há um trabalho árduo na atividade da cozinha e quase nunca isso é valorizado, como dito por algumas entrevistas, que buscam em “palavras de incentivo e elogios” um motivo para continuar. Tendo em vista que a atividade estabelecida cotidianamente pelas donas de casa e empregadas domésticas não recebe a mesma importância que a de uma cozinha *gourmet*, por exemplo, surge a categoria “culinária”, como se estabelece numa relação inferior com o cozinhar. Como dito por Jorge: “quando se fala em alta gastronomia a mulher é colocada em segundo plano”. A partir disso fica implícita a relação machista que se estabelece no senso comum entre mulher e culinária, e homem e gastronomia.

Por fim, as categorias “tradição” e “preconceito” parecem se ligar para transmitir uma mensagem importante, uma vez que as explicações dizem muito sobre as razões que contribuíram para a formação de tais categorias. Jorge chegou a dizer que “como um dom, a mulher por tradição e necessidade parece vir programada geneticamente para esta função”. Fica explícita a concepção que ele possui de divisão de papéis e a explicação biológica falha que ele utiliza. Ao dizer “parece vir programada” fica refratado que para ele é impossível uma mulher não querer cozinhar. Há um forte aspecto ideológico defendido e ao mesmo tempo um silenciamento sobre os possíveis desdobramentos dessa perspectiva, já que se oculta a questão a partir da naturalização do que foi dito. Quase que como uma resposta, surge a categoria “preconceito”, sendo que a fala de Judite parece ter caído como uma “luva” em resposta ao posicionamento de Jorge. Segundo ela “ao ler a expressão ‘a mulher na cozinha’ já pensei direto na palavra preconceito, porque diz muito da minha história em que sempre ouvi que lugar de mulher é na cozinha”. Diante desses dois enunciados, não há como negar a validade dessa pesquisa, pois se ainda existem posicionamentos e queixas como as apresentadas, é sinal que ainda há muito que ser discutido e problematizado.

Os dados da Tabela 2 reforçaram tal necessidade e serviram de reflexão para muitos dos entrevistados, que se viram surpreendidos com a segunda questão “o homem na cozinha”. No momento das entrevistas, nenhum dos sujeitos de pesquisa recebeu imediatamente as duas

questões. Primeiro responderam sobre “a mulher na cozinha” e apenas depois receberam o formulário com a segunda pergunta. Essa dinâmica de distribuição, intencionalmente planejada antes do início da coleta de dados, trouxe grandes revelações, como se pode comparar a seguir, na tabela 2.

<b>O HOMEM NA COZINHA</b>						
<b>Principais Categorias</b>	Frequência: Evocação em 1º lugar	Frequência: Evocação em 2º lugar	Frequência: Evocação em 3º lugar	Frequência: Evocação em 4º lugar	Somatório das Frequências	Ordem Média de Evocação
<b>Bagunça</b>	5	5	0	0	10	1, 50
<b>Diversão/Relaxamento</b>	0	1	5	2	8	3, 13
<b>Bebidas e Aperitivos</b>	1	1	2	1	5	2, 60
<b>Machismo</b>	1	1	1	2	5	2, 80
<b>“Chique”</b>	1	1	1	1	4	2, 50
<b>Palpite/Crítica</b>	1	1	1	1	4	2, 50
<b>Apoio</b>	0	1	2	1	4	3, 00
<b>Chef</b>	0	1	1	2	4	3, 25
<b>Inovação</b>	2	0	0	1	3	2, 00
<b>Profissionalismo</b>	1	1	1	0	3	2, 00
<b>Objetividade</b>	1	1	1	0	3	2, 00
<b>Gourmet</b>	1	0	2	0	3	2, 33
<b>Necessidade</b>	0	0	2	1	3	3, 33
Total	14	14	19	12	59	32, 94

**Tabela 2 – “O homem na cozinha”**

Fonte: dados da pesquisa

A palavra mais evocada e que acabou se tornando uma categoria foi “bagunça”. Várias entrevistadas citaram essas palavras e é importante considerar que ela foi evocada apenas nas duas primeiras posições, deixando ainda mais evidente a sua percepção no cotidiano. Como será visto, principalmente nas subseções 4.2 e 4.3, várias entrevistadas disseram que seus maridos, pais e filhos geralmente não cozinham em casa, e quando o fazem acabam sendo desorganizados. O que fica silenciado é que na presença de tal situação, a escolha que se toma geralmente não é o questionamento pela infração, mas a apropriação da tarefa, pois em meio a tantos problemas cotidianos, “é mais fácil a mulher ir à cozinha e resolver logo a situação”.

Em comparação com a categoria “alimentos cotidianos” da tabela 1, surge a categoria “bebidas e aperitivos”. Foi muito curioso notar que até mesmo na citação dos alimentos, há uma “distribuição” conforme as premissas de apropriação da cozinha por gênero. Enquanto após a indagação “a mulher na cozinha” surgiram palavras na categoria “alimentos cotidianos” como: óleo, alho e temperos, após a expressão “o homem na cozinha” os alimentos que foram citados se referiram a aperitivos diversos e bebidas como vinho e

cachaça. Não é difícil associar esses itens como alimentos práticos e sem grandes questões para a elaboração, sendo ideal para a materialização de apropriações momentâneas. Muito do que é discutido no senso comum esteve presente no grupo de palavras citadas, demonstrando que há naturalização de estereótipos até mesmo em pequenos detalhes.

Em conjunto, as categorias “machismo”, “palpite/crítica” e “apoio” indicaram algumas relações interessantes. Cinco das entrevistadas chegaram a citar a palavra “estranho” em suas explicações, para descrever a expressão “o homem na cozinha”. Fica implícito que a apropriação desse sujeito não tende a ser vista como algo real, tendendo talvez para uma total impossibilidade. Esse grupo de categorias é o resultado das considerações de grupo específico de pessoas, mas que merecem toda atenção e análise. Alice chegou a dizer que é “complicado esperar que o homem sempre ajude a esposa em casa” e Juliana disse “o homem é apenas um reforço, uma ajuda na produção”. A partir de uma análise lexical e a compreensão do percurso semântico, é sempre significativo considerar que quem se dispõe a ajudar, cria a condição para abandonar o auxílio quando desejar, e isso deve ser considerado para que eufemismos sejam evitados.

Surgiram também categorias como “profissionalismo”, “objetividade” e “necessidade”. Estas três categorias servem como diferenciadores em correspondência à posição da mulher na cozinha. Falar em profissionalismo em associação aos homens é o mesmo que dizer que se assegura a eles a condição de habitar o público, e a mulher, o privado. A categoria “objetividade” atua como adjetivo de valorização e há de se considerar que o oposto, que poderia ser “falta de foco”, fica como uma questão feminina. Já “necessidade”, talvez o item mais alarmante, serve para dizer que ao homem é dada a condição de cozinhar por conveniência, o que também não pode ser dito para muitas mulheres. Como dito por Isadora: “o homem pode até estar evoluindo, mais ainda acha que o dia a dia da cozinha é uma obrigação da mulher”.

Em complemento às considerações anteriores apresenta-se a categoria “diversão/relaxamento”. Já que não é uma “obrigação”, foi possível constatar que oito dos entrevistados entendem que os homens vão para a cozinha por “*hobby*” e isso diz muito sobre a divisão sexual do trabalho. A atividade de cozinhar, como qualquer outra, tende a ficar mais prazerosa quando você pode escolher quando, como e para quem será preparada a refeição. Como descrito por Luiza, uma das entrevistadas, “quando o homem quer cozinhar é com

paixão”. Essa questão alicerça a base da argumentação que contribui para a formulação de categorias como “inovação”, “chique”, “*chef*” e “*gourmet*”. Parece que o homem surge como uma figura nova na cozinha doméstica e a sua apropriação sazonal incorpora rótulos de classificação superior, como “chique” e “*gourmet*”. Associar a palavra “*chef*” à expressão indutora “o homem na cozinha” representa uma valorização do responsável pela cozinha. Seria viável dizer que fica refratado que já que ao se pensar no homem na cozinha pensasse em um “*chef*”, pensar em uma mulher seria o mesmo que pensar em uma “cozinheira”?

A grande questão levantada a partir do teste de evocação de palavras diz respeito à qualificação que se concede tomando como critério básico de diferenciação o gênero. Observar e cruzar os resultados das Tabelas 1 e 2 é o mesmo que evidenciar uma hierarquia entre homens e mulheres. Dada a organização da pesquisa e a escolha minuciosa de cada um dos entrevistados, é impossível desconsiderar os discursos apresentados e os significados depreendidos de cada sentença. Ainda há muito que ser problematizado e o tópico seguinte serve como um complemento ao que foi discutido nesse item.

#### *4.1.2 Gênero, raça e territorialidade: olhares distintos*

Neste tópico serão divulgados os resultados advindos do instrumento da fotoelicitação. Como já descrito no percurso metodológico, foram apresentadas quatro imagens a todos os entrevistados. A ordem das imagens foi decidida de forma intencional (Anexos A, B, C e D, nesta ordem), pois o intuito foi delinear uma sobreposição de temáticas em relação ao gênero, a raça e a territorialidade. Os sujeitos são diferentes, os espaços são distintos e os modos de apropriação, também o são. Os resultados serão apresentados em blocos de acordo com os grupos, iniciando pelas donas de casa, depois pelas empregadas e por fim, com as falas dos patrões. Cabe dizer que o símbolo “(..)” é apresentado em cada trecho como um marcador da mudança de imagem. Identificamos o a imagem em foco entre colchetes. Fizemos a opção de manter as quatro falas de cada entrevistado sobre cada uma das imagens apresentadas, pois o objetivo é mostrar a transição dos significados que foram atribuídos conforme cada imagem. Iniciamos então com as fotoelicitções das donas de casa.

#### 4.1.2.1 Donas de casa

[Sobre a imagem 1] **Um tempo bom**, sabe? Hoje em dia a gente quase não vê essas panelas, **a comida era diferente, era mais saborosa**. Isso aqui é **fartura**... Acho que é **um sentimento de saudade** o que define (...) [Sobre a imagem 2] **Um homem preocupado com a família**, com a alimentação, **dedicação**... Ele tem **prazer em cozinhar** (...) [Sobre a imagem 3] **Essa é dedicação, essa sim é!** Você vê que é uma pessoa feliz em uma **cozinha maravilhosa, moderna, bonita, prática, mas ela não parece que cozinha rotineiramente**, ela **parece uma patroa**... **Uma doméstica não faz isso não**. Essa **cozinha da vontade de ter uma igual** lá em casa ((risos)) (...) [Sobre a imagem 4] Acho que isso aqui é **modernidade** mesmo, além dos homens estarem buscando mais a cozinha, **eles estão mostrando que eles também sabem mexer** com a cozinha, que **eles também tem o dom** para cozinha, **mas isso aqui é cozinha de vez em quando**... A carinha dele tá muito boa ((risos)) **ele parece ser um patrão que tá ali cozinhando só para ensinar, só para se mostrar**. (Alice)

No primeiro trecho fica explícita a ideia de que a cozinha da época, representada na primeira imagem, a de uma mulher negra na cozinha, tende a representar a ideia de fartura. Há um o discurso do saudosismo, evidenciado na passagem “um tempo bom, né?”. Ao completar essa fala com uma interrogação, Alice busca a confirmação do entrevistador. Por ter passado parte de sua vida no interior de Minas, ela acaba reforçando o “sentimento de saudade”, a partir de memórias de infância.

Ao analisar a segunda imagem, ela volta a sugerir um sentimento de satisfação ao cozinhar, mas com o significado de “dedicação” que ela atribui à figura do homem. Quando afirma “um homem preocupado com a família”, fica refletida a ideia de que é uma posição comum a toda figura masculina, segundo Alice. No entanto, nota-se a refração quando ela diz que se demanda uma dedicação, seguida de um prazer em cozinhar, deixando implícito que se não houver satisfação, não haverá o ato de cozinhar por parte do homem. Os termos evocados a partir das duas primeiras palavras deixam claro que ela naturaliza a posição do homem e da mulher negros na cozinha sem atentar para as variações, como já pôde ser visto em seguida.

Surge com a terceira imagem, de uma mulher branca na cozinha, não só a ideia de dedicação e prazer, como também o sentimento de desejo por uma cozinha “maravilhosa, moderna, bonita e prática”. Aparece o tema da cozinha desejada, junto com o percurso semântico da cozinha perfeita enquanto fonte de prazer. Ao valorizar a cozinha da imagem, que é *gourmet*, Alice parece se distanciar do saudosismo da primeira cozinha e termina por ressignificar o seu desejo inicial ao dizer que “da vontade de ter uma igual”. O trecho “não parece que cozinha rotineiramente”, afasta o pressuposto da dedicação integral e ratifica a apenas o princípio do

prazer ao cozinhar. Há um discurso de elitização da cozinha quando ela afirma que a mulher representada na imagem é uma patroa, pois além de não se parecer com uma empregada – pois ela é branca – não transita ou coordenada à cozinha como uma empregada, já que “uma doméstica não faz isso”. Fica refletida a imagem que Alice possui sobre a apropriação da cozinha por uma empregada, além de ser possível constatar a refração quando se taxa que a postura representada não pode ser de uma empregada doméstica.

A última imagem faz com que Alice enuncie alguns novos significados. Ela retoma o tema da modernidade, mas no trecho “isso aqui é modernidade mesmo”, o percurso semântico se altera, pois se admite que a modernidade verdadeira esteja diretamente relacionada à presença do homem na cozinha. Mas deve ficar claro que não é qualquer homem, mas um homem branco. Quando ela diz “eles estão mostrando que eles também sabem mexer”, fica explícito que ela percebe que os homens estão assumindo com maior frequência a cozinha, mas fica implícito que ela percebe uma mudança de comportamento. Ao dizer “eles também tem o dom”, fica refletido o discurso machista de que as mulheres possuem esse “dom” por natureza, enquanto o homem está se esforço para demonstrar uma capacidade proporcional ou superior. Mesmo com toda essa mudança que Alice diz perceber, acaba dizendo que essa cozinha do homem é momentânea e por isso ele está com uma “carinha” boa, o que retoma o debate da cozinha por obrigação e por prazer. Por fim, pelos mesmos critérios da imagem anterior, ela também o caracteriza como patrão, possivelmente por ser branco, e indica que ele está cozinhando “para ensinar” e “para se mostrar”, o que fortalece a ideia de essa figura masculina é detentora de um conhecimento específico e que ele busca algum tipo de exposição e reconhecimento por sua tarefa.

[Sobre a imagem 1] Aqui é **simplicidade... É bem a novela, né?** ((risos)) Você vê que é **uma pessoa que trabalhava com carinho, mesmo estando só ali na cozinha...** Humildade (...) [Sobre a imagem 2] Esse aqui eu já **vejo um profissionalismo**, mesmo a cozinha não sendo tão elaborada eu vejo aqui um profissional. Me **traz um sentimento bom de superação** (...) [Sobre a imagem 3] Essa aqui **eu já vi ela na televisão. É uma cozinha mais elaborada, mais convidativa, é o diferente mesmo é a alegria, a satisfação em fazer**(...) [Sobre a imagem 4] Ah... Também, eu já assisti esse rapaz. **Alegria, satisfação, profissionalismo... Tudo. Um sentimento de gostar do que faz.** Essa é **uma cozinha gourmet e ele não tem cara de quem cozinha todo dia, é mesmo ali para fazer o programa** ((risos)). (Mônica)

A segunda entrevistada, Mônica, pontua a palavra “simplicidade” para a primeira imagem, a da cozinheira negra. Ao associar o termo a uma condição retratada em novelas, a entrevistada remete a um contexto histórico de subordinação. Deixa explícito como a mídia retrata a figura

da doméstica, além de ficar implícito o entendimento da entrevistada de que mesmo “estando só ali na cozinha”, a personagem trabalhava com carinho. Há um silenciamento discursivo de situações discriminatórias em face de um eufemismo das relações sociais.

Esta situação fica clara até no momento que ela usa o termo “superação”, para falar do homem negro da segunda imagem. A entrevistada enxerga certo nível de “profissionalismo” ao visualizá-lo na cozinha. Sem adentrar na seara de discussão sobre o espaço da segunda imagem, sendo ele doméstico ou público, Mônica atribui ao homem a condição de trabalho assalariado, por usar o termo profissionalismo, isto é, ele não é o patrão. Tem-se assim o aspecto refratado da impossibilidade de um homem negro ser o patrão, bem como há a reflexão de que a troca de sexo sugere uma profissionalização, o que reforça o discurso sexista.

As terceira e quarta imagens, respectivamente de mulher e homem brancos, serviram para reforçar um teor ideológico defendida por Mônica. Ela já inicia comentando que conhece a *chef* de cozinha apresentada na imagem, o que indica um consumo do segmento televisivo de comida *gourmet*. Ao dizer que aquela é uma cozinha mais “convidativa” e que passa um sentimento maior de “alegria” do que as duas anteriores, Mônica indica qual segmento lhe atrai mais do ponto de vista concreto e simbólico, como também é dito diante da última imagem. O tema “profissionalismo” é retomado para contextualizar a figura masculina, e o discurso da cozinha *gourmet*, enquanto fonte de prazer e satisfação, também é reforçado. Quando ela afirma que também já assistiu ao programa do apresentador e que “ele não tem cara de quem cozinha todo dia”, mas que mesmo assim ela atribui a ele um *status* de profissional, Mônica não só corrobora com um discurso da “supremacia” masculina, como também silencia as diferentes relações e condições a que cada personagem estava sujeito.

[Sobre a imagem 1] A primeira coisa que me chamou a atenção foi **a expressão da senhora** é... Ela... Quer dizer... me **vem aquele sentimento de obrigação**. Coitada. Ela está tomando conta disso. No entanto, é **uma cozinha muito bonita com esse fogão a lenha**. Lembra a minha época de **infância**. (...) [Sobre a imagem 2] Me parece uma pessoa muito feliz realizando o seu trabalho de cozinha, **independente de qualquer coisa, muito feliz com o trabalho**. Um sentimento de alegria, por ver que ele está alegre. **Normalmente, quem está na cozinha é um serviçal, certo? Mesmo se fosse um empresário seria um serviçal**. Remete-me a **um sentimento de inferioridade... É o sentimento que passa**. (...) [Sobre a imagem 3] Essa é a Rita Lobo, **chiquíssima, uma cozinha tão bem arrumada.... Jamais na nossa história de vida teve alguém na cozinha desse forma**. No entanto, **ela não parece uma serviçal. Talvez por não ter um avental, a roupa que veste**. Ela está alegre, acho que é a forma de se apresentar para a cozinha. Aparentemente **ela nem parece**

**ser uma cozinheira. Essa cozinha é agradável aos olhos (...)** [Sobre a imagem 4] **É... Aqui ele está com a mão na cozinha, então ele parece um serviçal, mas aqui é um serviçal mais apresentável. Aqui ele pode ser o patrão, porque se ele não estivesse cozinhando ele poderia ser um empresário.** Essa foto é a **imagem de alegria... De uma pessoa se metendo a cozinhar.** Uma pessoa que **não é serviçal está só se metendo a cozinhar. É muito preconceito, né?** ((risos)). (Judite)

O discurso de Judite talvez seja um dos mais emblemáticos, pois ela exemplifica, por meio de sua fala, o sistema de hierarquização conforme gênero e raça. Inicialmente, ao atentar para a expressão da primeira personagem, surge o percurso semântico do trabalho enquanto obrigação para a mulher negra na cozinha. Nesse momento, a principal questão que se apresenta não é exatamente a discussão de gênero, mas a de raça. Fica implícito que ela associa a figura ao tempo da escravidão e ao dizer a palavra “coitada” é possível inferir que há a refração, pois ela acaba afirmando que não há outra possibilidade para aquela personagem. Ela ameniza a situação diante do espaço agradável que a remete à sua infância, mas logo em seguida remota o seu discurso, reforçando a ideia de fisicamente próximo e simbolicamente distante (TEIXEIRA, 2015). Sobre a segunda imagem, ao dizer “independente de qualquer coisa”, fica refletido que existem questões que inferiorizam aquela tarefa ou o sujeito na respectiva função. Há a presença de um discurso burguês de superioridade no momento em que indica “um sentimento de inferioridade”, mas principalmente quando afirma que “normalmente, quem está na cozinha é um serviçal”. Surge o tema da subordinação e o percurso semântico da cozinha enquanto espaço para tal. Impossível distanciar a relação que Judite faz entre o espaço e uma raça (negra), principalmente pelo que enuncia em seguida.

Quanto à terceira imagem, antes de mais nada, ela reconhece a personagem, a chama pelo nome, lhe atribui o adjetivo “chiquérrima”. Finaliza elogiando aquele espaço e dizendo que “jamais na nossa história” alguém se apropriou da cozinha daquela forma. Há uma nítida personificação do sujeito e do espaço ideal, demonstrando uma qualificação bem vista pela entrevistada. Ao contrário do segundo personagem, a terceira não se parece com uma serviçal, segundo Judite, pois ela “não usa avental” – quando se sabe que não são os artefatos que caracterizam a “aparência” de serviçal, mas a cor da pele. A primeira contradição vem à tona, afinal, a mesma entrevistada havia dito que “quem está na cozinha é um serviçal”. A palavra “normalmente” poderia, mas nesse caso não serve como atenuante, pois ela repete o discurso racista, mesmo que de forma não intencional, ao descrever a última imagem.

Dizer “ele é um serviçal mais apresentável” e logo em seguida dizer “não é serviçal está só se metendo a cozinhar”, só reforça um aspecto ideológico, já que se trata de um homem branco. O termo “se metendo” deixa refletido o pressuposto de que ali não é o lugar para aquela figura, isto é, ele está ali só de passagem por diversão, já que “se ele não estivesse cozinhando ele poderia ser um empresário”. Associar o tema da alegria as duas imagens finais, deixa implícito que os dois últimos personagens cozinham por prazer e os dois primeiros, por obrigação. A fala de Judite é tão marcante que ela, mesmo rindo ao final, percebe que está contribuindo para uma ideologia racista, pois conclui dizendo “é muito preconceito, né?”. Como síntese é possível afirmar que as donas de casa, nem sempre ciente de onde falam, recriam a partir de suas falas, sistemas que elas próprias condenam ou deveriam condenar. No entanto, foi possível perceber semelhanças nesse sentido com as fotoelicitações das empregadas domésticas.

#### 4.1.2.2 Empregadas domésticas

[Sobre a imagem 1] Ah que **legal... é um sentimento bom, um bom sentimento... De estar na cozinha, feliz...** Fazendo as coisas que você gosta. **Essa aqui é uma cozinha boa, mas hoje o povo gosta mais é daquelas cozinhas chiques, né? Não suja a mão...** Então **eles preferem (...)** [Sobre a imagem 2] Essa aqui é **cozinha chique, né?** Cozinha linda e maravilhosa, mas eu acho que ele cozinha com mais prazer. Existe muito preconceito... **O Brasil é muito preconceituoso... Eles são preconceituosos em tudo, né? (...)** [Sobre a imagem 3] Essa **tem cara de patroa... Essa cozinha aqui é cozinha de rico... Milionário**, mas assim... **Essa cozinha chique não dá pra mim não (...)** [Sobre a imagem 4] Haha ((risos)) **Olha o outro... Ele tá mais pra um cozinheiro maravilhoso... É muito interessante ver uma pessoa como ele cozinhando.** (Michelle)

A fala de Michelle abre o grupo das empregadas domésticas. Interessante notar como logo de início ela se identifica com a primeira imagem, da mulher negra da cozinha, a partir dos termos “que legal” e “um bom sentimento”. Depreende-se que muito dessa associação está ligada à infância da entrevistada no interior do nordeste. A satisfação da entrevista para com a imagem é visível em sua fala, bem como foi em seu olhar no momento da entrevista. Ao dizer que “hoje o povo gosta mais é daquelas cozinhas chiques”, fica explícito que esse não é um sentimento compartilhado por Michelle.

Na imagem seguinte, do homem negro, ela teve a possibilidade de exemplificar o que ela entendia por “cozinha linda e maravilhosa”, mas lembrou um cenário de preconceito. Nesse momento não há como perceber se ela se refere a um item sexista ou racista, ou ambos. Além

disso, é possível perceber o percurso semântico da cozinha moderna enquanto fonte de *status* social e distinção.

Ao tratar da terceira imagem, da mulher branca na cozinha, expressões como “não suja a mão... Então eles preferem”, “cozinha de rico... Milionário”, e “Essa cozinha chique não da pra mim não”, exemplificam essa ideia. Na quarta imagem, do homem branco, por fim, o riso inicial e a fala “interessante ver uma pessoa como ele cozinhando”, permitem considerar a refração de que a presença daquele sujeito em uma cozinha é para Michelle, no mínimo, estranha. Logo, de que a apropriação sazonal daquele lugar por um homem branco, assumindo-o como patrão, remete a um conjunto de relações sociais que estão além de um breve cozinhar.

[Sobre a imagem 1] Ah... Eu acho que é... Aqui **pra mim já era naquele tempo de escravo, não pelo fato dela ser morena**, mas é... Aqui não tinha o que nós temos hoje, né? Aqui pra mim... Eu vou te falar que o sentimento que tenho com **essa imagem é de tristeza**. (...) [Sobre a imagem 2] **Aqui pra mim é um momento raro, né?** Porque é raro você ver um homem na cozinha. **Antes a gente não tinha isso de homem na cozinha...** Igual eu falei não tinha isso de homem ir pra cozinha, lavar vasilha, cozinhar... Então **aqui é uma satisfação**. (...) [Sobre a imagem 3] Aqui é **um prazer... Cozinhar em uma cozinha dessa. É uma cozinha que te traz alegria é... Cheia de harmonia, é prazeroso!** Ela tá muito feliz e parece ser a dona. (...) [Sobre a imagem 4] **Aqui um patrão, né? Porque empregado não é!** Se você comparar você vê na **daquele outro moço, ele já era um empregado**, pois ele estava de avental. Agora **o dessa foto, que é um patrão, parece que ele não tem costume não**, viu... Eu tenho pra mim que ele **foi só ali fazer uma coisinha e pronto**. E sobre o sentimento é... **Não fiquei muito satisfeita não, porque essa imagem não é uma coisa verdadeira**. Essa aqui não é não! **De repente ele tava ali até se mostrando pra alguém, né? Tá ali para fazer uma gracinha e pronto.**  
(Bruna)

Ao contrário de Michelle, Bruna não reconhece na primeira imagem os mesmos sentimentos. Nota-se a partir da palavra “tristeza” que a imagem a remete ao tempo da escravidão, como ela mesma afirma. Não há um motivo claro para identificar os motivos que diferenciaram o discurso de Michelle e Bruna, mas Bruna é mais jovem e não teve tanto contato com a típica cozinha do interior mineiro, mesmo não sendo de Belo Horizonte.

Ao reconhecer a segunda imagem como “uma satisfação”, Bruna traz à tona o questionamento a um discurso ideológico sexista, pois, segundo ela “a gente não tinha isso de homem na cozinha”. Esse trecho também deixa claro, a partir da análise lexical, que ela se coloca como parte, isto é, já teve vivências que a fizeram refletir sobre essa situação. O trecho “momento

raro” deixa demarcado que acaba sendo algo comum não ver os homens na cozinha, deixando claro que se trata de um momento sazonal, segundo ela.

É interessante notar que mesmo recriminando a posição quase que exclusiva da mulher à frente da cozinha, Bruna contribui inconscientemente para a manutenção desse imaginário, pois ao observar a terceira imagem ela diz que é algo prazeroso. A questão em si não está resumida ao sentimento de satisfação, mas à rápida associação que Bruna faz entre uma mulher e o ato de cozinhar. Pelo fato de gostar de cozinhar, ela acaba generalizando e associando um gênero específico à atividade. Surge então o percurso semântico da cozinha enquanto espaço de prazer, sendo essa ideia reforçada à medida que foi apresentada a cozinha tida como *gourmet*. Fica explícito que ela atribuir maior valor a essa cozinha, pois além de desejar cozinhar em um espaço como aquele, ela o associa a um reduto de harmonia e alegria, em contraste com o que disse a partir da primeira imagem.

Na quarta imagem, Bruna volta a associar o homem como um sujeito passageiro na cozinha, mas agora ela o qualifica como patrão. É impossível notar que está implícita a relação que ela faz entre a raça e a posição dentro da casa, mesmo não deixando evidente essa questão: o modo como ela demarca que ele é o patrão deixa muitos indícios desse posicionamento. Além disso, Bruna acrescenta o tema da cozinha como espaço de exposição para os outros. Ela diz “de repente ele tava ali até se mostrando para alguém, né?”, deixando claro que o item não está restrito a uma sazonalidade, mas também a um meio de autopromoção. Ao contrário da segunda imagem de um negro na cozinha, a que ela adiciona a palavra “satisfação”, na quarta imagem o sentimento se inverte quando ela diz “não fiquei muito satisfeita não”. O discurso final de Denise já é muito esclarecedor, pois além de dizer que a “imagem não é uma coisa verdadeira”, ela sugere que a razão de tudo é “para fazer uma gracinha e pronto”.

[Sobre a imagem 1] **Um sentimento de prazer? Talvez ela esteja aqui porque ela gosta.** Essa é a tradicional, do dia a dia (...) [Sobre a imagem 2] essa imagem **me traz um sentimento de vazio... Ah não sei...Eu acho a primeira imagem é mais normal de acontecer** porque... É... Pelo fato de ser uma mulher? Pode ser... (...) [Sobre a imagem 3] Essa já é uma cozinha mais requintada, **ela tá mais para patroa... essa é uma cozinha pra de vez em quando, essa não é uma cozinha de todos os dias, né?** (...) [Sobre a imagem 4] ((silêncio)) **Esse aqui é um chef** preparando.. é uma cozinha mais moderna... **ele parece ser um patrão.** (Jussara)

Assim como Michelle, Jussara, ao olhar para a primeira imagem, associa prazer em relação à atividade e ao local, deixando explícito que para aquela mulher, negra, estar na cozinha trata-

se de uma cozinha cotidiana. No entanto, o termo “talvez” deixa implícito que a entrevistada fez associações da imagem a uma obrigação, que pode não proporcionar à personagem uma satisfação completa. Já a segunda fala retoma um discurso sexista, mesmo que de forma inconsciente, Jussara também contribui para a defesa dessa posição. “Me traz um sentimento de vazio” e depois “a primeira imagem mais é mais normal de acontecer”, suscitam a reflexão de que o papel central da cozinha é da mulher – do que a própria Jussara se dá conta na sua fala – e a refração de que há algum tipo de anormalidade quando há um homem na cozinha. As falas a partir da terceira e quarta imagem, novamente, deixam transparecer a associação feita entre a raça no espaço doméstico, pois os dois personagens são brancos e Jussara os associa a patrões. A ideia de uma cozinha mais requintada, porém passageira, é corroborada por Jussara, que finaliza sua fala concedendo o título de “*chef*” para o último personagem. Nesses termos, torna-se impossível desconsiderar que o discurso do senso comum e a cristalização de vários estereótipos favorecem a criação de um sistema de hierarquização conforme as relações de gênero, raça e territorialidade, afinal, as apropriações são vistas de formas distintas.

[Sobre a imagem 1] Essa é **uma imagem de tristeza**. Ela **está muito triste** nessa foto e **a cozinha dela também está triste**. **É muito preconceituosa essa imagem**. **É uma cozinha bem antiga**. (...) [Sobre a imagem 2] Essa **está mais superficial**, **não está parecendo que é uma cozinha que funciona mesmo**. **Não esta com cara de uma pessoa que vai cozinhar** o que ele está cortando ((risos)), me passando um **sentimento de vazio**. **Não está consistente, não**. (...) [Sobre a imagem 3] Essa **está alegre, prazerosa, parece que está fazendo uma comida bonita e gostosa**. **Sentimento de alegria**. Ela é a **patroa, né?** ((risos)). (...) [Sobre a imagem 4] Essa **aqui também passa uma satisfação**. Ele está com cara de que **realmente gosta de cozinhar**. **Uma cozinha bem montada, eu acho que ele cozinha todo dia, mas ele não está com uma roupa adequada**, está sem o avental. **Pode ser que ele esteja ali só fazendo um número, só para tirar a foto**. Ele tá **fazendo pose para a foto**. (Fernanda)

A quarta fotoelicitação do grupo das empregadas domésticas é o de Fernanda. Em discordância com Michelle e Jussara, mas corroborando com Bruna, ela também qualifica a primeira imagem com o termo “tristeza” e enfatiza tal questão a partir de “está muito triste” e “a cozinha dela também está”. Percebe-se em seu discurso o percurso semântico da cozinha enquanto fonte de tristeza e obrigação. Ao dizer que é uma cozinha antiga e que a fotografia é preconceituosa, pode-se perceber que ela associa a imagem ao tempo de escravidão, como a imagem pode sugerir. A mudança de imagem trouxe novamente a expressão “vazio” e adicionou o termo “superficial”. É inegável a relação que os entrevistados fazem entre a primeira e a segunda imagem, quando a principal distinção ainda é o gênero. A incredulidade

de que haja, com tanta normalidade, um homem negro cozinhando no dia a dia, é tão nítido em alguns discursos que se torna impossível observar as demarcações a partir do gênero.

Novamente, a terceira personagem (mulher branca), é definida como patroa e reafirma-se, a partir dessa imagem, o percurso semântico da cozinha como fonte de prazer e alegria. Há uma clara mudança na fala dos entrevistados conforme o espaço da cozinha vai mudando. Existe uma transformação nas falas a partir dos personagens, mas muito se nota, e pode se observar durante as entrevistas, em relação à transição dos significados a partir da mudança do espaço.

Sobre a última imagem, Fernanda inicialmente disse que também remetia a uma satisfação com a tarefa diante da “cozinha bem montada”, chegando até a dizer que ele parece com alguém que cozinha todos os dias, mesmo não estando com a roupa adequada. No entanto, logo em seguida ela finaliza dizendo “pode ser que ele esteja ali só fazendo um número, só pra tirar foto”. Ao dizer isso e ao observar a “pose para foto”, Fernanda acaba admitindo a percepção da sazonalidade e da cozinha *gourmet* como meio de promoção pessoal.

[Sobre a imagem 1] Essa imagem traz para mim a roça. A época em que nossos pais moravam lá no interiorzão. **Eu queria estar ali cozinhando nessa cozinha. Essa senhora parece estar feliz com o que ela vai fazer.** (...) [Sobre a imagem 2] **Olha gente, que chique! Uma cozinha totalmente diferente. Eu fico feliz com essa imagem. Um homem cozinhando com essa felicidade toda, cozinhando bonitinho** (...) [Sobre a imagem 3] **Que é isso?...** ((silêncio)), **essa aqui que é a tal da cozinha gourmet. Ai... O que é isso? Não estou entendendo essa cozinha toda arrumada. Parece meio falso, estranho. Essa mulher não tem nem cara de que cozinha. O prato foi posto ali para ela tirar uma foto. É uma cozinha fictícia, ela está estranha, parece ser a patroa.** (...) [Sobre a imagem 4] **Fazendo bagunça, nem está prestando atenção no que está fazendo. Não sabe nada. Essa é falsa igual à outra. Ele nem está olhando para a panela, quem cozinha olha para a panela. Não está com cara de que está cozinhando, está parecendo que ele está brincando ali para tirar uma ‘fotinha’ para postar no Facebook.** (Tereza)

Tereza, assim como outros entrevistados, possui um sentimento de saudosismo em relação à primeira imagem, saudade de “cozinha da roça”, e da vida no interior. Como pôde ser vista até agora, não há um consenso em relação aos sentimentos emanados a partir da primeira imagem. O tema da “saudade” pode ser observado quando ela cita os pais, a roça, o “interiorzão” e a vontade de estar naquele espaço. A mudança para a segunda imagem trouxe algo de surpreendente, novamente. É impossível negar a satisfação que sente ao ver uma figura masculina na cozinha, “olha gente, que chique!” é um exemplo disso. Quando ela diz “um homem cozinhado com essa felicidade toda”, percebe-se a reflexão de que os homens não cozinham com prazer e a parece não haver um meio termo ou mesmo alegria, por não ser

uma tarefa de responsabilidade masculina. Nenhuma palavra é falada a respeito de ele ser um homem negro.

Após dizer “o que é isso?” e se manter em silêncio por um bom tempo, Tereza demonstra um estranhamento com a terceira imagem. Ela percebe que é uma cozinha *gourmet*, mas não entende porque está “toda arrumada”. Fica subentendido de que, para Tereza, tamanha organização não é algo sincero em uma cozinha de verdade e isso fica evidente quando ela mesma diz que se trata ali de uma “cozinha fictícia”. A imagem, de mulher branca, que ela caracteriza como sendo de uma patroa e à disposição dos utensílios, também é vista como falsa, já que há uma aparente encenação. A descrição de Fernanda, assim como outras já fizeram, é a de que há um espetacularização do ato de cozinhar para fins de promoção da imagem, por meio das fotos e da exposição em mídias sociais, o que é explícito quando se refere à quarta imagem, reforça a tese de que há uma valorização do ato de cozinhar mediante a construção e apropriação do espaço. Por fim, a última fala do grupo das empregadas domésticas é a de Joana.

[Sobre a imagem 1] Essa não é da minha época não... **Me traz um sentimento bom, eu acho. Ela cozinha todo dia.** (...) [Sobre a imagem 2] Essa é **interessante, né?** ((silêncio)) **Não é muito comum... Muito fácil de ver** (...) [Sobre a imagem 3] Essa é **chique... Ela está aqui nessa cozinha chique cozinhando, tem esses pratos chique... Ela da mais vontade de cozinhar porque é mais chique.** Essa **mulher deve estar só se mostrando, deve ter empregada.**(...) [Sobre a imagem 4] Esse é famoso... Cozinheiro famoso. **Chef. Eu gosto de ver ele cozinhando, me traz um sentimento bom.** Ele **também deve ter empregada, parece que está ali só para o programa.** Essa **cozinha é mais importante, mais valorizada.** (Joana)

Como será visto ao longo desta dissertação, Joana foi uma das entrevistadas que mais refletiu sobre as questões que estavam sendo colocadas durante as entrevistas. Foi possível chegar a essa conclusão após observar olhares, diversas pausas de silêncios, repostas confusas e uma constante inquietação após cada pergunta, como se ela fosse assimilando e relacionando cada tema ao seu cotidiano. Nesta etapa da fotoelicitação, Joana inicia sua fala colocando-se fora daquele tempo, mas relacionando a imagem da mulher negra na cozinha a um “sentimento bom”. Ela faz uma primeira ponderação em relação ao gênero quando diz que a primeira personagem “cozinha todo dia” e que “não é muito comum” ver homens na cozinha (segunda imagem), o termo “interessante” deixa isso explícito.

Logo em seguida, percebe-se que há um interesse por parte de Joana em relação à cozinha das duas últimas imagens, a palavra “chique”, dita várias vezes, demonstra o valor que a própria

entrevistada atribui a essa nova modalidade de cozinha. Além de admitir que a cozinha *gourmet* apresentada é “mais importante, mas valorizada”, Joana acaba fornecendo alguns indícios para tal situação. Além de mencionar a palavra “chique” e a maior vontade de cozinhar em uma cozinha desse tipo, ela acaba dizendo que um dos motivos para que seja uma cozinha mais valorizada, é a presença de figuras que não são empregados, o que ela percebe a partir da cor da pele dos personagens. Joana contribui, sem notar, para a manutenção do discurso que a diminui enquanto trabalhadora, pois após assegurar a existência de uma valorização, ela afirma que os dois devem possuir empregados e que estão ali apenas pelo prazer de se mostrar. Após esse grupo de falas, adentra-se a análise dos discursos das patroas e patrões.

#### 4.1.2.3 Patroas e Patrões

[Sobre a imagem 1] Ah... **Sentimento de saudade, saudades das pessoas amadas que fizeram tanta coisa gostosa pra mim...** É uma... Eu descrevo como **uma foto de uma cozinha bem cuidada, bem elaborada.**(...)[Sobre a imagem 2] Essa segunda foto... Ah, sentimento **de coisa nova, uma cozinha mais moderna, com um senhor muito simpático, preparando comida, é uma coisa boa... Novidade** (...)[Sobre a imagem 3] E essa? Ih, sentimento **de felicidade** e de...Como eu diria, **bom gosto, bom gosto em todos os sentidos na apresentação.** Amo fazer com que os pratos fiquem mais bonitos, o **visual é lindo** (...) [Sobre a imagem 4] E essa última aqui.. **Meu sentimento é de satisfação...**Alguém que está lá...**Me dá a ideia de ele está quebrando o galho lá na cozinha de alguma coisa pra comer e está satisfeito de poder fazer isso.** (Juliana)

Juliana corrobora com as entrevistadas que identificaram bons sentimentos e relembram situações prazerosas de seu passado após analisarem a primeira imagem. Porém, o significado que ela atribui a uma cozinha “bem elaborada” é distinto do significado dos outros sujeitos de pesquisa. De modo geral, Juliana acaba não diferenciando tanto os quatro personagens como cozinheiros, pois ela parte do princípio de que se estão na cozinha é sinal de algo lhes interessa. No entanto, três situações chamam à atenção. A primeira é a importância que ela dá para o sentido visual dos itens da cozinha e as sensações de frequentar aquele local. Portanto, há uma significação concreta e simbólica daquele espaço. O segundo item diz respeito à palavra “novidade”, pois ela surge no momento em que há o ingresso da figura masculina. O sentimento de “coisa nova” deixa explícita a distância de um espaço, bem como a diferença no modo de apropriação. Por fim, a expressão “ele está quebrando o galho” deixa silenciadas questões referentes à divisão sexual do trabalho, ficando implícito de que ele está ali apenas de passagem – ou que “pode” estar de passagem por ser um homem branco.

[Sobre a imagem 1] **Não sei se era no tempo de escravidão mesmo ou logo após a escravidão.** Uma mulher negra com vestes mais simples e no fogão a lenha na **cozinha da roça. Uma cozinha mais do interior** (...) [Sobre a imagem 2] Essa já é uma cozinha mais moderna com um homem cozinhando no lugar de uma mulher, é um homem negro... Então assim **já... São dois diferenciais, é um homem, é um homem que é negro, de pele negra, muito diferente daquele contexto anterior** (...) [Sobre a imagem 3] **Essa é a Rita Lobo é uma culinária. Uma mulher branca, muito bonita, assim como o homem negro, ali eu ia falar que é muito bonito.** A Rita Lobo é **uma mulher muito bonita, branca... Com uma cozinha moderna.** A gente está vendo **um CookTop com muitos utensílios com muitas possibilidades e é de um programa de televisão famoso que cozinha coisas gostosas** (...) [Sobre a imagem 4] Então, os dois homens eu não sei quem são, **a primeira era uma atriz, a segunda mulher, a Rita Lobo, o homem eu não sabia e esse daqui eu também não sei... Chuto que seja um *MasterChef* da vida.** Aqui me parece mais um programa de televisão. O outro é um homem normal no dia-a-dia fazendo uma refeição pra família e para ele. (Flávia)

Flávia foi bem enfática em sua fala, já deixando explícito a que realmente as imagens a remetem. Ao ver a primeira imagem ela logo faz uma associação ao tempo da escravidão, mesmo não conseguindo demarcar um momento específico. Os objetos presentes na imagem, como as vestes e os utensílios, além da personagem, servem de parâmetro para sua fala. Ao analisar a segunda imagem a própria Flávia enumera dois diferenciais: a cozinha moderna e a presença de um homem. Ela percebe as distinções, mas não qualifica ou desqualifica uma imagem frente à outra. Já na terceira imagem, além de demonstrar conhecer e admirar a personagem, Flávia concede um destaque maior para a mudança no item raça, dizendo “mulher bonita e branca” duas vezes e há de se considerar o destaque que ela dá aos utensílios e à disposição da cozinha. Fica implícito que ela reconhece a personagem e aquela cozinha como contextos próximos ao seu. Por fim, finaliza dizendo não conhecer o último homem, mas o compara ao outro, sugerindo que ele seja “um *MasterChef* da vida”, ao passo que o outro “é um homem normal do dia-a-dia”. Fica refletido que ela o reconhece dentro de um padrão atual da classe média alta de contar com “homens *gourmet*”, e fica refratado o lugar que ela concede ao outro homem que é negro, silenciando um discurso racista que o rebaixa ao defini-lo como um mero cozinheiro da família.

[Sobre a imagem 1] Uma negra cozinhando em uma panela de pedra em um fogão a lenha é... Materiais de cobre e aqui é nítido que **ela é a cozinheira, me vêm um sentimento de estar na fazenda, na casa da minha avó.** (...) [Sobre a imagem 2] Um negro, mais jovem, **a cozinha está na varanda, ele está preparando alguma coisa para os amigos.**(...) [Sobre a imagem 3] Ah, **Rita Lobo... Amo as coisas que ela faz, ela é uma *chef*, não é uma cozinheira. A cozinha dela é prática, ela tem tudo à mão, é uma cozinha descomplicada... Me traz um sentimento de ‘senta aqui para comer’** (...) [Sobre a imagem 4] Uma cozinha moderna, com as coisas a mão é... **Parece um reality show, parece que ele está fazendo para os outros... Como se fosse o *chef* cozinhando na casa de alguém. Por ele estar de roupa social pode ser que ele chegou do trabalho, mas me dá um sentimento de descontração.** (Luiza)

Luiza opta por uma fala mais contida em relação à primeira imagem, sem grandes descrições, restringindo-se a uma fala sobre os itens que se encontram no espaço. Ela sugere que a personagem é uma empregada e que aquela cozinha remete a um ambiente de fazenda, onde seria esperado que houvesse uma cozinheira negra. Nota-se que de algum modo ela já visualizou aquela situação, pois demonstra uma associação a casa de sua avó. Apesar de registrar o segundo personagem como negro e jovem, ela não o qualifica como um empregado, e nem como um usuário da cozinha no dia-a-dia. Ele descreve o local como uma varanda e já fica implícito que ela reconhece naquela cena algo semelhante ao seu cotidiano. Assim como Flávia, Luiza reconhece a mulher da terceira imagem e não economiza nos elogios. Além de identificá-la pelo nome, faz questão de chamá-la de *chef*. Já na última imagem ela retoma a fala de a cozinha ser um espaço social de confraternização, mas acrescenta que parece um *reality show*. Mesmo não lembrando o nome do programa e do apresentador, ela observa semelhanças com um tipo de produto que está cada vez mais disseminado pela mídia e que busca ressignificar a cozinha cotidiana.

[Sobre a imagem 1] **Isso é uma cozinha de fazenda... Eu adoro. Meu avô tinha fazenda, por isso eu gosto.** (...) [Sobre a imagem 2] **Esse já é uma cozinha mais elaborada, uma cozinha gourmet. É uma evolução boa ter um homem cozinhando** (...) [Sobre a imagem 3] **Ah... A Rita Lobo, adoro... ((riso)) Eu gosto muito do jeito que ela apresenta o programa, do que ela faz...** É uma cozinha que a classe média tem condição de ter, me remete a uma **alegria**, ela gosta do que faz. (...) [Sobre a imagem 4] **Esse também eu conheço... É do ‘Homens Gourmet’, eu assisto todos os programas. Eu gosto mais do Guga, mas ele é um bom chef.** Essa cozinha aqui dá uma ideia de ***gourmet*, profissional**. Essa é o **vender... O homem é muito mais consumista que a mulher, no geral. Se ele quer fazer alguma coisa na cozinha, ele não tem muita noção do que é caro e do que é barato e ele consome mais, e isso incentiva...** Você ter programas de culinária com homens. **A mídia quer é vender.** (Isadora)

Isadora apresenta um discurso semelhante ao de Luiza. Curioso notar como ambas, ao verem a primeira imagem, lembram das fazendas de seus avós. Não há como afirmar, mas não seria leviano dizer que além de reconhecerem aquele espaço como algo semelhante, também podem estar se referindo a uma similaridade das relações interpessoais. Para Isadora, a segunda imagem já é um exemplo de cozinha *gourmet*. Fica explícito que ela percebe a mudança de gênero, mas não faz nenhum tipo de ponderação quanto à raça. O discurso da luta contra o machismo é mais evidente em sua fala do que qualquer outro. Com exceção de Luiza, que citou o nome da apresentadora, as outras três patroas reconheceram a personagem da fotografia e a exaltaram de diferentes formas. Nesse caso é curiosa a expressão que associa a cozinha a algo que se pode “ter”. O tema da “alegria” também é evidenciado no trecho e

plausível dizer que há uma manifestação quase que unânime por parte das entrevistadas, sobre o prazer que se pode ter em cozinhar em uma cozinha como as da terceira e quarta fotografias.

Isadora também parece estimar muito a última imagem, pois diz conhecer o cozinheiro, cita o nome do programa e ainda como se chama outro integrante da atração. Ao reconhecerem os cozinheiros, todos os respondentes demonstraram satisfação e interesse pelo que é desenvolvido nos programas. Isso só comprova a tese de que há uma demanda por esse tipo de produtos e há uma parcela da classe média alta que não só o consume como também busca replicar as práticas. Também é fundamental atentar para o fato de Isadora perceber o poder que a mídia exerce ao colocar os homens como clientes quase que passionais nesse jogo midiático. Fica implícita a noção de uma valorização a partir do momento em que se observam mudanças concretas e simbólicas do ato de cozinhar.

[Sobre a imagem 1] Essa é a **Tia Nastácia**, né? **É a cozinha da fazenda. É de onde vem a minha paixão pela cozinha.** Vejo sentimentos de simplicidade, aroma, amor, tranquilidade (...). [Sobre a imagem 2] Essa é uma imagem que **me traz... Preconceito, é uma imagem de preconceito.** Primeiro por ser uma cozinha residencial, **uma cozinha que teoricamente você esperava ter uma mulher cozinhando e que aqui você tem um homem.** Um homem que é sempre esperado em uma **cozinha industrial, em uma cozinha de restaurante. Uma cozinha doméstica você nunca espera encontrar um homem cozinhando.** Então por isso eu acho que aqui tem um pouco de preconceito (...) [Sobre a imagem 3] **Essa é a mídia total, né? Uma carinha bonita na cozinha, pra vender um programa. Fica todo mundo aqui imaginando... Nossa se eu tivesse uma mulher linda desse jeito e que cozinhasse bem desse jeito. Mas ao mesmo tempo vem aquele preconceito, porque não uma mulher bonita pode ser uma boa cozinheira? Aqui no programa de televisão você sempre espera encontrar a cara de homem, chef de cozinha. Essa mulher aqui é aquela pra ser esposa...**Então vem um pouco de preconceito com essa imagem, assim **como um pouco de modinha também** (...)[Sobre a imagem 4] **Aqui também é um jogo de mídia, porque tem que mostrar que o homem moderno... Aqui você vê que o cara tá cozinhando com uma camisa social, então é o homem moderno na cozinha.** (Jorge)

Jorge abre o último bloco de análise, o dos padrões, com alguns dos enunciados mais polêmicos da pesquisa a partir da fotoelicitação. Ele já começa qualificando a mulher da primeira imagem como a “Tia Nastácia”. A grande questão não é porque ele a chama dessa forma, pois poderia ser a atriz que interpretou a personagem, mas o uso que ele faz do termo para materializar toda e qualquer mulher negra retratada como empregada doméstica. Semelhante ao discurso das patroas, ele faz uma associação com a casa de fazenda. Novamente questiona-se até que ponto está associação reflete o conjunto de relações naquele espaço.

Já a partir da segunda imagem, Jorge entra em contradições por diversas vezes e não deixa de se assemelhar a um discurso sexista e racista. Ele utiliza de argumentos para combater um “preconceito” e termina por reforçá-lo. Ele diz que a imagem é preconceituosa, pois em uma cozinha doméstica “teoricamente espera-se encontrar uma mulher” e o homem apenas em uma cozinha industrial. Há um aspecto ideológico defendido e ele deve ser observado. Nesse sentido, fica refletido que para ele há que observar a divisão entre o público e o privado, e fica refratado que para Jorge é quase que um problema pensar em ter um homem cozinhando em casa cotidianamente.

As expressões evocadas após a análise da terceira e quarta imagem seguem o mesmo tipo de discurso machista. Ele inicia dizendo que há uma mediação por trás da terceira fotografia e não deixa de estar correto. No entanto, para ele, o que torna vendável aquele produto é a “carinha bonita na cozinha”. Já é notório que existem inúmeras discussões sobre o uso da imagem da mulher para vender um determinado produto ou serviço, mas foi curioso notar a naturalidade com que ele disse: “nossa se eu tivesse uma mulher linda desse jeito e que cozinhasse bem”. Mesmo sendo possível falar em um aspecto implícito, fica mais do que explícito o tipo de “benefício” que ele deseja obter a partir dessa relação. Novamente, ele tenta usar de argumento contra o preconceito e apenas reforça uma opinião sexista: “porque não uma mulher bonita pode ser uma boa cozinheira?”. Como se não bastasse ele afirma que “essa mulher aqui é para ser esposa”, em nítido exercício de objetificação e defesa dos argumentos presentes no contrato sexual discutido por Pateman (1993). Para fechar, após considerar que as imagens retratam muito uma “modinha” da mídia, ele não deixa de dizer que há na última imagem a personificação do que ele entende por um homem moderno. Percebe-se então o percurso semântico da cozinha *gourmet* como fonte de manutenção de um *status social*.

[Sobre a imagem 1] Essa é a Jacira não sei das quantas... **Gosta muito de fazer trabalho escravo é... O que isso me remete é aquela cozinha segregada**, mas que você vê... É **uma mulher altiva na cozinha** que estava fazendo, provavelmente, alguma coisa bem gostosa. Você vê que é uma **cozinha de roça... É uma cozinha que lembra minha infância** (...) [Sobre a imagem 2] Já nessa segunda imagem **a cor se manteve... Esse cara, pela postura dele é... Ele não tem uma postura de chef de cozinha... Ele tem uma postura mais de operário**, parecido com a anterior(...)[Sobre a imagem 3] Essa terceira... Ah... **Essa é uma professora** de gastronomia, já vi esse programa dela é a...**Rita Lobo. Ela é simpática no que ela faz, mas é aquele negócio que eu falei... Essa é a mídia gastronômica**, mas assim... É interessante? É... Ela tem umas tiradas criativas e obviamente quando você fala da mídia **gastronômica você não fala só de gastronomia, ela tem um merchandising da louça, dos utensílios que ela mexe... É uma cozinha comercial**

(...)[Sobre a imagem 4] E essa quarta é dos **Homens Gourmet** lá da Fox... Essa imagem é verdadeiramente *marketing*, eles até tem umas tiradas interessantes, mas isso é uma coisa muito artificial que... Realmente é a cozinha voltada para a cozinha show. Ele é um *showman*. É uma cozinha sazonal, carnavalesca... (Fernando)

A segunda fala do grupo dos patrões é a de Fernando. A primeira coisa que chama atenção é o pseudo-reconhecimentos que ele faz da primeira personagem. Ele parece lembrar com um pouco de dificuldade de um possível nome da atriz que interpreta a personagem, mas não consegue afirmar quem ela é, de fato. Curioso notar como ele diz “gosta muito de fazer trabalho escravo”, como se esse fosse um papel que não remetesse a uma série de violações dos direitos humanos e que alguém quisesse voluntariamente interpretar. Deixa-se silenciado o que de fato aquele papel representa e as implicações que ele pode ter para a população negra. Mesmo dizendo que ela transmite a imagem de uma “mulher ativa na cozinha”, o próprio Fernando admite que aquela personagem está inclusa em um ambiente de segregação. Por fim, fica implícito que ele reconhece aquela situação e aquele espaço, pois admite ser uma lembrança de sua infância e de vivências na roça, assim como vários entrevistados.

Já na segunda imagem, o primeiro item que chama a atenção de Fernando é a permanência da “cor”. Quando logo em seguida ele diz que o personagem não possui “uma postura de *chef* de cozinha” e “tem uma postura mais de operário”, fica refratado que um dos critérios que o fez chegar a essa consideração diz respeito à condição da raça do homem na figura. É impossível negar a presença de um discurso racista e classista e a defesa de tal postura ideológica.

As observações que ele faz das duas últimas imagens são muito similares. Ele reconhece a apresentadora, fala de seu programa e adiciona a consideração de que tudo se trata de um recurso midiático, em que todos os itens ali possuem uma estratégia comercial. Na última imagem ele reconhece o programa de televisão em que se passa a fotografia. Ele também pondera sobre a questão midiática, mas acrescenta sobre a “artificialidade” daquela cena e da forma como a exposição do “*showman*” serve de estímulo para uma ressignificação do espaço cozinha e do ato de cozinhar. Ao dizer é “uma cozinha sazonal, carnavalesca”, Fernando deixa transparecer o percurso semântico da cozinha como meio de promoção pessoal a partir de oportunidades ou desejos, e torna-se vivo o tema da cozinha *gourmet*, como “selo” capitalista de grande impacto na vida de muitas pessoas. Não ficando apenas restrito os resultados da fotoelicitação, foi possível perceber que Fernando não apenas percebe esse jogo mercadológico que tomou conta da cozinha, como faz parte dele e o valoriza.

[Sobre a imagem 1] Ah, me remete uma **situação acolhedora**, porque **lembro da minha avó em um fogão mais rústico**. (...) [Sobre a imagem 2] **Engraçado... Pelo avental já se sugere que é o empregado da família, porque é negro e normalmente é o empregado**. Aí você pode pensar, ‘**ah o negro não pode ser o dono da casa, estar em uma cozinha gourmet**’, mas dificilmente, um proprietário da casa, que não fosse o empregado, estaria usando um avental que não fosse engraçadinho. Porque um cara *gourmet*... Não vai botar um avental só pra não se sujar. Ela vai botar um avental escrito alguma coisa engraçadinha. (...) [Sobre a imagem 3] Essa da impressão que é uma pessoa que não sabe nada de cozinha... Parece que ela está até com medo de segurar as coisas... Está tudo prontinho, cortadinho... Me remete a uma apresentadora de TV e não alguém que está na cozinha. (...) [Sobre a imagem 4] Mesma coisa, parece que não sabe de nada. O difícil de cozinhar não é ficar aqui misturando... O difícil é ir lá comprar os ingredientes e preparar, picar, cortar, limpar, lavar e esse cara aqui parece só estar fazendo graça... É só um apresentador cozinhando. (Lucas)

A primeira imagem traz a Lucas um sentimento de familiaridade. Como para alguns entrevistados, a primeira imagem diz muito sobre um contexto de saudosismo. Quanto à segunda imagem, foi instigante notar o significado que Lucas atribuiu à palavra “engraçado”. Nota-se um primeiro estranhamento com a situação, visivelmente fazendo associação a mudança de gênero, e depois uma tentativa de explicação ao se fazer analogia com o uso “questionável” do avental. Essa mesma peça é a que serve, pelo menos explicitamente, para que Lucas interrogue sobre a viabilidade ou não daquele personagem ser um patrão. Assim, Lucas é bem taxativo ao dizer “é o empregado da família, porque é negro e normalmente é o empregado”. Ao dizer isso o entrevistado reforça o motivo pelo qual o referencial teórico de relações sociais de raça foi adicionado nesta dissertação, pois se entende que existe uma naturalização do racismo e isso precisa ser questionado hoje e sempre. Fica refletida na sentença a inexorabilidade da infração daquela ocupação profissional, isto é, parece não haver outro caminho ao negro senão o serviço doméstico.

Lucas termina sua fala colocando as duas últimas figuras em uma análise semelhante. Para ele, ambas representam pessoas que não conhecem realmente a arte de cozinhar e estão ali apenas para se promover em programas de TV. Fica explícito que cozinhar está além de “misturar” as panelas, há um processo grande a ser considerado e nem todos conseguem perceber a sequência dos fatos. Portanto, mais uma vez, atesta-se para ressignificação da cozinha a partir de um forte apoio midiático.

[Sobre a imagem 1] Aqui deve ter uma comida muito boa. **Essa é a representação do rito... De uma cozinha que tinha uma relevância na vida das famílias, na relação social das famílias e essa senhora era uma mulher de respeito dentro de**

**casa, mesmo que não tivesse a contrapartida do ponto de vista econômico-financeiro. Uma pessoa já sênior, que certamente foi formada pela avó, pela mãe é... E que tem um certo esmero, uma organização (...)** [Sobre a imagem 2] **Já... Um profissional, vejo aqui um profissional que está em uma cozinha *gourmet* e que se preparou.** Eu vejo muita similaridade com o anterior, embora **aqui eu veja menos afetividade, vejo aqui um lado mais profissional.** Só não consigo interpretar se ele está em uma cozinha *gourmet* da casa dele ou de um restaurante, mas **não vejo tanto o rito da família (...)**[Sobre a imagem 3] **Para mim isso não é um rito família, mais uma vez, ela parece estar fazendo uma festa ou ela está cozinhando para convidados dela, ou talvez seja uma *chef gourmet* que também está ali cozinhando, mas não me parece é... Está tudo muito organizadinho para ser aquele evento do dia a dia. (...)** [Sobre a imagem 4] **Esse é... Para mim está participando de algum *MasterChef*... Tudo é festa. Esse aqui é uma cara que tem um estúdio de TV em cima dele e ele está ali pelo *glamour*. Tudo preparadinho para ser filmado, mesmo que não seja para a câmera, são os amigos dele filmando. Tipo... Vou fazer um *selfie* com meu amigo aqui cozinhando ((risos)) e posta. É muito mais uma exibição... Uma exibição total. Ele está fazendo para aparecer.** (Henrique)

Henrique traz o percurso semântico do ato de cozinhar e se alimentar como um “rito”. Ele associa a primeira imagem a um ambiente familiar que integra tal conceito, adicionando a perspectiva de que a mulher possui uma importância central no conjunto das relações domésticas e que ela executa aquela tarefa com prazer, mesmo ciente da ausência de alguma remuneração financeira à altura. Nota-se o discurso do contrato sexual e a presença de um discurso sexista, que fortalece a pressuposto de que os conceitos do trabalho doméstico foram repassados de geração em geração, mas sempre a partir de uma figura feminina, como a “avó” e a “mãe”.

A partir da segunda imagem observa-se o discurso de valorização do homem na cozinha, pois o personagem ganhou o *status* de “profissional”. Isso indica que há o estabelecimento de uma relação causal entre o ingresso da figura masculina e a profissionalização da atividade, um claro desdobramento de premissas patriarcais. Há menos amor, mas, aparentemente, não menos dinheiro.

Assim como Lucas, Henrique levanta o questionamento sobre a organização e disposição da cozinha apresentada na terceira imagem. Ele completa afirmando que a imagem não se trata do mesmo rito percebido na primeira fotografia, pois há uma dissociação do contexto familiar e a presença de um novo ambiente de confraternização. Fica implícito que para Henrique existe um padrão que define o que de fato é uma cozinha do cotidiano e quem é o sujeito que se apropria dela, bem como há uma cozinha sazonal, muito relacionada a uma apropriação momentânea, alicerçada na busca por uma autopromoção. Tudo isso é reforçado nas observações feitas após a apresentação da última imagem: quando se estabelece a relação

mediática, citando a relação com *MasterChef*, e acrescentando a expectativa pelo “*glamour*” da atividade; e quando a dimensão da exposição ultrapassa as relações comerciais e alcança as relações pessoais, com a presença de amigos “celebrando” e valorizando o trabalho realizado na cozinha *gourmet*, pelo “*chef*”. Falas como a de Henrique reforçam ainda mais a tese aqui defendida de que há uma valorização da cozinha e do ato de cozinhar, a partir do momento em que se adicionam itens como o “selo” de *gourmet*.

As falas apresentadas nesse tópico foram muito reveladoras, pois foi possível sintetizar um grupo de mudanças na cozinha a partir de quatro imagens que, sobrepostas, possibilitaram um grupo de discursos que fortaleceu a hipótese aqui apresentada, além de adicionar novas variáveis. É inegável perceber a valorização pelo qual o ato de cozinhar vem passando. Por isso, a escolha da fotoelicitação foi tão exitosa, uma vez foi possível constatar a presença de discursos extremamente alinhados à problematização que esta dissertação levanta. Com o intuito de aprofundar os debates, a próxima seção serve para esclarecer algumas questões importantes a partir das vivências dos sujeitos de pesquisa.

#### **4.2 Entre vivências: o ato de cozinhar como tradição e (des)prazer**

Este tópico funciona como um mapeamento das vivências dos sujeitos de pesquisa em relação à cozinha. É importante notar que as lembranças e as atividades cotidianas tendem a indicar o nível de satisfação que cada indivíduo possui em relação a algo, e isso não seria diferente ao se considerar o ato de cozinhar. Tereza, Fernanda e Judite apresentam seus primeiros argumentos sobre essa questão.

**Eu amo cozinhar.** Eu tinha sete anos e a minha **mãe me levou para o fogão** para fazer comida. Eu estava com 15 anos quando eu fui trabalhar em uma casa de família e **eu vi que eu precisava aprender de qualquer maneira**. Eu aprendi a ler as receitas e seguir. Hoje eu faço tudo de cabeça. Para fazer a comida você tem que ter **paciência, muito amor, e você tem que ter perseverança** para continuar tentando. (Tereza)

**Eu gosto de cozinhar** e de **principalmente fazer a comida mais elaborada**. Eu acho que cozinhar é **prazeroso, satisfatório quando as pessoas elogiam é muito bom, faz parte do ego**. É preciso ter **amor**, tem que **gostar** muito de cozinhar. Eu fui aprendendo aos poucos... **As patroas vão trazendo receitas das amigas**, vão trazendo os livros, hoje em dia com a internet a gente pesquisa muito. Aqui em Belo Horizonte eu **sempre trabalhei com grandes empresários**. Teve uma casa que eu trabalhei que nós tínhamos o acompanhamento de uma nutricionista no bairro Belvedere. Ela nos ensina muitas coisas. Eu gostava, achava muito interessante. **A cozinha na minha vida é praticamente tudo**, porque assim... **Foi onde eu**

**consegui ser o que eu sou hoje.** Se eu tenho certa autonomia financeira, uma casa própria, um carro, eu tiro isso do **meu trabalho na cozinha.** (Fernanda)

Cozinhar é uma coisa muito **boa, saudável, relaxante,** mas também tem o **outro lado...** Se quem está comendo gosta, **se tive motiva a cozinhar.** Aqui em casa nós somos bem diferentes: eu como de tudo, minha filha é uma comida mais gastronômica e meu marido gosta de comidas fortes. Por isso tudo é preciso **paciência, tempo, motivação,** você receber uma visita... Eu gosto muito de receber visitas. Eu fico ansiosa porque quero agradar, mas eu gosto de cozinhar, **cozinheiro desde os 10 anos de idade.** Nós éramos 14, meu pai, minha mãe e 12 filhos. **Eu era o braço direito da minha mãe na cozinha.** (Judite)

O percurso semântico da cozinha como fonte de prazer pode ser visto nos três trechos. A palavra “amor” funciona nas duas primeiras falas como um condicionante de cuidado com o outro, pois é nítida a percepção de Tereza e Fernanda de que existe a intenção de agradar alguém. As palavras “perseverança” e “paciência”, utilizadas por Tereza sugerem que mesmo diante do prazer em cozinhar, nem sempre é uma tarefa fácil, pois há um esforço contínuo em tentar agradar terceiros. Em complemento, quando Fernanda diz que “quando as pessoas elogiam é muito bom, faz parte do ego” e Judite completa “se quem está comendo gosta, se te motiva a cozinhar”, fica explícito que há uma busca por reconhecimento e fica implícito que, na ausência de “elogios”, a tarefa tende a se transformar em um desprazer.

Além disso, é possível verificar o discurso da subsistência, pois todas dizem que aprenderam a cozinhar desde cedo. A presença da figura das mães nas falas de Tereza e Judite reforça a tese da naturalização da divisão sexual do trabalho e da naturalização do papel da mulher no âmbito doméstico. Por fim, na frase de Fernanda: “a cozinha na minha vida é praticamente tudo, porque assim... Foi onde eu consegui ser o que eu sou hoje”, fica refletido o reconhecimento que a entrevista da concede a sua atividade profissional como fonte de seus ganhos e *status* profissional. Ademais, percebe-se a refração na fala “foi onde eu consegui ser o que eu sou hoje”, pois Fernanda acaba assegurando que não percebeu e não vislumbra outro caminho possível para alcançar seus desejos pessoais.

**Adoro. Eu acho que se eu pudesse ter trocado de profissão eu seria muito mais feliz do que sou como médica.** Sempre cozinhei, desde criança. Minha mãe trabalhava fora, mas cozinhou. A família toda. Então eu sempre estava na cozinha olhando... Mas ela nunca me ensinou. Como **eu tinha interesse eu fazia quando ela não estava em casa.** Desde os sete anos. **Sempre gostei, apesar do pouco tempo, porque eu trabalho muito.** (Isadora)

A minha **família materna tem uma veia gastronômica,** culinária muito grande. Então **desde época da minha infância,** quando ia muito para o interior, eu curti quando eu **via minhas tias** fazendo as coisas, **minha avó...** Que executava umas

coisas bem diferentes e... O gosto apareceu por ai, mas assim é... **A medicina foi uma profissão, né?** Eu procurei alguma coisa que eu gostava, desenvolvi e depois que eu comecei a exercer ela profissionalmente, apareceu a **oportunidade de eu fazer um curso de culinária**, que eu comecei a fazer quase que por *hobby*, e ai na primeira e segunda aula eu falei..Meu caminho é aqui. **A cozinha doméstica na minha vida é tudo, é onde eu me liberto do...É a minha válvula de escape do consultório.** (Fernando)

Meus avôs tinham fazenda então assim... A fazenda sempre, principalmente aqui em Minas, sempre leva muita gente para o fogão de lenha e a **minha avó**, sempre cozinhou muito bem, e a **minha mãe**, por consequência também, sempre cozinhou bem. E a minha mãe sempre... É... Os dois primeiros filhos foram homens, o terceiro foi uma mulher, mas veio muito depois. **Então a minha mãe, por querer ter aquela filha para ensinar e não tinha**, então eu e meu irmão, nós dois acabamos indo pra dentro da cozinha mesmo. E ela sempre teve a maior paciência pra ensinar. A paixão da cozinha vem é disso, da **inclusão**. (Jorge)

Os três depoimentos acima manifestam uma primeira lembrança em conjunto com as figuras maternas durante a infância. Isadora, Fernando e Jorge citam a mãe como primeira fonte de inspiração. O interesse de todos pela cozinha doméstica se inicia desde cedo e se desenvolve com o passar do tempo. Interessante notar como Isadora e Fernando, ambos médicos, associam a cozinha a uma espécie de “fuga” da profissão. Fica explícito na fala de Isadora que ela possui algum tipo de frustração em relação à sua profissão, enquanto Fernando admite que a medicina serve como profissão, mas utiliza da cozinha como uma “válvula de escape”. É um implícito pressuposto que a opção por não seguir a carreira como cozinheiro relaciona-se à baixa valorização da cozinha em relação a uma das profissões “imperiais”, a medicina. O tema do lazer surge novamente e vem amparado de um desejo por mais tempo disponível para cozinhar.

É instigante notar como Fernando qualifica o ato de cozinhar e mesmo o tomando como “*hobby*”, buscou uma “profissionalização” para poder ministrar aulas. Além disso, o discurso da divisão dos papéis volta a ser evidenciado na fala de Jorge “minha mãe, por querer ter aquela filha para ensinar e não tinha”. Como reflexão entende-se que se almejava um “par” que entendesse o seu papel e pudesse ser ensinado. Como refração silencia-se o discurso sexista, a exposição e a alimentação de valores patriarcais. A ideia que Jorge possui de “inclusão” nesse trecho, só é colocada porque inconscientemente se percebe o modo errôneo como as relações são vividas naquele território.

**Eu comecei a cozinhar desde pequenininha, minha mãe sempre ensinou** a gente um arroz, um feijão, uma verdura, uma carne, você tem que fazer... Aí, desde pequenininha, eu aprendi. **A cozinha é um lugar de união, de amor, de onde às vezes a gente fica ali juntinho fazendo as coisas com amor e paciência.** (Alice)

**Cozinhar é muito bom**, fazer as comidinhas que a gente gosta, **saber que a pessoa que come também gosta. Quando a gente recebe elogio... Isso é bom demais.** Ai só vai **incentivando** a gente cada vez mais. Assim... Eu sempre cozinhei. Eu comecei na casa do meu avô e aí **quando eu saí pra trabalhar fora é... Eu sempre fui para cozinhar** e fazer de tudo. Sabe... **Para cozinhar tem que ter força de vontade, gostar e a cozinha tem que ser feita com amor e carinho.** (Michelle)

**Ah eu gosto muito**, sabe? Mas, igual eu falei, antes eu não gostava... Hoje não, hoje eu já gosto, invento muita coisa e os meninos gostam. **Com o passar do tempo que eu fui trabalhando em casa de família eu fui aprendendo mais.** Eu comecei a **cozinhar com nove anos** no fogão a lenha. (Bruna)

As falas de Alice, Michelle e Bruna corroboram com as apresentadas anteriormente. A busca pelo reconhecimento ao cozinhar, também está presente no discurso de Michelle, assim como o discurso da persistência. As três entrevistadas dizem gostar da atividade de cozinha e percebem o início de sua atuação ainda na infância. A figura maternal volta a ser colocada em destaque e todos assumem um papel de aprendizes, seja em função do laço familiar ou das vivências no local de trabalho. Fica implícito na fala de Alice que a cozinha está muito além de um local de refeições, adicionando-se à dimensão da afetividade e fortalecimento dos laços familiares. Todas as três entrevistas deixam subentendido que cozinham para alguém e possuem prazer ao fazê-lo. O que também se assemelha ao próximo discurso, o de Jussara.

Ah... **Eu aprendi a cozinhar com a minha mãe**, ela cozinhou muito bem. **Sempre gostei de cozinhar.** Acho que pra cozinhar é preciso **amor, carinho... Eu acho que todas as pessoas podem cozinhar** é...Na verdade... Poder eu acho que pode, mas **tem muita gente que não gosta, né? Tem gente que diz que a cozinha é o melhor lugar...** O melhor lugar para conversar ((risos)) **A minha família gosta** de cozinhar e aí não teve muito essa ideia de obrigação, mas de gostar mesmo. (Jussara)

Eu acho que **é diferente de para poder e para querer cozinhar...** Para ter interesse de cozinhar... Acho que são coisas diferentes. **Para você cozinhar hoje basta querer**, porque com a quantidade de informações que você tem sobre cozinha, quantidade de cursos que é dado... Eu acho que é uma oportunidade para qualquer pessoa que tenha interesse cozinhar, cozinhar. **Agora, eu acho que sobressai na cozinha, que tem uma grande vantagem, quem vem de uma família que gostou de cozinha, quem teve a oportunidade quando criança estar dentro da cozinha, quem foi estimulado quando menino a estar na cozinha, a participar do processo, isso tudo faz uma diferença muito grande entre a pessoa querer e gostar.** Eu sempre tive **ótimas cozinheiras** na família e sempre vivi na cozinha, é uma coisa que é **minha paixão** assim. Cozinha... Adoro. (Jorge)

Reforçando sentimentos como “amor”, “carinho” e “satisfação”, essas duas falas deixam ainda mais evidente a relação da cozinha com o ambiente familiar. Jussara deixa explícito que a cozinha é um espaço de relações em sua família e que a presença do termo “obrigação” nunca foi muito presente. Jorge apresenta argumentos semelhantes, mesmo deixando

silenciadas as implicações da fala “sempre tive ótimas cozinheiras na família”. Ele toca em um ponto interessante que talvez seja o marcador da diferença entre o prazer e o desprazer em cozinhar. Quando ele diz “é diferente de para poder e para querer cozinhar” fica explícito que há uma escolha a ser feita, porém ficam silenciadas quais são as condições que levam o indivíduo, principalmente a mulher, a tomar essa escolha. Percebe-se a reflexão de que basta o desejo para poder realizar a tarefa, mas a refração deixa oculto a quem é dado tal poder. Portanto, há uma linha muito tênue entre um discurso progressista e outro sexista, pois não há como dizer que a obrigação cotidiana de cozinhar seja uma opção para alguns sujeitos, como também pode ser visto nos fragmentos a seguir.

**Cozinhar é só uma diversão.** Eu cozinho muito pouco, regularmente, mas muito pouco. Regularmente porque a cada duas semanas eu **faço um encontro em casa**, mas cozinho muito pouco. Nós temos uma **secretária que cozinha todos os dias**. Minha esposa não gosta de cozinhar, acho que é de família, a mãe dela também não gosta e aí... Opinião minha, **se a criança não vê uma figura materna ou familiar na cozinha, ela não enxerga isso como natural.** (Lucas)

A minha **mãe** sempre cozinhou muito bem, a **minha vó** cozinhava, **eu nunca tive muito interesse** pela cozinha e a **minha sogra cozinha maravilhosamente bem**. E **teve um determinado momento que ela... Ela me instigava para a culinária e eu tomei pânico disso**. Ai eu falei que o meu negócio era misto quente, comida congelada e que não queria saber. E aí o meu interesse por culinária vem da ideia do diferente, **eu acho que o meu pânico é aquela cozinha de todo dia, a obrigação, a obrigatoriedade de ter que fazer no cotidiano... ai eu acho isso chato.** (Luiza)

**Eu gosto de cozinhar...** Quando tenho tempo, assim, **quando estou psicologicamente preparada**, mas na vida de correria que a gente leva, chegar por exemplo uma hora dessas a noite e ter que fazer alguma coisa... É difícil. (Flávia)

Estão aqui três discursos instigantes, todos do grupo de patrões. Esses trechos deixam claro que existem inúmeras dimensões do que possa ser considerado “prazeroso” na cozinha, principalmente quando se tem o poder de delegar algumas funções. Flávia afirma que gosta de cozinhar, mas condiciona isso a estar “psicologicamente preparada”, isto é, fica explícita uma relação causal, mas implícita que na ausência de interesse há a possibilidade de “solicitar auxílio”.

Luiza traz novamente o discurso da mulher na cozinha, ao citar sua mãe, sua avó e sua sogra. Ela assegura que essas personagens possuem certo interesse pela cozinha e de algum modo a incentivaram. Quando ela diz “ela me instigava para a culinária e eu tomei pânico”. O discurso do contrato sexual pontuado por Pateman (1993) vem à tona, pois fica silenciado que a sogra entende que é papel dela cozinhar para seu marido. Depois de um tempo, quando

Luiza passou a ter uma empregada doméstica, conforme relatado durante a entrevista, ela passou a ter maior interesse pela cozinha, pois deixou de ser uma “obrigação”. Nota-se que, para ela, a liberdade para cozinhar é um condicionante fundamental para o alcance da satisfação pessoal. Por fim, a frase de Lucas ilustra muito do que foi dito até agora. Primeiramente ele afirma que “cozinhar é só uma “diversão”, isto é, não se trata de uma obrigação doméstica e por isso ele se dá ao “luxo” de cozinhar sazonalmente em reuniões entre amigos. A tarefa de cozinhar todos os dias fica para a “secretária” e ele reforça que a sua esposa não cozinha. Há a manutenção do discurso patriarcal, mas ele é pormenorizado. O termo “secretária” serve de eufemismo para algo que não se precisa esconder, mas que para ele parece soar como demérito o fato de ser empregada doméstica. Também é impossível negar certo “elitismo” em sua fala. Por fim, ele admite que sua filha não veja a cozinha como algo natural, pois ela não vê a sua mãe cozinhando. A questão aqui não está relacionada à possibilidade ou não de ir à cozinha, mas à associação que se faz do papel da mulher nessa atividade.

Eu **detesto** que as pessoas fiquem em cima de mim quando eu estou cozinhando ((risos)). **Eu tenho ciúme das panelas e eu não gosto que fiquem colocando defeito.** (Tereza)

Eu gosto, sempre que eu posso estou na cozinha. Aqui no meu serviço **eu tenho autonomia e eu mesma escolho o cardápio.** Eu sempre tive autonomia. Hoje em dia isso **fica muito por conta da gente, as patroas querem ser patricinhas** e deixam tudo isso para a gente mesmo, mas é bom porque sempre somos nós que vamos às compras, ao sacolão, então **a gente sabe o que nós temos na geladeira.** Normalmente eu acerto, mas às vezes eles falam: “É... Ficou bom, mas você já fez outras coisas que ficaram melhor”. (Fernanda)

Eu comecei a trabalhar como empregada aos 17 anos. Eu tinha vontade de começar a trabalhar e isso **foi o mais fácil que eu achei** é... E sempre fui criada, **minha mãe me ensinou a fazer as coisas desde pequena.** Era o melhor que eu sabia. **A cozinha representa o que eu sei.** Acho que eu já tinha uns sete anos quando a minha mãe começou a me ensinar. Aprendi muita coisa com a prática e hoje eu cozinho todos os dias no meu serviço para quatro pessoas. **Lá no meu serviço a minha patroa faz o cardápio todo dia, mas eu acho isso bom porque é difícil escolher.** (Joana)

Hoje eu **não tenho autonomia pra cozinhar. Minha patroa me dá o cardápio** do que eles querem todo dia. Eu até gosto, acho **que facilita não ter que ficar pensando o que eu vou fazer.** (Bruna)

Como complemento à discussão anterior, os quatro trechos acima dizem muito em relação à autonomia para cozinhar e à apropriação do território. Como já dito é necessário observar sobre quais condições está inserida a pessoa que realiza a atividade de cozinhar. Nesse

sentido, a relação de ter ou não autonomia deve ser observadas. Bruna e Joana corroboram ao dizer que não possuem autonomia e que cozinham um cardápio feito por suas patroas. Elas demonstram satisfação com essa relação, pois assim diminuem a possibilidade de errar e desagradá-las. Já Fernanda, após comprovar que ela é quem possui conhecimento do que há na geladeira, diz que possui autonomia para cozinhar. No entanto, é interessante notar que as razões que levam Fernanda a ter autonomia não são as mesmas que impedem Bruna e Joana de gozar desse poder de escolha. Quando Fernanda diz “fica muito por conta da gente, as patroas querem ser patricinhas”, fica explícito que a autonomia não está necessariamente ligada a um trato de confiança, mas a uma comodidade. Como um terceiro ponto e sem dizer se goza ou não de liberdade para cozinhar em seu trabalho, Tereza diz ser “ciumenta” e não gostar de palpites. Essa postura tende a afastar a possibilidade de interação e divisão das tarefas. Não há como dizer que seja uma premissa defendida em todos os ambientes fora do trabalho, mas faz pensar até que ponto isso impacta sua vida pessoal.

**Eu tenho autonomia pra cozinhar porque o que eu faço é mais comida simples.** Eles não reclamam muito. **Eu cozinho no almoço e, às vezes, no jantar.** Trabalho de **8h às 17h** mais ou menos, **mas eu durmo aqui** e ai eu só vou embora no final de semana. (Michelle)

**A minha mãe ensinava pra gente desde pequena...** Porque morávamos no interior, ai todo mundo tinha que fazer essas coisas. Eu aprendi ainda pequena, **mas cozinhar mesmo é... Foi desde que eu tive a minha casa.** A cozinha é um espaço de interação... Pra mim... **cozinhar é um trabalho**, mas eu faço com amor, com satisfação. Hoje eu gosto mais de cozinhar por causa do tempo para elaborar. **Quando eu trabalhava não tinha tanto tempo** assim... **Mas, hoje eu gosto muito.** E eu **sou um pouquinho ciumenta** na cozinha ((risos)) **Não gosto que fiquem dando palpite...** Aí quando eu chamo eles vem e tem aquele ar de surpresa. Eu gosto... ((risos)) (Mônica)

Normalmente quando ela vai fazer alguma coisa eu pergunto se ela sabe. Se ela falar que sabe, eu falo assim: “está bom, você faz e vai a gente vai saborear”. Como ela é muito apressada, **às vezes eu falo com ela pra ela que a comida precisa de muito carinho e tal e tudo... Pra ela melhorar da próxima vez.** E às vezes quando ela diz que não sabe, eu **dou uma orientação**, ela faz e a gente vai aprendendo juntas. (Juliana)

Os três discursos acima recuperam muito do que acabou de ser dito. Juliana assume a posição de instrutora, mesmo em uma fala “harmoniosa”, coloca-se em posição de orientação assim como as patroas de Bruna e Joana. Fica refletido que há o que ensinar e refratado que há um sujeito para aprender. A posição da patroa como “superior” refaz um caminho das discussões aqui apresentadas e retoma o tema da hierarquia de comando. Michelle exhibe um argumento semelhante ao de Fernanda, mas se diferencia ao pontuar que prefere cozinhar pratos mais

simples. Não há uma exposição explícita, mas sua fala espontânea “trabalho de 8h às 17h, mais ou menos, mas eu durmo aqui” sugere que a sua “disponibilidade” para preparar alguma refeição foge do tempo de trabalho. Já Mônica refaz parte do discurso de Tereza na questão dos “ciúmes”, além de se espelhar em muitas das falas sobre a iniciação na cozinha doméstica e o elo com a figura da mãe. Percebe-se, como percurso semântico, que ela vê o ato de cozinhar como uma possibilidade de agradar e surpreender as pessoas.

**Eu tenho uma pessoa que trabalha pra mim e faz almoço durante a semana, mas no final de semana eu gosto de cozinhar.** E mesmo assim, essa pessoa que cozinha durante a semana, eu gosto de **dar um “pitaco”, uma opinião. Eu sempre gosto de sugerir**, ou eu ou a Eliza, minha esposa. Às vezes, eu não tenho tempo para isso, mas eu gosto de opinar. Ela trabalha comigo já tem uns 10 anos, nos dias de semana, **final de semana sou eu.** (Jorge)

**Ela é um pouco sistemática**, ela gosta das coisas do jeito dela. Eu queria que ela cozinhasse com um pouquinho menos de óleo, mas não sei se ela não consegue ou enfim tem dificuldade com essa questão Ela não é... **Para mim ela não é uma empregada doméstica** ela é quase que **uma pessoa da minha família**, ela sempre faz com boa vontade... **Às vezes** ela tem certa autonomia de virar e falar “nossa, vou fazer um bolo de milho porque sua mãe gosta” tem milho, ela vai lá pega e faz o milho e faz o bolo porque minha mãe gosta só pra ela chegar e já estar prontinho... Então, **nesse aspecto ela tem certa autonomia.**(Flávia)

Eu quase não como em casa, por causa do trabalho, aí a empregada quem cozinha. **Aí quando eu venho pra casa almoçar, ela me vê chegando e logo pergunta ‘o que o senhor quer que pica?’** ((risos)) Então quando é esse almoço corrido é ela quem prepara. Às vezes eu dou uma ligada antes e digo ‘eu quero isso, assim e assado’, mas **normalmente ela faz o que ela quer**, só olha um pouco a vontade de cada um. Ela tá comigo um ano e meio mais ou menos. A Shirley ficou com a gente uns... 15 anos, mais ou menos. Eu já dava aula e a Shirley já fazia... Fazia as coisas com mais destreza, ela sabia o que eu gostava de fazer, **aí ela se metia a fazer também a inventar as coisas e palpitar na minha área** ((risos))... **Essa ainda não faz isso** não. (Fernando)

Discurso após discurso, os mesmo aspectos ideológicos são defendidos e apresentados pelos grupos. Nesse ponto do trabalho já é possível notar que as falas estão muito alinhadas entre os sujeitos de pesquisa. No trecho acima, Flávia alimenta a ideia de autonomia da empregada doméstica, mesmo ao utilizar o termo “quase”. O que surge de novo é a expressão “quase uma pessoa da família”, comprovando empiricamente as observações feitas por Sales (2006) e comentadas por Teixeira (2015). Jorge e Fernando também reiteram o debate sobre a instrução do trabalho. Fica refletido o papel de ambos “opinadores” e refratado de que eles opinam a partir de conhecimentos específicos. Essa ideia fica clara, principalmente na fala de Fernando, pois ele utiliza de sua empregada em dois sentidos: como a pessoa que faz as refeições diárias de sua casa, e como a pessoa que vai apenas ajudá-lo a preparar a cozinha e

os ingredientes para o preparo de suas refeições sazonais ou na organização dos preparativos anteriores à aula de gastronomia. Quando Fernando relata que, ao ficar sabendo que ele vai almoçar em casa, sua empregada o pergunta “o que o senhor quer que pica?”, fica subentendido que ele se estabelece em posição superior na cozinha e ela apenas o auxilia e serve como “substituta” quando ele não pode estar ali. Essa ideia é reforçada quando ele referencia sua ex-empregada, “ela se metia a fazer também a inventar as coisas e palpitar na minha área ((risos))... Essa ainda não faz isso não.” De um modo mais brando, Jorge recria o mesmo discurso ao dizer que possuem alguém que cozinha no cotidiano, mas que é ele quem se estabelece como cozinheiro em momentos especiais. Nesses termos, faz-se oportuno entender um pouco mais sobre as relações que podem ser estabelecidas nesse território.

Tem até um *slogan* da Nestlé... ‘A cozinha começa em Minas’, **a cozinha é onde começa a casa**, mas ou menos por aí. Na época que eu chegava à casa da minha vó no interior, **todo mundo tava querendo ir pra cozinha**. Hoje, na minha casa, eu acho que a gente fica muito na varanda, na sala, **mas na cozinha, no dia a dia, a gente não fica muito não, mais é nos finais de semana**. A partir do momento que **meu marido não se importava** de comer comida congelada... Eu relaxei. Sem aquela cobrança de ‘**nossa você não fez nada? Vai comprar tudo pronto?**’ Eu odiava isso. (Luiza)

Para a gente que é mineiro e que é do interior, sim, **a cozinha sempre foi um espaço de convivência**. A mesa dentro da **cozinha é um costume nosso**, mas talvez em outras culturas não. Agora, quando vim para Belo Horizonte, quando eu morava sozinho, **eu tinha que me virar**. Eu tinha que fazer a compra, de preparar um almoço um jantar, não tinha aquela grana toda pra ter uma empregada doméstica pra fazer as coisas. (Jorge)

**É o melhor lugarzinho da casa, né?** Onde você prepara o alimento... É tudo de bom. **A cozinha é onde você fica mais tempo dentro da sua casa**: levanta de manhã é o café, depois o almoço, depois você prepara mais alguma coisa, é isso. (Mônica)

“A cozinha começa em Minas”, segundo Luiza esse *slogan* da Nestlé já diz muito do que esse território representa para os mineiros. Interessante notar como as falas de Luiza, Jorge e Mônica parecem estar permeadas de um saudosismo de uma condição regional. Quando Jorge diz “a cozinha é um costume nosso” fica nítida em uma análise lexical que além de se colocar como parte integrante, o entrevistado assume a alegria de suas raízes interioranas. Como já é notório, a cozinha em Minas Gerais possui um papel importante no cotidiano dos mineiros, pois há um fluxo contínuo de pessoas que transitam pelo estado e levam algumas tradições que estão mais presentes nas cidades do interior. Assim, o tema da cozinha como espaço de convivência é evidenciado.

Mônica corrobora com essa ideia, mesmo alimentando um discurso machista ao admitir que “é onde você fica mais tempo dentro da sua casa”. Retomando a análise lexical, o termo “lugarzinho” traz um conceito mais intimista e pessoal à cozinha. O que também pode ser visto quando Luiza diz que “a cozinha é onde começa a casa”. Fica implícito nesse trecho e na sequência do discurso, a comparação feita pela entrevista entre a dinâmica de sua vida no interior e na capital, assim como a percepção de que o papel das mulheres em um cozinha interiorana tende a ser diferente, já que ela indica um saudosismo dos velhos tempos, mas agradece por uma posição “diferenciada” do marido.

**É muito complicado trabalhar fora e ainda ter que cuidar de casa, ainda ter que cuidar dos filhos quando chego... Às vezes o cansaço me vence** e aí no outro dia eu já saio de casa cansada. Ainda tem a cozinha... Para cozinhar tem que gostar... Eu não sou muito de gostar de cozinhar não, mas eu cozinho. **Às vezes você está cansada e tem que parar para fazer uma janta**, bate um desânimo... Mas **você não tem outra saída**. Na minha casa era assim... **A cozinha era das mulheres e meu era muito machista, então... Tinha uma divisão sim dos espaços na casa**. Para meu pai mulher não podia sair de casa nem para trabalhar. **Mulher tinha que ficar em casa**, cuidando da casa e dos filhos, **para quando o homem chegar estar tudo prontinho**... Janta pronta, roupinha pronta. Então tinha uma divisão na casa, mas **hoje não tem muito... Pelo menos na minha casa**. (Alice)

A cozinha é **um espaço de convivência, de aconchego, de relaxamento, de alegria e de raivas às vezes... ‘Por que eu tenho que fazer isso?’**, ‘**hoje eu não estou a fim disso**’... Mas, eu gosto normalmente. Gosto de receber visitas e eu **não deixo elas prepararem nada, só eu que cozinho** (risos). Agora... Teve uma época na minha casa que eu cozinhalva todos os dias, era frequente. **Você fica o dia inteiro na cozinha**. Você levanta, faz o café, a vitamina, você começa a preparar a comida, aí depois já prepara o lanche, uma nova comida para a noite... **Direto na cozinha**. Na cozinha eu **me sinto muito inteira quando eu estou cozinhando**, faz parte da minha da minha história e das mulheres da minha geração. Agora para os mais jovens é mais para quando querem relaxar. **Cozinhar me dá a sensação de que eu sou útil**... Me dá uma sensação de utilidade, porque a própria vida vai te limitando e cozinhar, hoje, **faz com que eu me sinta importante**, até para mim mesma. (Judite)

Nas sentenças acima se fortalece a ideia de que a cozinha é um espaço de relações, mas retoma-se o tema da obrigação e da utilidade. Alice utilizou a entrevista como uma oportunidade para desabafar e isso é visível em suas falas. Ao dizer que se sente cansada com a dinâmica de ter que trabalhar fora e dentro de casa, ela afirma que mesmo diante do desânimo, “não tem outra saída”. Ela ainda usa das lembranças de sua infância para tentar assegurar que as coisas eram piores. Assim como tantas outras mulheres, relata que chegou a perceber a divisão dos espaços na casa, a divisão machista das tarefas e a recusa de seu pai em aceitar outras condições de vida. No entanto, é instigante perceber como fica refratado discursivamente que, para Alice, esse acúmulo de tarefas passou a ser uma condição natural e

que não há nada o que fazer. E que ela se cala diante dessa situação e não percebe a manutenção das práticas de subordinação, que foram apenas rescritas de um modo diferente.

Já Judite apresenta um discurso extremamente contraditório. Mesmo apresentando queixas quanto à obrigação e o excesso de trabalho no dia a dia da cozinha, Judite, que se aposentou e ficou restrita às atividades domésticas, vê nesses serviços a possibilidade de ser manter “útil”. Surge então o percurso semântico do trabalho como forma de se manter ativo, não apenas observando questões de saúde, mas como uma resposta ao ciclo familiar.

**Cozinhar é o oposto do trabalho** (risos) **Cozinhar eu acho que é uma arte que demanda muito carinho, muita competência, muita habilidade e muito amor, mas cozinhar para mim não tem um apelo muito forte no sentido do prazer.** No entanto, vejo como uma atividade essencial para a sobrevivência...**É preciso dom para cozinhar, uma capacidade meio que de alquimia.** Pensar os ingredientes, a combinação, texturas, sabores e tudo mais. E, principalmente, **a sensibilidade com o outro...** Por isso o ato de cozinhar demanda uma capacidade muito grande e genuína de você **interpretar o outro.** Nós **construímos um sítio** e a **cozinha e a sala são integradas** e ali é o **centro da casa.** O centro da casa não é a sala de TV. O centro da casa é literalmente a cozinha. O arquiteto que projetou a extensão, ‘bolou’ **um espaço de encontro.** Um mesão enorme e a cozinha integrada. As nossas reuniões de cozinha acontecem ali... **Meu pai cozinhando e todo mundo em volta.** Sempre tive várias pessoas cozinhando ao meu lado. E, pensando na mulher que cozinha, **na nossa família sempre teve alguma funcionária que cozinhasse muito bem e ela também sempre fazia parte desse ambiente.** (Henrique)

A cozinha é um **espaço de convivência, de lazer, de criação, é um lugar que... Para quem verdadeiramente gosta, cria.** É porque eu acho assim... **Quando a pessoa é mais limitada... Pode até cozinhar bem, mas é aquela que pega um roteiro e sai seguindo, que precisa de uma receita** pra falar que tem isso ou aquilo. Pra mim é isso que eu te falei, **eu crio, eu invento, eu curto, é um lazer, é um... Espaço de convivência.** Direto eu **recebo e gosto de receber pessoas.** Às vezes eu fico com tanta vontade que eu bato na porta do vizinho da frente e chamo eles pra vir comer ((risos)) É uma coisa costumeira. (Fernando)

Os dois enunciados acima versam sobre a cozinha enquanto espaço de lazer, encontro e confraternização. Mesmo diante desse percurso semântico, não há como não notar que essas duas falas são de padrões. Henrique admite que o ato de cozinhar não possua para ele “um apelo muito forte”, mas Fernando coloca-se um verdadeiro amante da cozinha. Chama à atenção o fato de que os dois percebem a atividade de cozinhar como um processo de criação. Henrique chega a usar os termos “alquimia”, “sensibilidade” e capacidade de “interpretar o outro”. Fica explícito que para ele cozinhar é uma atividade que envolve um processo artístico de muito prazer. Quando ele diz “cozinhar é o oposto do trabalho”, fica nítido o interesse de diferenciar as duas atividades, como se o trabalho funcionasse como algo enfadonho e a atividade de cozinheiro como o oposto.

Fernando segue a mesma linha de raciocínio e acrescenta que ele vê nesse espaço uma possibilidade de criar e inventar soluções gastronômicas, pois esse é e seria o verdadeiro papel de uma pessoa com a competência para realizar a tarefa. É impossível deixar de observar a presença de um discurso narcisista e a necessidade de demonstrar aos outros seus “inventos”. Por fim, o pressuposto de que a cozinha é um espaço de lazer e interação ganha vida na fala de Henrique, quando ele admite que sua família construiu um espaço *gourmet*, seguindo a tendência do mercado, para que fosse possível alimentar os momentos de deleite ao redor daquele espaço, que segundo ele sempre teve por perto um boa “funcionária” na cozinha.

Com um pouco mais de frequência. A gente tem **uma casa comum de família**, e nessa casa **eu adoro ir pra cozinha e fazer almoço** e depois pedir pros outros arrumar cozinha... ((risos)) Os outros! Ah é a comida pra mim, ela é um **sinal de vida** muito bacana. Eu sempre gosto de sentar a mesa, com a família, bater papo, comer né. **A cozinha tem essa característica na minha família, é um lugar de encontro**. A família é grande, e quando encontramos, estamos sempre na cozinha. Tem sala de jantar, tem copa né, mas a gente estica a mesa **e fica todo mundo na mesa da cozinha**. Eu penso e sinto que a minha relação com o gosto com a cozinha veio muito mesmo da minha vida e na minha família mãe, irmãos, pai né. **A minha família sempre foi assim. O domingo** na minha casa, nós éramos 10 irmãos mais uns quatro primos que morávamos juntos, **sempre terminava com uma boa panela de mexido, ou um caldo, uma sopa e... Todo mundo junto**. (Juliana)

No meu histórico familiar, na **casa da minha tia aos domingos**, por exemplo, a gente ia para poder almoçar, e aí assim **algumas tias minhas, minhas tias, minha mãe ajudavam a fazer o almoço**, aí a gente comia **todo mundo junto**, era aquela comida deliciosa. Então é assim um **momento de integração a gente reunia para almoçar**, passava o domingo inteiro também comendo a sobremesa do almoço etc. (Flávia)

**Eu cozinheiro muito para os amigos**. Eles me pedem e eu cozinheiro. Eu gosto tanto da comida do dia a dia, quanto de uma comida mais elaborada. **A cozinha é um lugar para reunir. Aqui em casa a visita chega e já vai logo para a cozinha...** É um **lugar prazeroso de encontro** e isso **hoje é ainda maior**. Tem a questão do custo, para não ter que sair de casa, mas também cria um **ambiente mais intimista**. (Isadora)

As vivências de Juliana, Flávia e Isadora corroboram com as anteriores e acrescentam alguns itens. O tema da cozinha como espaço de encontro familiar e entre amigos surge novamente nas três passagens. Curioso notar como a ideia de ter um espaço mais exclusivo para as práticas da cozinha é comum a vários sujeitos. No entanto, deve-se notar que em todos os trechos a cozinha de que se fala não é a do dia a dia, mas a de ocasiões especiais como um domingo, uma temporada de férias com a família, um jantar entre vizinhos, uma reunião entre amigos. Portanto, é relevante notar que a exaltação da cozinha enquanto espaço de encontro e do estabelecimento de relações mais interpessoais, não é necessariamente ligada ao território

do dia a dia, até mesmo porque já foi dito que esse território pode “mudar” dependendo da ocasião e de quem se apropria dele.

O discurso da união da família e da manutenção das tradições está muito presente nas falas de Juliana e Flávia. Já Isadora acrescenta um novo tópico ao debate. Segundo ela, a “fuga” dos ambientes públicos e o estabelecimento das cozinhas domésticas como pontos de encontro entre amigos, possui uma dimensão econômica, em relação à redução de custos, e busca por espaço mais “intimista”.

Ah cozinhar pra mim é o **meu mais novo projeto de vida** de aprender. Eu adoro cozinhar, acho **que é muito gostoso e adoro cozinhar pra muita gente**...Assim, fazer assim, **receber amigo**, ir para os acampamentos, fazer comida nos projetos. Eu falo em aprender porque eu sempre fiz vendo os outros fazerem por que na verdade eu **nunca é... Fui assim aquela dona de casa**, nunca tive tempo, eu trabalhava manhã, tarde, noite. Agora nessa fase de idade, eu **estipulei que eu ia fazer algumas coisas que eu gosto de fazer**. Uma delas é cozinhar pra família, e pra cozinhar eu quero aprender a fazer coisas diferentes, gostosas. Ontem mesmo aprendi um prato novo pra receber um amigo meu do Haiti. Para cozinhar é preciso **muita criatividade**. Quando você vai fazer um prato já predeterminado, você já tem a receita e você sabe o que vai fazer, agora no dia a dia, quando você olha aquelas coisas, como é que você vai compor um prato? Ai eu acho que **você precisa de criatividade, boa vontade e mesmo prazer de cozinhar pra fazer dentro do tempo da forma que precisa ser feito**. (Juliana)

**Eu acho que para cozinhar tem que gostar e não ter nojo**...Eu, por exemplo, **morro de nojo** de mexer em ovo, carne... **Hoje eu confesso que eu uso luvas** ((risos)) **Eu cozinho, mas esporadicamente**. Faço uma entrada, uma carne assada, faço um filé a molho mostarda, sobremesas e essas coisas. Nessas ocasiões em gosto, inclusive **eu prefiro a minha comida** ((risos)) **do que a menina lá**. Às vezes eu cozinho para uns amigos... Final de semana. Nós **gostamos de receber, mas meu marido não faz nada**... Acho que se precisar ferver uma água ele não dá conta ((risos)). (Luiza)

Na minha casa nós temos uma empregada e **depois de muita, muita orientação da minha esposa**, ela já sabe exatamente do que a gente gosta e aí ela que faz e decide todos os pratos, ela que faz as compras e ela que planeja e executa toda a comida. (Lucas)

Têm-se aqui três situações parcialmente distintas. Juliana retoma temas como criatividade, amor, vontade e prazer. Ela está em uma fase de vida distinta dos outros dois sujeitos de pesquisa. De todos os entrevistados talvez ela seja uma das que mais busque a defesa do aspecto familiar em relação à cozinha. Nota-se que ela fala com certas ressalvas do tempo em que trabalhava fora de casa e não podia se dedicar mais às tarefas domésticas, ficando implícita a ideia de que a cozinha nunca foi uma obrigação, mas uma fonte de prazer que agora ele classifica como “mais novo projeto de vida”. Não com as mesmas palavras, mas essa expressão também está muito ligada ao que Judite ao trazer o tema da “utilidade”.

Lucas e Luiza já trazem com maior evidência a relação com a empregada doméstica. Ele deixa claro a ideia já discutida de orientação e fica evidenciada uma relação de comando. Luiza também trata da relação com a empregada doméstica, mas em sua fala o que chama a atenção é a sua aversão a alguns alimentos, como visto a partir de “morro de nojo”. Ao dizer que cozinha esporadicamente e que ao cozinhar é mais exitosa que “a menina lá”, voltasse ao discurso narcisista e ao de superioridade que estão embalados pela possibilidade de escolha da ocasião em se irá cozinhar. Além disso, fica refletido em sua última frase que o marido possui menos necessidade ainda de cozinhar, pois na ausência da empregada, ele tem a esposa. Por fim, fechando este tópico, apresentam-se três sentenças sobre o rito da refeição e seus desdobramentos na vida de cada um.

**A cozinha e as refeições são uma questão de rito.** O rito da refeição para mim é um dos ritos mais importantes da sociedade... Entendendo que **a família é o esteio da sociedade, a célula principal** da sociedade... O rito de se alimentar é importantíssimo, pois este é o momento em que a menor célula senta para se organizar e eu acho que isso tem sido uma grande perda sociedade contemporânea. Para as pessoas que tem o prazer de cozinhar... **O ideal é que as refeições acontecessem dentro da cozinha.** Que esse rito começasse no ato da preparação. Então eu transfiro o rito para a cozinha... **Um lugar que deve ser aprazível, deve ser um lugar para as pessoas sentarem, refletirem, conversarem, trocarem ideias, definirem coisas importantes para o futuro.** Por isso tudo ela é definitivamente **um espaço para relações** ou deveria ser, sem sombra de dúvidas. Na minha casa tem uma funcionária, está conosco há 14 anos e **ela não cozinha bem... Faz o trivial.** E aí como eu minha mulher... Minha mulher é toda *light*, o negócio dela é salada e no máximo peito de frango... Então nunca demandou tantos requintes, por isso a Patrícia faz só o básico, mas **ela é a gerente da casa, cuida da limpeza, roupa, filho.** Agora foi uma decisão de vida... **Nossa estrutura de vida foi montada de modo que nós sempre possamos almoçar, jantar e tomar café junto com nossos filhos.** Isso é regra do tipo... Na hora do almoço ninguém atende o celular, ninguém liga a TV... **É um rito que eu faço questão de preservar.** (Henrique)

A comida era muito mais forte antigamente do que é hoje... Hoje qualquer indisposição que você tem, você lá em qualquer *self service* e tá valendo. Minha mãe aprendeu a cozinhar praticamente sozinha, apesar de ter a minha avó que sempre cozinhou muito bem, mas a **minha avó não gostava de gente na cozinha e a minha mãe acabou inconscientemente também não deixando que eu fizesse muita coisa.** E aí depois que eu casei, fiquei grávida e já estava completamente enjoada de comida congelada é que eu comecei a fazer outras coisas... **Nunca tinha comprado um pacote de feijão na minha casa** ((risos)). E aí eu comecei a ler. (Luiza)

Eu **sempre tive empregada** porque eu trabalhei desde os 16 anos, então eu me casei e continuei trabalhando, normalmente eu trabalhava o dia todo e estudava à noite, depois que eu passei a trabalhar como educadora... Escola, manhã, tarde, noite. Então eu **sempre tive empregada, uma pessoa que faz a comida.** Hoje eu tenho tempo reduzido, mas eu tenho essa pessoa na minha casa. Esta pessoa que atualmente que está comigo, **quando ela entrou na minha casa ela veio do interior,** muito interior e ela não tinha esse conhecimento deste tipo de comida que

a gente normalmente usa, e mas, **meu relacionamento com ela é de muito bom**, ela é uma pessoa de um humor excelente, é...Muito gostoso conviver com ela. Ela já é uma pessoa de **um relacionamento muito bom com a família**. (Juliana)

Começando por Henrique, fica explícita a importância que ele dá para o momento das refeições em família, como se pode observar em “nossa estrutura de vida foi montada de modo que nós sempre possamos almoçar, jantar e tomar café junto com nossos filhos. Ao assumir que a “família é o esteio da sociedade”, ele deixa claro que o momento no espaço da cozinha sempre deve ser aprazível, isto é, busca-se uma oportunidade de diálogo que foge do convencional. Porém, não há como colocar essa situação como idealizada, pois ele possui condições de organização que nem todos podem contar. A sua “gerente”, retomando ao discurso empresarial de Lucas ao usar o termo “secretária”, exerce papel fundamental para que ele possa dispor de algumas vantagens em seu dia a dia.

Especificamente no trecho acima, Luiza não deixa clara a relação hierárquica para com sua empregada, mas ao estabelecer um histórico familiar, ele parece tentar explicar o seu distanciamento da cozinha e acaba silenciando sobre algumas questões relativas às suas “obrigações” com seu marido e às suas “deliberações” com a empregada. Por último, Juliana, novamente, parece querer justificar os motivos que a levaram a sempre ter uma empregada doméstica. O curioso foi perceber que essa “necessidade” de justificativa foi algo totalmente espontâneo e ela por diversas vezes voltou ao assunto acrescentando que sua empregada sempre foi muito querida e “parte da família”.

Após todas as considerações feitas neste tópico é importante destacar que foi fundamental compreender um pouco mais sobre as vivências dos dezessete entrevistados em relação ao ato de cozinhar e a apropriação do território, pois assim, é possível dizer sob quais circunstâncias os sujeitos de pesquisa se viram incluídos ou excluídos da cozinha doméstica. Já possível notar relações de prazer e desprazer ligadas a diferentes contextos e situações cotidianas. Dessa forma, abre-se no tópico seguinte um debate mais específico sobre dois marcadores que serviram de base para o estabelecimento de muitas das relações descritas até agora.

### **4.3 A dinâmica das relações sociais: demarcações por gênero e raça**

Inicia-se este tópico investigando se houve uma naturalização da ideia de que a mulher deve ser responsável pelos trabalhos domésticos, em especial o de cozinhar, e quais os mecanismos

utilizados para a manutenção de tal situação. Tereza e Henrique traçam alguns primeiros questionamentos.

Para a **mulher brasileira** tudo que você pensa **ela está na cozinha. A mulher brasileira em qualquer lugar que vai, cozinha muito bem, é a melhor cozinha que existe.** Como se fosse um **dom**. Os homens hoje cozinham cada vez mais, **só que é por gosto, porque necessidade eles não têm.** Normalmente é a mulher que está cozinhando, **então não tem necessidade.** Meu marido mesmo às vezes fala: “hoje eu vou **fazer um agrado** para vocês e **vou para a cozinha**”, mas isso é só de vez em quando. Agora mesmo ele está de férias... **Ele só fez comida no primeiro dia lá em casa.** Ontem mesmo eu cheguei e ele veio **me perguntar se eu tinha feito alguma coisa para ele comer.** Eu não fiz, **mas minha filha tinha feito. É errado homem na cozinha. É mulher que tem que ficar na cozinha.** Assim... você pensa em um homem na cozinha você pensa na bagunça que vai ter, eu acho errado. (Tereza)

Para falar da relação das mulheres com a cozinha temos que dividir em duas circunstâncias. As que gostam de cozinhar e as **que têm que cozinhar.** As famílias, principalmente as **brasileiras são matriarcais. É bobagem esse negócio de dizer que nós temos famílias patriarcais. O homem é o provedor, mas o esteio da família é a mulher, ponto.** Um negócio que é... **Uma bobagem do machista dizer que é ele quem manda. O esteio da família é a mulher.** E pensando nos ritos do almoço e do jantar, e que isso tem que acontecer dentro da cozinha ou próximo a ela, esse é **um momento em que a matriarca coordena a casa. É o local onde ela vai sentar com o filho, onde ela vai dar carinho, o local onde ela vai xingar o marido e de ontem tem que emanar as diretrizes da casa.** (Henrique)

Temos aqui dois discursos distintos, porém complementares. Tereza inicia sua fala com a generalização de que “a mulher brasileira” está na cozinha, pois cozinha muito bem. Há o tema da tradição em evidência, o que deixa implícito que há uma relação de apropriação do papel de cozinheira. Ao afirmar que nesse cenário o homem não tem a “necessidade” de cozinhar, ela contribui para a manutenção do sistema patriarcal. O interessante é que de uma forma explícita Henrique acaba usando a expressão “famílias matriarcais” para conceder à mulher um conjunto de atribuições que não necessariamente são requeridas por elas. Fica implícito que, nos dois argumentos, o papel central é o da mulher.

Na fala de Tereza aparece a obrigação dela e de suas filhas em cozinhar e da “benevolência” passageira do marido em contribuir nesse âmbito. Por mais que ela queira se colocar com a possuidora da “palavra final”, mesmo não tendo cozinhado para o marido, ela delega a tarefa para a filha e isso apenas contribui para um novo ciclo. É importante mencionar que durante o teste de evocação de palavras, Tereza evocou a palavra “errado” a partir da expressão “o homem na cozinha”, e ela repete e completa “é a mulher que tem que ficar na cozinha”. O discurso ideológico sexista está presente em seu discurso e também no de Henrique, pois mesmo dizendo que a ideia de famílias patriarcais é uma falácia, ele direciona à sua esposa a

coordenação das atividades domésticas e de cuidado, como se dizer que a mulher é o “esteio da família” suavizasse a divisão sexual do trabalho.

Eu acho que **cozinhar é uma alegria para a mulher... Uma maneira dela relaxar.** Eu acho que para a maioria das mulheres, **apesar da obrigação**, sempre foi muito prazeroso para todas as mulheres, pelo menos as que estiveram perto de mim... Sempre muito **incentivadoras, trazendo receitas novas, passando de uma para a outra... Uma ligação muito forte da cozinha com as mulheres.** A mulher **sempre teve a obrigação** de cuidar da cozinha. Eu acho que isso é muito da cultura de uma época... **Ao homem era dado o direito de fazer o que queria, de só chegar em casa e comer. Ele tinha a obrigação de colocar a comida dentro de casa é....** Não é a comida dentro de casa, é **o dinheiro** para fazer as compras. E a mulher era obrigação mesmo, é histórico. **Além de cuidar dos filhos**, já que os pais não se aproximavam antigamente. A gente praticamente não teve conversa com pai e isso era normal. (Judite)

Eu acho que a **relação da mulher com a cozinha é essencial. Se você não souber direcionar uma cozinha...** Não precisa necessariamente cozinhar, mas **você tem que saber se organizar em relação às compras, de limpeza e isso a mulher tem que saber.** Agora, foi naturalizada a questão da cozinha com a mulher. Eu acho que nasceram e falaram... **A casa é por conta da mulher em todos os sentidos:** filho... A liderança da casa na verdade sempre foi da mulher e isso é histórico. Mas as coisas hoje estão mudando porque a mulher trabalha muito e aí está tendo uma divisão de tarefas com o homem. **Eu acho as coisas podem ser mais divididas.** Se o homem não gosta de cozinhar, ele pode te ajudar com as compras. (Isadora)

Dois novos discursos, mas falas reiteradas. Além da atividade doméstica de cozinhar, a tarefa do cuidado dos filhos aparece novamente. Nota-se uma clara indignação, principalmente na fala de Isadora, em relação à divisão dos papéis. Fica refletido nos dois trechos que, de uma forma ou de outra, a mulher possui obrigações domésticas. Judite usa a expressão “apesar da obrigação” como complemento à fala de que “cozinhar é uma alegria para a mulher”. Já Isadora usa de certo eufemismo para dizer que “a mulher tem que saber” coordenar as atividades. Mesmo com um discurso mais progressista, ela ainda destina às mulheres uma obrigação das funções de coordenação, semelhante ao que disse Henrique anteriormente. Ao dizer que “a casa é por conta da mulher em todos os sentidos”, Isadora percebe uma dimensão histórica que contribui para essa manutenção. É possível perceber um silenciamento sobre os motivos que levaram a esse quadro e a ausência de maiores questionamentos. A própria Judite esclarece que “ao homem era dado o direito de fazer o que queria”.

Ah... **Mulher cozinha mais naturalmente. O homem fica mais com vergonha... Por pensar que é uma atividade de mulher. Eu brincava de fazer comidinha na minha infância, mas só nós, meninas.** Ai eu acho que **a ideia de vergonha do homem ainda fica na cabeça da gente... Fomos criados assim desde pequeno vendo as coisas.** (Joana)

Quando você olha para tudo, você vê que ainda tem um pouco de preconceito, a mulher ali na cozinha e o homem um dia ou outro. Mas eu acho que está caminhando para uma mudança, porque quando o homem gosta, ele até cozinha melhor do que a gente. Eu acho quem nem todas têm um interesse pela cozinha, mas eu acho que para a mulher é mais fácil... Eu penso assim. É... Mas hoje eu homens que são muito mais... Às vezes muito mais que as mulheres. Às vezes ele chega à cozinha e rapidinho faz, pensa, sabe criar, né? Essa questão da mulher na cozinha está mudando, a televisão mesmo mostra muito programas com homens cozinhando e eu acho interessante... Eu mesmo gosto de assistir. Quando é uma família mais simples, normalmente é a mãe, a dona de casa que está na cozinha... Mas, em uma casa mais elaborada, mais chique sempre é a cozinheira, a doméstica. A cozinha costuma ser mais escondida, mas não igual a antigamente que era quase fora da casa. (Mônica)

Joana e Mônica acrescentam dois novos pontos à discussão. Joana deixa explícito que para ela a naturalização da mulher na cozinha começa na infância ao dizer que “fomos criados assim desde pequeno”. O termo “vergonha”, que ela usa para justificar a ausência dos homens na cozinha, deixa implícito que há uma justificativa para tal. Em uma sociedade machista é plausível pensar que na infância iniciam-se algumas distinções e as crianças são oprimidas de alguma forma, mesmo que em suas brincadeiras. Nesse sentido, “a mulher cozinha mais naturalmente” ganha sentido no discurso de Joana. Porém, tudo é uma construção social, portanto, há espaço para reformulações. Como Mônica menciona, ainda há muito preconceito e a maioria dos homens se dão ao luxo de cozinhar sazonalmente. No entanto, a própria Mônica, também contribui para a permanência de alguns estereótipos ao dizer que “para a mulher é mais fácil”, ele “faz, pensa, sabe criar”, e “quando o homem gosta, ele até cozinha melhor do que a gente”. Considerando a análise lexical, além de se colocar como parte desse contexto, ao dizer “a gente”, fica implícito que ela confere aos homens habilidades diferenciadas, afloradas em momentos oportunos, como a exposição em programas de televisão. Por fim, Mônica acaba adiantando que percebe uma ressignificação da cozinha, que além de trazer uma nova figura, passa a ter uma posição mais central na vida das pessoas de modo geral.

O emprego de cozinheira... Acredito que devesse pagar pouco e que um homem conseguiria um maior rendimento trabalhando fora da cozinha, uma ideia que me ocorreu. Então a escrava lá... A filhinha da escrava já iria aprendendo e o menino ia para um trabalho mais forçado, um trabalho mais bruto e aí foi afastando. Aí a menina ficou para a cozinha e o homem em um trabalho mais braçal... Talvez esse seja um dos fatores para a naturalização do trabalho na cozinha. (Lucas)

A mulher é quem está na cozinha. Quando você fala “a mulher na cozinha” e “o homem na cozinha”, a grande diferença disse é que a mulher vai como trabalho doméstico... É o todo dia, é o maçante. E aí quando o homem começou a se interessar... Dificilmente o homem é o “dono de casa”, faz isso todo dia... E aí ele começa a se profissionalizar nesse sentido... Ou ele faz para os amigos,

momentaneamente, ou ela vai ser... Não vou nem dizer que é *chef*, mas ele vai assumir. **Quando o homem vai para a cozinha, ele cozinha maravilhosamente bem. Minha sogra fala isso... E eu me identifico.** Eu acredito que acabou sendo naturalizada a ideia da mulher na cozinha... Pelo menos todas as casas que eu fui até hoje. **Eram as mulheres que estavam cozinhando. Se não é a dona da casa é a empregada, dificilmente é um empregado** que está cozinhando. (Luiza)

Novos indícios para a naturalização de que “a cozinha é o lugar da mulher” surgem nas falas de Lucas e Luiza. Lucas é explícito ao dizer que há uma relação direta com períodos passados da história brasileira. A associação que ele faz com o período da escravidão é pertinente, mas já deixa implícito que o que ele denomina de trabalho doméstico é algo relacionado à figura da empregada, pois mencionou em sua entrevista que possui uma empregada negra e que sua esposa nunca cozinha.

Já Luiza traz o tema do profissionalismo, ao dizer que a mulher está na cozinha no “dia a dia”, na tarefa “maçante” e o homem, a partir de um trabalho remunerado ou por um interesse próprio. Interessante notar que, assim como Mônica, Luiza termina por considerar que os homens, quando estão dispostos, cozinham “marvilhosamente bem”. Fica refletido que, caso haja interesse, a atividade será executada com louvor. E fica refratado que para ter o preparo dos alimentos, é da mulher a condição de “obrigação” e do homem, a de “prazer”. É interessante notar como as mulheres entrevistadas de diferentes formas favorecem o discurso que as diminui enquanto trabalhadoras. Por fim, impossível não notar que na frase “se não é a dona de casa é a empregada, dificilmente é um empregado que está cozinhando”, Luiza nem cogita a figura do patrão, apenas adiciona a possibilidade, mesmo que difícil, de um homem como empregado doméstico. Esses dois trechos apresentados fortalecem a tese de que há um olhar diferenciado para a cozinha doméstica conforme o sujeito que nela está cozinhando.

Algumas, assim como eu, gostam né, e **algumas acham que a cozinha é um tormento**, aquele negócio de ter que fazer comida todo dia, ter que decidir o que vai fazer. E **as que trabalham**, quando chega final de semana, preferem ir pra um restaurante e tal, mas é a mesma coisa, **existem mulheres, de acordo com a sua experiência de vida, com as suas habilidades que vão achar mais prazeroso, outras vão achar mais certa à rotina** também, eu **vejo muitas mulheres reclamar da rotina** de ter que fazer. **Isso tudo é muito da cultura brasileira, não é só na cozinha não, a cultura é machista**, ela definiu esses papéis. Mas **hoje há um reforço em todas as áreas, inclusive na mídia, que cozinha também é lugar de homem, né?** Isso é um prazer muito grande. (Juliana)

Depende da mulher, **tem mulher que gosta e tem mulher que não gosta**. A minha esposa, por exemplo, ela até faz o que ela gosta bem, mesmo ela gostando de pouca coisa. Mas ela não se aventura muito na cozinha, ela é médica também. **Historicamente, a mulher, tinha a vida dela mais dedicada ao lar, né?** Então, assim... Ela encarava **a casa como um todo e a cozinha fazia parte**. Isso tem questões históricas e culturais envolvidas, não tenha dúvida nenhuma. Mas hoje já

temos uma quebra disso, com absoluta certeza. **A evolução do próprio tempo exigiu que é.... Que a casa não fosse dividida.** Uma coisa é pra um e a outra é para o outro. **Se minha mulher, por exemplo, hoje não trabalhasse, estaríamos morando no Vale do Jatobá<sup>31</sup> ou além dele.** Então temos que ter **uma casa onde as despesas são dívidas e aí pra dividir...** Eu não posso passar a cozinha pra ela ((risos)) e aí se eu passar a cozinha também tem que passar a máquina de lavar roupa, o ferro. ((risos)) (Fernando)

Temos aqui dois discursos complementares. Assim como dito por Henrique, Juliana e Fernando admitem que seja necessário ponderar a existência de dois grupos: a mulheres que tem que cozinhar e as que gostam. Sem entrar novamente no mérito do “ter que”, Juliana assegura que há uma construção social por trás desses dois grupos e isso tende a definir o prazer ou não pela cozinha. No entanto, é curioso notar a expressão “e as que trabalham”. Ao observar isso na fala de Juliana fica implícito que ela não considera o trabalho doméstico como uma atividade de trabalho, pois ela classifica como trabalho apenas aquele que é realizado fora da moradia.

Já Fernando também qualifica a existência de dois grupos de mulheres, além de dizer que percebe uma “evolução do próprio tempo” que fez com que cada vez menos as mulheres não ficassem restritas as atividades domésticas. Porém, chama a atenção o discurso utilitarista desse entrevistado. Ele admite, com todas as palavras, que não “passa” a cozinha, a máquina de lavar roupa e o ferro para a sua esposa, pois ele quer alguém que divida as contas da casa e que lhe permita morar em um bairro de classe alta. Fica refletida a nova tendência de configuração das famílias trabalhadoras, e fica refratado que essa nova disposição pode continuar servindo aos desejos de grupo de homens que perceberam como “vantajoso” abrir mão de seus “direitos patriarcais”.

É uma questão muito do Brasil assim e se você for contar **no exterior ainda os homens eles já fazem muito mais atividades domésticas do que no Brasil...** Eu acho, eu não sei se é globalização... **Se a gente tá aderindo uma cultura mais que por exemplo tem ficado mais caro ter empregadas domésticas** então no momento vão entender... Muitos casais novos já não tem, as vezes tem alguns dias da semana, então assim...**E a mulher já trabalha o dia inteiro,** então **o homem precisa ajudar...** Então nesse contexto o homem às vezes por exemplo, conheço amigas que quem chega em casa primeiro faz o jantar... **Então, minhas amigas ficavam rodando depois do serviço pra demorar a chegar mais em casa pro marido fazer o jantar.** (...) As mulheres **não estão dando conta e estão dando o grito** por causa disso, porque **chega num nível que você não dá conta** de ter jornada, de ter que trabalhar, ter que cuidar dos filhos, ter que fazer para casa com os filhos, ter que cuidar da casa ter que fazer comida... Então assim as coisas tem que ficar mais divididas e mais práticas. Ainda tem que avançar muito porque também **depende muito da classe social da mentalidade sócio-cultural da população** e assim talvez

<sup>31</sup>Para fins de esclarecimento, esse é um bairro nos limites da região metropolitana de Belo Horizonte.

**em algumas camadas da população isso já esteja mudando**, mas se você for olhar em outra ainda está muito paralisada assim... **Isso não mudou tanto.** (Flávia)

**Por tradição sempre foi dessa forma, né?** Mas eu acho que isso vem mudando cada dia mais, como a mulher vem saindo de casa e ocupando um lugar no mercado de trabalho, ela vem tendo... **A revolução sexual transformou a mulher em uma coisa muito maior do que simplesmente ficar ali na cozinha. E isso acabou abrindo uma brecha para que o homem pudesse entrar e ocupar esse espaço um pouquinho também.** Eu acho que com essa “fugida” **da mulher da cozinha, o acabou ocupando esse espaço da cozinha, que ele não podia nem passar perto.** (Jorge)

Surge na fala de Flávia, que já morou fora do Brasil, uma breve comparação entre as práticas nacionais e dos outros países onde já morou, deixando subentendido o clássico discurso de “primo pobre”. Quando Flávia e Jorge usam, respectivamente, os termos “globalização” e “revolução sexual” eles parecem atentar ou buscar explicações mais amplas para os fenômenos sociais com que se deparam. No entanto, deixam de observar pequenas práticas que contribuem para a manutenção de velhos preceitos. Mesmo demonstrando a sua indignação com a divisão sexual do trabalho e afirmando que “as mulheres não estando dando conta e estão dando o grito”, Flávia relembra uma situação que merece destaque. Segundo ela, suas “amigas ficam rodando depois do serviço para demorar a chegar” em casa. Fica explícito que nesse contexto o percurso semântico do serviço doméstico enquanto fonte de desprazer, surgindo então a ideia de “fuga”. Se pudesse funcionar como uma resposta, Jorge utiliza o termo “fugida” para dizer que isso funciona como uma “chance” para o homem. O intrigante é observar quando ele diz “isso acabou abrindo uma brecha para que o pudesse entrar e ocupar esse espaço um pouquinho também”. Do modo como Jorge coloca suas palavras ele sugere que os homens seriam “proibidos” de entrar na cozinha. Não há como não dizer que isso serve como uma concessão do problema, isto é, não há uma presença mais evidente do homem na cozinha, pois as mulheres não permitem. E ele deixa isso muito claro ao dizer “não podia nem passar perto”.

Já escutei muito, mas casamento não está só baseado em cozinha... Você **também tem que saber cuidar de uma casa.** É uma frase machista, mas olha só... Tem gente que casa sem saber fritar um ovo e **ainda é mulher.** Tem mulher que gosta e outras que não, mas **eu vejo a relação das mulheres com a cozinha como um casamento** ((risos)). Eu tenho mania de falar com as minhas filhas lá em casa, que **a cozinha é o coração da casa**, a parte que tem que estar mais limpa. Como eles é que ficam em casa eu sempre falo isso. Como eu trabalho fora, eu **difícilmente cozinho em casa**, até **porque tem muita mulher para cozinhar lá** ((risos)), aí fica difícil. Lá em casa somos em seis, sendo quatro mulheres e dois homens. **Eles não cozinham. Meu filho não sabe fazer nada, meu marido ainda tenta, mas faz uma bagunça.** Tem um dia certo para cada uma arrumar a casa. **Elas que arrumam a casa e fazem a comida.** (Tereza)

Isso ai era sempre. **A gente ouvia sempre: “já sabe cozinhar? Então já está preparada”. Ai tinha que fazer uns cursinhos.** Tinha umas escolinhas da década de 1950... As moças que casavam iam fazer. Eram cursos dados para as **moças ‘casadoiras’** e ai elas aprimoravam as receitas. Com os cursinhos elas iam aprimorando. (Judite)

Cozinhar **não é bem uma obrigação da mulher, porque é um ofício e a gente gosta de fazer.** Sabe aquela expressão: ‘já sabe cozinhar... Está pronta pra casar’, **eu já ouvi e já falei muito ela** ((risos)) pra mim é um **elogio, eu acho legal.** (Michelle)

Após esses discursos, surgiu a necessidade de perguntar aos entrevistados o que eles achavam da frase “já sabe cozinhar, está pronta para casar”. Os três trechos acima são muito autoexplicativos, mas merecem destaque. A fala de Tereza é a mais contraditória, pois ela admite que seja uma frase machista. No entanto, corrobora com ela ao dizer “vejo a relação das mulheres com a cozinha como um casamento” e quando diz que existem pessoas que casam sem saber fritar um ovo e “ainda” são mulheres. Assim, o percurso semântico do trabalho doméstico como obrigação da mulher, se torna nítido quando ela diz que possui três filhas e um filho, e que apenas as mulheres cozinham e arrumam a casa.

Já Michelle suaviza a discussão tentando trocar os significados de “trabalho” e “ofício”. Ela ainda admite que não apenas ouviu, mas também disse a frase e que a tomou como um “elogio”. Desse modo fica refratada a relação de submissão a qual ela passou em sua vida e o silenciamento dessa situação que levou à naturalização. Por fim, Judite relembra que “as moças casadoiras” não só ouviam essa frase, como também se preparavam para as funções por meio de cursos que existiam na década de 1950. Nesses termos, o trabalho, que não era e não é remunerado, assume a condição de ofício e, para algumas mulheres, uma condição existencial.

**Já ouvi muito esse ditado, mas não funcionou comigo não** ((risos)). Houve um tempo que **as pessoas pegavam o marido pelo estômago, hoje não mais, hoje vem no laço** ((risos)). **Eu acho que foi naturalizada a ideia da cozinha e da mulher.** Hoje os homens cozinhando é uma **novidade.** Eu lembro que meus irmãos mais velhos **não iam à cozinha nem esquentar água** para nós, nem fazer um chá, **isso era coisa da mulher.** Eu me lembro de escutar minha mãe falando: ‘**vem esquentar comida para seus irmãos**’, aí eu **falava ‘mas a comida está ai e o fogão também**’, e ela falava: ‘**mas você é a mulher**’. **Eu acresci ouvindo que cozinha era lugar de mulher. Homem que cozinhasse era gay,** na opinião das pessoas. E **hoje não deixa de ser homem** porque foi na cozinha. Era muito **machismo** de achar que **eles trabalham foram e a mulher tem que ficar em casa fazendo a comida.** Eles queriam chegar em casa, ter uma comida boa e ele não podia ir na cozinha fazer, **se não ele deixava de ser homem.** (Fernanda)

Eu me lembro perfeitamente da minha infância. Meu pai assim... No começo, eu lembro de uma época que **eu peguei ele conversando com a minha mãe que eu**

**precisava de um psicólogo, porque eu era realmente uma pessoa diferente do que ele imaginava que o filho dele deveria ser.** (Fernando)

Fernando e Fernanda discorrem sobre uma relação já visualizada na fala de Joana. O tema da masculinidade e do cozinhar vem à tona e parecem não se relacionar. Foi possível notar um incômodo em Fernando quando ele relembrou uma situação do seu passado. A cultura machista de que o homem não poderia estar na cozinha é exemplificada na fala de seu pai que, ao ver a proximidade do filho com a cozinha, chegou a dizer que ele “precisava de um psicólogo”, já que era uma pessoa “diferente” do que o pai imaginava como ideal. Há o aspecto ideológico defendido na posição do pai e um contra argumento do filho.

A fala de Joana, também permeada de indignação, retoma o discurso de Tereza. Ao delegar a função das atividades da cozinha à Fernanda, por ela ser mulher, sua mãe usa de uma justificativa que também a coloca em uma posição de subordinação. A posição dos pais dos entrevistados foi colocada em um tempo específico e em condições próprias, mas reverbera a naturalização dos papéis conforme os gêneros e deixa implícito que não há possibilidade alguma de transgressão. Mesmo afirmando que hoje a situação tende a ser oposta, a própria Fernanda indica que a frase “já sabe cozinhar, está pronta para casar” pode ter sofrido apenas uma reformulação, já que segunda a entrevistada “houve um tempo que as pessoas pegavam o marido pelo estômago, hoje não mais, hoje vem no laço”.

Já ouvi ((risos)) é um pouco machista, né? Mas **sempre foi assim... Agora é que eu acho que vai mudar.** Eu vejo algumas mudanças... Primeiro que **o homem está vendo o papel da mulher no sentido de excesso de trabalho,** porque a gente tem que ser 10, 1000 ao mesmo tempo. Eu acho que a coisa que eu **mais admiro em um homem é ser objetivo.** Ele é objetivo, **não é igual à mulher.** Eu vou fazer isso e ter isso, isso e aquilo, entendeu? (Isadora)

Já escutei muito aquela frase “já sabe cozinhar, está pronta para casar”, **hoje eu acho que não precisa mais... Inclusive eu conheço uma senhora que não sabia cozinhar e hoje é uma exímia cozinheira.**Essa frase é muito antiga “já sabe fazer café, pode casar”, “já sabe fritar um ovo, pode casar”, então **isso é uma coisa antiga de costume. Hoje eu acho que ela soa como uma brincadeira, mas antes era um preconceito.** No meio em que eu vivi, eu **não via homens cozinhando... E hoje você vê muito mais.** E quando eu vejo programas de televisão, **eu acho incrível como eles têm a facilidade para fazer.** Você percebe que **ele vai quando quer.** Aqui em casa é sempre meu marido que faz o café, mas **só o café... O almoço ele nunca se apropriou.** (Mônica)

Ah **ele é bom, né?** ((risos)) **Porque quando a gente casa... Muitas vezes a gente vai ter que cozinhar.** Eu acho que **o ditado está certo. As mulheres têm uma relação boa com a cozinha...** A maioria cozinha bem. Antigamente era difícil ter mulher trabalhando, a maioria ficava em casa e **os homens é que saíam para trabalhar.** (Joana)

Temos acima três discursos: de uma patroa, de uma dona de casa e de uma empregada, respectivamente. Isadora chega a condenar e indignar-se com a frase, mas logo em seguida atribui um valor diferente à figura do homem na cozinha. Dessa forma, ela crítica uma situação e fortalece outra que a ela está relacionada. A expressão “ele é objetivo, não é igual à mulher”, soa como um discurso de demérito e da observância de uma qualificação diferenciada. Mônica também entra em contradição ao dizer que “hoje não precisa mais” saber cozinhar para casar, pois ela conheceu uma mulher que não sabia e “hoje é uma exímia cozinheira”. Fica explícito que ela não percebe a incoerência em sua fala, pois além de estar atentando apenas para uma competência técnica, ela não percebe que ao final da história sua amiga acabou cozinhando. Além disso, corroborando com Isadora, ela reforça o discurso de exaltação do homem na cozinha e a palavra “incrível” deixa nítido esse posicionamento. Por fim, Joana também não consegue observar como a expressão “já sabe casar, está pronta para casar” é discriminatória. Semelhante a outras entrevistadas, ela generaliza a condição de trabalho doméstico como responsabilidade da mulher, e ainda chega a afirmar que “o ditado está certo”. É impossível negar a falta de uma reflexão por parte de muitas dessas mulheres que, inconscientemente, alimentam um ciclo vicioso de subordinação.

Eu acho que a maioria, **minha esposa é uma exceção, acaba por influência materna aprendendo a cozinhar, não só para ajudar a mãe na tarefa, como também como uma preparação para um eventual casamento...** Algumas já falam “tem que saber cozinhar”. Acho que **isso vem de família aquela frase: “você não sabe nem fritar um ovo, o que você vai servir para o seu marido?”**. A mulher, normalmente, se **apropria como a responsável por aquele espaço...** Ela que acorda mais cedo, para preparar o que vai ser servido... Ela **realmente continua sendo a dona do espaço.** (Lucas)

**Hoje ela não representa tanto não...** Como já representou a um tempo atrás, mas **antigamente até os rapazes perguntavam: “ah, a moça já sabe cozinhar?”** **Quantas e quantas vezes eu escutei meu pai falando que era obrigação da mulher estar na cozinha. Meu pai nem ia à cozinha... Pegava seu pratinho e saía.** (Alice)

Ao dizer “minha esposa é uma exceção”, fica explícito que Lucas entende a situação de naturalização do papel da mulher na sociedade, mas não vê sua esposa submetida a esse parâmetro. Há de se considerar, entretanto, como dito anteriormente por Flávia, que existe uma discussão de classe social nessa questão, pois se observa não necessariamente o abandono de práticas patriarcais, mas a delegação das tarefas para outras mulheres, as empregadas domésticas. Fica subentendido que há um jogo de hierarquias, entre marido e esposa (dona de casa) ou entre patroas e empregadas, mas que sempre subjagam a mulher,

mesmo que o papel dominante esteja sendo executado por outra mulher (a patroa), como também será visto logo em seguida na fala de Jussara. Já a fala de Alice retoma as opiniões de Fernando e Fernanda, existe ali a posição do “pai de família” e a subordinação dos filhos. Essas falas reiteram tudo que está sendo discutido até aqui, já que as relações sofreram metamorfoses, mas ainda não deixaram de atestar um modelo patriarcal.

Eu acho que **tem sentido aquele ditado**: “já sabe cozinhar, está pronta pra casar” ((riso)) Antigamente cozinhar era uma obrigação da mulher... Ela ficava mais em casa, mas hoje não... As mulheres hoje saem para trabalhar, aí **a cozinha fica mais na mão de empregada, por isso que mudou, antigamente a mulher tinha que ficar mais em casa, cuidando da comida**. Agora... Tem gente que fala que cozinha é lugar de mulher é... A cozinha lugar da mulher...A cozinha lugar da mulher ((silêncio)) ah... Às vezes, às vezes a gente até fala lá em casa... **“Ah saí daqui, cozinha é lugar de mulher”** ((risos)). (Jussara)

As minhas tias mesmo falam: “se você não sabe cozinhar, não precisa nem casar”, né? Primeiro tem que cozinhar pra depois casar. Ah... Olha pra você ver... **Elas tem uma razão porque se você não souber cozinhar como é que você vai fazer?** Ai vamos supor: a mulher não sabe cozinhar, o homem não sabe cozinhar... Além de eles terem um gasto com eles, ainda vão ter um gasto de comprar comida na rua. Eu acho assim... Por mais que esteja ganhando bem, por que tem que comer na rua? **A mulher tem sim que aprender a cozinhar, não só ela né? Mas hoje em dia a mulher não fica só na cozinha. Mas tem a marmita dela e a do marido, né?** Então ela acaba **tendo que cozinhar**. (Bruna)

A incorporação das empregadas domésticas e a tendência para um tipo de relação que fugisse da esfera marido-esposa (dona de casa), também esteve presente na fala de Jussara. É pertinente observar como após fazer uma reflexão sobre a transição da atividade doméstica, Jussara acaba por coadjuvar com premissas sexistas, ao dizer que às vezes ela mesma fala em sua casa “ah saí daqui, cozinha é lugar de mulher”. Bruna vai além e admite que o ditado popular possua sua razão. No trecho “se você não souber cozinhar como é que você vai fazer”, fica refletido que é uma condição essencial saber cozinhar. Em complemento, nos trechos “vamos supor: a mulher não sabe cozinhar, o homem não sabe cozinhar” e “a mulher tem sim que aprender a cozinhar, não só ela” fica refratado que, antes de mais nada, é responsabilidade da mulher saber cozinhar, para depois ser uma possível exigência ao homem. Ao dizer “tem a marmita dela e do marido”, Bruna coloca a mulher como protagonista do processo e isso está explícito, já o pressuposto da obrigação e da subordinação fica implícito. Como já visto ao longo dos últimos trechos, além da condição de dona de cada é preciso observar as relações que são estabelecidas com as empregadas domésticas, como será analisado em seguida.

Eu trabalho desde os 15 anos. **Eu parei de estudar para trabalhar.** Passei **muita humilhação**, fui muito humilhada. Era muito jovem e não sabia nada da vida. E aí eu trabalhei muito tempo em casa de família e **empregada doméstica é uma profissão digna, você não precisa falar que não está empregada. Você está ganhando seu dinheiro honestamente.** (Tereza)

**Eu trabalho como empregada doméstica a vida toda**, comecei com 13 anos. Na época nós tínhamos pouca escolaridade, pouca oferta de emprego, **então o que vinha mais fácil para a gente era ser doméstica.** Não precisava ter idade, qualquer idade você podia trabalhar, e era uma forma de ter dinheiro. Eu sempre gostei desse trabalho. **Antes eu achava que as pessoas tinham muito preconceito e aí eu queria mudar.** Às vezes quando você ia ao banco, as lojas, sempre para abrir um crediário ou uma conta...**Para a doméstica eles ficavam com receio.** Eu acho que mudou porque hoje o salário está melhor. Hoje eu cozinho, arrumo a casa e **gerencio as outras meninas** ((risos)). Uma fica por conta de passar, lavar e limpar vidros. E a outra fica por conta de lavar os banheiros, a sala e as coisas mais finas de quebrar. Elas são diaristas, apesar de virem com muita frequência, umas três vezes por semana. (Fernanda)

Eu **comecei a trabalhar eu tinha oito anos lá no interior**, mas era mesmo pra comprar material de escola essas coisas. Meu pai trabalhava na roça então não tínhamos boas condições. Eu comecei com oito anos cuidando de criança, aí depois eu parei... Trabalhei até uns 11 anos e parei é... Aí depois eu voltei a trabalhar com 15 anos e de lá pra cá eu venho trabalhando assim... Um tempo na casa de um, um tempo na casa de outro... Para suprir as minhas necessidades. Aí depois eu casei, fiquei um bom tempo sem trabalhar fora, aí eu separei e há um tempinho eu voltei. **Desde que eu vim para Belo Horizonte eu trabalho como empregada doméstica.** Na verdade **meu sonho era ser policial, só que eu não consegui estudar. Hoje eu me arrependo de não ter estudado mais, porque se eu tivesse estudado hoje eu seria o que eu sempre quis... Que era ser policial.** Eu quero que meus filhos estudem e estudem muito, para que eles possam crescer e não ficar parado no tempo igual eu. Hoje em dia, também, as **empregadas domésticas estão sendo mais valorizadas, porque já saiu um monte de coisas garantindo uns benefícios e... Antigamente a gente não tinha, antigamente a gente não tinha muito valor não.** Hoje tem muitas empregadas que estão saindo dessa profissão de empregada e indo fazer uma faculdade pra crescer em outras coisas. (Bruna)

Os três enunciados acima ilustram a trajetória de três empregadas domésticas. O primeiro ponto que merece destaque é a idade com que começaram a trabalhar, com destaque para Bruna que iniciou o trabalho com apenas oito anos. Fica explícita a associação de que o trabalho elimina a possibilidade de estudo e isso, reforçado desde a infância, contribui para que não haja possibilidade de maiores qualificações e essas trabalhadoras não conseguem imaginar mobilidade profissional. Nesse sentido, “o que vinha mais fácil para a gente era ser doméstica”, como dito por Fernanda.

A saída do interior ou mesmo de famílias com menor poder aquisitivo, também contribuem para o estabelecimento de relações de subordinação dessas mulheres. Elas acabam se tornando uma mão de obra “manipulável” e sem poder de decisão. Por mais que apareçam histórias de pessoas que conseguiram trilhar outros caminhos, é notório que grande parcela dessas

mulheres não consegue encontrar uma forma de transição e então só lhes resta desejar um caminho diferenciado para seus filhos, como dito por Bruna.

No entanto, mesmo diante dessas intempéries, Nota-se que elas reconhecem cada vez mais a profissão e a defendem como qualquer profissional. Essas três empregadas fortalecem essa ideia: Bruna chama atenção para questões legais que valorizam e regulam a profissão; Fernanda observa o modo como as empregadas de agora são vistas pela sociedade; e Tereza finaliza que “é uma profissão digna, você não precisa falar que não está empregada. Você está ganhando seu dinheiro honestamente”. Em meio a essa valorização, é curioso notar o modo como Fernanda define suas atribuições no trabalho “hoje eu cozinho, arrumo a casa e gerencio as outras meninas”. Como já dito existem vários níveis de hierarquias no trabalho doméstico: a do marido diante da esposa, a da esposa diante das empregadas e nesse surge o da empregada diante de outras empregadas. Fica implícito que ao usar o termo “gerencio”, Fernanda busca uma semelhança ao discurso que a coloca como “gerenciada”.

Nesses termos, abre-se aqui um parêntese para observar um conjunto de relações que são estabelecidas entre patrões e empregadas. Primeiro, em relação aos critérios de classificação. Flávia faz algumas considerações que merecem um olhar investigativo.

A pessoa que trabalha na minha casa **eu não chamo de empregada**, pra começar assim, **na minha casa não tem esse tipo de tratamento diferenciado** assim, **come no mesmo lugar, come a mesma comida no mesmo tempo, não tem nada disso e também não gosto desse termo....**Do termo empregada doméstica.. (Flávia)

Interessante notar a resistência dessa entrevistada em usar o termo “empregada doméstica”. Mesmo se apoiando no discurso do “como se fosse da família”, fica implícito que Flávia reconhece que há um estigma de inferioridade por trás da profissão e por mais que ela insista que esse tipo de situação na existe mais, ela acaba reforça que a profissão ainda é alvo de muita discriminação e desvalorização. Flávia, ao longo de toda sua entrevista, parecia se esquivar de usar o termo e, ao mesmo tempo lançava mão de uma série de situações como se tentasse buscar justificativas ou apresentar ações “diferenciadas” de tratamento. Como em um jogo de culpa, busca-se apresentar os motivos que fomentaram a construção de um ciclo de relações entre patrões e empregados. Outros tipos de relações foram vistos na fala de Joana.

**Patrãooo? Não.** Patrão, não ((risos)) **Eles não precisam... Tem empregada.** Mas algumas patroas com quem eu já trabalhei cozinhavam. **Patroa, sim... Patrão, não.**

**Elas podem ajudar.** Por exemplo, eu fui lá no final de semana. Ela deu um almoço e eu fui ajudar é... **Eu ajudei é... Uma ajudou a outra, né? Ela fazia, eu fazia... Mas o meu patrão, não ((risos)) Eu acharia estranho demais ele me ajudando... Nem ia querer ((risos)) Eu ia estranhar porque não é normal patrão cozinhar... Mas tem a patroa, né? É... ((silêncio))** Que nem a minha patroa... **A mãe dela ensinou ela a cozinhar, agora a mãe do meu patrão não ensinou a ele nada... Por ser homem, achar que não precisa.** Eu acho que podia ensinar. Minha mãe, por exemplo, criou um afilhado dela. **Ela foi ensinar para ele e ele não quis, disse que era coisa de mulher.** E ele está com 15 anos. Olha... **Trabalhei em seis casas de família e em nenhuma delas os patrões eram negros.** Acho que é porque as pessoas brancas vem de uma família que tem condições melhor do que uma família de pessoas negras ((silêncio)) **A cozinha é o que eu sei fazer... ((choro)) É a realidade....Mas a gente já tem muitas pessoas negras que estão estudando e elas conseguem, né?E isso que a gente quer para os nossos filhos... ((silêncio))**  
(Joana)

Joana inicia sua fala deixando refletida a naturalização da subordinação das mulheres diante dos homens, e indicando como refração a impossibilidade de inversão dessas práticas. Isso fica muito claro quando ela demonstra um enorme estranhamento ao ser questionada se já observou o seu patrão cozinhando. Ela, além de taxar que isso é no mínimo impensável, reforça que só viu suas patroas ajudando e que “elas podem ajudar”. Há o estabelecimento de níveis de hierarquia: a empregada está subordinada à patroa e ambas, ao patrão. Joana demonstrou um enorme desconforto ao ser questionada sobre tais relações. Ela chegou a dizer que os patrões não cozinham porque não precisam, mas então: se os patrões não precisam cozinhar já que possuem empregadas, o que leva as patroas a cozinharem? A empregadas domésticas prestariam serviços apenas aos homens? Ao ser interrogada, Joana percebe que a questão não é somente “precisar cozinhar”, mas a partir de qual argumento o patrão se nega a tal tarefa. Mesmo tentando explicar a situação a partir de velhas premissas sexistas, Joana toma conhecimento do que está de fato acontecendo. Espontaneamente, a entrevistada adiciona a sua fala a dimensão da raça e percebe-se que os questionamentos começar a fervilhar em sua cabeça, como se a sucessão de perguntas desse início a uma série de reflexões. De repente, Joana percebe a que condição de vida e trabalho ela foi sujeita enquanto mulher negra, com pouco acesso a tudo. Ao dizer “a cozinha é o que eu sei fazer”, ela não contém as lágrimas e então chora, pois talvez tenha sido a primeira vez que tenha ficado tão nítido as situações de discriminação e subordinação a que ela sempre esteve sujeita. Por fim, Joana parece buscar na filha a motivação para seguir em frente e lutar por um futuro diferente para as gerações mais novas. Outro conjunto de relações que merece ser problematizado e comentado decorre da seguinte fala de Henrique.

Eu não tenho problema nenhum em participar dessa pesquisa, pelo contrário, **eu adoro ajudar** e se eu puder eu vou ajudar. Agora, especificamente **a não**

**participação da minha funcionária se deve ao fato é... Muito infeliz da estrutura brasileira que é a questão trabalhista.** Infelizmente, as circunstâncias que temos visto por aí de injustiça, **faz criar um receio.** A nossa funcionária está conosco há 16 anos, goza de todo respeito e carinho na nossa casa, **mas eu podendo evitar qualquer situação que vai despertar nela entrar contra o patrão é... Eu evito,** sendo muito sincero. Infelizmente, **nós temos uma série de problemas estruturais em nossa sociedade e que eu não acredito que a resposta seja criando novas leis, que vão só complicar as relações de trabalho.** A relação de emprego mudou e não vai ser uma **legislação anacrônica** como a CLT que vai resolver, muito menos uma justiça do trabalho completamente **inconsequente** que vai resolver. (Henrique)

O enunciado acima é tão estarrecedor que merece uma reflexão à parte. Amparado nas “práticas de cordialidade” e no pressuposto de “como se fosse da família” (SALES, 2006; TEIXEIRA, 2015), Henrique deixa implícita em sua fala a existência de algum tipo de relação abusiva para com a sua empregada. Por mais que ele tente buscar explicações em bases legais e constitucionais, fica nítido que se em uma eventual entrevista seria possível “despertar nela entrar contra o patrão”, o que sugere que há algo de errado, que deve ser condenado. Vários patrões se negaram a deixar suas empregadas concederem entrevistas, mas apenas Henrique foi claro a respeito dos motivos por trás de sua negação. Tal posição do entrevistado pode servir de parâmetro para muito do que foi apresentado até o momento: não há como negar que uma classe social específica quer silenciar sobre um contexto de subordinação que a favorece. Ocultar práticas abusivas por meio de falsos discursos de igualdade, não irá contribuir em nada para o estabelecimento de mudanças e na busca por melhores condições de trabalho. A seguir, há o estabelecimento de um novo conjunto de relações entre patrões e empregadas.

A cozinha é um espaço onde você **aprende até a conhecer os seus patrões.** Quando você cozinha e eles gostam. Quando uma pessoa vai te dar uma receita e você pensa: **“conhecendo a minha patroa como eu conheço, ela não vai gostar disso”.** Então é assim... **Através do que você põe a mesa é que você conhece eles, mas não é uma aproximação.** Se eles puderem ficar **da cozinha prá lá é assim que eles se relacionam.** Não tem essa proximidade. **Tem certa distância.** (Fernanda)

Tinha casa que na hora da comida eu ia lá para cima no terraço quando eles iam almoçar, **ficava lá o tempo todo até eles terminarem de almoçar,** e **só quando eles acabavam é que eu ia almoçar.** Eu almoçava depois. (Tereza)

Eu gosto de trabalhar lá, assim... É um dos que eu mais gosto... Porque **geralmente,** em casas de família, pelo menos as que já trabalhei, a **gente nunca senta na mesa com os patrões e lá é diferente,** sabe? Eu **acho que é por isso que eu gosto de lá.** Eles... Quando eu cheguei no primeiro dia, **ela me chamou para almoçar e eu disse que iria almoçar depois e ela falou que não... Que eu não sou diferente... Aí eu almoço com eles.** De todas que eu já trabalhei... **De todas é... Eles nunca me chamaram para sentar com eles à mesa. Essa é a primeira casa de todos esses anos.** (Bruna)

**Antigamente até a comida dos empregados era diferente** da dos patrões. Hoje **tem dia que a gente come na mesa...** Igual na última casa que eu trabalhei. **Isso serve de um ânimo para a gente continuar.** (Joana)

Cabe notar que essas quatro sentenças acima dizem muito sobre o distanciamento, no nível concreto e simbólico, entre patrões e empregadas. Fernanda, Tereza, Bruna e Joana, todas integrantes do grupo das empregadas domésticas, reconhecem a existência de uma espécie de barreira que serve como instrumento de separação entre eles e seus patrões. Fernanda abre as falas pontuando que a cozinha permite que ela “conheça” melhor seus patrões, ficando implícito que ela se refere ao modo como os patrões “recebem” a sua comida. Ela é a primeira a deixar nítida a ideia de distanciamento.

Já nas falas de Tereza, Bruna e Joana, fica explícito o reconhecimento que elas dão à possibilidade de se sentar à mesa e comer a mesma comida que os patrões. Tal atividade, que pode soar como algo simples, carrega um grande valor simbólico para essas empregadas, pois de certo modo, elas tendem a assemelhar essa “benevolência” dos patrões a um tratamento de igualdade. Quando Joana diz “isso serve de um ânimo” e Bruna revela “essa é a primeira casa de todos esses anos”, fica refletido o papel de destaque que esse simples ato pode exercer na vida dessas trabalhadoras e fica refratado que, mesmo incomodadas com essa situação, elas de alguma forma parecem associar essa distinção como um direito dos patrões. Talvez seja possível dizer que a manutenção das práticas discriminatórias tenha servido para uma naturalização das ações, contribuindo para diferentes formas de aceitação. É inegável que a semelhança dos quatro discursos atesta para um cenário que ainda se mantém, mesmo que não seja por meio de práticas, ele se resvala no imaginário de boa parte da sociedade.

Podemos perceber que ainda existem famílias conservadoras, mas algumas mudanças. Minha mãe era uma mulher diferente. **Eu, desde criancinha vi ela trabalhar fora.** Então **sempre dependeu de empregada doméstica.** E **ela trazia a emprega numa rédea... Curta.** Era uma rédea, no sentido literal da palavra ((risos)). E hoje a gente vê assim é... O que a gente viveu é completamente diferente, por exemplo, **a minha empregada não tem um lugar aqui que é dela.** **Ela dorme no meu quarto lá dentro, não tem quarto de empregada.** **Ela senta na mesa pra almoçar junto conosco, porque eu não sei fazer de outra maneira.** Eu não sou nenhum ser benevolente, mas eu acho que as pessoas que convivem com você tem que usar a mesma privada que você usa, comer com o mesmo garfo que você come e sentar na mesma mesa que você. **Ela não aceita muito quando a gente recebe muita gente e ela fica constrangida... E aí eu também não vou ficar querendo quebrar paradigma de mais da conta,** porque às vezes ela nem cabe na mesa. (Fernando)

Respondendo, e também corroborando, está a fala de Fernando. Quase que como um complemento, ele acaba admitindo que as práticas de subordinação e distanciamento dos empregados são permanências de um tempo em que era normal tratá-los como inferiores. Impossível não notar o modo como ele utiliza a palavra “rédea”, como se o que ela controlasse fosse um animal. Por mais que se perceba algum nível de conscientização em seu discurso, nota-se que ele silencia sobre o que de fato estava ocorrendo. Além desse exemplo, percebe-se uma “resposta” na fala de Fernando quando ele assegura que a sua empregada é como qualquer outra pessoa e por isso merece gozar de todo o respeito possível, como se alimentar junto à mesa com seus patrões.

No entanto, ao dizer que “ela não aceita muito” e que ele também não vai “ficar querendo quebrar paradigma demais”, fica refletido que a recusa está ligada à falta de liberdade que se concede, o que gera o distanciamento. Porém, fica refratado que a recusa está relacionada a uma naturalização de que aquilo é uma prática errada, e que há um limite para a cordialidade do patrão, que, ao final de tudo, termina por optar pela conservação do discurso burguês. E esse é o mesmo discurso que, agregado a uma ideologia racista, instituiu como natural associar a posição de empregada doméstica a condição de ser uma mulher negra. Considerando a importância da temática de relações sociais de raça nesta dissertação, debruça-se agora em um exercício para buscar compreender porque a maioria das empregadas domésticas foi e ainda é composta por mulheres negras.

Parece que as mulheres negras... Sei lá, **parece que o dom delas é maior que o dos brancos**, porque elas fazem umas comidas boas. **Eu acho que não tem muito a ver com preconceito**, acho que **é mais aquela questão da escravidão**. Hoje em dia eu acho que isso não existe mais não, as mulheres ganharam o mundo. Até porque, mesmo muito homem já chegue perguntando se você sabe cozinhar, **eles já estão vendo que as coisas mudaram**. (Tereza)

Com a libertação dos escravos é... **Ficou faltando emprego e as pessoas foram se virando e a mulher precisava ajudar porque às vezes ele ficava no campo ou nem arrumava emprego direito**. Do ponto de vista até recente, **o serviço de doméstica não era bem visto. Você não tinha o que fazer e aí a opção era ser doméstica**. Isso era um fato, mas tem mudado. A gente está humanizando mais porque **é uma profissão**. São mudanças de valores. (Judite)

Desde a escravidão que os homens trabalhavam na lavoura, cana-de-açúcar, no café... E as mulheres tomavam conta das crianças, tomavam conta das casas, e principalmente cozinhar. **E isso foi passando de geração em geração**. E as mulheres negras carregam ainda muito desse preconceito de que elas não servem para trabalhar em uma loja, em uma recepção de alguma coisa, **elas servem principalmente para serem cozinheiras**. Eu tenho muitas colegas de trabalho negras e elas convivem com isso. Se a gente insiste em um assunto... Outro dia estávamos falando sobre bolsa escola, que eu acho que os negros não deveriam tem

**mais direitos**, porque ai eles teriam que entrar na sociedade de um modo diferente, eu acho que isso divide a sociedade... E ai essas minhas colegas começam a chorar, elas não dão conta de conversar sobre esses assuntos de preconceito. Elas ficam assim: “ah todo mundo acha que negro não tem que estudar, porque negro só pode cozinhar”... Nada a ver. **Eu estou tentando levar para outro lado da vida e ela já está trazendo a conversa para a cozinha, entendeu?** Elas sofrem preconceito, mas **eu acho que o preconceito está mais dentro delas**. Eu acredito que ainda exista, as pessoas tentam me convencer que ainda existe, mas eu mesmo não tenho essa convivência. **Elas próprias se discriminam**. (Fernanda)

Surgem nas três sentenças o tema da escravidão e o percurso semântico do trabalho doméstico enquanto único caminho profissional possível. Tereza apresenta a fala mais contraditória. Sem perceber o que de fato está sendo problematizado, ela acaba levando a discussão para outra esfera e chega a usar a palavra “dom” para traçar um comparativo relacionado à raça, como se houvesse uma predisposição biológica das mulheres negras para cozinhar. Tereza, sem perceber, utiliza de argumentos rasos e discriminatórios para discutir uma situação de divisão racial do trabalho. No entanto, ao final de sua fala, percebe que a temática da escravidão se apresenta com ênfase.

Judite também considera o período escravagista como influenciador e acrescenta o tema da precarização do trabalho, o que acaba por também abranger a dimensão do gênero feminino. Judite busca um discurso conciliatório e se inclui nele ao dizer que “a gente está humanizando mais”, e finaliza dizendo que “são mudanças de valores”. Ao usar a palavra “mudança”, Judite corrobora com a tese de que a maioria das empregadas domésticas é negra e ainda está sujeita a “resquícios” de processos discriminatórios.

Por fim, Fernanda, mesmo tendo iniciado sua fala com tópicos históricos, termina por pormenorizar a discussão e dizer que não há preconceito de fato e que são as suas próprias amigas que se discriminam. Fica refletido que ela pode até não coadunar com os fatos e corroborar com o discurso racista, mas é refratado que considerar que todos possuem a mesma postura que ela, termina por deixar silenciado que ainda existem pessoas e práticas racistas e a luta contra esse cenário não é a busca por “mais direitos”.

**Eu acho que não é uma questão de raça.** Eu acho que a análise caberia para qualquer **função que exige um menor grau de qualificação**. Você vai ser gari, funcionário de uma indústria pesada que exija trabalho manual... **Entendo que isso não é uma questão da raça, mas uma questão social. As famílias menos abastadas têm uma menor acesso a educação e, por consequência, a funções mais qualificadas. Não é uma questão de ser negra ou não**, é uma questão de não tido oportunidades. Por exemplo, **a nossa funcionária** lá no sítio, que cuida da

cozinha e que **a gente trata como se fosse da família, é branca... Branca de olhos claros.** Não é uma questão de raiz étnica, mas social. (Henrique)

**Eu não vejo nenhuma ligação histórica/cultural por trás disso... Só naquela época do trabalho escravo.** Hoje, não. **A maioria das empregadas é negra pela condição de não terem estudado,** não pela raça. **Não vejo relação com a raça.** Com as condições de hoje, **se a pessoa quiser ela estuda.** (Isadora)

**A minha secretária é negra, negra mesmo e se orgulha muito. Mas eu não sei se existe uma relação muito clara no fato de a maioria das empregadas serem negras...** Acho que depende muito da região. Lá em Mato Grosso, a empregada que trabalhava em casa era paraguaia, em um contexto onde a mão de obra era mais barata. **Aqui em Minas, ainda tem muito das pessoas buscarem no interior uma menina, talvez ainda em idade escolar, para poder ficar em casa trabalhando ou buscar na Bahia, onde há uma oferta ainda maior... Então talvez não seja nem por causa da raça, mas é mais por um contexto socioeconômico...** A raça tem um fator aí, mas **não é preponderante.** (Lucas)

Lucas, Isadora e Henrique, não concordando com os dados já comprovados estatisticamente, chegaram a dizer que não há uma relação direta entre a dimensão da raça e a do trabalho doméstico; para eles, tudo se resume a uma discussão de classes. Henrique usa de um exemplo próximo a seu cotidiano para tentar desmontar um contexto muito maior. Como ele “trata como se fosse da família” uma de suas empregadas que é branca, ele acaba considerando que não existe associação a questão da raça. Além disso, assim como Isadora, ele acredita que tudo está ligado à questão educacional e que “se a pessoa quiser ela estuda”. No entanto, a própria Isadora se contradiz ao dizer “a maioria das empregadas são negras pela condição de não terem estudado, não pela raça”. É oportuno notar que ela acaba admitindo que a maioria das empregadas domésticas é negra e que o argumento da classe não somente fortalece essa relação como também a complementa, já que é inegável considerar que as classes mais baixas da sociedade são predominantemente compostas pela população negra.

Lucas também não admite a relação, mas utiliza de argumentos que podem levar a ela. Considerando o contexto socioeconômico, Lucas chega a citar exemplos que são comuns em muitos relatos, mas novamente silencia-se o fato de qual população está incluída nessas classes mais baixas. É inegável que a dimensão da classe social interfere no que está sendo discutido, mas não perceber que a categoria raça está totalmente relacionada é um grande equívoco. Não seria leviano dizer que essas três falas estão alicerçadas nos pressupostos do mito da democracia racial.

**Na época que a gente era menor, a população negra no país, era quem ganhava menos,** quem tinha um **nível sócio-cultural inferior.** Eu me lembro da minha infância, passaram diversas empregadas lá em casa, porque minha mãe não era fácil mesmo não, e passaram lá em casa, talvez, **duas empregadas brancas, o resto**

**todas negras.** Depois que eu casei, nós tivemos duas ou três brancas, **mas a maioria negra. Mas eu não acho que existe uma naturalização de que a maioria das empregadas é negra,** por exemplo, a última que eu tive era branca, como nós, e ficou com a gente por 15 anos. (Fernando)

Eu acho que a escravidão e **a inclusão do negro** na sociedade sempre foi algo muito... **Muito complicado. A gente** ainda sofre muito com isso... **Preconceito, não só na cozinha como nesses trabalhos que são mais desprovidos de necessidades de um conhecimento mais, mais, mais teórico apurado,** o serviço braçal, como estamos em país que foi colonizado e que teve escravidão isso é problemático. (Jorge)

Acho que é por causa da questão da escravidão, assim **o Brasil diferentemente do que as pessoas pensam já existiu a escravidão branca,** mas no Brasil aconteceu a escravidão negra das pessoas que eram afrodescendentes que vieram da África e etc. Então por causa disso foi... **Os escravos libertos eles tinham que fazer alguma coisa, né?...Ter algum ofício,** então digamos assim **os ofícios que ficaram pra eles foi trabalhar nas casas de família, os homens como caseiros, cuidar dos animais... Serem motoristas e as mulheres normalmente foram pra cozinha pra poder cuidar da casa.** (Flávia)

As três falas acima, todas ditas por entrevistados do grupo dos patrões, retratam muito bem um discurso de silenciamento das práticas de subordinação e discriminação, como se buscassem razões para a naturalização que eles tentam não considerar. Flávia e Jorge traçam um contexto histórico para tentar apresentar os motivos que contribuíram para a precarização do trabalho e ausência de novas oportunidades para os sujeitos atingidos. O que fica refletido é que ambos percebem a constituição de hierarquias sociais, mas utilizando de argumentos paralelos como “já existiu escravidão branca” e que a população negra geralmente é mais “desprovida” de um conhecimento teórico apurado, eles acabam espelhando um problema em outro e não problematizam de fato a questão.

Assim como já havia sido dito por Lucas, Isadora e Henrique, os entrevistados Jorge e Fernando voltam a tocar no problema estrutural de acesso à educação, que é um debate sobre classes, mas, igualmente, sobre raça. Novamente, não há como negar o quadro que se apresenta e a divisão racial do trabalho. Assim como Henrique, Fernando utiliza a alegação de que já teve empregadas domésticas brancas, para tentar ocultar o fato de que a maioria é negra. No entanto, ele mesmo admite que já teve “duas empregadas brancas, o resto todas negras”. Está explícito que todos reconhecem essa situação, mesmo que a neguem ou sobre ela silenciem. Em uma análise lexical, quando Jorge utiliza o termo “a gente”, percebe-se que ele tenta se isentar de uma eventual culpa e se colocar como parte, mas, verdade seja dita, ele não é mulher e nem negro para saber de sentir de fato o que está sendo questionado.

**Eu não vejo nenhum fator histórico cultural relacionado.** Igual eu comentei... Quando eu tinha 11 anos eu trabalhei em casa de família, **e eu sou branca.** E acho que isso da maioria das empregadas domésticas serem **negras é mito mesmo.** Eu acho que isso é mesmo **só naquele tempo de escravidão. Acho que isso é coisa passada, eu não acredito nisso não...** Não existe isso não, existe? (Alice)

Eram a maioria é... É até hoje e **isso vêm lá de trás, lá do tempo da escravidão... Que os negros eram humilhados, né?** Existem empregadas brancas também, mas a grande maioria é negra. (Jussara)

Hoje evoluiu um pouco, **acho que não teve mais isso...Tem ainda umas moreninhas, mas tem as brancas... Tem até loira, né?** É... Mas eu acho que a maioria das empregadas são **morenas.** Lá mesmo onde eu trabalho no Luxemburgo, eu conheço mais ou menos umas 10 empregadas **e todas são bem escurinhas, bem escurinhas mesmo, sabe? Mas lá é grande... Não conheço todas elas, mas as 10 são bem escurinhas.** (Bruna)

Alice permaneceu incrédula sobre a associação entre o trabalho doméstico e a dimensão da raça. Mais uma vez, lançou mão de um exemplo próximo na tentativa de suavizar a discussão ou mesmo desconstruí-la. É importante levar o debate sobre o fato de que a maioria das empregadas domésticas é negra, não foi algo jogado dentro do estudo aleatoriamente. Há uma evidência estatística e essa condição pode ser percebida a partir de uma pequena reflexão.

Jussara e Bruna reconhecem a questão, mas a analisando de formas distintas. Enquanto a primeira relata um fato histórico e acrescenta seus desdobramentos na vida da população negra, a segunda indica uma pequena transição nessa constituição do campo, mas utiliza uma hierarquia para tentar desmistificar a contestação. Bruna parece fugir de qualificar as mulheres como negras e usa de subterfúgios como “moreninhas” e “escurinhas”. Ela chegou a dizer que se considerava “morena” e em nenhum momento da entrevista utilizou a palavra “negra” com facilidade: parecia querer encobrir o termo como se ele atestasse a algo que não merecesse ou pudesse ser evidenciado, problematização introduzida neste trabalho a partir de Sales (2006)

O passado escravocrata e os desdobramentos desse sistema servem de instrumento para a manutenção de um contexto de desigualdades sociais, políticas e econômicas. Com um olhar um pouco mais atento é possível perceber que a associação do trabalho doméstico a uma condição de ofício da população negra é algo antigo e pode passar despercebido até onde menos se espera. A literatura e a televisão apresentam essa relação de diferentes formas. Um exemplo desprezioso, mas que pode servir de ilustração é o da Tia Nastácia.

A empregada doméstica negra, teoricamente tratada como “se fosse da família”, subordinada à sua “benevolente” patroa e restrita ao seu local de trabalho, a cozinha. Essa personagem serve de ilustração para esta dissertação e, partir disso, lançou-se mão de um questionamento que pode ter embasamento empírico. Há um famoso livro de receitas que leva o nome da personagem Dona Benta, mas alguns estudiosos já questionaram: se quem cozinhava era a Tia Nastácia, porque o livro não levou o seu nome? Até onde se pôde investigar, não há uma resposta clara para essa pergunta e isso suscita algumas diferentes inferências. Nesse sentido, tal indagação foi feita aos entrevistados e a seguir são apresentados os resultados nos Quadros 4, 5 e 6. As argumentações encontradas na pesquisa acabaram evidenciando muito do que vem sendo discutido ao longo desta dissertação.

Nome	Discursos
Bruna	Porque as <b>receitas que a... Que a moreninha fazia, quem escreveu foi a Dona Benta</b> . É... pensando bem eu não sei porque o livro não seria da <b>morena</b> . Eu creio que tem haver pelo fato dela <b>ser morena</b> , você entendeu? Eu acho que haver com isso... Se a que cozinhava <b>não fosse morena</b> , aí o livro ia ser no nome dela, <b>mas como ela é escurinha</b> , foi no nome da outra... Então tem um pouco de racismo.
Fernanda	A Dona Benta que é a dona do sítio é <b>loirinha, de olhos verdes, usa umas roupinhas bacanas</b> . E a Tia Nastácia é cozinheira que faz os quitutes e ela é negra. <b>As receitas eram todas da Dona Benta</b> e a Tia Nastácia elaborava, <b>mas como é que eles poderiam exaltar uma pessoa negra, né?</b> Eu acho que <b>por ser da Dona Benta venderia mais o livro</b> , por questão de preconceito. A gente vê pelas novelas mesmo que <b>as negras sempre são as empregadas</b> . É aquela mulher que está na família muitos anos, que ajudou a criar os filhos. Hoje em dia, um ou outro caso que é a mulher branca.
Jussara	Tinha que ser da Tia Nastácia, <b>não era ela quem preparava, que cozinha?</b> Eu acho que livro era da Dona Benta porque é... <b>Ela era a patroa, ela só tinha o livro... Pelo fato dela ser patroa o livro era dela</b> ((silêncio)), mas não... Ah, não sei. (Jussara)
Teresa	A Dona Benta era a branca, a avó. E a Tia Nastácia era a negra, <b>cozinhava muito bem</b> . Agora sobre o livro... É mesmo... Por que o livro é dela? <b>Por que ela é a branca e a Tia Nastácia era negra? Ou por que ela era a patroa e a outra a empregada?</b> Eu não sei... É eu acho que deve ser a <b>relação do patrão com a empregada</b> . Deve ser <b>mais fácil vender o livro</b> da Dona Benta, é preconceito.
Joana	Nossa...É...Porque ela era a patroa, <b>mas não era ela quem cozinhava</b> ((silêncio)) acho que eles <b>achavam que a Dona Benta era mais importante</b> e isso é errado. Porque <b>a empregada também tinha o direito de ter o livro dela</b> . É... Você tem razão nessa pergunta... E como... <b>Serve de alerta para gente saber que isso acontece de verdade. Para o negro é sempre mais difícil...</b> Tem que batalhar mais.
Alice	É... <b>Pensando bem o livro tinha que ser das duas, né?</b> Acho que pode ter uma questão de racismo, de preconceito... Ou talvez porque a Dona Benta <b>tinha mais conhecimento e foi passando para a Tia Nastácia</b> .
Mônica	Eu acho que <b>era a Dona Benta que criava as receitas, mas se quem fazia era a Tia Nastácia, o livro tinha que ser até dela de repente</b> , não sei.

Quadro 4 – Por que o livro de receitas é da Dona Benta, se quem cozinha é a Tia Nastácia? Discurso das empregadas domésticas e das donas de casa<sup>32</sup>

Fonte: dados da pesquisa.

<sup>32</sup>Destaca-se que não foi possível coletar as respostas de Michelle e Judite, pois ambas disseram desconhecer a história do Sítio do Picapau Amarelo, assim como seus personagens.

Novamente, Bruna se nega a dizer “negra”. Apenas nessa passagem ela diz “morena” quatro vezes e ainda fala “escurinha” uma vez. Fica implícito que, de algum modo, a palavra “negra” não lhe deixa confortável. Saindo da questão de denominação, é intrigante notar a rápida mudança na fala de Bruna. Primeiro ela utiliza uma resposta “padrão” e logo em seguida sugere uma possível discriminação racial. Fernanda corrobora com Bruna em dois sentidos: ao definir Dona Benta como “escritora” e ao dizer que se trata também de um tópico de preconceito. Ademais, cabe notar o modo como ela relata que o livro é valorizado e distancia a possibilidade de que ele levasse o nome da Tia Nastácia. Por mais que ela pareça condenar a situação, ela também exalta a personagem que dá vida à patroa, ao dizer “é loirinha, de olhos verdes, usa umas roupinhas bacanas”.

Mônica, Alice, Joana, Tereza e Jussara seguem o mesmo caminho, porém, cada uma acrescenta algo à resposta. Mônica afirma, com certa naturalidade, quem deveria ser a criadora das receitas, mas mostra-se em dúvida após o questionamento. Alice tenta uma espécie de “conciliação”, dizendo que o livro deveria pertencer a ambas. No entanto, deixa subentendido que Dona Benta possuía maiores “conhecimentos”. Esse termo serve, nesse ponto, como uma associação apenas à ideia de escolaridade; logo, desconsidera todas outras possibilidades de aquisição de conhecimentos.

Joana demonstra um incômodo com a questão e acaba refletindo a questão para outros níveis da vida cotidiana, bem como Jussara. Por fim, Tereza expõe dois conjuntos de relações como culpados pela questão: a relação entre raças e a relação patronal. Depreende-se que o grupo das empregadas domésticas e donas de casa foi unânime ao considerar o vínculo entre patroa e empregada, e concedeu a posição do livro ao lado “dominante” da relação.

Nome	Discursos
Flávia	Tia Nastácia é negra e tá sempre com uma roupa <b>diferenciada pra identificar</b> que ela tá vindo da cozinha. <b>A Dona Benta é um personagem muito mais conhecida que a Tia Nastácia, muito mais, por isso o livro é dela.</b> É... Mas...Estou em dúvida para te responder, mas eu acho que a Tia Nastácia é muito menos conhecida mesmo. Não sei porque eu já nasci com essa questão do livro da Dona Benta, entendeu? <b>Lá em casa tem a coleção Dona Benta... Então...</b> Se você for ver nas novelas a maioria das pessoas é negra. Por exemplo, vamos colocar <b>uma atriz negra que é de referência a Neuza Borges</b> se for colocar historicamente todos os papéis que a Neuza Borges fez, <b>quantos de cozinheira e faxineira que ela fez na vida?E quantos de patroa ela fez?</b> Talvez nenhum. Talvez todos que ela tenha feito praticamente seja de é... Ou de <b>grande maioria seja de faxineira ou cozinheira.</b>
Juliana	Eu diria que pra mim não valoriza mais... Agora, <b>eu não posso falar pelo senso comum</b> , porque realmente <b>hoje o racismo é uma realidade no nosso meio</b> , nós temos ainda <b>uma caminhada muito longa</b> com essa questão do racismo. E <b>pode ser que o fato da Dona Benta ser branca, a vovozinha amada e querida, venda mais do que se fosse a Dona Anastácia, a negra, gorda,</b>

	<b>com seu avental sujo de ovo. Mas pra mim não, não faria diferença.</b>
Luiza	A Dona Benta é a dona da casa, quem dava as ordens e tudo... E a <b>Tia Nastácia era a cozinheira, a escrava, né? ((risos))Eu acho que existe uma cultura de achar que as pessoas que estão no serviço da casa, são os escravos da casa.</b> Existe preconceito. Eu acho que... Existe, sim, um preconceito com os negros ainda. <b>Você vê que um negro às vezes tem que se esforça muito mais para avançar do que um branco, mas existe também até uma questão demográfica... Existem mais negros do que brancos.</b> Então... É...Como se diz... <b>Existem muito mais negros dispostos a fazer esses serviços do que brancos.</b> Existem brancos também, <b>mas a proporção é menor.</b> Isso tem a ver com uma questão de necessidade, com um histórico onde o negro sempre está na população mais pobre e por isso ele aceita ser o lava prato, o lava chão. <b>Ai quando você passa para os EUA é o branco fazendo o serviço deles lá... E lá o negro não faz isso.</b> Então isso é uma coisa cultural e que ainda, talvez, esteja enraizada na cultura do Brasil. ((risos)) Aí existe um ponto interessante. <b>Existe o braçal, isso em qualquer profissão... Existe a pessoa que faz a coisa estrategicamente e existe a pessoa que apenas executa.</b> Vou te dar o exemplo da menina, a empregada... <b>Se eu simplesmente coloco a receita na frente dela, às vezes ele não sabe nem por onde começar... Porque falta organização, faltam as medidas... Às vezes ela não sabe que o ‘um’ é litro? Sabe? Ela não tem muita noção de proporção no escrito. Ela aprendeu fazendo.</b> Então a explicação que eu vejo é que <b>a Dona Benta era quem fazia as receitas, tinha as receitas, ensinava de boca para a Tia Nastácia e ela fazia, ela executava o que a outra mandava. Isso também pode ser uma questão de marketing tentando elitizar o negócio.</b> Mas eu acho que <b>a gente tem que saber que existem pessoas extremamente capacitadas e outras não, então... São só posições.</b> Mas eu acho que a história das duas retratava também uma época.
Isadora	A Dona Benta é <b>aquela avó amada que gosta de cozinhar</b> e tem sempre os netos por perto. E a Tia Nastácia seria a <b>ajudante</b> dela, mas aí uma condição de que <b>ela não tem estudo.</b> Eu tenho o livro da Dona Benta e <b>imagino que as receitas eram dadas pela Benta, por ela ter mais cultura.</b> Eu acho que o nome foi colado porque ela era a dona das receitas.

**Quadro 5 – Por que o livro de receitas é da Dona Benta, se quem cozinha é a Tia Nastácia? Discurso das patroas**

Fonte: dados da pesquisa.

O Quadro 5 sistematiza as falas do grupo de patroas e estabelece novas e curiosas respostas. Flávia é muito direta em sua resposta e não pensa duas vezes para dizer que o livro é da Dona Benta, porque ela é a personagem mais conhecida. Em complemento à fala de Fernanda, ela faz menção aos trajés e à posição que a mulher negra possui nesse contexto. Ela percebe a naturalização das práticas, mas ao mesmo tempo não apresenta grandes questionamentos. Juliana tenta se colocar distante do debate, deixando implícito que “o senso comum” tende a valorizar mais o produto, pois a sociedade de modo geral é racista, por mais que não admita. Todavia, a própria Juliana parece querer estabelecer parâmetros de distanciam as duas personagens, ao dizer que uma é “branca, vovozinha amada e querida” e a outra é “a negra, gorda, com seu avental sujo de ovo”. Fica refratado que haveria certas razões para a desqualificação de uma frente à outra, porém, ela não as defende explicitamente.

Já Luiza, talvez sem notar, acabar se reconhecendo no papel da patroa em dois momentos. Ela acaba dizendo que há dois tipos de pessoas, as que pensam “estrategicamente” e os que “apenas executam”. É possível dizer que ela se reconhece como membro do primeiro grupo, pois fornece o exemplo da relação entre ela e a empregada. Fica explícito que deve existir

alguém que mostre as diretrizes e outro que siga sem grandes questionamentos. Ela traça um paralelo com o contexto dos EUA, como se buscasse justificativas ou tentasse demonstrar situações opostas. Luiza reforça uma ideologia classista e racista ao afirmar que os negros são a maioria entre os empregados, pelo simples fato de serem a maior parcela da população. É no mínimo questionável essa afirmação, pois se os negros são a maioria, porque eles servem a minoria? É como uma equação que não se fecha.

Por fim, Isadora também traça distinções entre as personagens e acaba expondo que a Dona Benta tinha mais cultura. Outra vez, há associação “cultura” a nível educacional, deixando encoberta um emaranhado de possibilidades de adquirir “conhecimento”. De um modo geral, as patroas se viram no lugar da personagem a que se assemelham, bem como tentaram se desvincular de qualquer discurso escravagista. Porém, foram estabelecidos os critérios que sustentariam a valorização de uma das personagens da obra.

Nome	Discursos
Henrique	A Dona Benta é bem o que eu falei sobre <b>esteio da família e a o lugar-tenente dela que é a Tia Nastácia</b> . Ela é uma pessoa amada, querida, inteligente, hábil na condução da família e vindo como uma pessoa de apoio às ideias e as premissas da Dona Benta. Agora, o livro ser da Benta eu <b>acho que é muito mais uma questão de marketing</b> , do que qualquer outra coisa. Porque normalmente <b> você atribui ao seu produto algo que faça com que seu público-alvo, se reconheça naquele produto</b> . E no caso de produtos de alimentação, o seu público alvo vai ser o comprador. <b>A Dona Benta é quem vai comprar e a Tia Nastácia vai cozinhar</b> . Eu acho que <b>o produto fica mais valorizado com a Benta, as escolas de marketing deixam isso muito claro</b> . Ao conseguir <b>comunicar melhor o seu produto para um público-alvo, o seu produto é mais valorizado</b> . Então se você quer que as donas das casas comprem aquele produto, indicam... <b>‘Olha, Dona Benta, seu par((risos)) foi quem desenvolveu esse produto’</b> . Mas uma vez, <b>não tem nada haver com a cor</b> , o fato de a Tia Nastácia ser pre... Negra é... <b>É muito mais pelo apelo que você quer atingir do outro lado</b> . (Henrique)
Lucas	Primeiro, <b>a Tia Nastácia não devia nem saber escrever</b> . Eu <b>não vejo tanto problema</b> o livro ser da Dona Benta. <b>Os grandes chefs, por exemplo, não cozinham... Cozinham só uma vez</b> . Então eu acho que <b>as receitas eram da Benta</b> , de várias gerações, e ela só passava para a Nastácia. A Tia Nastácia é a que <b>está sempre na cozinha, não lembro dela saindo da cozinha para dar um palpite</b> , eu lembro que ela dava uns palpites, mas não sei se era fora da cozinha... <b>Não sei se ela saía daquele espaço</b> . Já a Dona Benta é a dona da casa. Ela é uma dona de casa que não trabalha e aí ela dá as ordens mais diretamente... <b>Ela é a Sinhá</b> . Sabe... Eu vejo que <b>aqui em Minas ainda tem muito preconceito do tipo “eu não quero que essa negra faça a minha comida”</b> . Por exemplo, pai de dois amigos tinha duas empregadas, <b>quase escravas, elas passavam a roupa e tinham um ferro separado</b> .
Fernando	Uai... Porque a Nastácia <b>não tinha cultura pra escrever um livro</b> , uai. <b>E a importância também de quem que era?</b> Da Nastácia ou da Benta?... <b>Da Benta</b> . A questão não é que o livro fica mais valorizado, mas assim... <b>Existia entre aquelas duas uma simbiose</b> , quando <b> você batia o olho na Zilka Salaberry</b> , que era a Dona Benta, e na... <b>O nome da preta eu não vou lembrar</b> , mas assim... <b>Existia uma proximidade, não tinha aquela relação de patrão e empregado... Senzalesco</b> , não. A dona Benta é aquele estilo de avó... Meio matriarca, sábia... Que <b>sabia lidar com os empregados e com os netos numa boa e era uma mulher criativa</b> . Ela e Nastácia tinham uma convivência bacana. A Nastácia era criativa, mas era o estilo doméstica mesmo... <b>Mas era uma mulher sábia</b> .
Jorge	<b>A Tia Nastácia é aquela preta velha, né?</b> Aquela que na fazenda, eu que <b>tive fazenda, era aquela que tava lá e ela é uma figura que me influenciou muito, inclusive</b> . Na nossa fazenda

<p><b>tinha a Tia Nastácia</b> e ela era uma pessoa que sempre cozinhava e que <b>tinha um sorriso imenso na cara e que era exatamente essa personificação do cozinhar por amor. Apesar daquele papel dela</b> aqui, você percebia que tudo que ela fazia era com amor. E a dona benta é a avó, né? Já entra a questão da <b>administração de casa</b>, da dona de casa e é uma coisa que já é um pouco passado já. Acho que o Sítio do Picapau Amarelo já não encaixa muito mais no mundo moderno não ((risos)). O livro não é da Nastácia por preconceito. Igual, por exemplo, <b>quando você vai pra Araxá, os livros de receita que vendem lá, sempre quem assina é a dona da casa, mas quem sabe cozinhar é a pessoa que está lá na cozinha</b> ((risos)). É isso, é preconceito puro, mas assim... Eu acho que tem uma mudança grande hoje. Eu acho que tem um caminho trilhado e as pessoas estão se abrindo cada vez mais e percebendo que as coisas não funcionam muito bem dessa forma. <b>Eu, por exemplo, te afirmo que os meus melhores amigos... Eu sou branco, e meus melhores amigos são negros, são pessoas que assim... Inclusão total, são pessoas de viajar junto, de estar dentro da minha casa o tempo inteiro, de, de...Eu acho que o mundo está mudando em relação a isso tudo, mas ainda existe muito preconceito e eu sinto isso, as vezes, com os meus amigos.</b> (Jorge)</p>
---

**Quadro 6 – Por que o livro de receitas é da Dona Benta, se quem cozinha é a Tia Nastácia? Discurso dos patrões**

Fonte: dados da pesquisa.

Abrindo a fala dos patrões, Henrique sugere uma explicação diferente dos demais. Além de afirmar com todas as letras que é uma questão mercadológica, tece uma argumentação que acaba atestando algo que ele não quer admitir. Ao dizer que Tia Nastácia é o lugar-tenente e a Dona Benta é o esteio da família, quem “gerencia” a residência, choca-se diretamente com um discurso burguês. Segundo ele, a valorização do produto não está diretamente vinculada à posição de uma personagem branca, mas à condição que ela possui de ser patroa, isto é, ela pode ser vista como “par” por quem adquire o produto. Nota-se que ele confirma a tentativa de valorização, mas silencia o debate racial.

Lucas também apresenta um discurso contraditório. Além de se assemelhar a fala de algumas patroas, que atribuíram à Tia Nastácia um baixo nível educacional, ele tenta dizer que não há uma dimensão racial envolvida. No entanto, ele acaba pontuando um cenário de segregação ao lembrar que a personagem normalmente estava reclusa ao ambiente da cozinha, e ao dizer que a Dona Benta é a “Sinhá”, ele acaba confirmando que tudo se passa em contexto escravagista e a distinção entre os indivíduos torna-se evidente.

A fala de Fernando é carregada de preconceitos, mas ele tenta ocultá-los, como quando disse que as personagens tinham algo como uma “simbiose” e isso assegurava uma boa relação. Entretanto, volta a associar a “cultura” a um nível de escolaridade e diminui qualquer outro tipo de conhecimento. Recorda o nome da atriz branca e não se recorda do nome da atriz negra, ficando claros os motivos, pois ele mesmo diz “e a importância de quem era?”.

O estilo senzalesco que ele nega, mas fica evidente em sua fala, é ainda mais nítido no discurso de Jorge. Ele deixa refletido que já vivenciou aquele contexto na fazenda e que inclusive já teve a “sua” Tia Nastácia. Trazer o personagem da literatura e da televisão para a vida real exige não só uma associação física, mas a recuperação de um contexto de relações. Não seria leviano dizer que se nota o saudosismo como tema nesse enunciado. Para amenizar a discussão, Jorge lança mão de um velho recurso para tentar demonstrar empatia frente a um grupo discriminado, e diz que mesmo ele sendo branco, a maioria de seus amigos é negro e há uma “inclusão total”. Para finalizar o debate, Jorge pontua que há de fato um interesse em associar a autoria de um livro ao grupo específico, quando afirma que existe uma semelhança entre a questão aqui levantada e situação vivida na cidade de Araxá – MG.

Se a gente for retornar na história, a ama seca, a mucama, a escrava... **A escrava que sempre foi a favorita da família, do dono do engenho... Era aquela escrava que cuidava.** Ela era de certa forma **o lugar-tenente da dona da casa.** Então a escrava acabava tendo essa **mesma posição.** É óbvio que tem essa questão da escravidão e que influência, mas o... Eu acho que, por consequência, **acabou ficando esse vínculo de cozinhas com as mulheres.** Hoje a cozinha está se tornando um lugar em que **os homens acharam uma forma de desestressar,** um “relax”... Saindo um pouco dos problemas do dia a dia, e a acabou se dedicando à cozinha, mas isso não é com rito que eu falei... **Um cara tem um hobby e em vezes de jogar sinuca, o cara vai cozinhar.** Querendo ou não as **questões de gênero, não raça,** mas questões de gênero é... Querendo ou não **as mães transmitem para as filhas conceitos diferentes do que transmitem para os filhos, e os pais da mesma forma.** Acaba que a **mãe vai levando a filha para os hábitos dela...** E aí acaba que naturalmente a **menina já vai se apropriando daquele lugar.** Já o homem, eu acho que é um **modismo que estamos vivendo** e aí vem a questão da deturpação. **As cozinhas mais caras são as cozinhas de homens,** mas é porque o cara quer... Em vez de comprar o melhor caro, **ele vai comprar a melhor cozinha para mostrar para todo mundo que ele tem a melhor cozinha gourmet** sei lá de onde... Por isso a **apropriação dele é muito mais pelo status, pelo hobby** e aí nesses pontos os homens tem... ((risos)) uma voracidade maior pelos *hobbies* que as mulheres. (Henrique)

Por fim, como fechamento deste tópico, apresenta-se um trecho dito por Henrique que serve para sintetizar o que foi dito. Por mais que tente negar, ele traz a discussão racial em seu discurso, mas tenta ocultar a parte da ideia do “como se fosse da família”. Ao dizer que sempre havia uma escrava que era “a favorita da família” é como se ele a associasse a um objeto, em uma clara relação de posse. Dizer que ela era o “lugar-tenente da dona de casa”, nada mais é do que utilizar de um eufemismo.

A demarcação por gênero também é evidente em sua fala, quando ele naturaliza o vínculo das mulheres com a cozinha e afirma que às filhas são passados padrões culturais diferentes dos que são transmitidos aos filhos homens. Estando ciente ou não do que diz, Henrique deixa

clara a divisão sexual e racial do trabalho, bem como estabelece níveis de hierarquia conforme o gênero e a raça. Há um jogo de interações sociais espelhadas na fala do entrevistado.

Ademais, Henrique discorre em detalhes sobre a grande questão que esta dissertação levantou. Ele assume que a cozinha para uma parcela dos homens funciona como um “*relax*”, “uma forma de desestressar”. Quando dito que a cozinha é um “*hobby*” e uma forma de se alcançar um “*status*”, fica refletida a condição utilitarista que esse espaço da casa pode ter para o homem. Ao passo que fica refratado que dizer isso é o mesmo que dizer que a ele é dado o poder de escolha sobre quando, como e para quem cozinhar, já que a justificativa está ancorada em um ideal de satisfação. Essa fala silencia as relações sociais que distinguem a cozinha do dia a dia da cozinha sazonal. Há nítidas distinções entre esses contextos e entre as formas de apropriação, o que sugere a existência de vários territórios em um.

#### 4.4 O “selo” capitalista de consumo: a produção de um (novo) território

Como visto ao longo dos últimos tópicos, a divisão sexual e racial do trabalho doméstico é uma questão que merece contínua discussão, pois muitas práticas cotidianas ainda alimentam cenários de discriminação e subordinação ao redor do mundo. Por isso, abre-se aqui um breve parêntese. Em uma matéria da coluna internacional do jornal Estadão (2016), ficou nítida que algumas indignações ecoam muito além do Brasil. No encontro público com a Chanceler alemã, o Presidente da Nigéria disse “o lugar da minha mulher é na cozinha”. Em resposta aos questionamentos da esposa em termos políticos, ele disse essa e outras falas que deixaram a representante alemã estarecida. Tal manifestação corrobora com os discursos sexistas que se combate nesta dissertação e deixa bem claro que ainda há muito o que ser discutido. Dando início a este item, abre-se uma discussão fundamental para este trabalho.

Parece que a mulher já tem **um cantinho no cérebro que já está relacionado ao cozinhar. Tem umas partes da casa que ele se sente mais dona do que do casal.** Tem coisas assim... A cozinha é minha, a garagem é sua, a varanda da área de serviço é minha, a varanda da frente é sua. Tem umas coisas que ainda fazem parte da mente das pessoas. **É claro que hoje em dia a mulher está tentando trazer o homem para a casa toda, mas existem algumas questões tanto do homem, como da mulher.** Por exemplo, “**o que você está fazendo na cozinha? Você está me atrapalhando**”, entendeu? Ai parece que o homem não tem que estar ali na cozinha. **O homem se apropria da cozinha no dia do churrasco ((risos)), acham que a mulher não sabe. O dia de receber os amigos dele é ele que vai querer fazer tudo para eles pensarem que foi ele quem fez.** Eu tenho um sobrinho que é assim, **sábado a cozinha é dele, mas só quando os amigos estão por perto.** (Fernanda)

**A mulher vê a cozinha como um trabalho, né... O dela, o trabalho dela... ((silêncio)) É eu acho que isso foi naturalizado, veem desde antigamente. Já o homem se apropria com prazer... Tanto que ele faz só quando ele quer, sem a menor obrigação, ele faz por prazer. Eu mesma, eu gosto de cozinhar porque eu não tenho essa obrigação. Eu sou livre para fazer quando eu quero.** Se amanhã eu chegar para a menina e disser “hoje, pode deixar que eu vou fazer por minha conta”, você pode ter certeza que eu vou fazer bem feito, **vou fazer com carinho por não ser uma obrigação.** (Luiza)

Eu acho que a mulher, **ela faz a cozinha de uma forma muito mais carinhosa em relação ao homem, eu via isso muito na minha mãe cozinhando, na minha avó cozinhando... A mulher sempre cozinha pensando em quem vai comer, o homem muito mais pra satisfazer o ego, pra fazer uma coisa bacana, quer fazer um prato bacana, quer impressionar.** Geralmente o amigo que não gosta de cozinhar, **ele encosta ali no balcão e fica só no ohhh...** (risos) Fica **só impressionado com o que você está fazendo e elogiando.** E a mulher não, **ela cozinha por amor mesmo.** Então, eu acho que a relação é um pouquinho diferente do homem na cozinha e da mulher na cozinha. E pelo fato do homem querer impressionar, **o homem é sempre muito mais metódico, muito mais concentrado para poder cozinhar e a mulher não, é muito mais paixão mesmo.** Acho que a **mulher tem o dom, a necessidade mesmo, a vontade dela de transparecer amor.** (Jorge)

Os três discursos acima apresentam formas distintas de apropriação na cozinha. É curioso notar a contradição na fala de Fernanda. Ela inicia seu discurso com a defesa de uma ideologia sexista ao afirmar que “parece que a mulher já tem um cantinho no cérebro que já está relacionado ao cozinhar”. Ela não percebe, mas são justificativas pseudobiológicas como essa que contribuem para a manutenção de estereótipos de gênero. No entanto, ela finaliza o enunciado levantando questionamentos sobre o modo como seu sobrinho, exemplo dado por ela, se apropria e se dispõe a estar na cozinha. O que acontece é que ela condena o modo como ocorre a prática final, mas não consegue se descolar das premissas que servem para amadurecê-la.

Jorge segue a mesma linha de argumentação e chega a afirmar que a mulher possui a “necessidade” de cozinhar para transparecer amor, ao contrário do homem, que cozinha para “impressionar” e a expectativa é o aplauso, assim como referenciado por Barbosa (2012). É incrível o modo como Jorge naturaliza a discriminação de papéis e reitera que para um homem cozinhar não passa de um “espetáculo”, em que o ator principal tem livre poder de escolha para decidir quando e como encenar.

Às vezes o Maurício, meu marido, vai fazer comida e ele fala assim **“hoje eu vou fazer”, eu já vi que não é pra eu ficar dando palpite** ((risos)) Quando ele fala assim... já quer dizer que ele está fazendo e que não quer palpite. Eu não, eu gosto de opinião, eu gosto de ajuda. **Às vezes eu vejo que homens gostam de mostrar que estão aprendendo a fazer.** (Alice)

E eu acho que ao mesmo tempo vem um preconceito muito grande quando você passa para a alta gastronomia, que eu acho que **a precisão do homem pra cozinhar é mais valorizada. A mulher sempre teve aquele “restaurantzinho” da comida caseira, comidinha gostosa, e o homem aquela cozinha mais espetacular assim... Mais impressionante.** São diferentes, **são completamente diferentes os modos de apropriação.** Eu acho que **o homem cozinha pra satisfazer a ele, pra impressionar,** esse é sempre um ponto que eu vejo. Tipo assim, **o homem que cozinha sempre gosta de fazer um jantar, receber uns amigos, mostrar que sabe um prato diferente, gosta de ver as pessoas ficando impressionadas com o fato de ele saber cozinhar.** E a mulher não, a mulher ela gosta de cozinhar para o filho, para o marido, não tem essa necessidade de cozinhar para as amigas, são poucas. O homem entra muito mais dentro desse contexto do que a mulher. Ele é a novidade e ai você acaba se tornando uma coisa diferente, e o diferente é sempre mais interessante. (Jorge)

Eu acho que as mulheres se apropriam mais da cozinha pelo lado do fazer. **Elas tem mais interesse assim... Pela lida do fazer, do executar. O homem ele gosta, mas ele gosto muito do... Degustar.** Eu tenho alunos que gostam de por a mão na massa, mas não é toda aula não ((risos)). (Fernando)

A continuidade dos discursos deixa ainda mais claras as diferentes formas e necessidades de apropriação da cozinha. Fica explícito que Alice reconhece na fala de seu marido a “benevolência” de alguém que se dispõe a ajudá-la. É pertinente verificar que mesmo se dispondo, ele se nega a receber ajuda ou um palpite, sendo possível depreender que ele se reconhece como um conhecedor daquele assunto, já que não demandará qualquer tipo de auxílio. Essa situação recupera o tema da hierarquia, pois mesmo fazendo a função “dela”, ele assume possuir os conhecimentos necessários. Já Fernando chega a falar em um “interesse” maior por parte das mulheres, generalizando algo a partir do senso comum que é a base das distinções. Por fim, Jorge refaz e completa o seu discurso que silencia um conjunto de relações e os tipos de ganho que cada uma oferece. Cabe verificar que ele recupera o debate do público e do privado conforme Pateman (1993) e Ribeiro e Hanashiro (2016), ao dizer que a mulher sofre discriminação no ambiente público, pois ela normalmente comanda um “restaurantzinho” da “comidinha” caseira. Ao dizer isso ele acaba taxando que tanto no ambiente privado, quanto no público, o papel da mulher será secundário a partir do momento em que um homem adentrar no campo de disputas.

Essa situação foi relatada em uma reportagem da BBC BRASIL (2016). O texto versa sobre a experiência de uma famosa *Chef* de cozinha que hoje comanda o programa *Hell's Kitchen* e vários restaurantes. Na matéria a entrevistada relata que a mulher que é *Chef* de cozinha em restaurantes vive uma luta diária por respeito e reconhecimento. Segundo ela, que disse já ter escutado que no “máximo, iria cozinhar para um marido rico”, as mulheres enfrentam

problemas nos restaurantes, pois os homens se acham donos das cozinhas públicas. Como dito na reportagem, alguns programas de televisão vêm suscitando tal discussão.

**A culinária de um tempo pra cá virou a queridinha da mídia, né?** O programa que antigamente falava de cozinhar era o programa de duas horas da tarde, era a dona de casa que assistia. **Hoje o programa de culinária é diferente. Ele não é um programa de culinária para a dona de casa, esse também ainda existe para uma cozinha simples, mas, hoje, é algo mais sofisticado e uma culinária que atinge todo mundo.** A facilidade que a gente tem de conseguir produtos hoje de alta qualidade, que são produtos diferentes, que você não usa pra cozinhar no dia a dia. **Essa vinda desses produtos acaba estimulando a mídia, por serem produtos mais caros, a levar os programas para os horários mais nobres.** (Jorge)

**Hoje existe uma valorização muito grande da cozinha, você pelo número de programas que existem e aí quando você entra nos supermercados *gourmets* que tem... É... Você pela o Verdemar e as outras redes que mesmo não sendo todo *gourmet*, você sempre tem uma ala *gourmet*, mais sofisticado que até então você não observava, com exceção de São Paulo ou quando você ia para o exterior. E aí entra o lado narcisista... Às vezes a pessoa compra uma coisa e nem sabe para que serve... ela compra pra ter simplesmente. Essa valorização é um “oba oba”, é midiático.** (Fernando)

A transição no modo como se pensa o território da cozinha e o ato de cozinhar muito se deve à influência da mídia, como pôde ser constatado acima e continuará sendo discutido. Há uma clara dimensão mercadológica envolvida e o grande incentivo ao consumo. Como dito por Fernando, o “selo” *gourmet* tem provado alterações nas expectativas de muitas pessoas que lhe atribuem valor e demandam esse tipo de “qualificação”. Fica explícito na fala de Fernando que ele tem noção de tal situação, mas isso não o impossibilita de integrar esse quadro. Ambos notam a mudança de posicionamento dos programas e a capacidade que eles possuem de espelhar os desejos dos consumidores. Jorge também se demonstra envolvido com esse movimento. A mensagem que é transmitida é que a opção por esse “selo” indica um *status* social que é requerido pela classe média alta.

**Quando eu era adolescente tinha mais tempo, eu adorava cozinhar,** eu cozinhava por *hobby*, inclusive assim quando eu ia dar algum presente para alguma pessoa, nessa época eu não tinha boa condição financeira, **quando eu precisava dar um presente eu fazia, por exemplo, bombons e presenteava com bombons, então, assim na época que eu tinha, sei lá... Que começou esses programas de culinária... Ana Maria Braga, Palmeirinha,** eu assistia muito. Hoje, o Rodrigo Hilbert, por exemplo, que é totalmente diferente, é um homem, branco, loiro, dos olhos claros. Além do programa do Rodrigo Hilbert tem o programa da Bela na Cozinha que é da filha do Gilberto Gil... Tem o programa da Carolina Ferraz também que tem ela lá, tem o programa do Oliver. **As pessoas também falam muito do *Masterchef*.**(Flávia)

**Hoje nós vemos muitos cozinheiros. A Ana Maria não é negra e cozinha muito bem. Tem muitos hoje nesses canais fechados e a maioria não é uma mulher negra. Eu assisto, eu gosto de assistir. A mídia está valorizando muito essa**

**história de *gourmet*.** Você abre uma revista, uma página de jornal tem sempre um festival de gastronomia, eu mesmo participo às vezes, gosto muito de um que tem na Serraria Souza Pinto. **Hoje em dia você fala que é *gourmet* e todo mundo tem interesse.** Eu acho interessante, mas não é uma coisa que você pode participar sempre. Não é uma coisa para o dia a dia, mas encanta. **As minhas colegas de trabalho vão correndo para casa para assistir o *MasterChef* ((risos)), nossa tem uma coisas maravilhosas. Têm outros na TV a cabo que eu assisto também.** Hoje em dia **todos os programas falam de cozinha, até no jornal** tem um horário que vai um cozinheiro cozinhar uma receita. **Antigamente só se fala em moda e produtos para cabelo, e hoje em dia é a cozinha que está em todo lugar.** (Fernanda)

**Eu assisto o programa da Rita Lobo, do Hilbert, daquele americano e daquele britânico que eu não estou lembrando é...** O que mais me interessa nesses programas é a variedade de receitas. **Eu admiro muito o programa do Hilbert e ele também. Eu vejo que os jovens também gostam muito da Rita Lobo.** Todos os jovens, amigos da minha filha, que veem aqui em casa gostam dela. Eu acho que **essa questão de *gourmet* trouxe um interesse novo nas pessoas, porque programas de cozinha já tinha a muitos, mas não era badalado igual é hoje. Foi um interesse que a mídia conseguiu brotar no coração** das pessoas. (Judite)

Acima estão descritas as falas de uma patroa, uma empregada e uma dona de casa. Inicialmente, nota-se uma transição no formato e público dos programas. Há uma menção clara a um tipo de programa popular, trazendo uma cozinha do dia a dia, e outro tipo de entretenimento, já com um olhar diferenciado, trazendo uma espécie de “experiência” diferenciada. É possível perceber os temas da tradição e da inovação, atestando a uma ressignificação do que se entende por cozinhar.

Fernanda chega a traçar um comparativo entre as pessoas que estão cozinhando, e acaba fazendo associações à dimensão da raça e do gênero, como se houvesse uma relação direta entre esses itens e o alcance do sucesso da tarefa. No entanto ela faz uma ponderação importante, hoje a culinária está muito mais presente na mídia e alcança uma presença outros veículos, como telejornais. Também fica implícito a partir das sentenças acima que discurso da cozinha *gourmet* exerce uma influência sobre os entrevistados, pois eles o reconhecem como um “selo” de diferenciação e qualificação. Judite chega a admitir que a mídia “conseguiu brotar no coração” da sociedade uma nova demanda para algo que é um produto.

**A ideia de cozinha que a mídia passa é de uma cozinha perfeita.** É uma visão que ela dá para vender eletrodomésticos, vasilhames e tal. **Você vê muito isso nos programas, que por sinal eu assisto todos** ((risos)) **Eu gosto muito do GNT, então quinta-feira pra mim é um prato cheio.** A Rita Lobo, adoro as receitas dela. O Claude eu não gosto muito não porque ele usa manteiga... Então é... Principalmente os **programas do GNT e do TLC. O que chama a atenção nesses programas é a praticidade das receitas, o reaproveitamento dos alimentos e os pratos de modo geral.** **Antigamente nem existia muito** programa de culinária e hoje virou uma febre. **Todo canal que você vai sempre tem alguma coisa de**

**culinária. Mesmo nos matinais, onde a mulher... A doméstica que não trabalha fora de casa, sempre tem alguma coisa de culinária e isso tudo é para incentivar o consumismo.** (Isadora)

Eu estava sem televisão lá em casa, aí... Estava sem sinal, mas agora voltou e eu voltei a assistir TV. **Eu gosto de assistir o *MasterChef* de criança e o de adulto também... Muito bom. Eu gosto de ver e aprender as coisas que eles fazem, mas não é uma comida de todo dia... É uma comida mais chique.** Só que eu não tento fazer as coisas que eles fazem ((risos)), porque é uma comida mais sofisticada, **não é a comida simples que a gente faz. Eu acho muito bonito... é aquelas comidas de restaurante chique que eles preparam. Dá vontade cozinhar aquilo** ((risos)) (Joana)

**Eu gosto desses programas. Quando vejo os homens cozinhando eu acho interessante, porque no meio eu não vejo muito isso.** E aí eu **acho interessante por serem eles.** E também gosto desses programas devido às cozinhas serem bem elaborada. **Normalmente eles já vão com a comida quase preparada e eles vão só para finalizar.** Eu gosto, acho muito interessante. **Esses programas masculinos que eu vejo,** normalmente, eu não consigo replicar o que eles fazem, por serem pratos mais elaborados. **Já o da Ana Maria, que eu vejo de vez em quando, eu acho mais fácil de replicar, por ser mais caseiro, mais fácil de fazer.** (Mônica)

Vai se tornando impossível não notar a representatividade que esses programas de televisão têm na vida dessas pessoas. O que chama a atenção é que mesmo esses programas “mais requintados”, há uma divisão. Existem aqueles vinculados aos canais pagos e os que são vinculados à TV aberta. Como no grupo anterior, esses discursos admitem uma aproximação de programas como “*MasterChef*”, pois eles são os mais acessíveis, já que são apresentados em canais abertos. Porém, mesmo com a audiência garantida e o anseio por aqueles produtos e cenários, há um limite visível que é o da replicação dos pratos. Funciona como se a atração servisse como uma vitrine desejada, mas difícil de ser palpável ao grande público. Existe um encantamento geral com a cozinha *gourmet*, mas existe também a linha que distingi quem tem condições ou não de executar aqueles pratos, do ponto de vista econômico. Além disso, fica explícito o reconhecimento que se dá ao ingresso da figura masculina nesse contexto, como se esse também pudesse ser um “selo” de valorização da cozinha, juntamente com a ideia de movimento *gourmet*.

Eu não assisto programa de gastronomia... Ah não eu assisto sim... **O da Rita Lobo, “cozinha prática”. Eu adoro ver os vasilhames que ela usa... As facas, as tábuas... A gente vê coisas diferentes e eu gosto do modo como se executa tudo. De modo geral eu vejo que as pessoas têm consumido mais esse tipo de programa na televisão.** Eu vejo a minha empregada, **lá com as outras ou com a passadeira que assistiu *MasterChef* e tal... E que o prato ficou bonito.** Hoje eu acho que as pessoas buscam isso para ser diferente... **A minha empregada fica falando assim “nossa... Qualquer dia desses eu vou animar fazer massa fresca lá em casa”, mas eu acho que para você fazer a massa fresca você tem que ter o maquinário, então assim... não sei se ela vai gastar dinheiro com isso.** (Luiza)

Eu não assisto programa de gastronomia... Ah, **mas às vezes eu gosto de ver o *MasterChef*, uma vez ou outra eu vejo. O que me chama atenção é o jeito de cozinhar deles. Eu acho que as pessoas ficam mais encantadas com essa cozinha mais refinada, eu sei que ficam porque eu fico** ((risos)). Como eu fui criada com arroz, feijão e verdura, eu não aprendi fazer coisas diferentes e eu acho que se eu tivesse aprendido pra mim seria bom. (Alice)

**Assisto alguns programas de gastronomia, como *MasterChef*... Eu assisto por curiosidade, eu gosto... Para aprender alguma coisa, alguma novidade... Eu gosto, mas às vezes acho estranho um “pouquinho assim” de comida em um prato muito grande** ((risos)) (Jussara)

Corroborando com os discursos anteriores, nota-se que muitas das entrevistadas encontram em programas como “*MasterChef*” a oportunidade para se aproximar desse “mundo *gourmet*”. É muito curioso perceber como esse programa surge espontaneamente na fala dos entrevistados, sendo possível constatar o percurso semântico da cozinha *gourmet* enquanto meio de inserção em um contexto de inovação. O deslumbre demonstrado pelas entrevistadas é evidente em relação ao espaço, aos apresentadores, aos utensílios e à possibilidade de se apropriar desse território de um modo diferente.

Especificamente, quando Luiza diz que sua empregada e suas colegas ficam comentando sobre o programa e suas possibilidades, fica refletida a ideia de que há um alcance muito grande dessas atrações e talvez o público que eles desejam atingir é realmente uma classe mais baixa, como se os induzisse a entrar em um mercado de consumo. No entanto, fica refratado que a própria Luiza faz questão de traçar uma linha que divide o desejo de sua empregada e a real possibilidade de “replicação” dos pratos. É como se ela fizesse questão de deixar claro que aquele mundo será apenas uma vitrine para sua empregada, algo como utópico. Fica silenciado que o estabelecimento dessa “distância” serve como segurança para que a patroa diferencie o seu mundo.

Eu gosto de ver e gosto de fazer aquilo que eles estão sugerindo né, como é que o nome dele, o... Adoro aquela Cozinha de Família né, como é que o nome daquele artista? Eu esqueci agora, é...**Rodrigo Hilbert, chama *Tempero de Família* o programa dele. É, aquele cara tem um senso prático que me encanta né, eu vou lá, escuto alguma coisa e vou lá e faço.** E às vezes eu gosto de acompanhar, mas eu tô tendo um professor presente demais que se chama Google né, como fazer? Ah esse aí todos os dias eu consulto. (Juliana)

**Eu assisto diversos programas de gastronomia, assisto muito GNT, aquele programa também que passa na Sony... Gosto muito daquela Carla Pernambuco. Agora esses trens de *MasterChef*, para o meu gosto, eu acho de mais da conta porque eu acho que o relacionamento que aqueles grandes *chefs* tem lá é meio tiranESCO, eu não consigo captar aquilo ali como alguma coisa prazerosa, eu... Assim, sabe** ((risos)) **eu não consigo ver, aquilo ali pra mim é meio...**

**“Idiotizante”. Assim, os que eu assisto o que chama mais atenção é a variedade. Aquele mesmo... Aquele *chef* francês que tem um programa no GNT, aquele cara tem um...Umas tiradas muito bacana de criação. Ele mostra que a cozinha pode ser o espaço mais versátil da casa.**(Fernando)

Juliana corrobora com a grande maioria das entrevistas, mas é enfática ao atribuir um valor diferenciado a um programa comandado por um homem. Como já visto, ela é uma das patroas que mais demonstra interesse pela cozinha, mas é relevante lembrar que ela possui a vantagem de poder cozinhar quando lhe interessa, isto é, sempre se deve analisar esse “interesse” de forma contingencial.

Fernando também admite um grande interesse por uma gama de programas, mas em sua fala destaca certo “desprezo” pelo programa que foi o mais citado pelos entrevistados, o “*MasterChef*”. Fernando explica os motivos que o levaram a acreditar que essa atração é “idiotizante”. Todavia, fica silenciado que ele percebe a atração como algo popularizado demais, feito para outros fins que não o da alta gastronomia. Ele indica que a cozinha “pode ser o espaço mais versátil da casa” e que há a possibilidade de ali ser tomado como um reduto da “criação”, mas não é leviano dizer que ele cria uma hierarquia entre os próprios programas de TV e, por consequência, ao desqualificar um deles, acaba manifestando que os materiais que ele consome são superiores.

Deve-se salientar que mesmo diante da desaprovação de Fernando, o *reality show* “*MasterChef*” é realmente um programa bem quisto por grande parte da população, não apenas pelos entrevistados que disseram gostar da atração. Conforme reportagem da Folha de São Paulo (2015) o programa brasileiro já foi um dos assuntos mais comentados do *Twitter* e chegou a bater recordes, com mais de 1, 8 milhões de tuites e mais de 81 milhões de impressões, que correspondem ao número de vezes que os tuites associados à atração foram visualizados na plataforma. Alguns especialistas já chegaram a dizer que a presença do programa na televisão e nas redes sociais pode gerar retornos nunca antes vistos pela emissora, pois é um fenômeno junto ao grande público. Inquestionavelmente, trata-se de um produto que conseguiu estabelecer uma relação profícua com os consumidores e isso fomenta toda uma gama de relações de consumo, desde a tentativa de replicar os pratos, até o esforço para construir uma cozinha no estilo *gourmet*. Agregar itens diversos à cozinha, como utensílios e reformas estruturais, também é uma forma de se apropriar do território e distingui-lo dos demais.

**Mudou muito, hoje em dia até o fogão você vê que hoje em dia não é mais fogão é CookTop. Ou seja, é muito diferente** não tem nem mais trempe nem nada..Tudo que é caro a sociedade valoriza. **Eu tenho as panelas lecreuset que são caras. Ter essa questão de cozinha gourmet já é um indicativo das mudanças.** Até a engenharia e a arquitetura já se adaptaram a essa questão de ter espaços *gourmets* nos prédios. Antigamente não tinha isso, a gente nem ouvia falar nem sabia o que era isso, por exemplo, a gente ouvia falar de churrasqueira, mas não de espaço *gourmet* e **hoje é moda. Foi como um raio “gourmetizador” que nos atingiu.** (Flávia)

**Eu gosto de comprar esses utensílios mais gourmet, mas da vontade de deixar tudo escondido porque a empregada não sabe lavar.** Eu chego lá na loja, por exemplo, eu estou louca... Nessa aula que eu faço a mulher deu uma dica de uma frigideira e eu **estou alucinada para comprar...** A bichinha é cara, **ai você põe isso na mão de empregada? Ela vai passar um Bombril...Então, assim...** As coisas que eu compro, ah é **comprei um picador de legumes super bacana, eu vou deixar na mão da empregada? Não! As coisas que eu tenho eu procuro deixar para eu usar. Então só eu que uso e pronto.** Sabe aquelas facas de mesa? Fica na caixa... E eu vou falar quando usar, se não ela pica tomate, sabe? **Então não dá... Se a cozinha vai ser gourmet, então eu é quem vou usar.** (Luiza)

**Hoje a cozinha é mais valorizada, até porque o mercado é maior. Tanto de produtos, quanto de valor agregado do que as pessoas gastam com cozinha hoje é uma coisa absurda.** Hoje a quantidade de utensílios importados que existem é incrível. Antigamente, **todo mundo batia uma clara em neves naquela... Espumadeira que a gente chamava, hoje tem batedeira da KitchenAid que custa R\$5.000, 00. Então assim... O mercado tem “bala” pra bancar isso.** A gente vive em mundo capitalista (risos), **o mundo capitalista não perdoa. A propaganda ela induz a pessoa a achar que aquilo é a maravilha.** Ai vem a *Air Fryer*, o *Polishop* e fica te incentivando a comprar um monte de “porcariada” e ai depois vê que aquilo não serve pra nada. **A cozinha não é isso. A cozinha é um processo manual e esse é que é o legal da cozinha.** (Jorge)

Acima se observa três discursos do grupo dos patrões. Ao dizer que um “raio *gourmetizador* nos atingiu”, em uma análise lexical percebe-se que Flávia se vê envolvida e influenciada por tal situação. Mesmo admitindo que esse “raio” pode ser uma moda, ela demonstra interesse por esse movimento de ressignificação da cozinha. Cita duas marcas específicas, deixando demarcado que se “é caro a sociedade valoriza”. Flávia cria generalizações em sua fala, mas é primordial entender que ela o faz porque torna coletivo o que tem como desejo.

Jorge segue a mesma linha e pontua três marcas. Ele sugere que a cozinha está além de um conjunto de utensílios modernos e que deve ser pensada como um “processo manual”, porém, admite que a cozinha esteja se valorizando mais com esses produtos e com o suporte da mídia. Já Luiza demonstra não só interesse, como também uma espécie de desconfiança. Após três exemplos, fica explícito que há uma distinção entre os produtos que ela usa e os que a sua empregada pode usar. E fica refratado que Luiza percebe a sua empregada como incapaz e sem mérito para manusear os itens “*gourmet*” da cozinha.

A cozinha doméstica hoje é uma cozinha da alta gastronomia, temos equipamentos interessantes e tal. **Lá em casa a minha cozinha doméstica durante os dias da semana ela funciona de uma forma, mas no final de semana... Ela vira literalmente uma cozinha de restaurante, uma cozinha ehhh... Uma cozinha industrial... Eu tenho uma cozinha *gourmet*. Eu acho que eu tenho utensílios interessantes, equipamentos interessantes. Inclusive (risos) eu e a menina lá em casa, nós temos os armários separados. Tem uns armários meus lá que ela não põe nem a mão (risos)... A faca que é minha, a faca do *chef*, que só eu corto com ela. Então assim, tem coisas separadas.** (Jorge)

**Nessa casa que eu trabalho hoje, têm algumas coisas na cozinha e na sala que eu não posso mexer, só eles.** (Bruna)

Eu tenho umas batedeiras super incrementadas... Essas foram a minha esposa que comprou... Ela nunca fez um bolo, mas ela comprou ((risos)), mas é impressionante quando já fizeram uns cookies com ela... **É uma coisa de outro mundo. Mas acho que não é aquela cozinha show... *Gourmet* de ostentação ((risos))** Eu acho que a sociedade de um modo geral tem interesse nessa questão de cozinha *gourmet*... Até pelo *boom*, **uma das maiores audiências do ano passado foram devido a esses programas de *reality show* na cozinha, tipo *MasterChef*. Então isso já mostra o interesse das pessoas pelo ato de cozinhar, de fazer e apresentar um prato mais elaborado de cozinha *gourmet*.** (Lucas)

Completando a fala passada, percebe-se que Jorge repete o mesmo discurso de Luiza, porém ele se coloca como “*chef*” de cozinha. Com um sorriso no rosto, tentando demonstrar um tom de brincadeira, diz exatamente o que Luiza havia dito. Também demonstra desconfiança em relação à sua empregada doméstica e acaba afirmando que a sua cozinha se transforma aos finais de semana, quando é ele quem assume. É inegável que ele diz isso na tentativa de demonstrar um valor superior ao que é entregue diariamente pela empregada.

É muito problemático constatar tamanha distinção que é ecoada nessas relações patronais. Mesmo que utilizem de artifícios para silenciar que consideram as empregadas sujeitas subordinadas, fica nítido que ao fazerem isso alimentam um discurso de classes, em que parece inexorável encontrar um novo arranjo. A fala de Bruna, por exemplo, serve para registrar o outro lado da história. Por fim, Lucas segue a tendência de consumo, manifesta interesse pelo movimento, mas não vê totalmente envolvido pelo “raio *gourmetizador*” que Flávia havia dito, mesmo admitindo que em sua casa haja um produto comprado impulsivamente.

Tudo que foi dito até agora sugere que a cozinha está passando por um resignificação e novos modos de apropriação estão se tornando evidentes. Nesses termos, seria oportuno

questionar: a cozinha está realmente passando por transformações? Quais seriam? Algumas opiniões são apresentadas abaixo.

A cozinha mudou muito. Eu **acho ótimas essas cozinhas *gourmet*. Extremamente funcional e eu gosto de estar em lugares bonitos, porque isso me inspira.** Você vai trabalhar em um lugar que está todo feio? Não dá, né?! Então isso **te incentiva. Essa ideia de *gourmet* acaba sendo uma especialidade e isso leva a uma valorização da cozinha** nos sentido até de criar cursos de gastronomia. (Isadora)

Mudou muito, tecnologia e arte na cozinha. Hoje você tem uma estrutura de cozinha que **facilita o trabalho da mulher** em muita coisa. Eu ainda vejo que o homem encara na maioria das vezes a ida dele **na cozinha como um favor de cooperação com a mulher**, mas existem homens que é porque se sentem vocacionados. Assim, **existem alguns (homens) que cozinham diariamente, mas a maioria vai lá (na cozinha), se apropria, dá o seu show e depois deixa tudo como sempre**".(Juliana)

Hoje a cozinha é mais sofisticada. **Existem muitos homens que são *chefs* de cozinha, muitas mulheres brancas, de cor da pele branca que adentraram nesse meio, então eu acho que assim hoje em dia isso já muito misturado.** A cozinha saiu desse patamar de... Vamos colocar assim de, **a cozinha deixou de ser o lugar da senzala e passou a ser... Falando rasgado assim mesmo... Deixou de ser o lugar da senzala e passou a ser um lugar onde as pessoas, não só os negros, escravos vão se reunir... Passou a ser um lugar de integração.** (Flávia)

Isadora percebe as transições que a cozinha está passando e atribui isso às possibilidades da cozinha *gourmet*. Ele a reconhece como um “selo” de qualidade e traz a tona percurso semântico da cozinha como espaço de inspiração. Juliana também reconhece a “funcionalidade” dessa cozinha. Primeiramente, diz que essa cozinha “facilita o trabalho da mulher” e que a atuação do homem está restrita a um “favor de cooperação”, demonstrando semelhanças a um discurso machista que endereça á mulher a obrigação e ao homem a condição de auxílio nas tarefas da cozinha. Logo em seguida, confirma a tese que se defende nesta dissertação, a de que o movimento *gourmet* tende a funcionar como um palco para que o homem se aproprie da cozinha sazonalmente e depois reitere as práticas patriarcais.

Já Flávia tenta produzir um discurso progressista, mas ele acaba sendo racista. Ela acaba traçando uma relação entre “a cozinha sofisticada” e a “presença de pessoas brancas”. Consciente disso ou não, ela ainda completa e diz “a cozinha deixou de ser o lugar da senzala”. Além de ficar demarcado um aspecto ideológico, fica refratado que para ela é condição essencial para a valorização da cozinha, a presença de pessoas brancas. Um discurso extremamente racista e classista, que mesmo em tom de “brincadeira”, ecoa de forma preconceituosa.

Antigamente a cozinha era simplesmente um espaço para fazer a comida e colocar na mesa lá fora. **Hoje, hoje em dia, eu acho que a cozinha passou a ser um espaço de convívio de amigos.** Antigamente a cozinha era um espaço de convívio familiar, só as pessoas da família tinham acesso à cozinha e hoje, com essa mudança, como estamos falando, a cozinha já é um espaço de convívio dos amigos. **Antes tínhamos a sala de visita, quer dizer, a pessoa entrava ali na sala e dali mesmo ela voltava. Hoje não, hoje a visita vai na sala, depois pra sala de jantar e hoje já está lá dentro da sua cozinha. Hoje ela tem um espaço mais central na casa.** (Jorge)

Eu percebo que **a cozinha está saindo da cozinha, né? Tá indo pra varanda... Para um espaço de convivência maior com a ideia do *gourmet*.** Então eu acho que as pessoas estão fazendo mais coisas em casa... **Houve uma época que ninguém fazia nada em casa, aniversário nem nada. É uma reaproximação,** um conforto... Eu acho que qualquer restaurante que você vai tem um zum zumzum e aí uma recepção em casa é interessante. **Hoje a cozinha é linda, antes ela era largada.** Hoje não... **Essas cozinhas são lindas, tem uma questão de te atrair para ela.** E eu acho que **os programas de televisão são os responsáveis, não só pela culinária, mas também por essa parte da decoração.** Você pega um programa da TV aberta e tá lá aquela cozinha toda linda, tudo organizado, tudo bonitinho. E isso faz com que as pessoas queiram uma cozinha funcional e bonita ao mesmo tempo. **Com o *gourmet*, por exemplo, a pessoa está levando a cozinha para dentro da sala.** (Luiza)

**Hoje a cozinha é mais valorizada, antes ela não tinha tanto valor... A cozinha, as cozinheiras, a comida... Hoje não é só pra encher barriga.** Hoje você vê que as cozinhas estão mais vistosas. O povo hoje quer comer coisa boa, coisa gostosa, quer saborear. Antigamente era sentar almoçar, jantar e pronto. **Hoje não, você senta, conversa.**(Alice)

**A cozinha hoje não é só a necessidade biológica,** é de prazer mesmo, de convivência, entendeu? **As relações interpessoais vieram muito para dentro de casa. A ideia do *gourmet* dá um *status* e eu sei que tem muita gente que gosta.** As pessoas antigamente só iam para a mesa quando a comida estava pronta **e hoje não, enquanto está sendo feito todo mundo participa,** dá palpite. (Isadora)

Inicialmente, nota-se o percurso semântico da cozinha atual como centro de convivência. Existe uma distinção clara entre as cozinhas, como visto nos discursos. Jorge trabalha com a ideia de que ela deixou de ser um local apenas familiar e começou a abrigar encontros entre amigos, como uma “sala de visita”. Ao colocar a cozinha como “espaço mais central da casa”, ele deixa explícito que as transformações ali vivenciadas o fizeram redimensionar a importância do território. Luiza já assegura que “a cozinha está saindo da cozinha”, a partir da influência do movimento *gourmet*. Fica refletida a valorização que ela dá a esse “novo” território quando ela diz que “hoje a cozinha é linda, antes ela era largada”. Interessante notar que ele atribui essa ressignificação ao estilo *gourmet* e a influência exercida pela mídia, ao incentivar a aquisição de tudo que é exposto em um programa de televisão.

Alinhado a tudo isso, Alice acrescenta que hoje a cozinha recebe um valor maior, pois a alimentação deixou de ser a única atividade desse espaço. Há outros “prazeres” envolvidos,

como a recepção de pessoas e a constituição de um espaço de convivência. Isadora concorda com Alice e completa afirmando que hoje a cozinha é muito mais que um caminho para cumprir as “necessidades biológicas”, reafirmando a busca por um espaço de relações interpessoais e valorizando o selo “*gourmet*”, que, para ela, fornece um *status* que muitas pessoas demandam.

**A cozinha mudou com certeza, a cozinha antigamente era mais natural.** Hoje você gasta muito pra fazer pratos elaborados, hoje exigisse uma demanda das pessoas. Esses pratos têm um gosto totalmente diferente daqueles do dia a dia. **É um gosto inexplicável, você pega, por exemplo, um pão com azeite trufado, não tem gosto de nada que a pessoa já tenha comido na sua vida.** Hoje a cozinha tem uma posição mais central na vida das pessoas. A cozinha era um lugar que era da empregada ou da dona da casa... **Aquele lugarzinho mais... Afastado da casa, né?** Era dentro da casa, mas era pouco frequentado. **Hoje a cozinha tem glamour, né?** Para quem gosta verdadeiramente é... Eu vejo coisas absurdas. Fui na cozinha de um amigo outro dia, em um condomínio e a cozinha tinha 150m<sup>2</sup>, com big horta que eles fizeram.. **Uma coisa muito bacana e aí a cozinha tinha dois andares ((risos)).** (Fernando)

Quando a gente passa em uma loja de conveniência, por exemplo, **tudo que é o diferente para a cozinha você quer ter em casa.** Hoje **todo mundo** quer levar o moderno da cozinha para casa. Eu também acho **que hoje as pessoas estão mais na cozinha.** Antigamente era da sala para lá, e hoje as visitas são trazidas para a cozinha. Mostrando que eu estou fazendo. **Todo mundo quer ver como foi feito aquele prato bacana.** A cozinha era um espaço que às vezes as pessoas conheciam a sua casa e não conheciam a cozinha. **Hoje é muito comum convidar para ir à cozinha.** Isso é porque, além de a cozinha estar mais moderna, antes a cozinha era o lugar em que estava a empregada e aí ela tinha que ficar lá no cantinho. Hoje quando você vai receber uma visita, a empregada também tem que se arrumar para esperar, para que fosse possível ver a cozinha. **Em uma casa que eu trabalhei o meu uniforme do dia a dia era um e o de visita era outro ((risos)).** Eles **querem que a empregada também esteja mais arrumadinha,** mais moderna. (Fernanda)

**Hoje a cozinha é mais valorizada.** E cozinhar sempre foi um valor muito forte para o ser humano... Faz parte dele. **Agora a forma de cozinhar, a forma de apresentar o local da cozinha é que vai mudando conforme o poder de compra das pessoas.** Antigamente a cozinha era escondida, só mesmo alguém muito chegado que você chamava e ia para a cozinha, certo? Então era um lugar melhor, não tinha aquela limpeza que hoje se mostra nessas cozinhas modernas... **Hoje a pessoa faz questão: “vem ver a minha cozinha”.** Ela é uma sala de visitas, por mais simples que seja, ela é uma sala de cozinha. Hoje, se eu pudesse construir uma casa, minha sala de visita seria a cozinha *gourmet*. Tudo na beirada da cozinha. (Judite)

Fernando divide sua fala em duas partes. Primeiro nota-se a ênfase que ele dá à constituição dos alimentos e o modo de preparo. Ele traz o tema da comida natural e o da comida industrializada. Pode-se dizer que muito dessa questão está relacionada às possibilidades que a cozinha atual traz aos consumidores no sentido de variedade e diversidade de combinações. Em um segundo momento, estando muito relacionado ao discurso polêmico de Flávia, ele traz

a ideia de que a cozinha sempre foi um território da casa em que era dispensável dar valor, por ser o local da dona de casa e da empregada doméstica. E atualmente a “cozinha tem *glamour*”. Assim, fica refratado que ele cria uma relação de valorização a partir do momento em que ele percebe a transição na constituição concreta e simbólica daquele espaço, além de deixar subentendido que a cozinha assume um *status* diferenciado na medida em que abriga outras formas de apropriação.

Fernanda fornece um exemplo dessa questão ao afirmar que já trabalhou em casas onde, em dias de visitas, até as empregadas tinham que se arrumar de forma diferente, pois agora se leva os convidados para a cozinha. Além de apresentar incitações mercadológicas e propostas de encantamento de clientes em centros comerciais, ela admite que a cozinha passou por transformações e a ela foram atribuídos novos itens que sustentam essa transição, pois “hoje todo mundo quer levar o moderno da cozinha para casa”.

Por fim, Judite concorda com os demais enunciados e acrescenta que hoje existe um interesse em assumi-la como uma “sala de visitas”, independente do seu porte. O que fica é a mensagem de que existem inúmeras possibilidades de se ressignificar aquele território, portanto, não é uma proposta apenas das famílias de classe média alta. Nesses termos, é basilar compreender que muito dessa transição está ligada aos modos de apropriação e isso reflete diretamente na colocação de uma figura que antes se distanciava mais da cozinha, o homem.

**Hoje nem sempre o cozinheiro de restaurante acha que tem que cozinhar em casa.** Ele acha que tem que **cozinhar no restaurante para ganhar dinheiro, mas em casa quem tem que cozinhar ou é a empregada ou é a esposa.** Eu conheço um caso assim ((risos)). O marido dela **trabalha em um restaurante conceituado aqui em Lourdes, mas em casa ele não passa um bife. Cozinha para ganhar dinheiro, “mas aqui em casa você é quem cozinha para mim”.** A obrigação é dela ((risos)). E isso é ridículo, né? Quando se fala assim “ah, vamos cozinhar!”, **os homens pensam logo que é arroz, feijão, uma farofinha e aí isso não é muito atraente para ele.** Agora quando é a cozinha *gourmet*... **“Opa, vou inventar alguma coisa”.** Então é acho que **essa palavra nova, gourmet, está atraindo mais os homens.** É a **oportunidade que ele tem de fazer algo melhor... Um diferencial** ((risos)). **Eles gostam de receber para mostrar que sabem fazer, mas de vez em quando.** Eu vejo que **os homens gostam mais dessa cozinha gourmet e vejo que as mulheres gostam mais da tradicional.** (Fernanda)

Cozinhar é uma paixão e **eu acabo achando que cozinhar é um divertimento.** Eu adoro tomar uma cervejinha, tomar um vinho enquanto estou cozinhando. **A primeira providência que eu tomei quando eu fiz meu apartamento, onde eu moro, quando eu casei, foi jogar a parede que divide a cozinha com a sala, para o chão.** Porque assim eu trago a participação da minha esposa, dos amigos aos finais

de semana, isso eu acho importante. **Acho o cozinheiro meio solitário quando ele fica lá dentro, acaba sendo uma coisa chata.** Quando você traz a turma que tá lá fora brindando e...Se divertindo, pra dentro da sua cozinha, acho que aí fica uma coisa bastante agradável. **Sempre tive esse costume de receber os amigos em casa, muito mais do que estou tendo agora... Agora com essa crise não está tão fácil bancar essas “farras” constantemente.** Mas, é sim, sempre foi, **minha casa sempre foi repleta de amigos e sempre em volta da cozinha.** (Jorge)

Os dois discursos acima refletem a construção de estereótipos sexistas. Fernanda começa sua fala retomando o debate sobre a cozinha pública e a privada. Ela relata o caso do homem que cozinha em um restaurante e que em casa se recusa a fazer até um “bife”, pois entende que ali a obrigação é da mulher, revivendo a problematização trazida por Barbosa (2012). Interessante constatar a descrição que ela faz dos homens ao estarem em uma cozinha *gourmet*, pois existe uma associação entre esse “selo” e uma qualificação superior. Além disso, a ideia do *gourmet* sugere a ocupação sazonal e isso retira o pressuposto de que eles terão que permanecer naquele território constantemente.

Jorge serve como exemplo para a fala de Fernanda. Ele assume que a cozinha não passa de um “divertimento” para ele. Como já visto em outros trechos ao longo dessa dissertação, Jorge mostra-se um ávido consumidor do selo *gourmet*, pois além de encará-lo como uma forma de valorização, fomenta o pressuposto de construção de um espaço mais intimista. Ademais, usa do símbolo *gourmet* para legitimar uma apropriação momentânea, deixando de lado o peso da obrigatoriedade e transmitindo o percurso semântico da cozinha como fonte apenas de prazer.

**É bem nítido que os homens não tem apelo nenhum pela comida cotidiana: bife, batata frita, feijão e arroz. Nenhum homem tem a menor disposição para fazer essa comida do dia a dia e acho que nunca vai ter. O movimento *gourmet* traz diversão, prazer.** (Henrique)

**Os homens gostam é do *gourmet*. O homem apesar de toda a evolução ainda continua muito machista. Então quando ele vai para essas cozinhas *gourmet* ele não se sente uma mulher, mas... “O” Homem. É diferente da condição de trabalho em uma cozinha comum. Eles vão para a cozinha, mas em ocasiões especiais. Eles não se apropriam da cozinha no dia a dia.**(Isadora)

Os homens gostam mais dessa cozinha *gourmet*, acham ela mais moderna e interessante do que a cozinha normal. Eles vêm lá os homens na televisão cozinhando e eles acham... **Querem também. Eles acham que tem mais valor essas comidas...** Por não ser arroz, feijão. (Joana)

Tem o lado de você fazer junto com a sua família uma coisa diferente, mas **tem o lado também narciso...** Em que você vai trazer um ingrediente que você viu não sei onde em uma viagem que você fez é... E ai tá lá o narciso mostrando a beleza que ele fez, mas é uma beleza que não pode ser dividida e que vai inflar o ego

**dele. Tem o lado patológico da cozinha também, né? A gente vê muito isso nos *gourmet* de primeira hora.**(Fernando)

Fica evidente nos quatro discursos acima que existe uma motivação diferente para que o homem se aproprie da cozinha. Henrique não faz “cerimônia” e logo diz qual é o único objetivo do homem na cozinha, o prazer. Fica refratado que para ele é impossível pensar em um homem que tenha a disposição para cozinhar cotidianamente, deixando subentendido que há tal possibilidade, pois não lhe cabe a obrigação.

Isadora parece confirmar a fala de Henrique, e ainda confirma que “os homens gostam é do *gourmet*”, pois ele só ocorre em “ocasiões especiais”. Joana adiciona o tema da valorização e deixa explícito que as condições de trabalho são distintas nessas duas cozinhas, sendo possível depreender fala-se também de relações sociais nesse território. Fernando segue o mesmo discurso e corrobora com os demais, mas adiciona uma denominação própria aos sujeitos de quem fala: os “narcisos” ou “*gourmet* de primeira hora”. Salienta-se que essa definição e enquadramento, rotula justamente quem busca um rótulo, já que a ideia do *gourmet* reflete, para ele, duas questões importantes: a qualidade superior, que permite se distinguir dos outros; e a possibilidade de se expor, apresentado ao mundo as suas qualidades enquanto “*chef*” de cozinha de final de semana. O alinhamento dos enunciados concorda com a tese levantada até agora.

Quem gosta de mexer na cozinha, chama os amigos para experimentar, prepara e tal, mas tem gente que não gosta... Não gosta de ir pra cozinhar, não gosta de preparar nada, gosta de achar tudo prontinho. **Eu acho que os (homens) que gostam dessa história de cozinha são aqueles meio que *MasterChef*... Eles gostam.** (Jussara)

**Hoje você fala ‘você vem que eu... Vou fazer um jantar diferente’... É uma forma de encantar os convidados. O *gourmet* é um selo que valoriza. Você pode ver que os apartamentos mais novos já veem com uma nova proposta é... Varanda *gourmet*, churrasqueira na varanda, cozinha integrada com a sala... Hoje os quartos estão sendo comprimidos para você liberar espaço para a cozinha.** (Henrique)

**É impressionante a quantidade de homens que gostam e admiram a cozinha *gourmet*. Eles querem se envolver mais... Pela possibilidade deles poderem ir para a cozinha, para não ter aquilo de que cozinha é só da mulher. A comida *gourmet* é de vez em quando, né? Então é bom. A gente tende a não gostar da rotina. Se passar a ser uma obrigação, a vontade vai se perder.** (Judite)

O que eu tenho visto nos círculos de amizade são homens assumindo a cozinha... Querendo fazer um prato diferente ou o mesmo prato, mas de uma forma diferente que ele aprendeu e aí **eles começam a competir informalmente... E falam tipo “oh, esse ano eu vou trazer uma novidade... Um prato que eu vi lá na Espanha”... Então, nesses encontros quem tem aparecido são os homens na**

**cozinham, se for uma mulher ai o pessoal vai falar “aí não vale... quero ver um homem fazer”. É uma espécie de *show*, ele está ali se mostrando, fazendo uma coisa que a maioria dos meus colegas não sabe. (Lucas)**

Em complemento á fala de Fernando, Jussara chega a nomear os homens que estão envolvidos com essa proposta de *gourmet* de “*MasterChef*”. Ao fazer a associação, além de confirmar a influência que a mídia é capaz de exercer nas pessoas, ela define um personagem, como se ele pudesse ser descrito a partir de um estereótipo. E ela só traça tal relação, pois, em algum nível, também conhece o “produto” que esse programa se dispõe a vender. Judite segue a mesma linha e afirma que a cozinha *gourmet* não é para todo dia, portanto, segure uma inovação e isso é visto com bons olhos. No entanto, há um curioso detalhe no modo como ela usa a palavra “possibilidade”, pois da forma como é colocado soa como se eles não a tivessem cotidianamente e só encontrassem espaço aos finais de semana ou momentos especiais.

Como dito por Lucas e Henrique que retomam o discurso da satisfação do ego e de certa “virilidade” que a apropriação pode trazer, afinal, eles não medem palavras para deixar claro que o “homem *gourmet*” quase que sempre está envolvido em um jogo duplo para se satisfazer e levar vantagem sobre os demais, como um esporte, uma competição. Quando Lucas conta a frase “aí não vale... Quero ver um homem fazer”, fica subentendido que essa solicitação só é feita, pois se considera que aquele é um papel feminino, portanto, se uma mulher realizar não há nada o que valorizar. Naturalizar essas situações é o mesmo que defender um aspecto ideológico que contribui para a divisão sexual do trabalho.

A gente tem um vizinho que é engraçado, **ele é super *gourmet*, assiste todos os programas, ele adora isso. Aí ele fala com a menina, a empregada da casa dele “deixa isso e isso picado para mim” e ai ele chega e junta... Aí até eu ((risos))** Eu acho que o homem, quanto mais organizado estiver, mas fácil fica. Porque eu acho que o desafio é esse... Tirar a dificuldade. **Hoje eu acho que o ato de cozinhar é mais valorizado porque os homens fazem aula de culinária, eles participam de confraria... Eles podem até nunca fazer, mas eles participam e vão... Harmonizar os vinhos com as comidas... Ficou chique esse negócio. Você vai naquela Le *Creuset*... você aquelas panelinhas... Aquilo é fofo. Isso muda até o *status* do negócio. (Luiza)**

**Ela (a empregada) sabe que eu tenho meus dias de aula de culinária aqui em casa, aí ela espera eu chegar e falo: “hoje tem que picar isso e isso, ajeitar isso e isso de um jeito”, ai ela já deixa tudo arrumadinho do jeito que eu mesmo preparo. Isso tudo antes da aula...Não, antes da aula...Ela não fica durante a aula, durante a aula sou eu sozinho. (Fernando)**

**Eu acho que o movimento *gourmet* vem com a saída da mulher da cozinha, primeiro. Porque até então, quando a mulher assumia esse papel de ser dona de casa, cozinheira e de ficar restrita a esse espaço... É... O homem não tinha muito espaço e a culinária que existia era uma culinária tradicional. Como eu disse,**

**o advento do movimento *gourmet* tem haver com a entrada do homem na cozinha e tem haver também com o mercado globalizado. (Jorge)**

Finalizando os debates aqui estabelecidos, nota-se nos três discursos acima alguns motivos que levam a considerar que existe de fato uma reapropriação da cozinha a partir de critérios como o “selo” *gourmet*. Como já defendido e comprovado a partir das falas dos entrevistados, um dos itens que fomentam o desejo dos homens pelo movimento *gourmet* está relacionado à possibilidade de “assumir” a cozinha sazonalmente. O que não havia sido dito é que isso pode acontecer após a contribuição de terceiros, como defendido por Fernando e comentado por Luiza. Torna-se fácil se apropriar de um território utilizando de artifícios que silenciam a real dinâmica do trabalho, como contar com o auxílio das esposas e empregadas.

Curioso notar que quem sempre foi colocado como “apoio”, agora demanda o auxílio, porém, o reconhecimento da tarefa deve se destinar ao “*chef*”, pois ele é o verdadeiro responsável pela criação. Quando Jorge diz que o movimento *gourmet* está associado à saída da mulher da cozinha, ele deixa implícito que o selo e o reconhecimento que vem com ele é algo, exclusivamente, destinado ao homem. Dizer que “o homem não tinha muito espaço” é uma tentativa clara de vitimização de sujeito que é o ponto principal para a manutenção do sistema patriarcal e opressor, não reconhecer isso é o mesmo que compactuar com a permanência de práticas de subordinação e inferiorização conforme as relações sociais de gênero e raça.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve a seguinte pergunta de pesquisa: como a cozinha doméstica é territorializada em meio a relações sociais de gênero e raça? Como último capítulo, faz-se agora uma análise pontual de todos os tópicos que integraram o trabalho. Sintetiza-se aqui os caminhos e os achados de quase dois anos de uma pesquisa que sofreu diversas alterações, recortes e complementações. Houve pontos positivos e negativos ao longo do percurso, bem como se alcançou resultados frutíferos e deixou-se margem para novas investigações. Ciente da dificuldade de resumir um trabalho tão grande pontua-se a partir de agora uma reflexão sobre cada eixo da dissertação. Nesses termos, este capítulo está sumarizado em três momentos: exposição dos objetivos e de seus desdobramentos; uma reflexão sobre os trajetos teóricos, metodológicos e epistemológicos adotados; além das implicações deste trabalho no nível micro e macro dos Estudos Organizacionais.

Em relação aos objetivos, cabe uma resposta sintetizada de cada um. O estudo teve como objetivo geral: compreender com a cozinha doméstica é territorializada em meio a relações sociais de gênero e raça. Foi possível perceber que há distinções quanto ao modo de apropriação e isso reflete a constituição de vários territórios em um único. É fundamental compreender que um território se assenta sobre relações de poder engendradas em um dado espaço, o que suscita analisar as implicações quanto à territorialidade.

Destarte, os dados permitiram identificar diversos territórios em um único, como o profissional, no qual a atuação se dá em troca de remuneração. Esse território se verifica em termos de relações de poder que um profissional remunerado, frequentemente uma mulher negra, se empodera pela influência que exerce sobre o espaço cozinha. Há um nível de legitimação social, mas deixa-se silenciado questões discriminatórias em função do gênero e da raça. Existe o território da cozinha como apêndice da casa, normalmente sob responsabilidade de uma mulher, a dona da casa, que se apropria, nem sempre consciente do lugar que ocupa, a partir de costumes e valores sociais de uma cultura sexista. O território da patroa que decide se “aventurar” no ato de cozinha para se satisfazer momentaneamente ou “impressionar” seu marido em busca de uma valorização a mais em relação ao trabalho da doméstica. Nesse caso, a patroa não abre mão da relação de superioridade diante de sua empregada, mas se subordina quando busca demonstrar que é uma “boa esposa”. Além disso,

destaca-se também a cozinha como um território de espetáculos sazonais em que as relações se estabelecem em um palco ressignificado. A apropriação masculina dessa cozinha ocorre diante da busca pelo prazer, da satisfação e da oportunidade de se promover em um ambiente que “agora” lhe “pertence”. Pode-se dizer que esses e todos os distintos territórios evidenciados ao longo da análise dos dados, circulam e se formulam a partir de uma primeira questão: a diferença entre o cozinhar por “obrigação” e o cozinhar por “satisfação”. Há distinções e inúmeras combinações possíveis a partir desses dois itens, sendo notória a constituição das práticas cotidianas em meio a um emaranhado de relações sociais.

De modo agregado, os quatro objetivos específicos que foram projetados detalham como se chegou a essa afirmação. Foram projetados quatro objetivos específicos. O primeiro foi delinear quais fatores contribuem para a naturalização de que a cozinha doméstica é o lugar da mulher. Em relação a esse objetivo, coube notar que muito dessa questão se inicia a partir do momento em que se opta pela manutenção de práticas patriarcais entre as famílias. Foram inúmeros os relatos que indicavam que desde a infância os aspectos da divisão sexual do trabalho eram reforçados em casa e isso foi sendo replicado. A naturalização se tornou visível a partir do momento em que as mulheres, empregadas, donas de casa e patroas, passaram a não questionar o papel que lhes foi entregue pela sociedade e consumado pelo contrato sexual.

O segundo objetivo foi investigar o processo de exclusão imposto a estes sujeitos e os mecanismos utilizados para tal. Sem dúvida, o tratamento de “como se fosse da família” foi identificado como principal instrumento de subordinação e exclusão das empregadas. A temática de relações sociais de raça esteve presente, em função de tudo que já foi discutido e respaldado estatisticamente, e o exemplo utilizado da Tia Nastácia serviu de balizador para a discussão. Vários discursos estavam impregnados de uma ideologia racista, mesmo com esforço para se esquivar das questões e silenciá-las a partir dos discursos de cordialidade.

O terceiro objetivo específico foi evidenciar, a partir das noções sobre o ato de cozinhar, a ressignificação pela qual a cozinha doméstica vem passando, não apenas sob a ótica espacial como também sob a simbólica. Em diferentes níveis de percepção, foi possível constatar a existência de indícios que comprovam esse movimento de transição. Os entrevistados demonstraram que estão influenciados pelo movimento *gourmet* e pela construção que a mídia faz desse espaço. A dimensão concreta esteve evidenciada nas falas que associaram a transição a aspectos arquitetônicos. Já a dimensão simbólica esteve relacionada,

principalmente, à presença cada vez maior dos homens na cozinha e à possibilidade de fazer desse ambiente um espaço de convivência, já que agora ele tende a ser estruturado para ter um caráter mais intimista.

Por fim, o quarto objetivo específico foi delinear os mecanismos utilizados para a apropriação, mesmo que sazonal, da cozinha doméstica pelos homens. Ficaram evidenciados os discursos: do “apoio”, da “colaboração” e da “busca pelo prazer”. Os dois primeiros como clássicas manifestações de “auxílio” em momentos sazonais e sob solicitações. Já o terceiro ficou muito evidente, pois representa a possibilidade de cozinhar como *hobby*, como diversão e como forma de se autopromover. A frase “a expectativa é o aplauso”, foi vista em vários discursos e reforçaram o pressuposto de que os homens estão se interessando mais pela cozinha a partir de possibilidades como “a cozinha *gourmet*”, que se distancia de noções como rotina e obrigatoriedade e se conecta ao poder escolher como, quando, onde e para quem cozinhar.

Como segundo eixo desta conclusão, faz-se agora uma reflexão dos caminhos epistêmicos, teóricos e metodológicos assumidos. Em relação à base epistemológica e a escolha dos aportes é fundamental noticiar alguns itens. A delimitação pelo uso exclusivo da matriz crítica ocorreu após a banca de qualificação do então projeto de dissertação. Tendo em vista um flerte direto com a Sociologia do Trabalho e com alguns autores de base marxista, chegou-se ao entendimento que a opção pelo enquadramento a corrente crítica era o mais adequado. A grande questão que merece ser destacada é a escolha pelo trato de questões de ordem dialética. A problematização dos pontos centrais deste trabalho a partir dessa perspectiva permitiu um alinhamento a uma lente marxista. Dessa forma, corroborando com Ribeiro e Hanashiro (2016), buscou-se compreender a situação de opressão vivenciada por mulheres que, em pleno Século XXI, ao se submeterem, conscientemente ou não, aos mecanismos de dominação do grupo masculino, permitem a manutenção do *status quo* do dominante. Ficando demonstrado que os estudos do campo da Sociologia podem contribuir, e muito, com a análise dos contextos organizacionais.

Já a definição dos construtos teóricos passou por intensas mudanças ao longo da pesquisa. Chegou-se a cogitar seis aportes distintos pois era possível identificar a coerência de todos dentro da problematização proposta. No entanto, após as valorosas contribuições recebidas durante a banca examinadora na defesa do projeto, chegou-se a três blocos: relações sociais de

gênero, relações sociais de raça e territorialidade. O que cabe salientar nesse momento é que a escolha permitiu integrar tudo que estava sendo discutido a um ponto de análise, e isso fortaleceu a construção do referencial teórico apresentado. Diante da assertiva decisão, abrigou-se a discussões sobre classe, trabalho e poder como dimensões transversais. Assim, foi possível o alinhamento entre as perspectivas teóricas e a consolidação desta pesquisa como um novo eixo de análise.

Ao longo da investigação para a pavimentação deste estudo, foi possível constatar certo nível de ineditismo no que estava sendo formulado, pois não foram encontradas pesquisas que abrigavam a dimensão do gênero, da raça e a perspectiva da territorialidade em um mesmo estudo. Nesses termos, mesmo não tendo o intuito de receber láureas por um possível estudo diferenciado, há de se considerar a contribuição que este trabalho pode trazer às novas investigações e as possibilidades que surgem a partir dele, como será exposto ao final da seção.

Sobre as escolhas metodológicas e os caminhos percorridos na pesquisa de campo, cabem algumas pontuações. Primeiramente, é sempre importante reforçar o caráter qualitativo desta dissertação. Logo, por mais que a grande discussão estabelecida aqui possa ser associada ao cotidiano de grande parte da sociedade, sabe-se que há níveis distintos de implicações, ficando evidente uma dimensão de classe. Quando foi dito que se queria discutir a regra e não a exceção, a intenção foi deixar claro que se buscava examinar um conjunto de relações tomadas como “naturais” culturalmente, mas há de se entender que a discussão foi relacionada empiricamente aos resultados de um grupo específico de entrevistados, o que não deixa de atestar a investigação de uma unidade de análise.

Os resultados podem e devem contribuir para novas e instigantes reflexões a todos que dispensarem um tempo para a leitura deste material finalizado, como já serviu para muitos dos participantes da pesquisa, durante as entrevistas. Muitos relataram que reviveram angústias, alívios, sofrimentos e questionamentos. Foi gratificante perceber que esta dissertação já pôde contribuir com alguns dos entrevistados, que asseguraram que a abordagem os fez rever algumas relações em que estão inseridos em seus cotidianos, desde a patroa que disse ter percebido o modo arbitrário com que se relaciona com sua empregada e pensa o trabalho doméstico, até a empregada que chorou durante a entrevista e assegurou que iria buscar

melhores condições de trabalho. Olhares, cumprimentos e agradecimentos fortaleceram a certeza dessa reflexão.

Em relação aos sujeitos de pesquisa, algumas considerações precisam ser retomadas. Além do que foi dito no parágrafo anterior, é coerente dizer como se deram as dinâmicas de seleção dos entrevistados. Como já tido: todos os sujeitos que integraram o grupo de patrões, pertence à classe média alta e possuem empregadas; todas as mulheres que integraram o grupo das trabalhadoras domésticas são mensalistas em casas de família também de classe média alta; e foram consideradas donas de casa, tanto mulheres que ainda trabalham fora e desempenham as funções domésticas, como também as que já são aposentadas e estão restritas ao lar. Houve grande dificuldade em encontrar as empregadas domésticas que atendessem a três critérios: trabalhar com famílias de maior poder aquisitivo, ser mensalista e cozinhar no trabalho.

A grande questão esteve relacionada à abertura que estas mulheres tinham para conversar e a autorização de seus patrões. Como já dito no capítulo de análise, alguns patrões se recusaram a permitir a participação de suas empregadas, mas não justificaram as suas razões. Enquanto um deles deixou explícito que gostaria de evitar tal entrevista com sua empregada, pois a abordagem poderia “despertar” o olhar dela para algumas relações de seu cotidiano e ela poderia se voltar contra ele, deixando refratado que algo de errado ali existia.

Ademais, uma das empregadas acabou enfrentando uma situação inesperada. Ela marcou a entrevista para ser feita em seu local de trabalho, mas não esperava contar com a presença do patrão. Mesmo apresentando uma relação cordial, ele se manteve no recinto e isso inibiu algumas falas da entrevistada. Por fim, em relação aos sujeitos de pesquisa, é imprescindível salientar que algumas das entrevistadas, devido à sua origem humilde e uma vida conturbada, não conseguiram dimensionar integralmente o que estava sendo discutido. Em respeito a todos os entrevistados, houve um intenso exercício de adaptar ao máximo as questões à compreensão de todos que se disponibilizaram a relatar suas vivências.

A coleta de dados percorreu da melhor forma possível e, como esperado, foi nítido o refinamento das entrevistas e as metodologias de abordagem. A pesquisa avançou à medida que as entrevistas avançaram e a partir do momento em que foi possível agregar novas questões e tecer relações. Em função dos métodos de coleta, o teste de evocação de palavras foi uma grata surpresa. Como primeira ferramenta da abordagem, ele abriu virtuosamente o

caminho para as entrevistas, servindo como um primeiro sobrevôo nas discussões. Como as duas expressões indutoras foram lançadas uma após a outra e sem uma prévia divulgação, foi possível analisar ao máximo as distinções e os significados atribuídos a cada uma das questões. As palavras da primeira expressão, “a mulher na cozinha”, foram evocadas com maior prontidão, enquanto houve várias pausas e minutos de silêncio para elencar as palavras da segunda sentença, “o homem na cozinha”.

Como segundo e principal método, a entrevista semiestruturada demonstrou-se uma excelente escolha, pois a partir dela foi factível tecer as relações entre os grupos e aprofundar a investigação, estando sempre pautada em uma constante observação da necessidade de rearranjo e acréscimo de questões. Como último método, a fotoelicitação demonstrou-se um excepcional instrumento de coleta. O uso das quatro figuras foi essencial para os resultados e houve grande riqueza dos dados, superando as expectativas. Por fim, é possível dizer que a escolha da análise do discurso na vertente francesa apresentou-se como a melhor opção. Desconstruir, explorar e relacionar os enunciados a partir dessa metodologia fortaleceu o trabalho, pois foi possível ir além do senso comum e problematizar o que de fato estava sendo colocado.

Por fim, como terceiro eixo desta conclusão, traçam-se algumas implicações deste trabalho, a colocação de algumas limitações do estudo e uma proposta de agenda de pesquisa. A primeira contribuição do trabalho é tratar a cozinha doméstica como uma esfera organizacional. Mesmo não existindo a necessidade de justificativas quanto a essa relação, considerando que esse é um dos diversos trabalhos que transgridem a construção positivista de se fazer ciência, entende-se que a cozinha pode ser vista como uma organização a partir do momento que se utiliza de figuras de linguagem para delinear a análise desse contexto. Esse espaço, assumido aqui como um território, serve de palco para discussão sobre relações sociais de gênero e de raça, como qualquer outro espaço “corporativo” poderia servir. Sabe-se que há uma dinâmica específica nesse âmbito privado, mesmo que em alguns momentos ele não seja tão particular, que talvez até traga uma carga maior de significados, mas o fato é que o mesmo trabalho que foi feito nesta dissertação com os três eixos teóricos principais, poderia ser replicado em outros espaços organizacionais, o que aproxima o trabalho da Administração, mas o amplia para possibilidades de análise em outros campos da ciência.

A segunda implicação diz respeito ao fato de terem sido evidenciados um grupo de sujeitos de pesquisa que foge ao “esperado” para estudos em Administração. Evidenciar um debate que influi diretamente no cotidiano de empregadas domésticas não é algo fácil, pois requer uma quebra de questões do ponto de vista “estrutural” de um programa de mestrado e também requer a compreensão e disposição de representantes desse grupo de sujeitos em compartilhar suas vivências, muitas vezes marcadas por diferentes formas de discriminação. Esse último ponto é uma variável pertinente e a busca por entrevistadas dispostas a falar deixou isso muito claro, pois para elas havia uma dificuldade em ser colocada como “principal sujeito de fala” e isso revela muitas questões em funções das relações sociais de gênero e raça que foram estabelecidas. Porém, esta dissertação, por estar inscrita em uma linha de pesquisa transdisciplinar, não encontrou as amarras institucionais e manteve a tarefa, como em Teixeira (2015), de evidenciar as empregadas domésticas como importantes sujeitos de pesquisa.

Obviamente, há também uma implicação quanto a relações sociais de gênero neste trabalho, considerando que a dinâmica do patriarcado ainda está latente em nossa sociedade e esse ainda será alvo de grandes e importantes discussões. No entanto, entende-se que há uma contribuição deste trabalho para as questões relativas aos negros, em especial as mulheres negras. Quando esse estudo se propõe a adicionar a dimensão da raça, a problematização se torna mais rica e deixa explícito que há um sistema de hierarquização dos sujeitos conforme o gênero e a raça, mas a dimensão racial apresenta-se como um marcador de diferença superior. Trazer a história da Dona Benta e da Tia Nastácia e a construção da técnica de fotoelicitação serviu como exemplo para tal questão. Duas partes muito emblemáticas da pesquisa que reforçam a necessidade de novos trabalhos em relação aos negros nos contextos organizacionais.

Como quarta implicação chama-se atenção para o uso da territorialidade. Esse foi um grande ganho do trabalho, pois além de trazer o aporte teórico para uma investigação relacionada a gênero e raça, serviu para demonstrar como a cozinha, um território tão singular, espelha as mesmas questões relativas à busca pela posse e demarcação de qualquer outro espaço. Todavia, os resultados e a análise teórica permitiram identificar que a relação de territorialidade apresentada na cozinha doméstica pode variar, dizendo respeito a uma apropriação pela tradição (como visto, principalmente, nos discursos das donas de casa e patroas), pela obrigação (como visto, principalmente, nos discursos das empregadas) ou pela satisfação momentânea (como visto, principalmente, nos discursos dos patrões). Nesses

termos, surgem diferentes formas de apropriação e diferentes argumentos para tal, desde os que dizem que cozinham por “amor”, até os que declaram cozinhar para “impressionar” outras pessoas. Esse é um debate que perpassa grande parte do cotidiano doméstico e demanda novas reflexões, para que não sejam reeditadas práticas que a maior parte da sociedade condena em nível do discurso.

Este trabalho possui um interesse acadêmico e social e sugere alguns. Academicamente, ele se junta às pesquisas da área de Estudos Organizacionais que não estão presas a uma perspectiva do *mainstream*, reforçando uma luta contínua de fortalecimento da área em diferentes contextos organizacionais. Ao reunir três eixos teóricos distintos, porém, totalmente passíveis de associação, esta pesquisa faz um convite a novos eixos de análise e isso pôde ser visto ao longo da dissertação. O conjunto de aportes, as combinações metodológicas e a problematização principal fortalecem a ideia de que é possível a criação e desenvolvimento de novos arranjos de pesquisa. De forma relacional, esta investigação trouxe a tona uma questão histórica relacionada à cozinha e um debate contemporâneo frente ao movimento de “gastronomização”. Esse fato revela como o argumento central é atual, já a pertinência fica nítida quando se percebe que o movimento de “(re)apropriação” não é percebido, pois está silenciado em meio a um jogo de relações sociais.

Como toda pesquisa, houve limitações e dificuldades. Referenciando Bourdieu (2012, p. 18) “nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades. Cada um achará uma certa consolação no fato de descobrir que grande número das dificuldades imputadas em especial à sua falta de habilidade ou à sua incompetência, são universalmente partilhadas”. Mesmo com o alinhamento das respostas e com a comprovação das premissas iniciais, um número ainda maior de sujeitos poderia deixar as considerações ainda mais marcantes, como também encontrar homens que assumissem a tarefa de cozinha cotidianamente e estivessem nas categorias “donos de casa” ou “empregados domésticos, também fortaleceria a discussão. Em relação às ferramentas de coleta, destaca-se que poderia ter sido adotada a dimensão da raça nas expressões indutoras do teste de evocação de palavras, mesmo tendo consciência da validade e riqueza dos dados auferidos. Houve também uma grande dificuldade em conciliar os horários entre os entrevistados, sendo que duas entrevistas tiveram seu tempo encurtado devido a compromissos dos sujeitos de pesquisa e outras chegaram a ser cogitadas, mas houve a negativa. Além disso, cabe destacar que o interesse inicial era entrevistar patrões e suas respectivas empregadas domésticas a fim de cruzar os dados, porém, houve resistência por

parte dos patrões que se disponibilizavam a conversar, mas não permitiam a fala de suas empregadas. Por fim, fica sempre um sentimento de que a investigação poderia ser ampliada, mas há de se ter noção dos prazos e das obrigações a serem cumpridas em um curso de mestrado. Todavia, acredita-se que nenhum desses pontos tenha prejudicado a clareza e qualidade desta dissertação, que continuará tendo seus temas problematizados em artigos e novas investigações.

Como agenda de pesquisa, sugere-se quatro questões: explorar mais a fundo como as empregadas domésticas lidam com a dupla jornada (no serviço e em casa) de trabalho, o que podem demonstrar um comparativo interessante em relação aos modos de apropriação da cozinha; investigar como as patroas de classe média alta, que possuem empregadas, socializam seus filhos em relação à atividade de cozinhar, talvez fazendo um comparativo entre filhos e filhas; analisar com maior profundidade o consumo simbólico das empregadas domésticas em relação ao selo *gourmet*; e observar até que momento a (re)apropriação da cozinha será visualizada, se é uma mudança contínua e com possibilidades de renovação, ou se apenas está datada em um tempo em função da exposição da mídia.

Tecendo as últimas considerações, é fundamental destacar que se espera que esse trabalho suscite a construção de muitos outros que possam corroborá-lo, completá-lo ou mesmo desconstruí-lo, pois, como diria Santos (2008, p. 36), “as ciências devem renovar-se a partir das realidades que condicionam o seu desenvolvimento e para responder ao seu desafio”. Esse trabalho está sendo finalizado em um tempo, em um contexto e a partir de um conjunto de relações. Seria utópico dizer que ele produz qualquer tipo de verdade, mas espera-se que ele produza várias e instigantes novas reflexões.

## REFERÊNCIAS

- AGNEW, J. A. Territory. In: JOHNSTON, R. J.; GREGORY, D.; SMITH, D. M. (Ed.). *The Dictionary of Human Geography*. 3th VII. Blackwell Publishers, 1994, p. 620.
- ALMEIDA, D. M. Da cozinha ao quintal: meninas negras no espaço social. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA, IV, 2014, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2014.
- APPLE, M. W. Políticas de direita e branquidade: a presença ausente da raça nas reformas educacionais. **Revista Brasileira de Educação**, n. 16, p. 61-67, jan./mar. 2001.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 4.ed. Campinas: Papirus, 2004.
- ÁVILA, M. B. O tempo e o trabalho das mulheres. In: COSTA, A. A. A. *et al.* (Org.). **Um debate crítico a partir do feminismo**: reestruturação produtiva. São Paulo: CUT, 2002. p. 37-46.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8.ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARBOSA, L. Os donos e as donas da cozinha. In: FREITAS, M. E.; DANTAS, M. (Org.). **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012, p. 171-201.
- BARROS, J. D'A. **A construção social da cor**: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BBC BRASIL. **'Diziam que, no máximo, eu ia cozinhar para marido rico'**. Disponível em <[http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38285226?ocid=socialflow\\_facebook%3FSThisFB](http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38285226?ocid=socialflow_facebook%3FSThisFB)>. Acesso em: 15 dez. 2016.
- BERNARDINO, J. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 24, n. 2, 2002, pp. 247-273.
- BERNARDO, P. **Cotidiano no Trike e Territorialidades na Cidade**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós- Graduação em Administração, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 16ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

BRUSCHINI, C.; RICOLDI, A. M. Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 1, p. 259-287, jan. /abril, 2012.

BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Ática, 1993.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organisational analysis: elements of the sociology of corporate life**. Vermont: Ashgate, 1979.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CAVALCANTI, L. S. Uma geografia da cidade - Elementos da produção do espaço urbano. In: CAVALCANTI, L. S. (Org.). **Geografia da cidade: A produção do espaço urbano de Goiânia**. Goiânia: Alternativa, 2001.

CHAVES, J. S.; RODRIGUES, R. M. A. “Um pé no tanque e outra na cozinha”: estigma e preconceito racial na obra “histórias de tia Nastácia” de Monteiro Lobato. In: CONGRESSO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL, III, 2012, Montes Claros. **Anais...** Montes Claros: UNIMONTES, 2012.

CHIES, P. V. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 2, p. 507-528, 2010.

COIMBRA, K. E. R. **Dinâmica territorial urbana: análise do movimento quarteirão do Soul em Belo Horizonte**. 2013. 202 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013

CONCEIÇÃO, E. B. A Negação da Raça nos Estudos Organizacionais. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXXIII, 2009, São Paulo. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2009.

CORNELSEN, E. L. Análise do discurso no âmbito dos estudos organizacionais: uma abordagem teórica. In: CARRIERI, A. P. ; SARAIVA, L. A. S.; PIMENTEL, T. D.; SOUZA-RICARDO, P. A. G.(Org.). **Análise do discurso em estudos organizacionais**. Curitiba: Juruá, 2009. p. 21-44.

CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1996.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CURY, C. R. J. Políticas inclusivas e compensatórias na educação básica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 124, jan. /abr. 2005, pp. 11-32.

D'ADESKY, J. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEMOZZI, S. F. Cozinha do cotidiano e cozinha profissional: representações, significados e possibilidades de entrelaçamentos. **Revista História: Questões & Debates**, n. 54, p. 103-124, jan. /jun. 2011.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **Pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2006.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, n. 115, p. 139-154, 2002.

ESTADÃO. **Acervo on-line**. Disponível em <[http://acervo.estadao.com.br/procura/#!/cozinha gourmet/Acervo/nac/](http://acervo.estadao.com.br/procura/#!/cozinha-gourmet/Acervo/nac/)>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ESTADÃO. **Coluna Internacional do Jornal Estadão**. Disponível em: <[http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral, o-lugar-da-minha-mulher-e-na-cozinha-diz-presidente-da-nigeria,10000082361](http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,o-lugar-da-minha-mulher-e-na-cozinha-diz-presidente-da-nigeria,10000082361)>. Acesso em: 01 nov. 2016.

FANTINEL, L. D.; SANT'ANNA, S. R.; ISHISAKE, A. P. Entre o artesanato e a *gourmetização*: a produção simbólica da gastronomização do cotidiano alimentar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, III, 2015, Vitória. **Anais...** Vitória: SBEO, 2015.

FARIA, A. A. M. F. Aspectos de um discurso empresarial. In: CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S.; PIMENTEL, T. D.; SOUZA-RICARDO, P. A. G. (Org.). **Análise do discurso em estudos organizacionais**. Curitiba: Juruá, 2009. p. 45-52.

FARIA, J. H. Análise de discurso em estudos organizacionais: as concepções de Pêcheux e Bakhtin. **Teoria e Prática em Administração**, v.5, n.2, p. 51-71, 2015.

FISCHER, G. N. Espaço, identidade e organização. In: CHANLAT, J. F. (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 2010.

FIORIN, J. L. Semântica e análise do discurso. In: MARI, H.; PIRES, S.; CRUZ, A. R.; MACHADO, I. L. (Org.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges, 1999. p. 225-238

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2003.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Coluna Tec**. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/09/1682671-por-que-o-masterchef-bateu-recordes-no-twitter.shtml>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

FREITAS, M. E. O sexo do trabalho intelectual. In: FREITAS, M. E.; DANTAS, M. (Org.). **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. p. 203-236.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 48. ed. Recife: Global, 2003.

GIERYN, T. F. *A space for place in sociology*. **Annual Review Sociology**, Palo Alto, v. 26, p. 463-496, Aug. 2000.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GRAF, L. P.; COUTINHO, M. C. Entre aves, carnes e embalagens: divisão sexual e sentidos do trabalho em abatedouro avícola. **Estudos Feministas**, v. 20, n. 3, p. 761-783, 2012.

GREGORY, D.; JOHNSTON, R.; PRATT, G.; WATTS, M. J.; HATMORES, W. (Ed.) **The dictionary of human geography**. 5.ed. Singapore: Wiley-Blackwell, 2009.

GUERRA, L. C. O. **Imagens de um território urbano**. 2002. 115f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

GHILARDI, M. I. **Representações do gênero masculino: homens em revistas de culinária**. In: 16º COLE - Congresso de Leitura do Brasil, 2007, Campinas. Anais do 16º COLE. Campinas: ALB, 2007.

GUIMARÃES, A. S. A. A desigualdade que anula a desigualdade: notas sobre a ação afirmativa no Brasil. In: SOUZA, J. (Org.). **Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil - Estados Unidos**. Brasília, Paralelo 15, 1997. p. 233-242.

GUIRALDELLI, R. Adeus à divisão sexual do trabalho? desigualdade de gênero na cadeia produtiva da confecção. **Sociedade e Estado**, v. 27, n. 3, p. 709-732, 2012.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, p. 6674-6792.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HEREDIA, B. M. A. **A Morada da Vida, trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

HIRATA, H. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. **Revista Latinoamericana de Estudos del Trabajo**, v. 4, n. 7. p.5-27, 1997.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo populacional 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Comunicado n. 90**: situação atual das trabalhadoras domésticas no país. Comunicados do Ipea, maio 2011.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION – ILO. **Domestic workers across the world: global and regional statistics and the extent of legal protection**. Geneva: ILO, 2013. 146 p.

IPIRANGA, A. S. R.; LOPES, L. L. S.; SOUZA, E. M. A experiência estética nas práticas culinárias de uma organização gastronômica. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 77, p. 191-210, 2016.

JAYME, J. G.; NEVES, M. A.; CHACHAM, A. Tão perto e tão longe: gênero, juventude, território e vulnerabilidade. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, XXXIV, 2010, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2010.

LAJOLO, M. P. A figura do negro em Monteiro Lobato. **Presença Pedagógica**, v. 4, n. 23, p. 21-31, 1998.

LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade**. Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2 ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1992.

LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEFEBVRE, H. *The production of space*. Oxford: Blackwell, 1991.

MAIA, R. S. Sobre portas, paredes e afetos: casa, territorialidade e identidade entre os segmentos populares. **Terra Plural**, v. 6, n. 2, p. 339-352, 2012.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MATOS, M. Teoria de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Estudos Feministas**, n. 16, v. 2, p. 333-357, 2008.

MUNANGA, K. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, n. 68, p. 45-57, 2005.

NASCIMENTO, M. C. R.; OLIVEIRA, J. S.; TEIXEIRA, J. C.; CARRIERI, A. P. Com que Cor Eu Vou pro Shopping que Você me Convidou? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, n.3, p. 245-268, 2015.

NEVES, M. A. Anotações sobre trabalho e gênero. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 149, p. 404-421, 2013.

NEVES, M. A. Trabalho e gênero: permanências e desafios. **Sociedade e cultura**, v. 9, n. 2, p. 257-265, 2006.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, v.19, n. 1, p. 287-308, 2007.

PAES DE PAULA, A. P. **Repensando os estudos organizacionais**: por uma nova teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

PAGÈS, M.; BONETTI, M.; GAULEJAC, V.; DESCENDRE, D. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1979.

PAULA, F. C. Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia. **GeoTextos**, v. 7, n. 1, p. 105-126, 2011.

PATEMAN, C. Garantir a cidadania das mulheres: A indiferença e outros obstáculos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 89, p. 29-40, 2010.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEREIRA, D. C.; CARRIERI, A. P. Movimentos de desterritorialização e reterritorialização na transformação das organizações. **RAE eletrônica**, v. 4, n. 1, p. 1-17, 2005.

PIMENTEL, T. D. **A espacialidade na construção de identidade**: a feira do jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. 258 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PINTO, A.; NUNES, S. M.; FAZENDA, R. Um estudo sobre a influência do gênero em funções tradicionalmente masculinas e femininas. **International Journal on Working Conditions**, n. 7, p. 17-33, jun. 2014

PORTAL BRASIL. **Cidadania e Justiça**. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/03/trabalho-domestico-e-a-ocupacao-de-5-9-milhoes-de-brasileiras>>. Acesso em: 01 nov.2016

QUIJANO, A. *Coloniality of power, ethnocentrism, and Latin America*. **Nepantla**, v. 1, n. 3, p. 553-580, 2000.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RATTS, A. J. P. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. In. ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS, XX, 2003, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2003.

RIBEIRO, L. M. B. B.; HANASHIRO, D. M. M. Gênero e marxismo: a abordagem das relações sociais entre os sexos. In: CARRIERI, A. P.; TEIXEIRA, J. C.; NASCIMENTO, M. C. R. (Org.) **Gênero e Trabalho: perspectivas, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 95-127.

RODRIGUES, S. B. Cultura corporativa e identidade: desinstitucionalização em empresa de telecomunicações brasileira. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 1, n. 2, p. 45-72, 1997.

ROSA, A. R. Relações raciais e estudos organizacionais no Brasil. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 3, p. 240-260, 2014.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SALES, R. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo Social Revista de Sociologia da USP**, v. 18, n. 2, p. 229-258, nov. 2006

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6.ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed. São Paulo: USP, 2006.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: SANTOS, M. **Espaço e Sociedade: Ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1982, pp. 9-22.

SANSONE, L. **Nem somente preto ou negro: o sistema de classificação racial no Brasil que muda**. Afro-Ásia, v.18, n.2, p. 165-187, 1996.

SARAIVA, L. A. S. **Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local: a indústria cultural em Itabira, Minas Gerais**. 2009. 333 f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. D. P. ; SOARES, A. D. S. Territorialidade e identidade nas organizações: o caso do mercado central de belo horizonte. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 2, p. 97-126, 2014.

SAWAIA, B. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, Bader (Org.) **As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001, p.7-13.

SCAVONE, L. Estudos de gênero: uma sociologia feminista. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 1, p. 173-186, 2008a.

SCAVONE, N. O super chefe e a menina prodígio: as posições ocupadas pelo gênero na gastronomia profissional. **Fazendo Gênero8: Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis, p. 1-8, 2008b.

SCOTT, J. W. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995.

SCOTT, J. W. O enigma da igualdade. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2005.

SOJA, E. W. *The political organization of space*. Washington: Association of American Geographers, 1971.

SOUZA, J. Raça ou classe? Sobre a desigualdade brasileira. **Lua Nova**, v. 65, p. 43-69, 2005.

SOUZA, L. F.; RATTIS, A. J. P. Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 28, n. 1, p. 143-156, 2008.

SPINK, P. O lugar do lugar na análise organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 5, ed. especial, p. 11-34, 2001.

SILVA, E. B. Fazendo gênero na cozinha: tecnologias e práticas. **Revista Latinoamericana de Estudos del Trabajo**, v. 4, n. 7. p. 29-53, 1997.

SILVA, M. A. Cozinha: espaço de relações sociais. **ILUMINURAS**, v. 10, n. 23, p. 1-16, 2009.

TEIXEIRA, J. C. **As artes e práticas cotidianas de viver, cuidar, resistir e fazer das empregadas domésticas**. 2015. 412 f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

TEIXEIRA, J. C.; CARRIERI, A. P.; NAVES, F. Uma “preta sem cor”: a invisibilidade do trabalho doméstico refletida em uma história de vida. In: NAVES, F. (Org.) **Trabalho e trabalhadores nas sociedades contemporâneas**: outras lentes sobre invisibilidade construídas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014, p. 81-100.

TEIXEIRA, J. C.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. D. P. Os lugares das empregadas domésticas. **Organizações & Sociedade**, v. 22, n. 72, 2015.

THIOLLENT, M. J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 14.ed. São Paulo:Atlas, 2013.

VERGARA, S. C. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

VILHENA, J. Da cidade onde vivemos a uma clínica do território: lugar e produção de subjetividade. **Pulsional: Revista de Psicanálise**, v. 15, n. 163, p. 48-54, nov. 2002.

WELZER-LANG, D. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, M. R. (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004. p.107-128.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: ROTEIRO BÁSICO – ENTREVISTA EMPREGADAS DOMÉSTICAS

#### BLOCO 1

Nome. Idade. Naturalidade. Escolaridade. Estado civil. Nº filhos. Local de Residência e Trabalho. Ocupação atual e anterior. Como deseja ser chamado nesta pesquisa?

#### BLOCO 2

Qual a importância/o sentido do trabalho em sua vida? (explorar)

Como é seu cotidiano (saída de casa, chegada e permanência no emprego, volta para casa)?

Você trabalha de carteira assinada?

Qual é seu horário de trabalho? Você está satisfeita com essa situação, por quê? Você tem planos para o futuro? O que você espera para seus filhos em termos profissionais?

Em termos de cor da pele, como você se considera? Já sofreu algum preconceito em sua vida?

E no trabalho? Pode compartilhar comigo? (explorar)

Quais são suas atribuições no trabalho? Focando na atividade de cozinhar, você gosta de cozinhar, por quê? Para você o que é cozinhar? O que é preciso para cozinhar? (explorar)

Na sua família, outras pessoas trabalharam como cozinheiras em casas de família? (explorar)

Você também cozinha em casa? Cozinha pra quem?

Qual a sua relação com a cozinha doméstica? Como ela começou? (explorar)

Você tem autonomia para cozinhar em seu serviço ou você segue as exigências?

Você sempre cozinha sozinha (é “ciumenta” com a cozinha)? Você gosta dessa situação? (explorar) Quando você está cozinhando gosta de ter outras pessoas na cozinha ou mesmo cozinhando junto? Por quê?

Como é a sua relação com seus patrões? Eles cozinham também? Quando eles recebem visitas, quem cozinha?

Como você vê a relação das mulheres com a cozinha? Você acha que foi naturalizado a ideia de que a cozinha doméstica é o lugar da mulher, por quê? Fale mais sobre. Cozinhar hoje também é coisa de homem? Por que você acha que os homens passaram a ter um maior contato com a cozinha?

Existem pesquisas que apontam que a grande maioria das empregadas domésticas (cozinheiras) são negras, por que você acha que isso ocorre? Existe um fator histórico/cultural por trás? Você já refletiu sobre isso? Isso lhe causou algum tipo de questionamento? Conhece a história do Sítio do Pica Pau Amarelo? Como você descreve a Tia Nastácia?

Como você vê a construção da cozinheira e da cozinha pela mídia em geral?

Você assiste algum programa de gastronomia ou acompanha alguma outra mídia relacionada ao assunto? Se sim, qual? O que te interessa mais nesses programas?

Como você percebe que as cozinheiras são retratadas?

Normalmente, quem é a cozinheira apresentada em filmes e novelas? Você acha que isso tem algum fator histórico relacionado?

Você acha que a cozinha mudou? Como era a cozinha antes e como é hoje? Você percebe quais mudanças do ponto de vista estrutural? Antes no fundo das casas e hoje com uma posição central, por quais motivos?

Você trabalha em uma cozinha com espaço *gourmet* e/ou com utensílios *gourmet*? Gostaria de ter em sua casa, por quê? O que você sabe sobre a cozinha *gourmet*? (explorar)

O que você acha do movimento *gourmet*? (explorar)

Você acha que a cozinha passou a ser mais valorizada com esse movimento? (explorar)

As pessoas hoje têm maior prazer em cozinhar em casa por quê? (explorar)

Para finalizar, como você define a cozinha doméstica? Para você o que ela representa?

## APÊNDICE B: ROTEIRO BÁSICO – ENTREVISTA DONAS DE CASA

### BLOCO 1

Nome. Idade. Naturalidade. Escolaridade. Estado civil. Nº filhos. Local de Residência e Trabalho. Ocupação atual e anterior. Como deseja ser chamado nesta pesquisa?

### BLOCO 2

Qual a importância/ o sentido do trabalho em sua vida? (explorar)

Como é seu cotidiano (saída de casa, chegada e permanência no emprego, volta para casa) ou (dentro de casa)? Qual é seu horário de trabalho?

Você sempre foi dona de casa? Já trabalhou fora?

Foi uma opção sua ficar restrita ao trabalho doméstico?

Como é trabalhar fora e ter que cuidar da casa (cozinhar)? ou Como é ter que cuidar da casa (cozinhar)? (explorar)

Para você o que é cozinhar? O que é preciso para cozinhar? (explorar)

Você cozinha em casa? Gosta de cozinhar? Cozinha pra quem? (explorar)

Qual a sua relação com a cozinha doméstica? Como ela começou? (explorar)

Cozinha com que frequência?

O que você costuma fazer lá?

Você acha que a cozinha é um espaço para que (de convivência)?

O que te fez chegar a essa conclusão?

Quais relações podem ser estabelecidas nesse espaço?

Você sempre cozinha sozinha (é “ciumenta” com a cozinha)? Você gosta dessa situação?

Como você vê a relação das mulheres com a cozinha? Você acha que foi naturalizado a ideia de que a cozinha doméstica é o lugar da mulher, por quê? Fale mais sobre. Cozinhar hoje também é coisa de homem? Por que você acha que os homens passaram a ter um maior contato com a cozinha? (explorar)

Existem pesquisas que apontam que a grande maioria das empregadas domésticas (cozinheiras) são negras, por que você acha que isso ocorre? Existe um fator histórico/cultural por trás? O que você pensa sobre isso? Conhece a história do Sítio do Pica Pau Amarelo? Como você descreve a Tia Nastácia? (explorar)

Como você vê a construção da cozinheira e da cozinha pela mídia em geral? Normalmente, quem é a cozinheira apresentada em filmes e novelas? Você acha que isso tem algum fator histórico relacionado? (explorar)

Você assiste algum programa de gastronomia ou acompanha alguma outra mídia relacionada ao assunto?

Se sim, qual? O que te interessa mais nesses programas? (explorar)

Você acha que a cozinha mudou? Como era a cozinha antes e como é hoje? (explorar)

Você percebe quais mudanças do ponto de vista estrutural?

Antes no fundo das casas e hoje com uma posição central, por quais motivos?

Você tem uma cozinha com espaço *gourmet* e/ou com utensílios *gourmet*? Gostaria de ter, por quê?

O que você sabe sobre a cozinha *gourmet*? O que mais lhe interessa nesse espaço? (explorar)

O que você acha do movimento *gourmet*? (explorar)

Você acha que a cozinha passou a ser mais valorizada com esse movimento? (explorar)

As pessoas hoje têm maior prazer em cozinhar em casa por quê? (explorar)

Para finalizar, como você define a cozinha doméstica? Para você o que ela representa?

## APÊNDICE C: ROTEIRO BÁSICO – ENTREVISTA PATRÕES E PATROAS

### BLOCO 1

Nome. Idade. Naturalidade. Escolaridade. Estado civil. Nº filhos. Local de Residência e Trabalho. Ocupação atual e anterior. Como deseja ser chamado nesta pesquisa?

### BLOCO 2

Qual a importância/ o sentido do trabalho em sua vida? (explorar)

Como é seu cotidiano (saída de casa, chegada e permanência no emprego, volta para casa)?

Qual é seu horário de trabalho?

Para você o que é cozinhar? O que é preciso para cozinhar? (explorar)

Como é a sua relação com sua empregada? (explorar)

Ela costuma ter autonomia para cozinhar ou ele segue uma programação feita por você?

Quando você recebe visitas em sua residência em ocasiões especiais, quem costuma cozinhar?

Se for você ou sua esposa/marido, vocês gostam desse momento na cozinha? (explorar)

Você cozinha em casa? Gosta de cozinhar? Cozinha pra quem? (explorar)

Qual a sua relação com a cozinha doméstica? Como ela começou? (explorar)

Cozinha com que frequência?

O que você costuma fazer lá?

Você acha que a cozinha é um espaço para que (de convivência)?

O que te fez chegar a essa conclusão?

Quais relações podem ser estabelecidas nesse espaço? (explorar)

Como você vê a relação das mulheres com a cozinha? Você acha que foi naturalizado a ideia de que a cozinha doméstica é o lugar da mulher, por quê? Fale mais sobre. Cozinhar hoje também é coisa de homem? Por que você acha que os homens passaram a ter um maior contato com a cozinha? (explorar)

Existem pesquisas que apontam que a grande maioria das empregadas domésticas (cozinheiras) são negras, por que você acha que isso ocorre? Existe um fator histórico/cultural por trás? O que você pensa sobre isso? Conhece a história do Sítio do Pica Pau Amarelo? Como você descreve a Tia Nastácia? (explorar)

Como você vê a construção da cozinheira e da cozinha pela mídia em geral? Normalmente, quem é a cozinheira apresentada em filmes e novelas? Você acha que isso tem algum fator histórico relacionado? (explorar)

Você assiste algum programa de gastronomia ou acompanha alguma outra mídia relacionada ao assunto? Se sim, qual? O que te interessa mais nesses programas? (explorar)

Você acha que a cozinha mudou? Como era a cozinha antes e como é hoje? (explorar)

Você percebe quais mudanças do ponto de vista estrutural?

Antes no fundo das casas e hoje com uma posição central, por quais motivos?

Você tem uma cozinha com espaço *gourmet* e/ou com utensílios *gourmet*? Gostaria de ter, por quê? O que você sabe sobre a cozinha *gourmet*? O que mais lhe interessa nesse espaço? (explorar)

O que você acha do movimento *gourmet*? (explorar)

Você acha que a cozinha passou a ser mais valorizada com esse movimento? (explorar)

As pessoas hoje têm maior prazer em cozinhar em casa por quê? (explorar)

Para finalizar, como você define a cozinha doméstica? Para você o que ela representa?

## ANEXOS

## Anexo A – Fotografia de uma mulher negra cozinhando em uma cozinha antiga



**Fonte:** Disponível em <<http://mulhernegraecia.com.br/atriz-chica-xavier-acaba-de-ganhar-biografia/>>. Acesso em 21 fev. 2016

**Anexo B – Fotografia de um homem negro cozinhando em uma cozinha contemporânea**

**Fonte:** Disponível em <<http://valdemartiba.blogspot.com.br/2015/06/truques-de-cozinha-para-homens-solteiros.html>>. Acesso em 05 set. 2016

**Anexo C – Fotografia de uma mulher branca cozinhando em uma cozinha contemporânea**



**Fonte:** Disponível em <<http://indicefeminino.com.br/os-chefs-da-tv-e-youtube-rita-lobo/>>. Acesso em 05 set. 2016.

**Anexo D – Fotografia de um homem branco cozinhando em uma cozinha contemporânea**



**Fonte:** Disponível em <<http://www.foxplaybrasil.com.br/watch/16709187781>>. Acesso em 05 set. 2016

## Anexo E – Termo de consentimento livre e esclarecido<sup>33</sup>

### Título da dissertação

Um território (re) apropriado? A dinâmica territorial da cozinha doméstica em meio a relações sociais de gênero e raça

#### 1) Introdução

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa *Um território (re) apropriado? A dinâmica territorial da cozinha doméstica em meio a relações sociais de gênero e raça*. Se decidir participar dela, é importante que leia estas informações sobre o estudo e o seu papel nesta pesquisa. Você foi selecionado (a) em virtude de apresentar características de interesse para a composição da amostra da pesquisa. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a empresa. É preciso entender a natureza e os riscos da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido por escrito.

#### 2) Objetivo

O objetivo deste estudo é compreender como a cozinha doméstica é territorializada em meio a relações sociais de gênero e raça.

#### 3) Procedimentos do estudo

Se concordar em participar deste estudo, você será solicitado a responder questões e perguntas colocadas pelos pesquisadores. A entrevista será gravada e, posteriormente, transcrita. Posteriormente, as informações serão analisadas pelos pesquisadores. A identificação dos respondentes será sempre preservada.

#### 4) Riscos e desconfortos

Você poderá ter receio de que alguma informação fornecida aos pesquisadores seja negativamente interpretada e, que, por isso, sua posição seja ameaçada. De forma alguma os pesquisadores possibilitarão a identificação dos respondentes, nem repassarão informações obtidas durante a entrevista de forma aleatória. Nosso objetivo não é julgar você ou suas opiniões, mas tão somente analisar técnica e academicamente a dinâmica territorial da cozinha doméstica. Dificuldades são inerentes a esse processo e serão tratadas como tal, sempre com o objetivo de contribuir positivamente para seu aprimoramento.

---

<sup>33</sup>Há **duas vias** deste termo: uma para o participante da pesquisa e outra para ser arquivada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG.

## **5) Benefícios**

Sua participação na pesquisa é fundamental, dadas as suas características e conhecimento sobre o assunto. Ao responder às questões colocadas por esta pesquisa, você poderá aproveitar para refletir sobre esse processo, seu amadurecimento, as dificuldades já enfrentadas e superadas e aquelas que ainda constituem um desafio. Adicionalmente, você estará contribuindo para que a universidade avance a pesquisa nessa área, ainda tão incipiente no Brasil.

## **6) Custos/Reembolso**

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo, sendo sua contribuição fundamental ao andamento deste estudo.

## **7) Caráter confidencial dos registros**

Você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Ao assinar este consentimento informado, você autoriza a utilização das respostas do roteiro de entrevistas para a construção de uma análise global da dinâmica territorial da cozinha doméstica, sobre a qual você foi entrevistado(a). Após a transcrição das entrevistas, essas serão mantidas sob a guarda dos pesquisadores, que apenas autoriza o uso e manuseio do material escrito, que não permitirão, em hipótese alguma a identificação dos entrevistados. Em caso de transcrição de partes da fala do entrevistado, estes serão referidos por codificação que impeça a identificação.

## **8) Participação**

A coleta de dados desta pesquisa será sempre realizada pelos pesquisadores responsáveis, que solicitarão aos entrevistados um horário para realização da entrevista. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as questões que lhe forem dirigidas, sendo-lhe totalmente facultado se recusar a responder aquelas que não desejar ou sobre as quais não dispuser de informações. É importante que você esteja consciente de que a participação neste estudo de pesquisa é completamente voluntária e de que você pode recusar-se a participar ou sair do estudo a qualquer momento sem quaisquer penalidades. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, deverá notificar ao pesquisador que o esteja atendendo. A recusa em participar ou a saída do estudo não influenciarão suas relações particulares com nossa instituição.

### 9) Para obter informações adicionais

Você receberá uma cópia deste termo em que consta o telefone e o endereço do pesquisador principal<sup>34</sup>, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

### 10) Declaração de consentimento

Li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que toda linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar como entrevistado deste estudo.

---

Nome do(a) participante (em letra de forma)

---

Assinatura do participante

---

Data

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objeto deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante. Acredito que o participante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em linguagem adequada e compreensível e que ele compreendeu essa explicação.

---

Assinatura do(a) pesquisador(a)

---

Data

---

<sup>34</sup> **Coordenador da Pesquisa:** Prof. Luiz Alex Silva Saraiva, Dr. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas, Departamento de Ciências Administrativas, Gabinete 4073, Campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte – MG. CEP: 31270-901. Telefone: (31) 3409-7235. **Comitê de Ética em Pesquisa – COEP:** Unidade Administrativa II - 2º andar, Sala 2005, Campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6627, Belo Horizonte – MG. CEP: 31270-901. Telefone: (31) 3409-4592.